



COMPANHIA DAS LETRAS

ROMANCE

NORTE

EDMUNDO PAZ SOLDÁN



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



edmundo paz soldán

Norte

Tradução

Josely Vianna Baptista



Para Lily

E você, por que tem de ficar deste lado?

Yuri Herrera,
Trabajos del reino

As to the majority of murderers, they are very incorrect characters.

Thomas De Quincey,
On Murder Considered as One of the Fine Arts

A maldade não existe; você cruzou o umbral; tudo é bom. Um outro mundo, e você não precisa falar.

Franz Kafka,
Diários, 19 de janeiro de 1922

*Villa Ahumada,
norte do México, 1984*

Largou a escola e começou a passar mais tempo com os primos. No começo era apenas uma testemunha privilegiada: em lugares cheios de gente, como o mercado e a estação ferroviária, via-os roubar carteiras e bolsas. Tentavam evitar o confronto, mas não eram de cair fora se fosse preciso sair no tapa. Em ruas escuras, costumavam atacar munidos de facas; em geral isso bastava para que as vítimas entregassem tudo. Eram conhecidos pela polícia, disposta a deixá-los em paz desde que seus assaltos fossem de pouca monta e não houvesse sangue.

À meia-noite se enfurnavam no California, o único inferninho no qual o leão de chácara, mediante o pagamento de algumas moedas, deixava Jesús, que completara quinze anos e aparentava menos, entrar: era pequeno e magro e tinha um rosto infantil. Sob as luzes de néon, pediam cerveja e viam um striptease. Nem todas as mulheres se aproximavam deles, porque tinham fama de encrenqueiros e de maus pagadores. Rosa, uma das putas velhas do California, onde se podia tomar um drinque barato e áspero chamado pantera rosa — aguardente misturada com leite e Nesquik sabor morango —, era uma das poucas que os recebiam de braços abertos, porque não gostava de dormir sozinha em seu quarto alugado numa pensão perto do rio. Ia de mesa em mesa, abaixando seu preço e tentando em vão tirar clientes de Suzy, a guatemalteca de cabelos curtos tingidos de loiro e peitos de silicone, e de Patrícia, que viera de Guadalajara e queria ir embora tão logo economizasse uma grana para que um *coyote* a ajudasse a cruzar a fronteira. Fazer o quê?, tinha o dobro da idade delas. Não devia ficar triste. Poderia gostar delas como filhas não fosse pelo fato de que jamais teria tido filhas tão putas como essas.

Às três da manhã Rosa se aproximava dos primos e dizia para irem embora, e Medardo: vamos esperar esta música acabar, sério que você não gosta da Chavela? Justino lhe dava um beliscão na bunda, que gostosa!, não é à toa que te chamam de Rosa. Às vezes se deitava com Medardo, outras com Justino, e pensava que Jesús era um voyeur, pois quando ela transava com os primos ele ficava no sofá só olhando, sem dizer palavra, e recusava seus convites enquanto batia uma punheta.

Numa quinta-feira a mãe pediu que ele ficasse em casa com sua irmã no fim de semana, tinha arrumado um bico em Juárez e voltaria na segunda. Ele topou, por uns trocados.

Na noite de sexta Jesús se jogou no colchão de molas gastas e manchas de urina, aos pés da cama de sua mãe e María Luisa. O quarto fedia a querosene, os odores da cozinha se infiltravam por toda parte.

María Luisa estava dormindo. Tentou se distrair observando as fotos do Mil Máscaras na parede. Num

dos cartazes ele voava sobre Canek diante do olhar ameaçador de El Halcón. Em outro, promovia o filme *Misterio en las Bermudas*, junto com El Santo e Blue Demon. Gostava de seu estilo rude, com golpes espetaculares como o chute aéreo e a cabeçada suicida. Tinha quatro máscaras do lutador e um boneco com valor especial, pois fora o último presente que seu pai lhe dera antes de cruzar a fronteira e nunca mais voltar.

Estava nesses pensamentos quando adormeceu.

Foi acordado por um barulho. Entreabriu os olhos, pôs as mãos no rosto e tentou tirar a máscara que, no sonho, havia posto. Não encontrou nada e se desesperou. Gotas escorregadias de chuva tocavam a janela.

Sentou-se no colchão, hesitante, como se temesse transformar-se num monstro, como acontecera tantas vezes em sonhos. Seus olhos foram distinguindo contornos, até se fixarem na cama da mãe e da irmã. María Luisa estava sozinha.

Aproximou-se da cama, viu o rosto dela emoldurado pelos cabelos pretos, os olhos fechados, a respiração ritmada. Sentia-se aflito, com um misto difuso de medo e excitação. María Luisa estava com onze anos, e nos últimos meses seus seios tinham começado a despontar nos vestidos, alvoroçando os garotos da colônia. Que era linda todo mundo já sabia desde que ela era bem pequena e sua boca de lábios finos desenhava um gesto de surpresa perante o mundo, arregalando os olhos amendoados, o verde das pupilas se destacando com força em contraste com a pele cor de canela. Agora começava a se esticar, a se rechear, a perturbar.

Passaram-se vários minutos silenciosos.

Jesús se meteu na cama. María Luisa abriu os olhos.

O que você está fazendo aqui?

Só... só queria ver você.

A mãe vai ficar braba, Jesús.

Ela não precisa saber. Você quer que eu fique aqui ou não?

A mãe vai ficar braba.

Ficava enfurecido de ela ter se tornado tão opaca de uns anos para cá. Houve um tempo em que ela parecia de cristal, tão transparente era para Jesús. Papai tinha ido embora, mamãe não tinha trabalho suficiente, e Jesús e María Luisa se agarraram um ao outro. De noite dormiam juntos na cama, e com a luz acesa, porque María Luisa tinha medo do escuro, até que mamãe chegava de seu trabalho numa cantina e se deitava entre os dois. De tarde brincavam na árvore oca do descampado próximo da casa. Ele contava histórias inspiradas nas novelas que ouvia no rádio, histórias de profanadores de túmulos, homens sem sepultura e múmias assassinas. Tudo continuou assim durante dois anos, até que sua mãe o mandou voltar para o colchão que dividira com María Luisa antes da partida de seu pai. De agora em diante dormiria sozinho. María Luisa começou a passar mais tempo com as amigas da escola. Estava escapando-lhe por entre os dedos, e ele não podia fazer nada para evitar. Um dia, desesperado, pediu-lhe que dormissem juntos, como costumavam fazer, e ela, bruscamente, não podemos, e ele é só esperar a mãe dormir, e ela, firme, melhor não.

Jesús se precipitou sobre ela e quis beijá-la e ela lhe deu um tapa na cara e se levantou da cama. Sem perder a calma, disse você está louco, isso não se faz.

Ele se refez do golpe. Não lhe custaria nada encurralá-la e fazer o que lhe desse na telha com ela. Mas a ideia não era essa.

Você vai se arrepender, disse ele.

Ela lhe deu as costas, saiu do quarto e foi para a cozinha.

Jesús se levantou e voltou para seu colchão. Afundou o rosto no travesseiro.

De madrugada continuava acordado.

Encontrou seus primos na quadra de futebol perto do rio, sentados atrás de um arco de ferro oxidado. Assistiam a uma partida em silêncio. O bigode de Medardo parecia postiço. Justino não perdia a bola de vista. Sua bota preta tinha uns enfeites dourados que brilhavam com o sol.

Medardo e Justino eram mais velhos do que ele. Medardo passara três meses na prisão por trazer para o país carros roubados do outro lado; Justino tinha sumido por alguns anos, até silenciarem os boatos que o acusavam de ter violentado uma de suas vizinhas (“Ela é gostosa, mas não fui eu, só enfiei os dedos nela”).

Os primos se levantaram; Jesús foi atrás. Desceram uma encosta até chegar à beira do rio. Continuaram por uma trilha ladeada por montes de entulho — Jesús teve a impressão de que alguém o olhava lá do lixo: eram os olhos azuis de uma boneca — e pararam debaixo de uma ponte. No final da tarde, dali saíam morcegos, que agora dormiam grudados no teto e nas paredes.

A ponte rangia à passagem dos caminhões. Será que o peso deles poderia pôr abaixo a estrutura e esmagá-los?

Medardo pegou um saco plástico que estava enfiado numa de suas meias e aspirou. Passou-o para Justino, que fez o mesmo. Justino entregou-o a Jesús, que pôs o saco no nariz. Recendia a carpintaria, a madeira fresca.

Apareceu uma garrafa de aguardente. Jesús deu um gole demorado que lhe queimou a garganta. Teve um ataque de riso e precisou fazer um esforço para se conter.

Pintou mais cola e aguardente. Depois Jesús se estendeu no chão. Lembrou-se de quando caminhava pelas ruas de Villa Ahumada com seu pai e María Luisa; iam ao circo que vinha de vez em quando de Juárez ou de Chihuahua. Papai os estragava comprando-lhes balas e brinquedinhos. Tinha estudado contabilidade e era bom com os números, mas a falta de trabalho fazia com que se dedicasse a ofícios de todo tipo, de administrador de um clube de boxe a funcionário de uma casa de penhores. Nessa casa, La Infalible, aproveitara para montar seu negócio. Ficava com parte do dinheiro que recebia dos clientes e depois o emprestava a juros baixos. Os últimos meses de seu pai em casa foram de relativa bonança: uma tevê em preto e branco. Carne e fruta, algumas roupas. Não durou muito. Certa noite reuniu todos na cozinha e, enquanto batia na testa com nervosismo, disse que tinha de ir procurar trabalho do outro lado. Prometeu voltar. María Luisa chorou, e ele tentou ser otimista: papai nunca havia falhado. Quando acordou no dia seguinte, ele não estava mais lá: tinha partido de madrugada. Soube depois que não lhe seria fácil voltar. O dono de La Infalible soubera do desfalque e o ameaçara de morte se não pagasse o que devia.

Jesús ria, com uma gargalhada nervosa. Depois chorou. Riu de novo. Depois dormiu.

Na segunda-feira de manhã foi dar uma volta na escola Padre Pro, onde María Luisa estudava. Na hora da aula de educação física, foi até o alambrado e ficou olhando as evoluções das estudantes no pátio. Embora María Luisa não parecesse notar que ele estava ali, Jesús tinha certeza de que ela sabia que ele a observava. Uma freira o repreendeu e mandou chamar o porteiro, um barrigudo que prometeu quebrar seus ossos se o visse por ali novamente.

Jesús encontrou seus primos no mercado. Dividiam um prato de carne assada com feijão e tomavam um refresco de chufa. Um cheiro ácido de urina vinha dos banheiros.

Medardo estava irritado porque Suzy o rejeitara na noite anterior. Encostei na cintura dela e levei um tapa. Eu vi, disse Jesús, mas pensei que você não tivesse ligado.

Estava tentando não ligar. Mas me dá raiva. Aquela metida ordinária. Disse que ver pode, mas encostar nela não, e eu gritei sua puta, então por que você se veste desse jeito? Pagando a gente pode se entender, ela disse, e eu não costumo pagar, todas gostam do meu pau. E ela: cresça e apareça. Só que ela tem a minha idade!

Jesús tentou acalmá-lo, só que Justino o atiçou ainda mais: quem ela pensa que é, tão orgulhosa que nem olha pra gente.

Eu sei onde ela mora, disse Justino. A gente podia esperá-la na saída hoje de noite.

Uma surra?, perguntou Jesús.

Vamos por partes, disse Medardo. Primeiro ela tem que saber o que é bom.

Jesús gostou da ideia. Suzy o cumprimentava com carinho no California, mas ao mesmo tempo o media de cima a baixo e falava com ele num tom maternal: como se aqueles cabelos negros que lhe batiam na cintura, aquele umbigo com uma argola, o shorts de lycra, as longas pernas cobertas pela bota preta fossem só para caminhoneiros e *coyotes*. Além disso, agora Jesús não ficava só olhando enquanto seus primos roubavam; ele se dera bem assaltando um casal na saída da estação. Arrancou o colar de pérolas da mulher, e quando o homem saiu correndo atrás dele manteve-o à distância com uma faca; as pérolas se revelaram falsas, mas o que valia era a intenção.

Tenho várias máscaras, disse. Podemos colocá-las. Numa dessas, para proteger a gente.

Você está aprendendo depressa, primo, disse Medardo.

Depois do mercado foram para debaixo da ponte. Teve aguardente e cola até de noite.

Às quatro da manhã Suzy desceu de um táxi e se dirigiu para o prédio de quatro andares onde morava; os saltos de sua bota ecoaram na noite.

Abriu a porta girando a chave para a direita e pressionando-a como se fosse um furador. Estava tonta. Não se passava um dia em que ela não se imaginasse longe do chão encharcado do California, da fumaça que lhe ardia nos olhos, das rancheiras e da música estrondosa de Van Halen e de Prince, dos bêbados que lhe passavam a mão.

Suzy estava fechando a porta quando ouviu uma voz conhecida.

Por que a pressa?

Quem é?

Como nos esquecemos rápido...

Ah, é você... Me assustou.

Não faça nenhum movimento, disse ele mostrando uma faca.

Ela recuou até que suas costas se chocaram contra a parede de azulejos. Suas mãos agarraram a bolsa.

Num dos cantos, sacos se amontoavam sobre um galão de lixo.

Medardo, Justino e Jesús entraram no prédio e fecharam a porta.

O que vocês querem, garotos? Já é tarde, estou cansada. Só me deixem em paz, por favor. Não quero chamar o Patotas.

Medardo se precipitou sobre ela e a jogou contra os degraus. Suzy sentiu um golpe nas costas: quis gritar, mas uma mão tapava sua boca. Tentou se soltar dos braços de Medardo; ele forcejou com ela até virá-la e impedir que se movesse. Onde estava a bolsa?

Não, por favor.

Medardo abaixou a calça jeans e rasgou-lhe a calcinha. Suzy tentou resistir. Não tinha mais forças. Sentiu que a penetravam e quis gritar. O casal do apartamento ao lado do seu, no segundo andar, poderia ouvi-la?

Justino rasgou-lhe a blusa vermelha, tirou seu sutiã, lambuzou seus peitos com saliva. Agora ela os deixava agir sem se defender, desencorajada pelas facas e pela navalha. Lembrou-se de Yandira, a filha que deixara com sua mãe em Tlaquepaque; podia vê-la correndo pelo pátio da casa com uma saia azul e o cabelo preto encaracolado, a única coisa boa que herdara do imbecil do seu pai. Ia sair dessa com vida e os denunciaria ao Patotas.

Depois veio o outro, o que quase não falava.

Jesús se atirou sobre ela, que se dobrara sobre si mesma e não parava de chorar. Sua roupa estava toda rasgada e ela cobria o rosto com as mãos.

Precisava mostrar aos primos como é que se faziam as coisas.

Agarrou-a pelos punhos, abriu seus braços, arriou a calça e mandou que ela o chupasse. Deu-lhe uma bofetada no rosto que a fez sangrar. Pelo rabo do olho observava Medardo e Justino. Estavam surpresos. Não esperavam isso dele. Aqueles safados ordinários.

Ela enfiou o pau de Jesús na boca. Estava soluçando, trêmula. Cuidado que ela vai te morder, riu Medardo.

Jesús viu o rosto dela se transformando no de María Luisa.

Fechou os olhos e tornou a abri-los.

María Luisa continuava ali.

Quer dizer que ela não queria?

Enfiou-lhe o cabo da faca no cu. Suzy guinchava como uma ratazana assustada e Justino tapou sua boca e xingou sua mãe e disse que ela não merecia viver e que era melhor calar o bico senão o que tinha sentido até agora não seria nada.

Jesús enfiou o punho inteiro dentro dela e Suzy gritou e ele se animou com seu desespero e mexeu o punho com raiva dentro dela, esticou os dedos o mais que pôde e afundou-os numa parede viscosa. Bateu no rosto dela com o mesmo punho.

Quer dizer que ela não queria?

A dor nos nós dos dedos o fez parar.

Suzy estava com as faces roxas e o nariz quebrado. Jogada sobre os degraus, quase inconsciente. Teve sorte: mal sentiu a punhalada no coração.

Por que você fez isso?, Medardo perguntou a Jesús.

Ela ia abrir a matraca.

Não precisava, primo.

Melhor prevenir do que remediar.

Não pensava que você fosse capaz de fazer uma coisa dessas, disse Justino.

Nem eu.

Landslide, Texas, 2008

Ontem de noite fui até o Wunderbar com Sam e a Fodida. Estávamos na calle Sexta nos embebedando e discutindo que grupo era mais importante em nossa história pessoal, se o Joy Division ou o Nirvana. Eles diziam que era o Nirvana, eu, o Joy Division. Tem um antes e tem um depois da morte do Cobain, disse a Fodida, enquanto paquerava uma ruiva da mesa ao lado. Não importa o que aconteceu só num determinado momento, eu dizia, o que vale é a capacidade de se manter, de influenciar. Com o tempo, Ian Curtis foi ganhando espaço. Sam me olhou com aquela cara de sátiro que lhe cai tão bem, seus olhos sugerindo me acompanhar até o estúdio e depois, quem sabe, ficar para dormir.

Saímos do bar e fomos até o Underground. Tirei os óculos embaçados pela umidade do local; uma música de Fergie com arranjos tecno retumbava. Fui ao banheiro por um corredor escuro no qual os casais aproveitavam para se acariciar e comprei ecstasy de um garoto que tinha acabado de vomitar. Me fechei num dos cubículos e fui visitada pela visão resplandecente do Fabián dos melhores tempos. Fechei os olhos até a dor passar. Sam me esperava na saída. Nos alto-falantes se ouvia uma música do Oasis. Ele me abraçou e fiquei comovida.

Podes parar, Michelle?

Você bebe um pouco e teu sotaque gaúcho fica perfeito, eu disse.

O que você quer? Uma temporada no paraíso não sai de graça.

Ele havia passado um semestre em Buenos Aires pesquisando para a tese. Ficou admirado ao descobrir que era a cidade mais antinorte-americana do continente, mas, de resto, adorou os cafés, as portenhas e o caos universitário. Voltou com um autógrafo de Alan Pauls, o e-mail da Sarlo e uma quantidade enorme de livros em caixas que ainda não abrira.

Ele me beijou. Queria me sentir acompanhada e pensei bom, tudo bem eu me enganar por mais algumas horas.

Eu gostava dos beijos suaves de Sam, de seu olhar brincalhão, da conversa inteligente e das gargalhadas quando ele se animava. Tinha vinte e nove anos, quatro a mais do que eu, mas em muitos aspectos era mais imaturo. Éramos muito amigos para darmos certo como casal; isso eu já havia assumido, mas ele não, embora tentasse. Esforçava-se para não me levar a sério, e a Fodida me dizia se você sabe que não quer nada com ele, don't fuck him. Eu concordava e ficava na minha. Fomos procurar a Fodida. Puseram uma música do The Killers, ela pegou minha mão e me levou para a pista. Tirou uma garrafinha de rum de sua mochila e bebeu um gole. Estava com os olhos vidrados, na noite anterior tinha brigado com sua garota, Megan, e foi andar pelos inferninhos. Não queria voltar ao apartamento que dividia com Megan e ficou cheirando coca com uma garçonete feia, mas amigável, que conhecera naquela

noite; às seis da manhã perdeu a consciência no Nissan da garçoneite. Dormiu ali mesmo, até que ela acordou porque precisava ir para a aula. A Fodida zanzou pelas ruas de Landslide fazendo hora, calculando o momento em que Megan não estaria no apartamento para ela poder voltar. Conseguiu evitá-la, mas não conseguiu dormir, então foi procurar suas amigas mais barra-pesada e no quarto de uma delas, Tennessee, a que tentara se suicidar com raticida no inverno passado, continuou, dando tapas alternados na bebida e nas carreiras. Eu estava arrependida de tê-la chamado para sair. E também não queria tomar conta dela.

Abraçou-me em plena pista e me disse I love you, you're my sista.

I love you too, maninha.

Sei que você não quer mais ir pra balada comigo. A culpa é minha, eu reconheço. Prometo que este ano vou mudar de vida. Vou fazer uma big party de despedida e nunca mais vou tocar nem num baseado.

Você sabe muito bem que não é isso. Ninguém consegue acompanhar o teu ritmo. Não te convidei para sair hoje?

Não me deixe, pliss.

Ninguém está te deixando. O que é que há, garota?

Abraçou-me. Quis consolá-la, mas não sabia o que dizer. Dei-lhe uns tapinhas nas costas. Como fazemos com as crianças.

Lembra que estávamos nessa together? Que você me meteu nessa?

Eu não te meti em nada. Não te obriguei a fazer nada.

Você era mais analítica. Conseguiu parar a tempo.

É que chega um ponto em que a gente não consegue mais controlar e...

Eu consigo, sim, ela replicou de imediato. Acontece que eu não quero.

Eu não disse nada. Não valia a pena. Não ia tirá-la de seu autoengano.

Virou-se e foi correndo para a mesa que dividíamos com Sam. Fiquei parada na pista. Tinha conhecido a Fodida no primeiro semestre em Landslide, numa festa no prédio da universidade em que morávamos. Era porto-riquenha e estudava biologia; nos demos bem, tomamos um porre juntas e depois fomos para o meu quarto nos alojamentos e eu lhe apresentei um baseado pela primeira vez.

Quando cheguei na mesa ela não estava mais lá.

Ela me pediu pra te dizer que estava indo, disse Sam. Estava indisposta.

Melhor assim. Ela não devia ter saído naquele estado.

Esqueceu a bolsa. Eu não vou ficar com ela. Você leva?

Concordei. Mais de uma vez ouvira a Fodida afirmar que tinha o controle da situação, quando estava claro que a situação a controlava, e eu me dizia que não tinha de me sentir responsável por nada. Mas também não conseguia deixar de me sentir assim.

Esse lance da Fodida me afundou na escuridão. Sam percebeu e começou a contar piadas infames, eu sorri e me senti melhor.

Na manhã de sábado, assim que Sam me deixou sozinha, conversei com mamãe, que me contou que papai queria voltar para a Bolívia. Estava cansado de seu trabalho de consertar aparelhos de tevê para a Best Buy. Eu disse a ela que não ligasse, que tem sido assim desde que chegamos ao Texas. Papai era um

nostálgico incurável, mas também era prático e sabia o que lhe convinha. Mencionar com insistência a possibilidade de voltar a Santa Cruz lhe fazia bem, principalmente quando surgiam problemas; aliviava sua culpa e lhe permitia continuar aqui. Mesmo assim não é fácil, disse mamãe. Está em casa e não está. Está com a cabeça em outro lugar. So, what's new?, eu disse. Não brinque com isso. Calma, mamãe, quando ele quiser ir mesmo não vai dizer uma palavra, vai comprar as passagens e pronto.

Eu queria desenhar uma história que estava me rondando há algumas semanas. Tinha de aproveitar que era meu dia de folga no Taco Hut, que não haveria meninos de mãos engorduradas me pedindo lápis de cor nem gordas reclamando que as iscas de frango estavam frias nem gangues de estudantes bagunceiros jogando cerveja na mesa e me pedindo o número do celular ao primeiro descuido de suas namoradas. O título não era original: *Os mortos-vivos*. Uma história de zumbis: adultos que se transformam em mortos-vivos quando perdem a capacidade de se rebelar, adaptam-se ao sistema, casam-se, têm filhos e um emprego das oito às cinco. Um mundo de mortos-vivos: eram poucos os que se salvavam. Minha heroína, Samanta, enfrentava os zumbis. Infiltrava-se em seus covis e os matava com um punhal de prata. O problema é que os zumbis sempre ressuscitavam; por isso mesmo eram zumbis.

Eu precisava achar uma saída narrativa. Encontrar uma forma de Samanta matá-los de uma vez por todas e para sempre.

Para me inspirar, li um capítulo de um romance de Laurell Hamilton. Seus livros sobre Anita Blake, junto com *True blood*, tinham sido um modelo para mim. Histórias de vampiros, zumbis e paranormais que não se passavam em cidades góticas como New Orleans, mas no mundo cotidiano e *bomb* de Middle America, com Walmart e Denny's de permeio. *Guilty pleasures*, o romance de Hamilton, era puro kitsch — incluía uma visita a um clube de vampiros que faziam striptease —, mas tinha coisas aproveitáveis, principalmente a forma como os vampiros participavam da vida rotineira da cidade.

O namorado de Samanta tinha sido devorado por um zumbi. Ela empreendia sua cruzada em busca de vingança. Nisso éramos diferentes: eu não tinha nenhuma cruzada e nem de quem me vingar. Raiva, sim, e uma sensação de impotência.

Cheguei à página 8 ao meio-dia. Desenhara meus zumbis com caninos, como se um vampiro tivesse posado para mim. Agora precisava colori-los. Samanta usaria um vestido vermelho-sangue e bota. Meu irmão Toño sugeriu que eu desenhasse Samanta com traços hispânicos — ele descobrira sua identidade latina no último dia da high school e desde então não parava de criticar meus desenhos, tão pouco afeitos a contar “a luta de uma minoria oprimida pela maioria anglo” —, mas eu não dei a mínima.

Samanta era uma super-heroína que passava despercebida graças a seu trabalho como bibliotecária numa universidade pública. Quais seriam seus poderes? E como se chamaria?

Os super-heróis têm um mito de origem. Denny Colt se transformou em The Spirit depois de ter sido enterrado vivo. Outro morto em vida. Todos os caminhos levavam a Will Eisner.

Um mito de origem. O primeiro capítulo devia tratar disso.

De tarde, fiz uma sesta até que uma ligação de Sam me tirou do sono. De olhos fechados, apanhei o celular na mesa de cabeceira e o ouvi dizer:

Sobre o que houve ontem à noite...

Houve um silêncio.

Você já sabe o que penso de nós, eu disse. Não vamos complicar a nossa vida.

Como você é difícil. Olhe, a gente podia...

Podia nada.

Você vai sentir minha falta quando eu não estiver mais aqui.

Ninguém disse que não.

Tudo bem. Vamos mudar de assunto.

É o que eu sempre digo.

A voz de Sam tinha invocado uma imagem da primeira semana, quando me coube sentar ao lado dele na aula da professora Camacho-Stokes sobre transculturação. Ele chamou minha atenção. Mas não fez nada naquelas semanas, e depois, quando se armou de coragem, eu já estava perdida no mundo de Fabián. Foi isso. Quantos problemas teriam sido evitados se naquela vez Sam tivesse ouvido seus instintos ou se eu tivesse me animado a dar o primeiro passo.

Sam começou a falar de sua tese. Dei graças a Deus por ter deixado a carreira a tempo, antes que a ditadura do pensamento crítico tomasse conta do meu cérebro. Preferia só curtir esses nomes que meus ex-colegas liam para analisar, e também defendia um espaço para as leituras frívolas. O que você não entende é que também curto isso, disse Sam, justificando-se, quando o acusei de ter deixado que o estudo da literatura o impedisse de curtir a literatura. É simplesmente outra forma de curtir. Nada de superioridade moral, por favor. Lembre do lance do Heidegger naquele artigo do Blanchot.

Sei.

Além disso, ninguém disse que as duas coisas não podem andar juntas.

Sam estava orgulhoso do *Tabloid*, o programa que dirigia na rádio da universidade nas noites de segunda-feira, dedicado aos crimes mais sensacionalistas, “puro pulp”. Assassinos seriais, notícias da luta violenta entre os cartéis mexicanos, histórias lendárias tipo Bonnie & Clyde. Tinha uma audiência respeitável e sentia que era sua válvula de escape para as pressões acadêmicas.

Eu disse que no meu caso isso se justificava porque eu fora capaz de deixar a comodidade da bolsa para dar atenção à minha “voz interior”.

Não venha me encher o saco com essa história de “voz interior”, não venha com vocabulário new age. Você largou tudo porque não queria encontrar o Fabián nos corredores. Nem ter de fazer provas ou ter aulas com ele.

Fiquei em silêncio. Sam percebeu que tinha cometido uma grosseria e tentou voltar atrás, se desculpar. Consegui marcar um encontro comigo num café perto do meu estúdio. Eu queria desenhar, estava na minha fase autista, mas aceitei.

Encontramo-nos no Chip & Dip, ao lado do Comics for Dummies (Chuck, o dono, me obrigou a comprar *Fun Home*, sobre uma garota lésbica que descobre que o pai é gay, “very Proustian”). A micro-história do fim de semana estava colada nas janelas do café: um grupo de Nortec no Palladium, um concurso de imitadoras de Julieta Venegas no bar Bring Me the Head of Joseph Wales, a palestra de um professor de Nuevo Laredo sobre a violência na fronteira.

Sam voltou à sua tese sobre as figurações do intelectual e do escritor na literatura latino-americana contemporânea. Falou de *Respiración artificial* (o intelectual como exilado), de *La virgen de los*

sicarios (o intelectual como alguém sem raízes), *Los detectives salvajes* (o poeta como um ser vitalista e contra o sistema, capaz até de não criar uma obra só para não ser cooptado pela instituição), *La fiesta vigilada* (o intelectual como o último sobrevivente num mundo pós-apocalíptico). A conclusão inicial era que a reconfiguração do sistema cultural deixara para trás os intelectuais tradicionais.

Fiquei ouvindo com desânimo. Você está se esquecendo de *El Eternauta*, eu disse para provocá-lo. Vai incluí-lo ou não? O intelectual como um homem de ação apesar de si mesmo. Como crítico da possibilidade de um encontro genuíno com o povo.

Vou mencioná-lo. Mas a tese se estenderia muito se eu dedicasse um capítulo inteiro a ele.

Deve ser porque é uma história em quadrinhos.

Você sabe que não é isso, Michelle. Não enche.

Ficou sério e tive de obrigá-lo a mudar de assunto. Era como eu, como todos nós naquele mundinho: muito interessados em falar dos temas que nos preocupavam, fascinados por nós mesmos.

Depois de pagar a conta, eu disse a ele que estava a fim de desenhar, que estava pensando em passar a noite sozinha. Fez uma expressão na qual conviviam o aborrecimento e o desconsolo. Estava certo de que voltaria a dormir comigo, como um prêmio para sua bem-sucedida dissertação. Eu era uma ingrata. A transa da noite anterior não fora das melhores, mas tinha conseguido me fazer dormir profundamente.

A caminho do estúdio, Fabián me veio à cabeça, eu engasguei e tive de parar até que o perigo passasse.

Stockton, Califórnia, 1931

Martín conta os dedos das mãos. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez. Os dedos pares. Dois, quatro, seis, oito, dez. Os ímpares. Um, três, cinco, sete. Nove. Começa tudo de novo.

Sua cabeça dói. E não para de tossir.

Sentado num banco na estação ferroviária, pensa que não é ruim fazer o que sua mãe um dia lhe ensinou. Se alguém está irritado, a melhor coisa a ser feita é contar e continuar contando. O incômodo costuma desaparecer. Não se deve reagir de imediato a nada. Quando era menino, Martín descarregava a raiva nos sapos que crocitavam nas noites de chuva e o acordavam. Ia para o pátio ou para a rua, procurava uma pedra enorme e a soltava em cima do sapo. Até que a mãe o seguiu e lhe disse isso não se faz, e ele desculpe, a cara no chão, as orelhas ardendo como toda vez que sentia vergonha de alguma coisa. E se envergonhava de muitas. Sua vida era se envergonhar do que acontecia com ele.

Ao lado dele, há uma banquinha. Os senhores param para comprar jornal; as senhoras, revistas. De noite, quando o vendedor vai para casa, o que acontece com os jornais e as revistas? Ficam conversando, fazem travessuras, trocam ideias. Na manhã seguinte é comum encontrar a foto central de uma revista na primeira página do jornal.

Gostava de se manter informado sobre esse mundo que ferve na banquinha. Que ferve e causa efervescência. Numa das folgas do trabalho, pegou uma revista, *Saturday Evening Post*, e se deitou no chão para lê-la, mas não entendeu nada. Que língua mais esquisita. Lê na capa:

An Illustrated Weekly Founded. May 31, 1930.

Booth Tarkington. David Laurence. F. Scott Fitzgerald.

Cansa. O mundo acorre. As palavras correm e se amontoam. Quando as pessoas falam com ele, parecem ter uma batata quente na boca. Quando construía a via férrea naquelas tardes de tanto calor, o capataz gritava e todas as suas palavras pareciam insultos. E ele não entendia e tinha de esperar para ver o que seus companheiros faziam e seguir-lhes a pista. O que ele estava dizendo? Ah, que desespero!

O capataz era um cofre de palavras estranhas. Existia para guardá-las. Mas as palavras procuravam uma forma de escapar e o forçavam a abrir a boca.

Tosse de novo. A cada acesso de tosse sua cabeça parece prestes a estourar.

Martín se via dormindo numa cama bem grande e, de repente, palavras choviam sobre ele. Eram pesadas e o golpeavam. Sua cama se transformava num pântano que o sugava, ele tentava se salvar agarrando uma das palavras que tivessem mais letras, uma com *th*, gostava desse som, mas elas não permitiam e ele afundava e acordava encharcado de suor.

Que medo.

Mas o que lhe interessa mesmo nessas revistas não são as palavras. São os desenhos. Principalmente os que têm a assinatura de Norman Rockwell. Uma garotinha de óculos, suéter vermelho e saia verde indo pintar com toda sua tralha. Desenhos sobre desenhos, que danado. Um ator na capa. Gary Cooper num filme. *The Texan*. Foi corrigido: as duas vogais juntas como os olhos de uma coruja deviam ser pronunciadas como uma única letra que nem sequer é a mesma. Cúper.

Ele queria desenhar. Era tão bonito e facilitava tanto as coisas. Para que palavras se era possível desenhar?

Devia ter aprendido inglês. Principalmente para se virar por aqui. Teve dificuldades durante a construção da via férrea, ainda que depois tenha trabalhado melhor por algum tempo. Para colher morangos ou laranjas não era necessário falar. Nas minas também estava indo bem. Lá ele se reunia com outros homens como ele, da sua idade ou mais velhos, e até meninos, e de todos os povoados. Alguns usavam chapéus, outros não. Alguns usavam cintos com figuras de pistolas nas fivelas enormes, outros não. Alguns usavam botas, outros, sandálias de borracha.

Agora, na estação, está contando os dedos.

Sim, tudo andara bem para ele por algum tempo. Mas hoje não há trabalho. O que há não é para mexicanos, dizem. Disseram para ele se cuidar. Os que estão como ele, vagando pelas ruas, são detidos e mandados de volta para o México.

E se María Santa Ana fosse um sapo, o que ele faria? Iria esmagá-la com uma pedra enorme? Não. Porque Teófila e Agustina e Juana e Candelario ficariam sem mãe. Já não bastava o pai passar tanto tempo fora de casa, agora a mãe desnaturada se unira aos federais. Porque disso ele tinha certeza. O senhor Governo estava destruindo as igrejas, contara seu irmão Atanacio numa carta. Os federais tinham chegado a San José de Gracia e os obrigaram a deixar suas casas e destruíram as igrejas e as usaram como estábulos. Atanacio lhe contou que os federais queimaram seu rancho e mataram seus animais, e que María Santa Ana montou em seu colorado retinto e começou a lutar contra os camponeses armados com rifles e sabres que chegavam a San José, gritando Viva Cristo Rei, Viva Santa Maria de Guadalupe.

Na maior parte do tempo, entendia o que Atanacio lhe contava. Respondeu dizendo que se María Santa Ana continuasse lutando ao lado dos federais, que ele tirasse seus filhos dela. Porque todos os que destruíam as igrejas eram seus inimigos. Até mesmo María Santa Ana.

Tudo isso aconteceu assim que ele partiu. O senhor Governo esperou ele ir embora para começar a destruir igrejas. Os camponeses esperaram ele ir embora para se armar. María Santa Ana esperou ele ir embora para unir-se à guerra e fazer mais algumas coisas. Seu rancho, devido a suas grandes dívidas, não existia mais. Não existia mais a casa de pedra e adobe. As vacas e os porcos e as ovelhas. Seu cavalo, era isso que mais lhe doía. Nele ia caçar coelhos em El Picacho. Ia ao povoado vender ovos e pimentões.

Era tudo sua culpa. Um pequeno gesto seu havia desencadeado a catástrofe. Não devia ter ido embora. María Santa Ana tinha dito isso, não vá embora hoje, é dia de São Bartolomeu, tanto vento, o diabo anda solto. Ele pôs o chapéu e seu gabão e não ligou para ela. Despediu-se de cada uma de suas filhas. Estava partindo para o outro lado com quatro amigos. Que opção lhe restava? Seu rancho estava indo bem, mas mesmo assim não era suficiente para pagar as dívidas.

Se voltasse, tudo seria como antes? Seu querido México voltaria à ordem?

Tosse. Sua cabeça está estourando. Um, quatro, sete, dez. Dois, cinco, oito, onze?

Sente fome, mas não tem um centavo. Isso está acontecendo por ele ser tão generoso. Por ficar com o mínimo para mandar tudo para casa. E nem sequer são capazes de reconhecer o sacrifício. Não sabem o que é viver sozinho. Sem um cão que ladre para nós. E depois acham que a gente está aqui para mandar dinheiro. Que foi criado para isso. Que essa é sua existência.

E agora que não há trabalho, fazer o quê? Não pode voltar ao quarto que alugava lá, tão longe, para lá de onde o diabo perdeu as botas, nas barracas junto a tantos outros companheiros, de Jalisco, Zacatecas, Chihuahua, Guanajuato, Michoacán, porque não tem como pagar. Na cozinha compartilhada havia ovos e feijão, podia ter preparado alguma coisa, mas não gostava de ficar lá porque tinha barata por todo lado, a pia transbordava de pratos sujos e as frigideiras eram engorduradas e cheiravam mal.

Suas filhas e Candelario estão crescendo e ele não pode ver. Tem as fotos das filhas no bolso. E uma foto sua com María Santa Ana. Já faz muito tempo. Muito tempo atrás. Quando a guerra começou, Atanacio lhe disse nem pense em voltar. E chegavam seus conterrâneos com notícias da crueldade do senhor Governo. As procissões, suspensas. As estátuas da Virgem, escondidas em grutas nas montanhas. As missas, celebradas às ocultas sob pena de morte se fossem descobertas.

Ele viera para o outro lado só por um tempo. Agora não tinha como voltar.

E ouvia boatos. Que ela fora levada ao rio. Entendia um pouco. Mas não podia dizer o que pensava, porque no fim se cansou de não ser entendido e preferiu o silêncio, não que ele pensasse muito, mas fazia isso aqui e ali, ideias soltas que não chegavam a formar alguma coisa coerente.

Seu cérebro: um deserto no qual de quando em quando aparecem nopales e esponjeiras. Alguma coisa está crescendo. Alguma coisa.

Poderia subir num trem com destino a qualquer lugar. Ler o nome de qualquer cidade naquele quadro-negro grande e cambiante e depois entrar na plataforma. Seria fácil.

Ele era o responsável pela invenção dessas cidades. Quando construía as vias férreas nas tardes de calor, sua recompensa era ver como as cidadezinhas surgiam do nada. Só precisavam que chegassem os trilhos.

Essas cidades não existiam. Iam sendo criadas durante as noites, para estarem prontas quando o trem chegasse. O trem as criava. Os que trabalhavam nas vias faziam com que o trem aparecesse, e o trem fazia com que as cidades aparecessem. Portanto, ele era o responsável.

Mas não era fácil seguir instruções nessa língua esquisita.

Fora tão difícil para ele entendê-la quanto chegar às barracas onde vivia. Passos memorizados para não se perder. Se o tirassem de sua rotina, o que ia fazer?

Não consegue parar de tossir.

Era paciente, mas não idiota. Bom dia, bom dia. Tinha lhe pedido, me escreva, me escreva, para eu não viver desesperado, bêbado, débil mental.

No começo, sim; depois, não. Filha de uma puta.

Só espero que você me diga que é mentira, para eu não viver desesperado. É um momento terrível, lembrando as horas que passei do seu lado. Ana, Ana, Ana. Santa. María. Tasan. Ríama. Tttt. Rrrr. Uuuu. Eeee.

A dor perfura seu cérebro.

Poderia se levantar e comprar um hot-dog. Pagar com quê? Uma troca? Poderia desenhar alguma

coisa. Às vezes se comunicava assim, andava com sua caderneta e um lápis no bolso da calça. Cortaram sua língua? O gato a comeu? Todos deveriam ser como ele. Não falar, simplesmente desenhar.

Tinha vindo à estação para relaxar. Não havia trabalho, o que mais podia fazer? Sentou-se num banco perto da banquinha e viu homens de terno e suspensórios passando. Ouviu os anúncios, seu olhar se perdeu nos cartazes das paredes, tão coloridos. Contou as lâmpadas que pendiam do teto, as janelas que deixavam a luz filtrar-se. Aproximou-se da plataforma, viu os trens chegando e partindo. Eram reluzentes, de metal brilhante, pareciam recém-pintados. E faziam um ruído que dava sono, que não assustava. Apitavam ao entrar, mas a fumaça não saía. Não eram parecidos com os trens de sua infância, velhos, com manchas e desenhos nas paredes dos vagões. Quando menino, entrava na estação de seu povoado ao escurecer, levando potes de tinta. Podia passar horas desenhando nas paredes dos vagões os murais que havia memorizado, veja só, tão caprichoso.

María Santa Ana tão bonita e louca. Uma menina tagarela. Como superá-la? Toda a rotina o fazia se lembrar de María. Ela era boa. Tinha a bunda caída, mas isso não importava: os peitos grandes compensavam tudo. Havia o que pegar. Os outros homens a olhavam. Com a idade as mulheres se tornavam gordas e feias, então era preciso dizer é boa gente, é boa pessoa. María Santa Ana era as duas coisas ao mesmo tempo: muito boa e muito boa.

Antes do primeiro ano ficara grávida. Daí ao casamento foi um simples passo. Alguns lhe disseram Case-se, Juan, que as pedras se tornarão pão. Outros, Case-se, Juan, que em pedras se transformará o pão. Ouviu os primeiros.

Teve uma filha. E depois outra. E depois outra. E depois outro, mas ele não estava mais lá.

Tinham se acostumado tanto com o silêncio que o primeiro homem que falou com María deve tê-la surpreendido. E certamente a encantou. E os raios podiam cair sempre no mesmo lugar.

Ela o encontrara inteiro e o deixara um trapo.

Era demais.

Vai até uma das paredes da estação, entre o banheiro dos homens e o das mulheres. Pega seu lápis e escreve na parede branca com letras grandes: “Hoje vai chover”.

Escreve de novo: “Hoje vai chover”. E de novo. E de novo.

Já escreveu a frase trinta e sete vezes, quando um guarda se aproxima dele e pede seus documentos. Olha para ele sem responder. O guarda pergunta seu nome. Fica quieto.

Logo chega outro guarda.

Numa das salas da delegacia para a qual o levaram, um dos guardas lhe pediu aos gritos que respondesse alguma coisa, qualquer coisa, em qualquer língua. Outro esteve a ponto de perder a paciência e o ameaçou com o punho. E agora? Isso, e agora? Martín pegou sua caderneta e o lápis. Desenhou um cavalo alado. O vagão principal de sua locomotiva, com a fumaça que saía em círculos e conseguia escapar da página. Túneis e praças vazias. Quadriculou o chão da praça, pintou alguns mosaicos de preto.

Fokin ritard, disse um dos guardas. Falou baixinho, para que Martín entendesse. Martín não sabia o que ele dissera exatamente, mas sabia que não era coisa boa. Estava acostumado. As pessoas não tinham paciência com ele.

Trouxeram um guarda que falava espanhol. Era grande, de costas quadradas e bigode grisalho. Falou com ele com suavidade, repetiu várias vezes a palavra “carnal”. Pediu-lhe para explicar o que aquele desenho tinha a ver com ele. Martín olhou-o e não disse nada. Estava bem ali. Desde que não o tocassem, os gritos não o incomodavam.

Bons os seus desenhos, disse-lhe o guarda. Mas que diabos querem dizer?

Gostaria de lhes falar de María Santa Ana. Que vissem se ele tinha ou não tinha razão. Claro que sim, mas nunca se sabe. Eram guardas, ficariam do lado dela. Pois seu irmão não lhe dissera que ela tinha ido com os federais? Não foi isso? Quem sabe, talvez um deles tenha se metido com ela. Não foi boa ideia tê-la deixado sozinha. Ela devia ter vindo com ele.

O guarda escreveu algumas palavras em sua caderneta. Ele não entendeu.

Alisou os bigodes. Esquerda, direita, esquerda, direita. Eles que nem pensassem em mandá-lo embora. Estava bem ali. Iam lhe dar alguma coisa para comer? Há quantos dias não comia direito?

Levaram-no para uma cela. Tentaram pegar sua caderneta, mas ele não deixou. Juntou as palmas das mãos como se implorasse seu perdão ou sua bênção. Um dos guardas disse alguma coisa e eles saíram.

Naquela noite ficou acordado até tarde, desenhando nas folhas brancas.

Trouxeram-lhe numa bandeja de metal um prato de carne com lentilhas. A carne estava salgada e dura, mas ele a devorou rapidamente, engasgando-se. Deram-lhe um copo de água, um pedaço de pão e meia maçã. Agora só faltava trazer o médico. A dor de cabeça não o deixaria dormir.

Os guardas tinham feito um acordo com os federais. María Santa Ana lhes dissera onde podiam encontrá-lo. Foi detido como prisioneiro de guerra. Estava atrás das linhas inimigas.

Cobriu-se com a manta que lhe haviam deixado, jogou-se sobre o catre que se moldava a seu corpo. Teve pesadelos com locomotivas se incendiando e com meninas afogadas.

No dia seguinte um senhor elegante veio vê-lo. Sentou-se a seu lado numa sala iluminada, estendeu-lhe a mão e sorriu.

Mister Walker, disse. Plisd to mit yu.

Se ele fechava os olhos, o sr. Walker desaparecia. Se os abria, ali estava ele, à sua frente. Ele criava o sr. Walker com um só movimento. E também criava o catre e o chão e as paredes e o teto e o prédio e os guardas e a estação ferroviária e o país onde ele e quatro amigos tinham se perdido em busca de trabalho e a fronteira onde se separaram e o povoado de San José de Gracia, onde estavam María Santa Ana e Atanacio e seus filhos e El Picacho, onde ia caçar em seu cavalo retinto.

Mas ele não ligava, porque os fechava e aparecia seu cavalo, e era o mesmo e outro, e aparecia seu povoado, e era o mesmo e outro, e aparecia o céu, e era o do México e era outro.

O sr. Walker falou com Martín em espanhol. Entendeu que ele lhe dizia estar disposto a defender seus direitos. Que lhe perguntava de que país ele era, para poder telefonar para seu consulado. Que se não lhes dissesse como se chamava, de onde vinha, iriam levá-lo até a fronteira e o expulsariam do país.

Martín escreveu em sua caderneta: M a r t I n. Quando menino aprendera a escrever seu nome, nas aulas de seu pai para os filhos dos trabalhadores da fazenda onde ele e sua mãe ganhavam a vida. Achou que não devia dizer de que país ele era. Mister Walker fingia ser seu amigo, mas o que ele queria era

arrancar-lhe informações. Tudo o que fosse preciso, talvez para prender Atanacio. Esses aí eram assim, traiçoeiros.

O sr. Walker perguntou seu sobrenome. Martín não sabia, nunca tivera uma carteira de identidade, e quando se casou só colocou um xis num papel. Rabiscou um x numa folha. O sr. Walker olhou para ele como se não estivesse entendendo. Outro x. O sr. Walker fez um sinal para que ele parasse. Martín fez outro x. E outro. E outro. Que visse que ele podia fazer coisas aparecerem quando queria.

Fechou os olhos. O sr. Walker desapareceu. Que soubesse de seu poder.

O sr. Walker apanhou num recipiente a carteira que os guardas haviam tirado dele. Não tinha dinheiro, não podiam lhe roubar nada. Pegou a foto de María Santa Ana e de suas filhas. Martín se enterneceu. Lá estava ela, uma mulher muito boa e muito boa.

Teófila. Agustina, a do meio. E Juana. De Candelario não havia foto.

O sr. Walker perguntou o nome da cidade de onde ele viera. Martín começou a olhar fixamente para seu sapato.

O sr. Walker se levantou e foi embora. Martín voltou para sua cela. No resto do dia desenhou em sua caderneta sapatos e chuvas de pedras.

Dias depois foi levado numa perua até um prédio de paredes brancas e reluzentes, com jardins bem cuidados. Ele entendeu que era um hospital.

Fechou os olhos para ver se o hospital desaparecia. Sim, desaparecia.

Abriu-os. Era melhor não arriscar.

Talvez precisasse que sua cabeça desaparecesse, não o hospital.

Cabeça de vento.

Ficou o dia inteiro indo de sala em sala. Homens e mulheres de aventais brancos e luvas de plástico e sapatos de lona lhe pediram que abrisse a boca. Que a fechasse. Que tirasse a roupa. Que se deitasse na maca. Que se vestisse.

Bateram com um martelo em seus joelhos. Auscultaram seu peito. Examinaram as costas. Examinaram seu peito com aparelhos.

Sentiu vergonha. Talvez uma dessas chapas revelasse por que era tão difícil para ele falar.

Devolveram-no para sua cela.

* * *

Dois dias depois o sr. Walker veio lhe explicar uma coisa. Martín entendeu que seria transferido para outro prédio. Para um lugar onde receberia um atendimento melhor. Seria por algum tempo, até que a situação fosse resolvida. Não pediu sua opinião, já chegou com o fato consumado.

Um hospital para prisioneiros de guerra, concluiu Martín.

Teria de combatê-lo. Fazer com que desaparecesse. Quando menino fora a um circo com o pai, e os palhaços o deixaram tão nervoso que ele se encheu de coragem e fechou os olhos por um bom tempo, mas depois teve pena de todas as pessoas que estavam nas arquibancadas e os abriu, e não deu muito certo, e só voltaram um palhaço e uma trapezista e um tigre magro, e ele chorou porque não sabia onde tinham ficado o elefante e o engolidor de facas e os outros. Precisava ter cuidado, aprender a utilizar o que o

Senhor lhe havia dado. Aperfeiçoar a técnica, de maneira que todos voltassem, ou então ninguém, não era bom separar as pessoas, que uns ficassem ali e outros aqui.

O sr. Walker lhe estendeu a mão e Martín apertou-a com força e sorriu para ele.

Villa Ahumada, 1984

Medardo e Justino foram se esconder na casa de uns tios num povoado próximo. Jesús vagou pelas ruas de Villa Ahumada e dormiu numa praça aos pés de um monumento a frei Servando. Entrou na igreja do padre Joe e ficou algumas noites refugiado entre os bancos. A nave era ampla, excessiva para o povoado. De seus nichos nas paredes laterais, santos de gesso folheados a ouro o vigiavam. Santa Engracia, com o rosto quebrado, disposta a ajudar nos males de amor, tremia com o calor do bosque de velas a seus pés. Santo Alonso, com chagas no peito e os pés acorrentados, olhava para o céu buscando que sua intercessão perante o acometimento de doenças fatais surtisse efeito.

Só saía para comer. Viu num jornal as fotos de Suzy destroçada por suas punhaladas (“Espancam mulher da vida, assassinos”; “Beberam seu sangue!”; “Polícia não descarta ritual satânico”); rasgou aquele pedaço com as fotos e a notícia, meteu-o no bolso. Distraía-se rememorando o ocorrido. Não havia vozes, e sim um silêncio assustador: Justino e Medardo falavam, mas ele não conseguia ouvi-los; a mulher gritava, mas ele não conseguia ouvi-la. Naquele silêncio só existiam a força que o cegava, o corpo jogado na escada. Vira a faca como uma extensão de seu braço e a descarregara com violência, como se fosse isso que se esperava dele. A cada golpe, a cada facada que entrava na carne com uma facilidade assombrosa, sentia-se como o instrumento de um anjo vingador disposto a fazer justiça na terra.

Certa manhã viu o padre Joe entrar no confessionário e decidiu que era hora de falar com ele.

Duas mulheres de preto rezavam ajoelhadas numa das filas da frente. Jesús passou ao lado delas, inclinou a cabeça numa saudação, dirigiu-se ao confessionário. Ajoelhou-se. Houve um pigarrear no cubículo estreito do confessor. Tentou ver o rosto através da grade. Sim, era o padre Joe. Um californiano de quase dois metros de altura com o nariz e as faces vermelhas — resultantes de uma acne rosácea galopante —, que na juventude trabalhara numa refinaria no Texas. Naquela época seu trabalho o mandava a cada quinze dias a Monterrey; ele adorava cruzar a fronteira atrás de álcool e de putas. Apaixonou-se por uma delas e ficou em Villa Ahumada, mas ela tinha um namorado que a matou com um tiro quando soube de Joe. Depois de concluir que tinha sido culpa sua, Joe prometeu expurgar a culpa oferecendo sua vida ao Senhor.

Padre, disse Jesús. Tenho... uma coisa para contar.

A mesma coisa de sempre?, o vozeirão do padre era intimidante. Décadas depois, seu castelhano era correto, mas o sotaque indelével.

Uma parte, sim.

Diga, preciso ouvir.

Senti desejo por minha irmã.

Isso eu já sabia. E fez de novo?

Fez de novo o quê?

O que já sabemos. Quantas, desde a última vez que veio se confessar?

Quatro. Ou cinco.

Ai, ai, ai, vamos de mal a pior.

O senhor conhece minha irmã, padre.

Não diga uma coisa dessas. Quer que eu o aplauda? Que lhe dê razão?

Mas meu assunto não é esse, padre. Queria contar outra coisa.

Os monstros foram visitá-lo?

Jesús ficou calado. Já fazia alguns anos que os pesadelos o acompanhavam. Noites povoadas de monstros de cabeças verdes e mãos com nove dedos. Jesús com uma máscara e uma espada, lutando sem descanso contra os monstros. Faces arranhadas e sangrentas que em vez de fazê-lo se encolher lhe davam coragem. Quantas vezes já não estivera a ponto de morrer quando, de repente, um barulho fazia com que abrisse os olhos e desse com os objetos esparramados no quarto que dividia com María Luisa e sua mãe — cadernos rabiscados, vestidos com os elásticos rasgados, paredes cheias de fotos com lutadores mascarados e tetos com rachaduras e teias de aranha, o armário no qual escondia revistas pornográficas.

Fale, meu filho.

Como resposta, Jesús tirou do bolso o recorte de jornal e o entregou a ele. O padre leu a notícia e entendeu.

Eu lhe dou vinte e quatro horas para você sumir deste povoado. Caso contrário, caso contrário... filho da puta!

O padre saiu do confessionário e desapareceu por uma porta.

Foi esperar María Luisa na saída da escola. Posicionou-se perto de um cedro e se deixou levar pela desordem dos guarda-pós brancos, quando a campainha tocou; os pais chegavam de carro e de bicicleta, as filhas compravam balas e sorvetes na porta, despediam-se agitando os braços, beijando-se no rosto.

María Luisa saiu andando junto com duas amigas; Jesús as seguiu, escondendo-se atrás de árvores e caminhando junto aos muros das casas para o caso de alguma delas se virar e olhar. Jesús pensou que seria muito difícil para ele viver numa cidade que não estivesse habitada por sua irmã.

María Luisa despediu-se das amigas. Jesús pôs a máscara do Mil Máscaras e a seguiu.

Estavam chegando em casa quando, de imprevisto, María Luisa se virou e foi até ele. Jesús ficou paralisado ao vê-la se aproximar.

Ela parou a um metro dele.

Tire a máscara, por favor.

Jesús respirava como um lobo encurralado.

Por favor, insistiu.

Ela tirou a máscara dele com um movimento do braço direito. Viu os olhos avermelhados, os lábios trêmulos, e demorou a reconhecer nessas feições o rosto de seu companheiro de brincadeiras, de seu irmão. Jesús se lembrou de um entardecer de dois anos antes. Perambulavam por uns pastos perto do rio,

quando María Luisa tropeçou e caiu; ele se jogara em cima dela fingindo que era para ajudá-la, e aproveitara para tocar-lhe os seios mirrados. Forcejava para abaixar-lhe a calça quando ela disse, entre gritos e soluços, isso não se faz, por favor, isso não se faz eu amo você, mas isso não, isso não. Por fim, Jesús pareceu acordar.

Quando vai voltar pra casa? A mãe está preocupada com você.

Jesús quis dizer alguma coisa, mas as palavras não saíram de sua boca e ele ficou olhando para ela. No meio da rua, María Luisa o envolveu num abraço. Ele apoiou a cabeça no peito que subia e descia, rebelde às tentativas dela para aparentar calma.

Sou eu, a María Luisa, sou a mesma de sempre, disse ela.

Melhor que nem tentasse mentir para ele.

Pegou a máscara e saiu correndo. Não teve coragem de olhá-la nos olhos.

Jesús foi embora do povoado naquela mesma tarde, num caminhão que estava indo para Juárez.

Cidade de Juárez, México, 1985

Jesús acordou sobressaltado e suando: no pesadelo, sua irmã apareceu com uma faca de açougueiro nas mãos. Ele perguntou aos gritos se ela ia usar a faca e ela assentiu e se aproximou, até que ele abriu os olhos no instante em que María Luisa se precipitava sobre ele.

Caminhou de cueca pelo quarto na penumbra, levantou as persianas. Uma picape mal estacionada na rua Guerrero, nos muros os cartazes com a apresentação de uma cantora de música popular mexicana, um anúncio que dizia: 2 DE OUTUBRO NÃO ESQUEÇA.

Não estava com vontade de ir trabalhar, remendar pneus, lambuzar as mãos de graxa com motores estragados.

Braulio, seu chefe numa das oficinas mecânicas na Curva, oferecera-lhe a possibilidade de trazer carros roubados do outro lado. Não era difícil, estava tudo acertado, faziam-no cruzar a fronteira e o esperavam em El Paso ou Landslide, onde lhe entregavam um carro. Depois ele voltava e o deixavam entrar no país sem problemas.

E como passo para o outro lado?

Com uma “mula”. Nós cuidamos disso. Se tiver que ir até Landslide é só subir num trem de carga em El Paso.

A revista...

Temos nossos arranjos.

Com os gringos?

Todos têm um preço, seu tonto. Você volta no carro roubado. Como se nada tivesse acontecido. Deste lado a polícia nunca faz revista.

Parecia fácil. Pensara em fazer isso, mas não voltar para cá. Ficar do outro lado.

Não conseguia acreditar em Braulio. Alguma coisa nele inspirava desconfiança. Era melhor ir para a praça onde se reuniam os que queriam ir para o outro lado. Esperar a chegada dos *polleros*,* ouvir os números. Mas não tinha dinheiro suficiente. Não devia se queixar: só fazia um ano que estava em Juárez, pelo menos tinha trabalho.

Apanhou o boneco de plástico do Mil Máscaras que estava em cima da tevê. Mil Máscaras fazia movimentos sigilosos que lhe permitiam deslizar atrás de seus oponentes sem que o notassem; aplicava-lhes uma de suas chaves, jogava-os no chão e, montado neles, declarava-se vitorioso. Gostaria de ser como Mil Máscaras para ir para o outro lado. Ter truques capazes de vencer a hostilidade daqueles sujeitos carrancudos que vigiavam a entrada no país deles.

Sua vizinha estava com o rádio a todo volume, programas com notícias sobre os que se atreviam a

cruzar a fronteira por conta própria. Isso lhe passara pela cabeça, mas tinha medo. Será que papai tinha estado aqui? Como teria feito? Sozinho, ou com *polleros* e *coyotes*? Será que ainda estava vivo? Em que cidade estaria?

Às vezes se aproximava da ponte de Juárez e ficava observando o vaivém de tanta gente rumo a El Paso; gostaria de se perder naquela fila, mas não estava com os documentos em ordem. Concordava quando lia os dizeres nas paredes do rio: “Nenhum ser humano é ilegal”, “Morte ao império”. Ao longe se recortava a promessa do outro lado, com um céu de edifícios nos quais se destacavam alguns nomes: Wells Fargo, Chase.

Ia acontecer alguma coisa com esse rádio. Ia cair pela janela. Ou com a vizinha. Ninguém ia notar.

Alguns atravessavam o rio pela parte estreita, perto de El Paso, corriam para a cidade e se perdiam nela. Era preciso esperar que os jipes da imigração passassem em seus turnos rotineiros, o alambrado do outro lado do rio tinha partes esburacadas e caídas. Era a sugestão de Braulio: arriscado, mas tinham tudo a favor deles.

Penteou-se diante do espelho partido em dois, vestiu a calça e um boné de beisebol com o logotipo da Universidade de San Diego. Foi para o corredor do segundo andar da pensão. Logo estava na rua, o rosto fustigado por um vento persistente e seco.

A estação ferroviária ficava no caminho do trabalho. Deixou-se levar pela curiosidade e entrou no prédio de paredes de estuque e teto oblongo, com uma estrutura de ferros oxidados. Um surdo-mudo estendeu a mão em busca de uma esmola, mas ele o ignorou.

O letreiro de chegadas e partidas anunciava os nomes de cidades do outro lado do rio. Um policial olhou-o com desconfiança. A bilheteira, roliça e de tranças longas, atendia sem descanso uma extensa fila de passageiros. Uma família amontoava malas à beira dos trilhos; as crianças brincavam sobre uma delas, preta e de polietileno.

Perguntou quanto custava a passagem.

Pra quê, sem documentos?

Ao sair da estação viu à distância um silencioso trem de carga se aproximando, sua locomotiva de linhas vermelhas e amarelas, os vagões enferrujados. Quando se aproximou, leu Burlington Northern do lado de um dos vagões.

O trem lhe pareceu interminável. A lentidão com que se deslocava pelos trilhos o comoveu.

Passou a tarde toda trocando óleos, consertando radiadores, substituindo freios gastos sem abrir a boca uma única vez. Teve de aguentar as brincadeiras de seus colegas de trabalho, que lhe perguntavam se ele era débil mental. Se soubessem... Não, não sabiam quem estavam provocando.

Era melhor para ele, para eles, ficar em silêncio.

Ao sair da oficina foi até a cantina onde Rocío trabalhava. Sentou-se, pediu uma cerveja. O lugar estava deserto. As moscas pousavam nas mesas e nas janelas. Um dos garçons fazia palavras cruzadas de pé. Da porta da cozinha, o cozinheiro o olhava com os braços cruzados. Pelos alto-falantes, um cantor de *corridos* mexicanos, rouco, dizia pertencer à “corte do senhor dos Céus”.

Esperou a canção terminar e se aproximou do jukebox. Pôs uma canção de Juan Gabriel e em seguida uma do ABBA.

Logo depois Rocío apareceu. Estava de saia azul e blusa cor-de-rosa. Jesús gostava dos seios opulentos, das coxas grossas. Tatuara no antebraço direito o nome de um ex-namorado, dizia que ia tirar quando tomasse coragem, doía tanto. Jesús lhe deu um beijo no rosto.

Qual é o lance? Não esperava ver você tão cedo.

Não tinha muito trampo. O chefe deixou a gente sair.

Aqui é o contrário. Tudo bem?

Na medida do possível.

Não posso ficar muito tempo.

Mas se não tem ninguém.

Você sabe como o chefe é. Vem me buscar daqui a duas horas?

Pelo menos deixe eu terminar a cerveja.

Rocío sorriu, deu-lhe as costas e foi para a cozinha.

Jesús a esperava na saída. Segurou sua mão e foram até o lugar onde Rocío morava, numa colônia nos arredores de Juárez, num quarto com banheiro que um casal de idosos alugava em sua casa.

Ao chegar lá, cumprimentaram os donos antes de entrar no quarto de Rocío. O velho tinha sido policial, ainda se lembrava dos dias plácidos em que os únicos presos eram os abusados que cobravam para atravessar alguém para o outro lado e depois não cumpriam com o combinado; ela passava o tempo vendo telenovelas, às vezes pensava que aquele homem que roncava a seu lado numa poltrona era um intruso cuja única intenção era esconder o controle remoto quando ela mais precisava dele.

Rocío pôs o rádio numa estação que tinha em seu repertório Madonna, Elvis Presley e José Alfredo Jiménez. Aumentou o volume o suficiente para que os velhos não os escutassem. Fechou a porta à chave, baixou as persianas. Sentou-se na cama, jogou no chão um palhaço de plástico, apoiou as costas na parede e se ofereceu, ansiosa, para o ritual de todas as noites.

Jesús beijou seus lábios enquanto tirava as roupas dela bruscamente. Acariciou seus seios com rudeza, percorreu-os com os dedos e a língua. Virou-a, apertou sua garganta como se fosse ela o palhaço, e a penetrou, ansioso, desajeitado, agressivo. Ela pôs na boca o crucifixo de prata que enfeitava seu pescoço e o mordeu, os olhos fechados, como se prendesse a respiração debaixo d'água. Ele encontrou um ritmo que estremecia os dois, pontuando-o com golpes dolorosos nas nádegas de Rocío, palmadas que deixavam uma coloração avermelhada na pele. Quando sentiu que estava vindo, apertou novamente a garganta de Rocío e encheu-a de insultos. Ela pensou por um momento que ia sufocar, quis lhe pedir que se acalmasse, mas não fez nada. Gozaram ao mesmo tempo.

Quando Rocío recuperou a fala, disse que o amava. Jesús resmungou que era cedo para isso, e Rocío se arrependeu de ter demonstrado seus sentimentos. Quando a coisa estava acontecendo, ela curti a forma violenta com que ele a possuía, mas ao voltar a si sentia-se suja, como se ele tivesse maculado algo sagrado nela. E dizia para si, então, que um homem que a possuía assim, ou melhor, um adolescente, porque ele ainda não era um homem apesar de toda a dor e a raiva e a amargura que carregava nos olhos, não podia amá-la. Ela tinha certeza de que o amor só podia se manifestar com uma grande dose de ternura, e, era preciso reconhecer, não havia nada de terno nele.

Jesús pôs o tênis e a calça e disse que estava com fome.

Quer que eu prepare alguma coisa pra você?

Não se preocupe. Vou comer no caminho.

Ela cobriu o corpo com uma manta e não disse nada. Ficava chateada porque ele sempre queria ir embora assim que o sexo acabava.

Jesús apertou o cinto e disse amanhã tenho a tarde livre. Quer ir ao cinema? Está passando o último filme do Jackie Chan. Rocío respondeu quem sabe, amanhã é outro dia.

Por favor apague a luz antes de sair, aconchegou-se sob os cobertores.

Vai dormir assim, de roupa?

Só vou me deitar um minutinho.

Jesús deu-lhe um beijo na testa. Apagou a luz e saiu do quarto. Passou pela sala ao lado dos velhos, adormecidos diante da tevê faiscante. Abriu a geladeira na cozinha e pegou uma cerveja Tecate.

De tarde foi sozinho ao cinema. Dirigiu-se a uma das primeiras filas, para não ter de sentar do lado de ninguém; refestelou-se na poltrona suja, cheia de caroços de pipoca, copos plásticos no chão. Riu com as peripécias de Jackie Chan, emocionou-se ao vê-lo enfrentar quatro imponentes lutadores de caratê. Tinha uma agilidade admirável e fazia tudo sem se despentear, como se fosse uma coisa muito comum cair de pé depois de uma pirueta para trás ou de pular de um edifício de oito andares para acabar no teto de um caminhão em movimento.

Papai tão sério em suas tentativas de transformá-lo num boxeador. Os golpes na mandíbula, os dribles desajeitados no pátio. Ele sabia lutar, era só questão de tempo se acostumar com a luva e aprender a se movimentar. Podia fazer isso, mas era melhor ser alguém como Jackie Chan. Ou usar uma navalha ou uma faca.

Quando saiu do cinema já estava escuro. O vento fustigou seu rosto, encheu seus olhos de terra. Pedacos de jornal se enroscavam nos postes de luz. Andou pelas ruas do centro sem rumo certo, à espera inquieta de um sinal salvador, uma igreja na qual encontrar o rosto familiar do padre Joe, um mercado no qual perambular com seus primos, um inferninho com uma puta velha, uma escola com um pátio no qual uma irmã corria e pulava. Lia os cartazes nos muros, anúncios de um evento de luta livre no Estádio Municipal, a chegada de um popular cantor de *corridos*. Seus lábios tremiam e apertava os dentes com força, deixando a mandíbula rígida. Estava tomado pela ansiedade.

As lâmpadas de sódio da iluminação pública se acenderam. Com as moedas que lhe restavam, comeu oito tacos de carne de porco numa barraquinha de rua.

Teve a impressão de estar sendo seguido por uma caminhonete de vidro fumê e apertou o passo. Provavelmente era alarme falso, mas não valia a pena arriscar.

Foi para seu quarto na pensão, enfiou-se debaixo das cobertas. Não demorou a dormir. Acordou às três da manhã sem saber direito onde estava nem que horas eram. Não conseguiu dormir de novo.

Pensou em María Luisa e disse a si mesmo que tudo acontecia por alguma razão, embora às vezes fosse impossível descobrir qual era.

No dia seguinte foi trabalhar e seu chefe lhe propôs novamente que fosse contrabandear carros roubados no Texas.

É que a imigração...

Se você for de “mula” ninguém vai ver nada. E se tiver que montar num trem de carga não terá nenhum problema, nós resolvemos tudo.

Era sexta-feira, disse que ia pensar no assunto e daria uma resposta na segunda. Braulio fez uma vênia com o chapéu e deu-lhe uma piscada. Estava insinuando alguma coisa? Ia perder seu emprego se não topasse?

De tarde ligou para Rocío e combinaram que ela passaria na pensão às nove, depois poderiam ir dançar.

As batidas na porta o acordaram. Levantou-se levando consigo os fragmentos de um sonho: a guerra tinha estourado e ele não achava sua faca em nenhum lugar.

Era Rocío. Pediu-lhe que entrasse. Desculpe, acabei dormindo. Ela estava usando uma jaqueta de couro, um top de lycra, uma calça justa que não combinava com a sandália branca de salto alto. Tinha abusado da maquiagem, a cor verde se fundia com a azul sobre as pálpebras e sob os olhos, o batom tinha borrado.

Jesús recostou-se na cama, acendeu um baseado e deu uns pegas.

Você não vai se trocar? A gente não ia sair pra dançar?

Já quer sair? Não estamos melhor aqui?

E o que vamos fazer?

Isso é o de menos.

Rocío aceitou o baseado e o levou à boca.

Não sou boa para essas coisas.

Jesús abriu uma garrafa de tequila que estava sobre o criado-mudo. Encheu dois copos.

Continuaram fumando e bebendo. Então Jesús disse que ia ao banheiro e saiu do quarto. Rocío se deitou na cama, de costas para a porta.

Logo depois Rocío sentiu uma presença na porta e se virou. Havia um homem imóvel ao lado da cama; pusera uma máscara branca com riscas pretas e a olhava através das ranhuras que se abriam como os olhos de uma serpente.

Rocío prendeu a respiração, sentou-se repentinamente na cama.

É você, Jesús? Não gosto dessas brincadeiras.

Uma faca brilhou nas mãos do homem. Ela quis gritar, mas não conseguiu. Na atmosfera rarefeita do quarto, naquele cheiro de comida guardada que se misturava ao de roupa suja jogada no chão e a um perfume adocicado, sentiu a presença de algo nefasto. Era melhor não fazer nenhum movimento, evitar provocações desnecessárias.

Jesús?

O homem se aproximou e pôs o gume da faca em sua garganta.

Por favor...

Uma bofetada a jogou para fora da cama. As mãos do homem rasgaram seu top e abaixaram sua calça. Ela tentou não se desesperar e pensou nos santinhos de santa Clara no dia de sua primeira comunhão, no modo como caminhara ao lado do pai na igreja, os braços entrelaçados, mas sem sentir que se tocavam.

A pressão no pescoço a sufocava e seu rosto se perdeu sobre o cobertor. Quis estar longe, bem longe desse quarto.

O homem investiu sobre ela com violência, enquanto ela se agarrava a um travesseiro e pensava no que uma mulher poderia fazer numa situação dessas, assim, tão tenebrosa. E em quando tudo aquilo terminaria.

Ele gozou e parou de ofegar e começou a rir histericamente. Ela conhecia essa risada.

Rocío chorou como há muito não fazia. Agarrou-o aos socos e ele a deixou agir sem parar de dar risada. Desgraçado, mil vezes desgraçado. Vestiu-se, cobriu o top rasgado com a jaqueta. Estava com soluço.

Não me procure mais. Vou denunciar você para a polícia.

Jesús parou de rir assim que ouviu a menção à polícia. Tirou a máscara e depois disse num tom carinhoso que não deixava de ser intimidante: nem pense nisso.

Rocío saiu do quarto batendo a porta. Jesús se jogou na cama e começou a rir de novo até ficar com a mandíbula dolorida.

Na manhã seguinte, Jesús falou com seu chefe e disse que estava pronto. Braulio sorriu e lhe deu as instruções; atravessaria para o outro lado no dia seguinte, de madrugada. Pegaria o trem de carga em El Paso.

Foi até a estação depois do trabalho. Aproveitando que o lugar parecia deserto, caminhou entre as vias até topiar com um trem que levava um carregamento de tubos de alumínio.

Ficou olhando até que ele começou a se mover meia hora depois.

**Mulas e polleros* são pessoas que ajudam imigrantes ilegais a atravessar o Río Bravo, na fronteira do México com os Estados Unidos. (N. T.)

Landslide, Texas, 1985

Braulio levou Jesús até o local combinado com a “mula”, que atravessou o rio com ele em seus ombros largos. Na luz leve da madrugada, com a água pelos joelhos, Jesús lembrou que quando era menino sua mãe lhe contou que tinha feito essa viagem muitas vezes, quando precisava de grana e tinha de ir trabalhar como empregada doméstica ou garçomete em El Paso. Quando tocaram a terra, Jesús saiu correndo rumo à estação de trens de carga, bem perto da fronteira, na rua Santa Fé. Relaxou quando viu o pequeno edifício com o letreiro Freight House acima da porta principal. Não teve problemas para se esgueirar entre as plataformas e se esconder no vagão de um trem.

A chegada a Landslide se deu conforme o previsto. Do trem, vira os edifícios altos da cidade — sua silhueta, que conhecia por cartões-postais — e depois, à medida que se aproximava, os letreiros ao lado das vias — “KFC Texas-size buckets!”, “New Coke: The Best Just Got Better...!” —, os perfis recortados das casas próximas da estação. As horas que passara jogado no piso do vagão tinham enrijecido seus músculos.

Ouviu o apito do trem, o anúncio de sua chegada. Vai diminuir a velocidade, mas não vai parar, dissera Braulio. Quando sentiu a mudança de ritmo, levantou-se e aproximou-se da porta do vagão: outros trilhos, e depois terra, arbustos, lixões, uma cerca de arame esburacada.

Não devia pensar muito. O trem estava deixando Landslide e ele ia perder a oportunidade.

Pulou.

Rolou no chão, bateu o ombro. Levantou-se lentamente.

Caminhou se escondendo entre as moitas. Ao se sentir seguro, foi para a rua. Uma mulher obesa empurrava a cadeira de rodas de um idoso; uma loira arrastava sua mala. Sua presença não chamou a atenção de ninguém, nem mesmo de um carro de polícia estacionado perto de uma esquina onde vendiam hambúrgueres. Não podia acreditar que estava nesse país que por tanto tempo imaginou como impossível.

Os contatos de Braulio o esperavam num bar da estação. Aproximou-se de um posto de gasolina e perguntou ao frentista, em inglês, sobre alguns endereços. Recebeu a resposta em espanhol.

Não foi difícil localizá-los no El Dorado. Só havia dois fregueses no balcão, com chapéus de abas largas. Aproximou-se e eles sorriram.

E aí, quem é você?

O sr. Braulio...

O babaca do meu sócio é completamente irresponsável. Mandou um menino pra gente. Parece ter só uns catorze anos, cara. Não é?

Simón, disse o outro.

Os dois gargalharam estrepitosamente. Estenderam-lhe a mão. Não ligue pra gente. Vai uma tequilazinha aí? Jesús não conseguiu dizer não.

Uma hora depois saiu tonto do bar. O Toyota que ele devia levar até Juárez estava na calçada defronte ao El Dorado; as placas eram falsas e havia barro na altura das portas traseiras e do porta-malas. Estava bem conservado; alguns arranhões do lado direito do painel, uma cicatriz no vidro do farol dianteiro esquerdo.

O carro estava estacionado próximo a uma loja na qual se lia acima da porta, em intermitentes luzes de néon: V NT GE CLOT NG. Um blazer cinza na vitrine chamou sua atenção. De um dos bolsos saía um fio com o preço num pedaço de papelão: \$19.99.

Assim que entrou, aproximou-se dele uma gringa com um bronzado falso e um cinto grosso marcando a cintura.

Ray, mey I relp yu?

Ele apontou para o blazer; a loira foi buscá-lo. Jesús leu na parte interna, na altura do colarinho: “J. Crew, broken in, medium”. Aproximou-se de um espelho de corpo inteiro num canto da loja. Ficava grande para ele — as mangas até a metade das mãos —, mas gostava da cor. Foi até o balcão e pagou.

O motel recomendado por Braulio era o Cleveland e ficava perto da estação. Pagou com dinheiro vivo e se instalou no quarto. Um tapete marcado por queimaduras de cigarro, uma pia oxidada. Um Novo Testamento dos Santos dos Últimos Dias.

Pegou uma caneta que estava sobre a mesa de cabeceira e desenhou na folha em branco no final do Novo Testamento uma planície com um cáctus e uma pessoa sozinha. Haveria uma explosão nuclear e ele seria o último homem na face da Terra.

Tirou um cochilo e acordou com fome. Foi atrás de alguma coisa para comer; tinha uma navalha no bolso. Leu os nomes das ruas: Spruce, Austin, Benson. Já era noite e ele não conhecia o bairro, então achou melhor voltar para o El Dorado. Lá pediu uma porção de *chicken wings* e ficou bebendo no balcão. Estava passando uma partida de futebol americano, os Green Bay Packers contra os Denver Broncos. Droga de sorte, seu time favorito não estava jogando, os Forty Niners. Joe Montana era um deus. Que braço que ele tinha.

Saiu bêbado do bar.

Voltava por uma rua de pedestres que margeava a estação quando ouviu passos.

Uma mulher caminhava na frente dele, a uns cem metros.

Começou a segui-la.

Ao longe se ouviam os gritos de um casal se engalfinhando numa discussão febril. Tinha de se apressar.

Aproximou-se da mulher. Queria que ela notasse sua presença, queria assustá-la. Apalpou a navalha no bolso. Era loira, usava sapato de salto alto e saia até os joelhos. Virou-se um pouco, viu a sombra que se agigantava nas pedras da rua. Apertou a mão na alça da bolsa. Seus passos se tornaram rápidos.

Gostaria que ela não corresse nem gritasse, mas ela fez as duas coisas. Alcançou-a e com um safanão empurrou-a para fora da calçada, contra um arbusto. Tapou sua boca e lhe mostrou a navalha. Ela estava com os olhos assustados e a pele arrepiada, ia obedecer. Era apenas uma garotinha. De longe parecia

mais velha, mas de perto não lhe dava nem dezoito anos.

Remexeu entre os batons e as fotos na bolsa, pegou a carteira de motorista e observou-a com atenção, como se tentasse memorizar os dados de Janssen, Victoria. Achou um passaporte, fixou-se no escudo e no que estava escrito embaixo dele numa língua estranha, não entendeu de que país era. Viu na primeira página a foto radiante da garotinha, os olhos verdes e um penteado diferente: antes era crespo, agora estava liso.

Don't move, please, Victoria.

Acariciou seu cabelo. Seria rápido. Levantou a saia dela, abaixou sua calcinha. Ela começou a chorar, disse entre murmúrios no, please, no. Silêncio, porra.

Ela tentou se libertar daquele corpo que a oprimia. Jesús disse novamente que ficasse quieta, mas ela insistiu. Então é assim? Quase sem pensar, Jesús afundou-lhe a navalha na altura do peito. Um movimento seco foi suficiente.

Ficou paralisada, com a boca entreaberta. O ar iniciava o processo de desaparecimento de seus pulmões; estava indo, estava indo, estava acabando de ir.

E agora?

Nunca tinha comido uma loira.

Arriou a calça e penetrou-a. Contou de cinco em cinco em sua cabeça.

Gozou logo depois. Se ela tivesse se mexido teria sido diferente. Mais divertido.

Fechou os olhos dela. Você vai para um lugar melhor, você vai ver. Jogou o passaporte entre os arbustos, enfiou os cartões de crédito num dos bolsos da calça e saiu correndo.

A luz do deserto estourava na janela dianteira do Toyota, resplandecia na capota. No meio da manhã, a caminho de Juárez, Jesús escutava rancheiras no rádio.

De madrugada encheu os bolsos de M&M's, Snickers e Three Musketeers num Seven Eleven. Tomou um gole de uma lata de Dr. Pepper. Tinha comprado um six-pack na esperança de que o mantivesse acordado.

A estrada era reta e às vezes se flagrava cabeceando. Não dormira bem. Um sono inquieto o acordara de tempo em tempo, com pesadelos que incluíam María Luisa esfaqueada. Fora uma noite surpreendente, como se a vida tivesse se transformado numa alucinação de drogas.

Podia repetir tudo sem problemas. Esse contato com o risco, essa dose de estímulos descontrolados o deixaram feliz.

DOIS

Passei pela universidade antes de começar meu turno no Taco Hut. Ainda recebia a correspondência na caixa de correio do departamento.

Caminhei por edifícios imponentes com colunas dóricas na entrada, escudos oitocentistas e frases em latim nos pórticos, ao lado de jardins com o gramado recortado nos quais estudantes despreocupados jogavam frisbee ou faziam a sesta ou discutiam sobre *Gossip Girl* ou liam *Paradise Lost*. As texanas podiam ter um look sensual, mas ele era bem estudado: não deixavam de se maquiar e de combinar as cores, mesmo se estivessem só de shorts e sandálias.

Numa rotunda no centro do campus, uma imensa bandeira dos Estados Unidos ondeava orgulhosa ao vento. Era uma espiã aguçando a vista pelo bairro que havia sido meu, procurando rostos suspeitos, desses cujo semblante revelaria a chateação na hora de se levantar para ir às aulas. Mas não, era difícil desconfiar de alguém. Todos exibiam a mesma expressão esperançosa no rosto. Não havia passageiros em trânsito. Como eu durante um tempo, até que veio a crise, o momento em que decidi pular no vazio.

Não era só isso, eu sabia. Não era só essa sensação de que as aulas na universidade tinham significado um longo parêntese da vida, a aguda suspeita de não estar fazendo parte do “mundo real”. Dois anos nos quais fiz um mestrado que não tinha nenhuma utilidade, que só serviu para eu repensar a ideia de continuar com um doutorado. As dúvidas aumentaram, senti novamente vontade de criar algo meu, um cansaço na hora de falar da criação de outros. A verdade é que esse mundo não me pertencia.

Bocejei. Não tinha dormido bem. Às cinco da manhã o celular tinha tocado: era papai, bêbado, para dizer que me amava, quando é que eu ia visitá-los, que talvez eu não o visse mais, queria se unir à luta pela autonomia de Santa Cruz. Entre sonhos, perguntei o que ele faria lá. Quem lhe daria trabalho com essa idade? E você só tem alguns amigos. Provoquei-o dizendo que era como aquele pastorzinho que de tanto gritar que o lobo estava vindo ninguém mais acreditava nele. Desligou na minha cara.

Peguei o elevador para ir até o quarto andar no Gwain Hall. Sam estava numa aula, eu tinha calculado a hora da minha ida para não topar com ele; ele teria perguntado o que eu tinha ido fazer lá, e eu vim pegar minha correspondência, e ele por que não me pediu que eu pegasse pra você, pra que tanta confusão? Tudo era complicado com ele.

A secretária, Martina, levantou-se para me cumprimentar. Sumida! Deu-me um beijo, você deve estar reconsiderando. Estamos esperando você.

Chair, um medievalista que dedicara a vida a desenhar a topografia dos livros que ensinava — o Amadís, o Cid —, me dissera que as portas estariam abertas para mim. Se eu quisesse voltar só precisava dizer a ele com um semestre de antecedência. Isso havia sido oito meses atrás. Minha renúncia

ao programa fora vista oficialmente como uma “licença temporária”. Eu me senti querida, importante, mas sabia que não recorreria a essa opção.

Despedi-me de Martina e peguei minha correspondência: — cartas para renovar a assinatura do MLA, oferta de livros do ILLI. No corredor, enquanto via as fotos dos novos estudantes de doutorado com suas descrições de manual — “descobriu a literatura latino-americana na adolescência, numa viagem ao México, quando leu *Cem anos de solidão*”, “entende o presente com a leitura dos clássicos; *Don Quixote* é o livro mais pós-moderno que se pode encontrar” —, ocorreu-me que Samanta deveria nascer em outro planeta. Fugiria de lá e chegaria à Terra, onde seria adotada por uma família de coveiros que morava perto de um cemitério. Teria uma infância tranquila e depois descobriria que havia pessoas de seu planeta infiltradas na Terra. Assumiam a forma de todos os mitos mais aterradores de seu novo lar: podiam se transformar em zumbis, em vampiros, em chupa-cabras.

Esse era o mito de origem do meu personagem. Neil Gaiman via Transformers. Uma história em quadrinhos metalinguística, além do mais. O tipo de história que uma ex-estudante de doutorado podia desenhar.

Todas as portas dos gabinetes dos professores estavam fechadas. Mina Swanson, a renascentista que conseguia que muitos alunos se inscrevessem em seu curso graças a títulos ousados (Sexo, Mentiras e Nada de Videotape: *La Celestina*). Joan Barral, o fervoroso catalanista que em seus artigos era um cruzado em liça contra os escritores catalães que escreviam em castelhano. Tadeo Konwicki, o polonês que analisava Élmér Mendoza a partir de Žižek e Jean-Luc Nancy. Ruth Camacho-Stokes, a especialista em literatura latina, que preparava um trabalho sobre as artes plásticas chicanas e sua influência na narrativa contemporânea. Em sua porta havia um cartaz anunciando para abril do próximo ano uma exposição de Martín Ramírez, um pintor autodidata de meados do século passado, canonizado recentemente. No cartaz, um quadro de Ramírez: um trem saindo de um túnel, cerros desenhados com linhas onduladas. Não me chamou a atenção. A coisa naïf não me interessava.

Parei na porta ao lado do elevador. Na janela opaca havia tirinhas de Calvin e Haroldo coladas. Nada parecia ter mudado.

A luz estava acesa. Bati à porta. Ouvi passos. A porta se entreabriu, surgiu a cabeça calva. Não percebi em seus olhos nenhum tipo de emoção quando me viu.

Oi, que surpresa. Entre, entre.

Deixou a porta aberta, me convidou para sentar. Sua camisa branca estava amarrotada, a calça de flanela meio caída; típica pinta de professor distraído. Perguntei como ele estava.

Com problemas com a autoridade, como sempre. Quando menino eu era um dos que mordiam as professoras. E os decanos são um saco. É incrível como eles nos chateiam.

Aconteceu alguma coisa?

Não estou com vontade de falar nisso, me deixa de mau humor. Outra hora te conto.

Em cima da escrivaninha havia um calendário de Vasto, o vilarejo nos Abruzzos de onde provinha a família Colamarino. Fabián costumava ir passar os verões em Vasto; dizia que era um lugar perfeito para escrever, isolado, com uma praia incrível e sorvete e pizza (“um oásis de paz em meio a um inferno de tédio”). Prometeu que um dia iríamos juntos para lá, e eu acreditei. Isso foi antes de eu descobrir que suas promessas não duravam.

A mesa transbordava de livros e manuscritos.

Escreve-se mais do que se consegue ler, não é? O que a gente não faz para sobreviver...

Cada vez leio menos romances. Bom, na verdade cada vez leio menos, ponto. A quantidade de porcaria que se publica!

Apontou para uma pilha de livros, fez com a mão um gesto enfático de desdém.

Leve o que quiser.

Lembrei do seminário dele que eu havia assistido no meu segundo semestre, a clareza deslumbrante de suas ideias, as surpreendentes epifanias que tinha em plena sala de aula. Eu fazia anotações e queria ser como Fabián Colamarino. Uma professora de literatura capaz de assombrar meus alunos da mesma forma que ele ao aplicar suas ideias sobre Ángel Rama para uma leitura renovada do século XIX. Como ele fazia isso? Não lia nenhuma anotação, mas lá estavam os argumentos ousados, o voo imaginativo delirante que sempre conseguia aterrissar, ferido, mas a salvo. E assim o fascínio me levou à cama dele no terceiro semestre. Foram três meses nos quais descobri sua ansiedade competitiva, sua aptidão para trabalhar até de madrugada, os traumas e as angústias que o afligiam, a overdose de álcool e drogas com que sobrevivia à pressão de ser considerado um dos acadêmicos mais brilhantes de sua geração. Houve dias maravilhosos, mas também uma guinada amorosa de coração da qual eu ainda não me recuperara.

Peguei o romance de um escritor equatoriano. E me perguntei de onde saíra tanta amargura. Quando estávamos juntos ele se queixava da “falta de poesia da vida”, mas naquela época seu entusiasmo pelos livros, pela música, pelo cinema, pelas ideias ainda era superior a esse lodo que ele via aparecer por toda parte, ameaçador.

Eu também não tenho lido muito ultimamente, disse. Quer dizer, romances.

Mas se você nos deixou deve ter tido um motivo, não? Como vão os desenhos?

As ideias estão aí. Às vezes acho que isso não é o suficiente. É preciso disciplina e paciência, e não sei se eu tenho.

É um longo aprendizado. Você vai conseguir.

Sorri: ele me ganhara com atitudes como essa. Papai riu quando eu lhe disse que queria estudar para ser desenhista de video games. Quando eu tinha catorze anos, uma professora descobriu um caderno com desenhos meus em Santa Cruz e me disse que era uma pena eu desperdiçar meu talento. O esporte favorito de meu irmão Toño era caçar das minhas histórias em quadrinhos povoadas de super-heróis. Todos me diziam que eu não podia levar a sério minha vocação. Que aquilo era apenas um passatempo.

Um dia, quando achei que já podíamos confiar um no outro, emprestei a Fabián o manuscrito de um livro de contos e um caderno com storyboards. Ele foi impiedoso na crítica, disse que aquilo era uma mistura de Borges com Philip Dick, mas também me animou: havia talento ali, os desenhos eram bons e não me faltava imaginação; era questão de insistir, trabalhar muito. Foram as primeiras palavras de apoio que recebi, as que me fizeram acreditar em mim. Às vezes eu pensava que isso me ligaria para sempre a Fabián. Para alguém que vinha de um mundo tão pouco afim à criação artística, essa aprovação tivera um peso excessivo.

O que eu mais faço é desenhar, disse. Na verdade, acho que a literatura, como a conhecemos, está com os dias contados. Este vai ser o século do relato gráfico, dos vooks e dos romances eletrônicos nos quais a pessoa vai poder fazer links com a Wikipedia, com o YouTube.

Mais uma a fim de matar a literatura. Entre na fila.

Acadêmicos como você também a matam todo dia. Usam a teoria como um fim em si mesmo. E escrevem esses livros que só são lidos por outros acadêmicos.

Fez-se um silêncio incômodo. Eu não tinha vindo para lhe mostrar minha raiva, mas já fizera isso. Tentei mudar de assunto.

E como vai seu interminável projeto?

Cada vez mais parecido com a máquina de narrar de Macedonio. Relatos que proliferam, que não conseguem encontrar um leito unificador.

Talvez você deva respeitar esse caos.

É preciso respeitá-lo na vida, não na literatura.

Numa das paredes se via, emoldurada, a capa de um livro de Fabián sobre o modernismo, recém-traduzido para o inglês. Perguntei-me como ele se sentira ao publicar alguma coisa tão rápido, já no terceiro ano como professor-assistente, transformando-se em material de leitura obrigatória e recebendo elogios de todo mundo. Eu já havia admirado esse livro, mas agora ele me parecia uma confissão descarada. Não fora à toa que Fabián estudara os momentos em que os poetas do fim do século rejeitaram a nova sociedade do “rei burguês” (na formulação de Darío) e se encerraram no que Herrera y Reissig chamou de Torre dos Panoramas. Não foi por acaso que essa torre de marfim particular havia sido a metáfora ideal para Fabián desenvolver seu argumento: a literatura latino-americana aparentemente tinha o social, o político como tema central, mas na verdade o escritor, o artista, era um alienado desse mundo, alguém mais preocupado em criar um refúgio, longe desse bulício e vulgaridade modernos. Para mim, esse era Fabián.

Você devia me deixar ler um trecho.

O que tenho só eu consigo entender.

Mas pelo menos você está escrevendo.

Escrevo, escrevo sem parar. E sonho que escrevo que estou escrevendo.

Tocou um dos manuscritos. No que estava trabalhando? *Uma teoria unificadora capaz de explicar toda a literatura latino-americana.* Um projeto alucinado, febril, neurótico, no qual levou muitos anos: parou de publicar, de ir a congressos. Quando o conheci, acabara de ser efetivado, mas o paradoxo era que, em sua busca da ordem rigorosa na literatura, sua vida desabara num caos total. Mayra, sua mulher — uma dominicana que trabalhava na biblioteca da universidade —, desaparecera deixando um bilhete em que informava que estava voltando para Santo Domingo, e que ele não tentasse ir buscá-la. Suas aulas canceladas sobrepujavam as aulas que dava e seus vícios estavam ganhando a parada.

Tossiu. Olhei os livros nas estantes. Bhabha, Derrida, Sarlo, García Canclini, Culler, Spivak. Tomei coragem.

Na verdade não vim aqui para isso. Você pode ler e escrever o que te der na telha. É o que sempre fez mesmo. Só que... não sei, nunca vou te entender direito.

A expressão relaxada do rosto dele se tensionou, os olhos se arregalaram, alertas, a mandíbula ficou rígida.

Eu te disse isso logo de cara e você aceitou. Estava tudo tão bem, e depois... Mas não te culpo, é inevitável. Uma coisa leva à outra, e de repente o que começou como diversão termina no altar.

A gente podia... tentar de novo. Eu estaria disposta a aceitar o que você propõe.

Não sei, não sei. De qualquer forma, já deu, não é?

Virou-se e voltou para seu computador. Começou a escrever como se eu não existisse. Era seu jeito de me mandar embora.

Uma vez ele me disse que eu jamais entenderia sua dor pela perda de Mayra. Não a conheci, ela desapareceu um ano antes de eu chegar. Contou-me que estava conformado por ela não estar mais com ele, disse que até a entendia, não sou fácil, sou um autista de coração, estava mergulhado no meu mundo e me esqueci dela. Mas estava claro que era doído para ele, que se lembrava muito de Mayra e ainda não conseguira tirá-la de seu corpo. Às vezes eu pensava que ele não queria voltar a ter uma relação estável por temer que eu desaparecesse da noite para o dia; que não conseguia encarar a possibilidade de outra perda. Então, preferira se antecipar a isso, controlar de alguma forma um possível futuro que depois poderia escapar de suas mãos. Mas agora era eu que não sabia o que fazer para viver com a perda. Apesar de mim mesma, eu tinha me transformado em alguém similar a ele; alguém que não sabia o que fazer com um coração contrariado.

Sim, eu entendia sua dor. Ele é que não entendia a minha.

Barulho de vozes e passos no corredor. Dei as costas para a porta, para que ninguém visse meu rosto. Levantei-me com o livro do equatoriano na mão.

Que tal este escritor?

Dizem que é o melhor do Equador. Mas se eu fosse você, não esperaria muito. É como dizer que um jogador de futebol é ótimo porque é o goleador da liga albanesa.

Saí do gabinete sem me despedir.

Stockton, Califórnia, 1931-1948

Gente demais no pavilhão onde haviam conseguido um leito para Martín. Filas e filas de camas, como para os soldados na guerra. Ou para os prisioneiros de guerra? Às vezes dormiam dois num mesmo espaço, outros se deitavam no chão e se tivessem sorte recebiam um cobertor, um travesseiro. Não faltava quem preferisse dormir embaixo da cama. Os homens e as mulheres de uniforme branco entravam e saíam a qualquer hora, e havia idosos que passavam a noite acordados olhando para a parede. Outros urinavam onde tivessem vontade. Os mais complicados eram os violentos, atacavam seus companheiros de cômodo sob qualquer pretexto. Aprendeu a não encará-los.

Perto de sua cama havia janelas protegidas por redes milimétricas através das quais se divisavam as árvores e os arbustos do jardim, o arco de pedra por onde os carros entravam, as colinas ondulantes e douradas ao longe, o trem que passava regularmente ao meio-dia e ao entardecer. As vias férreas margeavam um dos lados do edifício, onde terminava o jardim, separadas deste por uma fileira de árvores e por uma parede divisória de tijolo aparente.

No arco da entrada principal do edifício, lia-se: STOCKTON STATE HOSPITAL.

Tinham raspado a cabeça de seus companheiros de pavilhão, bem como a dele. Não havia cor em suas faces e olhavam com expressão ausente ou atordoada. Alguns não possuíam dentes, outros tinham o crânio achatado ou os lábios inchados, ou o pescoço alongado. Seus corpos emitiam sons constantes: soluçavam ou arrotavam, ou gritavam, ou gemiam, ou choravam. De noite ouvia lamentos como os de um cão moribundo, gemidos que estremeciam sua alma e não o deixavam dormir.

E ele, que tipo de ruído emitia? Aaaaaahhh. Aaahhhh. Eeeeeaaaaa.

Nada de assustador, esperava.

Saía de tudo do corpo de seus companheiros de cômodo. Primeiro ruídos, mas também líquidos e sólidos. Vômitos e catarros na mesa do refeitório. Mijo e merda nos corredores. Diarreia e pus nas camas. Sangue e lágrimas nos banheiros. O cheiro o baqueou nas primeiras semanas. No primeiro dia pareceu-lhe cáustico, como amoníaco. Depois o amoníaco se misturou aos outros odores, principalmente ao de excremento. Foi se acostumando.

E dele, o que saía? Muitos micróbios cada vez que tossia. A saliva ia se engrossando em seus lábios, depois um filete de baba escorria.

Davam banho nele e o barbeavam. A maioria era amável, embora um deles nunca risse e lhe dissesse com raiva “filiti mexican”. A segunda palavra ele entendia, a primeira não. Filiti? Filiti? No banheiro havia frascos de todo tipo e toalhas e ataduras e tubos de borracha e uma prateleira de metal com bandejas e bolas de algodão. Podia tomar banho sozinho, mas, já que eles se ofereciam, por que não? Gostava da

água tão quente que sua pele ficava vermelha e dolorida como se lhe cravassem mil agulhas por todo o corpo.

Na banheira fechava os olhos e os enfermeiros desapareciam. Mas às vezes algum dava um jeito de se meter atrás de suas pupilas. Ei, o que está fazendo aí? Tinha de lhe dar um safanão para que fosse embora. E deixar que visse apenas um céu negro e estrelado. E depois sentia pena deles e abria os olhos para que voltassem e, aí sim, eles sorriam, ficavam felizes. Coitados. Era preciso deixá-los ali. Caso se comportassem mal, já sabiam. Não era difícil fazê-los sofrer. Vingá-los do que faziam com ele. María Santa Ana sentiria orgulho. Era um prisioneiro que não se rendia. Um prisioneiro capaz de fazer seus inimigos se ajoelharem. Pensavam que o tinham detido, mas no fundo fora ele que os prendera. A guerra continuava em outro lugar, mas ali, bem ao norte, ele dava um jeito para que nem todos pudessem ir lutar contra seu país. Para que ficassem, distraídos, cuidando dele. Para que María Santa Ana ganhasse tempo. Porque tinha certeza de que ela não bandeara para o outro lado. Era como ele, fingia ser prisioneira para preparar o momento da libertação. As igrejas renasceriam. As destruídas seriam des-destruídas. As incendiadas seriam des-incendiadas. Viva Cristo Rei.

Também gostava quando vinham lhe dar injeções e remédios. Ouviu quando um doutor disse: morfina. Quando um enfermeiro disse: escopolamina. Quando outro médico disse: brometo. Quando alguém contribuiu para a causa: coldwater.

Os comprimidos eram coloridos e gostaria de poder colecioná-los, mas sabia que devia engoli-los com um copo d'água. Deixava os comprimidos flutuarem na água do copo. A água parecia segurar os comprimidos. Mas não seria o contrário? Será que os comprimidos não estavam segurando a água? Pisava no chão de mosaicos do edifício e sentia que se não fosse por ele o edifício levantaria voo e explodiria no espaço. Esta era uma de suas missões: sustentar o edifício. O jardim. A terra.

Desenvolveu uma tosse crônica. Sua cabeça doía o tempo todo. Só se acalmava quando começava a desenhar. Os enfermeiros e médicos eram atentos e lhe traziam cadernos e lápis de cor. Às vezes escrevia cartas para María Santa Ana e para seus filhos, mas escrever não era o termo exato: em vez de palavras, falava de seus dias por meio de imagens coloridas, um homem de chapéu que entrava e saía de edifícios sob um sol muito amarelo.

Os enfermeiros pediam que desenhasse coisas para eles. Certa vez entrou no consultório de um dos médicos e viu um de seus desenhos emoldurado na parede. Mas seu desenho não chamou tanto sua atenção quanto as outras gravuras. Um homem sentado numa cadeira no meio de um gramado, a seu lado outro homem com uma pinça e na mão uma pedra extraída da cabeça aberta do homem sentado. Um homem deitado numa mesa e um morcego revoloteando em torno dele. Desenhos de instrumentos que pareciam de tortura. Pacientes como ele, com a cara desfeita, línguas de fora, olhos esbugalhados e sorrisos como se estivessem bêbados.

As datas: 1583. 1623. Tanto tempo, e os coitados continuavam mal.

Encarregaram-no de trabalhos manuais na parte externa do edifício. Em determinados dias devia cortar a grama e podar as plantas do jardim; em outros, levavam-no a um sítio, e então ele devia ordenhar ou limpar a bosta das vacas, dar banho nos porcos ou cortar a lã das ovelhas. Começou a desenhar animais.

Depois de um tempo não o vigiavam mais, ele entrava e saía com total liberdade.

De vez em quando o homem que o trouxera ao edifício aparecia por lá. Fazia-lhe perguntas de todo tipo numa mistura de inglês e espanhol, Martín as entendia pela metade, mas não conseguia respondê-las direito. Uma pergunta constante era: what year is it? Isso ele entendia. E Martín remexia os bolsos de seus aventais com as mãos como se a resposta estivesse ali, depois tirava a mão com o punho fechado, a abria e mostrava ao sr. Walker o que pegara, e depois escrevia num papel “24 agosto 1925”.

O sr. Walker corrigiu-o uma vez: “June 16, 1931”. E outra: “October 9, 1931”. E outra: “January 20, 1932”. Martín continuava remexendo os bolsos.

O homem lhe mostrava desenhos numa tela na parede e dizia para ele escolher o maior, o mais fino, o mais redondo. Às vezes lhe mostrava manchas num papel e ele não sabia para que eram, mas se distraía com a forma que podia impor a elas, peixes, ou flores, ou casas. Em certas ocasiões a visita não era tão agradável, porque o levavam a uma sala vazia e o faziam sentar-se na maca e punham fios em suas têmporas e depois os choques o sacudiam e o deixavam dolorido por vários dias.

Eeeeeehhhh.

Uma vez o sr. Walker o fez olhar para um pêndulo oscilante por um bom tempo, até que Martín perdeu a consciência. Que não o provocassem. Podia fechar e abrir as pálpebras rapidamente. Aqueles que tinham desaparecido não teriam tempo de reaparecer inteiros. Só voltaria a metade de seu corpo, ou só pés e braços, ou um ombro flutuando, ou uma cabeça sem nada que a sustentasse. Já acontecera isso uma vez com ele, lá em seu povoado.

Que. Não. O. Provocassem.

O homem lhe trazia revistas nas quais havia desenhos e fotos. Ele via e tocava as letras: Sa tur d ayEv en ing P ost. Lif e. Ti Me. Havia notícias com grandes manchetes, fotos e textos que contavam o que estava acontecendo no mundo. Mas nada disso lhe chamava tanto a atenção quanto as páginas dedicadas à publicidade. Uma mulher com uma touca no cabelo estendia os braços e lhe oferecia um sabonete. Os braços pareciam prestes a sair da página. Martín a olhava, ensimesmado, era muito parecida com María Santa Ana. Esta era branca e loira e tinha o nariz arrebitado, mas suas feições eram as de uma mulher boa e boa. De noite sonhava com a mulher do sabonete, que fugia das páginas da revista e vinha se deitar com ele na cama, e as dores e os ruídos e o cheiro de amoníaco misturado com merda desapareciam.

Outra página da revista mostrava um trem metálico, luminoso, reluzente, e uma família embarcando, feliz. Ainda não pudera ver de perto esses trens recém-saídos da fábrica, de linhas aerodinâmicas e com nomes sugestivos nas laterais — AZTEC EAGLE era o que mais lhe agradava —, os que passavam perto do edifício eram mais velhos, de metal mofado, e quando construía as vias era óbvio que também não podia vê-los, porque só chegariam depois que ele e os outros trabalhadores assentassem os dormentes, se instalassem os sinaleiros e as barreiras que impediam acidentes, e se construísse a estação onde os passageiros iriam desembarcar e onde também iriam pegar o trem. Porque não se pode só desembarcar. Tampouco só embarcar nele. Ainda que a família feliz só quisesse subir no trem o mais rápido possível e depois se perder numa viagem pelos confins deste país, quem sabe?, e até mesmo chegar à fronteira, entrar no México, fazer a viagem de volta. Não seria interessante? Imaginar que não era nem ele nem outros mexicanos os que eram expulsos de seu país e tinham de ir procurar seu sustento no Norte, ganhar alguns pesos para que suas famílias pudessem viver dignamente, enfrentar a noite sozinhos, sem suas

mulheres, sem seus filhos, longe, bem longe, sentindo saudade. Imaginar que eram os gringos de famílias felizes os expulsos de seus país, os que iam em direção ao Sul em busca de trabalho e comida para suas mulheres e filhos, porque, claro, as famílias felizes não eram tão felizes, faltava tudo, as dívidas os devoravam, coitados. Sim, era assim. Os mexicanos ficavam no México, os gringos cruzavam a fronteira. Não seria melhor assim?

Ou não seria até melhor que ninguém fosse a lugar nenhum? Era tão doloroso, partir. A pessoa devia ficar na casa onde nasceu. Na rua onde nasceu. No rancho onde nasceu. No povoado onde nasceu. Na região onde nasceu. No país onde nasceu.

Onde. Nasceu.

Mas, se fosse assim, então o trem não teria razão de ser. Nem as fronteiras. Nem os países. Ah, Martín, essa você não podia imaginar. Se pudesse escolher, iria preferir um mundo sem trens ou com trens?

Não sabia. Sabia que preferia um mundo com revistas. Com páginas dedicadas a desenhos e fotografias de trens. De noite, os trens saíam das revistas e viajavam por suas pupilas. Ele viajava nesses trens sentado ao lado de uma loira parecida com María Santa Ana que esticava os braços e sorria e lhe oferecia um sabonete.

O sabonete até caía bem. Sempre precisava se lavar no edifício branco.

Houve uma época em que nada o acalmava e o prendiam à cama com correias. Gritava com tanta força que em poucos minutos a sala se esvaziava. Certa vez um enfermeiro o esbofeteou para que se acalmasse, mas Martín continuou gritando. Trancaram-no num quarto sem janelas no qual havia um gordo com uma cicatriz na têmpora direita. Entendeu que queriam assustá-lo: se continuar se comportando mal, vamos cortar sua cabeça como a do gordo e enfiaremos a mão lá e roubaremos seu cérebro.

Nessas semanas não o deixaram ir ao jardim nem ao sítio. Também não permitiram que ele desenhasse, e tiraram suas revistas. Não era agradável passar tantas horas do dia no edifício principal, e sem ter nada para fazer. Acabaria como aqueles velhinhos que só faziam olhar para o teto. Depois de quanto tempo olhando fixamente para uma parede apareciam manchas nela?

Passado esse período, ele voltou ao jardim. Uma tarde, quando estava sozinho regando as plantas, saiu correndo e fugiu do edifício. Chegou à cidade e não soube o que fazer. Parou numa esquina e olhou fixamente as pessoas que passavam. Uma senhora se assustou e lhe perguntou o que estava acontecendo. Martín pronunciou incoerências. Duas jovens quiseram ajudá-lo e ele mostrou a língua para elas e começou a tossir, depois baixou a calça e se masturbou diante delas. Alguém chamou a polícia.

Logo depois estava novamente em sua cama, em seu cômodo, no edifício. Seu edifício?

Levaram-no à sala dos fios e voltaram a fazer com que seu corpo se sacudisse com eletricidade.

Havia uma tempestade. Ele era o lugar onde os raios estouravam.

Aaaaahhhh.

Semanas depois o sr. Walker pronunciou seu veredicto diante de outros médicos e de Martín: *dementia praecox, catatonic form*. Martín não entendeu nada.

Mais fios. Mais tempestades. Mais raios.

Fugiu de novo outras quatro vezes. Numa delas acabou muito longe e ficou várias noites na prisão ouvindo o barulho ensurdecedor do trem que passava pelas redondezas.

Das outras vezes só aguentou três ou quatro dias antes de voltar ao edifício branco por conta própria. De noite tinha de dormir na rua ou num parque e sentia frio; ninguém lhe dava de comer; não tinha onde desenhar.

O que teria acontecido com María Santa Ana? Devia continuar presa pelos federais de seu país. Estavam no mesmo barco, lutando contra um inimigo comum que lhes tirara seus animais, seus filhos e queimara suas igrejas.

Voltaria para seu rancho e o des-destruiria. Voltaria para seu povoado e as imagens da Virgem seriam des-queimadas. Eles vão ver só. Questão de abrir e fechar os olhos.

Não falaria nada. Não a trairia.

Começou a desenhar trens. Cavalos com asas e cavaleiros com chapéus. Mulheres nuas montadas a cavalo. Quando sentia saudades de San José, desenhava suas casas, seus ranchos, suas igrejas, suas árvores, sua família, seus animais, suas festas — nas quais havia homens e mulheres dançando e tocando diferentes instrumentos musicais, principalmente uma viola de vinte e cinco cordas —, suas touradas. Seu cavalo retinto. El Picacho. Às vezes tentava fazer com que todas essas coisas formassem um mesmo desenho, tendo para isso de colar com fita adesiva várias folhas de cadernos.

Começou a recortar fotos e desenhos de revistas, que incluíam rostos de mulheres, aviões, carros. Seus preferidos ele tirava das propagandas de sabonetes e de trens. Passava horas sentado no chão colando esses recortes em seus desenhos. O sr. Walker gostou do que ele estava fazendo. What day is it?, perguntava-lhe. E Martín não respondia. February 21, 1936, escrevia ele. December 2, 1937. July 13, 1939. January 5, 1942.

E assim chegaram a 1948.

Juárez, México-Smithsville, Texas, 1985

Jesús viajou pelo Texas mais algumas vezes. Gostava da tranquilidade da viagem no trem de carga; passava a maior parte do tempo deitado no piso do vagão, levantando-se de vez em quando para esticar as pernas, espiar pela porta entreaberta e deixar que o vento batesse em seu rosto. Ainda se assustava quando sentia que o trem desacelerava ao se aproximar de uma estação. Jogava-se no chão, cruzava as mãos sobre o peito, fechava os olhos. Sentia os agentes de imigração se aproximando do vagão junto com seus cães. Certa madrugada, a cabeça de um agente despontou na porta. Jesús sentiu seu olhar penetrante na escuridão, os latidos do cão que tentava fugir da coleira de seu dono. Pouco depois a porta foi fechada e os passos se afastaram acompanhados pelos grunhidos do animal.

Também deparou com os agentes em El Paso antes de o trem partir, ele já escondido entre as caixas metálicas de um vagão. Espantou-se que o deixassem em paz, como se fosse invisível. De quanto seria a mordida? Muito, aqueles gringos safados eram caros. Ouvira dizer que um funcionário da embaixada no DF recebia trinta mil dólares por mês para autorizar vistos para os membros de um cartel.

Braulio lhe oferecia bicos na cidade, servir de chofer para convidados especiais, apanhá-los no aeroporto e levá-los ao hotel. Ia ao supermercado fazer as compras de Braulio. Gostava de dirigir seu reluzente Ford Explorer preto com vidros polarizados, ver as pessoas e não ser visto por elas.

Com o passar dos dias, foi ficando claro para ele que Braulio, apesar de sua aparência de pequeno comerciante, era um peixe graúdo. Ou pelo menos um peixe médio. Era casado, mas tinha dinheiro suficiente para manter Paloma, uma garota da idade de Jesús. Pagava o aluguel do apartamento dela perto do Instituto Latino-americano, dava-lhe presentes caros: peles de arminho num clima em que não se podia usá-las, uma tevê de tela gigantesca, cintos com incrustações de diamantes. Paloma era diminuta — Jesús a imaginava na cama, esmagada pela barriga de Braulio —, mas quando sorria seus olhos se iluminavam e sua presença era notada pelos homens que se aproximavam. Não fazia o seu tipo, mas entendia o que o sr. Braulio tinha visto nela.

Saía com Coquis, uma puta de cabelo tingido que vivia na colônia Anapro e preferia o sexo cru, sem enfeites; não lhe interessavam os jogos que chamavam a atenção dele. Mudar de posição não era suficiente para Jesús. Também queria amarrá-la, bater em sua bunda, dar tapas no rosto. Um dia, bêbado e drogado, mordera o pescoço dela até sangrar. Ela se assustou. Ele explicou que quando se entregava de verdade não conhecia limites. Afinal, não queria que ele fosse todo dela? Deixar-se levar significava ter

impulsos canibais: vontade de arranhá-la, vontade de fazê-la chorar de uma dor que era também felicidade. O argumento não convenceu Coquis.

Naqueles dias, naquelas semanas, não pensou muito em María Luisa. Às vezes se lembrava do padre Joe. Um dia acharia um jeito de ele ficar sabendo como estava se dando bem.

Parou de ir à oficina e se tornou um ajudante pessoal de Braulio. Trabalhava como chofer, guarda-costas, garoto de recados. Quando tinha um tempo livre, via esportes na tevê: luta livre, beisebol, futebol americano.

Aproximava-se da janela da sala, do pátio. Olhava para fora, para as árvores empoeiradas na calçada. Sentia por dentro uma energia acumulada que lutava para se libertar.

Certa madrugada em que estava com Coquis em seu quarto, levantou-se da cama, abriu o armário e procurou a máscara do Mil Máscaras; colocou-a e voltou para a cama. Arrancou-lhe a roupa com raiva, enquanto ela, meio dormindo, perguntava o que estava acontecendo. Nada, porra. Deu-lhe uma bofetada e penetrou-a. Coquis estava seca e seu pau ardeu. Ela reagiu e mordeu a mão dele. Ele levou a mão à boca.

O que é que você tem, pelo amor de Deus? Sou eu, o que é que você tem?

Devia pegar sua faca? Estava fresco em sua memória o que fizera em Landslide, a sensação poderosa do sangue que fervia por todo seu corpo enquanto despachava aquela garota chamada Victoria. E a puta do California, como se chamava? Lucy, Suzy... Suzy! Queria repetir a experiência. Mulheres. Todas umas safadas, como sua irmã. Elas já iam ver como ele ia pôr cada uma em seu lugar.

Enquanto ele procurava na cômoda alguma coisa para aliviar a dor, Coquis recobrou o fôlego, se vestiu e foi embora. Gritou para que ele não a procurasse nunca mais.

* * *

Braulio lhe pediu que voltasse para o outro lado. Precisava pegar um Ford Explorer de Smithville. Os Explorer eram novos e estavam na moda; ninguém queria mais os Bronco, tinham ficado pequeníssimos comparados com o Explorer.

Aceitou. Estava a fim de fugir de Juárez por alguns dias.

No trem, num vagão com cheiro de mijo e um carregamento de caixas de metal, voltou a sentir a vertigem, a liberdade de movimentos. Sentia-se avançando para o futuro. Estava usando o blazer cinza porque lhe dava sorte; não quisera tocar nele, nem mesmo arrancara o papelão com o preço pendurado num dos bolsos.

Passou por povoados pequeníssimos nos quais o trem não parava, campos secos e extensos nos quais se divisavam tratores, figuras diminutas perambulando atrás de vacas, pontos brancos e amarelos que se inclinavam para o chão, para apanhar o quê? Quando a noite chegou, ficou excitado. Sentia-se abraçado pela escuridão. O trem logo iria frear rapidamente ao se aproximar da estação, e ele comprovaria de novo seu poder. Porque chegara à conclusão de que alguma coisa o protegia e nada de ruim lhe aconteceria.

Desta vez passara pela revista do trem em El Paso sem sentir que essa cena repetida se transformara em algo rotineiro. Não houve cães com o agente, mas houve a mesma emoção ao vê-lo chegar a um metro de onde estava, jogado no piso do vagão. Seus olhos se encontraram e o agente disse alguma coisa em inglês, talvez tenha praguejado, antes de continuar seu percurso de vigilante subornado.

Devia ter trazido alguma coisa para comer. Tinha apenas um pacote de M&M's e duas barras de Snickers nos bolsos do blazer. Estava com fome e ainda faltavam algumas horas para a viagem terminar.

Depois de quarenta e cinco minutos, o trem diminuiu a velocidade. Talvez estivessem passando por um povoado. E se saltasse ali? Seu estômago, nervoso, fazia barulhos.

O próximo trem de carga passaria dentro de doze horas. Haveria um atraso, mas os contatos de Braulio não fariam nada até ele chegar. Talvez telefonassem para o chefe perguntando o que tinha acontecido, mas só isso. Braulio lhes diria para esperar. Jesús era seu homem de confiança, nunca havia falhado, certamente fora apenas um percalço no caminho.

Casas recortadas junto aos trilhos do trem, luzes amareladas e retangulares das janelas, sombras conjuradas sobre os telhados. Tudo tão aprazível, valia a pena uma visita.

Pulou do vagão e, embora tenha caído de pé, sentiu uma dor aguda no joelho. Começou a caminhar mancando ligeiramente.

Uma casa com uma janela entreaberta. As luzes do térreo estavam apagadas, mas havia vida no segundo andar, a julgar pelo reflexo de uma tevê ligada na janela de um dos quartos.

Não teve dificuldade em pular a cerca, atravessar o jardim, chegar à janela. Abriu-a por completo e viu uma sala com poltronas antigas e um piano coberto com uma capa de plástico. Espiou as revistas sobre uma mesinha ao lado de um sofá — *People*, *AARP Magazine* — e por um instante se imaginou com uma vida emprestada neste país que não era o seu, recebendo amigos à noite, cortando a grama aos sábados de manhã, vendo tevê com sua mulher e os filhos nas noites de domingo, um cão ou um gato a seus pés.

Sentiu nojo dessa fantasia, de ter essa vida.

Acendeu a luz da cozinha, abriu a geladeira. Havia fatias de presunto de peru num saco plástico. Comeu todas. Arrematou uma maçã e um queijo. Serviu-se de um copo de leite, pegou uma caixa de bolachas numa prateleira. Um calendário na parte superior da geladeira, um ímã com um desenho do presidente Reagan e outro com o chihuahua do Taco Bell, fotos de uma idosa de cabelo branco junto com três mulheres, suas filhas? Pareciam felizes. O marido teria morrido?

Podia sair da casa, vagar pelo povoado até que chegasse a hora do trem passar. Mas ficou abrindo armários. O que estava querendo?

Seus movimentos eram cada vez mais bruscos, sentia o coração acelerado.

Fechou com força um dos armários. Ouviu passos no andar de cima, uma voz no patamar da escada.

Is that you, Joyce?

Já sabia o que queria.

Honey, tell me something, please. Don't scare me like that.

Abriu gavetas, pegou uma faca.

Iria esperá-la? Ou iria atrás dela?

Smithsville, Texas, 1985

O *ranger* Rafael Fernandez entrou na casa cercada por fitas amarelas. A porta principal estava aberta, os policiais iam e vinham. Ao entrar na sala cumprimentou o capitão Smits, que falava pelo walkie-talkie com um de seus subordinados. Sem parar de falar, o capitão lhe indicou a escada que levava ao andar de cima. Havia marcas de giz no chão e nos degraus inferiores, indicando o lugar onde fora encontrado o corpo da idosa, agora no necrotério.

O capitão parou de falar e se aproximou de Fernandez. Apoiou a mão num dos ombros dele, com seu típico jeito bonachão. O policial recuou. Não gostava que as pessoas se aproximassem muito.

Alguma novidade?

Olivia Havisham, setenta e cinco anos, viúva, professora aposentada.

O capitão lhe passou uma pasta com fotos de uma polaroide da cena do crime e os relatórios do médico-legista e do patologista. As fotos o deixaram amargurado: o assassino tinha torturado a mulher.

Cortou-lhe a garganta com uma faca e a cravou no peito, disse o capitão. Segundo o relatório do legista, a morte não foi instantânea. A idosa teve tempo de perceber o que estava acontecendo com ela.

O que estava deixando de acontecer com ela.

Isso. O motivo parece ter sido roubo. As gavetas onde a senhora guardava suas joias foram revistadas meticulosamente. Uma das filhas diz que faltam brincos, pulseiras, correntes. Joyce é a única que mora aqui, as outras duas já foram avisadas, devem chegar hoje à tarde.

Fernandez lembrou um dos axiomas que ouvira de um agente do FBI especializado em perfis de criminosos: o assassino sempre deixa alguma coisa na cena do crime e leva alguma coisa da cena do crime.

Sabemos o que ele levou, disse, devolvendo a pasta. Mas o que ele deixou?

Marcas por toda parte. Não foi uma coisa premeditada. Também não parecia interessado em não ser descoberto.

Fernandez perguntou se podia ir até o andar de cima. Se não tocar em nada, tudo bem, disse Smits. Segundo o legista, não deveríamos nem caminhar por aqui. Sujamos sua cena do crime, não acha irônico? Deixamos marcas por toda parte. Enfim. A filha está no quarto da mãe. Não quer sair de lá, ainda não se recuperou do choque.

Imagino.

Mas não era verdade que imaginava isso. Sua mãe em Abilene, frágil, só ossos, na cama do asilo, via tevê nas horas em que estava acordada, incapaz de reconhecê-lo quando ele entrava para visitá-la. Uma embolia a deixara sem fala; às vezes abria a boca e lhe mostrava a língua, uma metade queimada como se

um raio a tivesse sacudido. Foi assim, no fim das contas: com o infarto, muitos neurônios do cérebro foram destruídos, e com isso levaram consigo os circuitos que se comunicavam com a língua, a articulação das palavras.

Em suma: preferia ter sua mãe desse jeito do que jogada numa prancha de metal no necrotério.

Suspeitos?

Havia uma janela aberta. O assassino não a conhecia, ao que parece. Viu a janela aberta, entrou para roubar, topou com a idosa, matou-a. Tudo muito limpo.

A ocasião faz o ladrão.

Talvez o ladrão já estivesse feito. Ainda que bem desajeitado. Logo saberemos se está fichado.

Fernandez pigarreou e foi olhar as fotos da idosa e de suas filhas nas paredes. Na porta de um restaurante. Perto de uma pista de esqui. Numa praça que parecia ser de um povoado mexicano. Mais uma família destruída. A morte, porém, não fizera mais do que continuar desfazendo o que já estava desfeito: não se via o pai em lugar nenhum. A morte só acelerava o processo gradual de decomposição no qual todos estavam imersos desde o momento em que nasciam. Era só pensar em sua própria família. Em Cherise, que um dia ele amou e que agora odiava com uma força que o espantava. Em seus filhos, a quem se entregara quando crianças e que agora, no início da adolescência, viam-no como um ser estranho, alguém que falava inglês com um sotaque muito forte (corrigiam sua pronúncia de *comfortable* e *vegetable*, era *evakiueizion* e não *evacueizion*, em *salmon* o *ele* era mudo, diziam que usava os artigos para tudo, *pass me the Tabasco, please, I want the ice cream*), incapaz de ouvi-los, de lhes dar os conselhos de que precisavam.

Subiu ao segundo andar acompanhado por Smits. Veio assim que soube do assassinato. O povoado não ficava nem a uma hora de Landslide. Era um dia relativamente tranquilo, tinha um tempo livre e seu chefe pediu voluntários para cobrir a ocorrência.

Antes de entrar no quarto da idosa no andar de cima, Fernandez se aproximou da janela no corredor entre a escada e o quarto. As cortinas estavam descerradas e a poeira flutuava no ambiente. Dali era possível avistar com clareza a forma tentadora com que a casa se oferecia às pessoas que passavam na rua ao lado dos trilhos do trem. Uma idosa sozinha, pronta para ser roubada ou até mesmo violentada e assassinada. Havia gente louca por toda parte, ou melhor: todos estavam loucos nos dias de hoje. Havia alguma coisa no ar que estava deixando as pessoas mais insensíveis. No homem mais cordato existia a tentação do estilete próximo para interromper uma conversa arrevesada, um revólver para tirar a vida daquele que se animasse a levantar a voz.

A filha, Joyce, estava jogada numa poltrona de vime num canto do quarto; ajoelhada a seu lado, uma mulher, policial ou enfermeira, ou as duas coisas, tomava seu pulso. Fernandez se aproximou, murmurou um tímido *meus pêsames*, inclinando a cabeça, e se virou sem esperar resposta. Incomodava-o cansar a intimidade dos parentes. Isso já lhe acontecera mais de uma vez, era o que mais o desgostava em sua profissão. Os mortos, mortos estavam; os vivos ficavam com o problema ou com a dor, com as dívidas e as explicações e as meias verdades, sem saber por onde começar a preencher aquele buraco imenso, ou talvez nem tanto, que acabava de ser criado graças ao capricho de um ladrão ou a um acidente; as formas de partir deste mundo eram tantas e tão fáceis.

Aproximou-se para examinar as paredes, os quadros de madeira, lembranças de uma viagem à

Guatemala que narravam uma cosmogonia. A enfermeira se levantou e saiu.

A idosa se deitara na cama para ver tevê cobrindo-se com a manta cor de café com desenhos do Novo México que se encontrava sobre o travesseiro. No criado-mudo, uma pilha de livros e revistas. Fernandez se inclinou para espiar os títulos. Não lhe interessava saber nada sobre seus colegas de trabalho ou seus vizinhos quando estavam vivos, mas assim que eles visitavam a morte todos os detalhes adquiriam relevância. O que liam, que cereais comiam, a que horas iam à academia, quais eram seus programas favoritos na televisão. Esses detalhes serviam para que esse morto que já não podia falar se comunicasse de algum jeito. Quase todo mundo era indiscreto e xeretava na vida dos outros com os quais compartilhavam o mesmo espaço; alguém tinha de se preocupar com os que já não estavam aqui.

E o que diziam esses livros? Que a sra. Havisham estava preocupada com suas economias. Que sonhava com uma viagem à Riviera Maia. Que lia romances policiais retirados da biblioteca municipal: Elmore Leonard, Ruth Rendell, P. D. James.

Teria sido interessante: a idosa lendo um romance policial sobre um assassino que entrava pela janela da casa de suas vítimas, quando um assassino de idosos entrara pela janela de sua casa e a assassinara.

Mas não. Ela estava vendo televisão. Ele ia perguntar que canal. Será que o programa que ela estava vendo poderia dizer alguma coisa sobre sua morte? Provavelmente, não. Mas para Fernandez esses detalhes tinham importância.

Aproximou-se da filha. Não precisou abrir a boca para que ela começasse a falar.

A culpa é minha, disse. Mamãe se queixava de solidão, queria ir morar numa casa de repouso. Para mim era uma ideia intolerável, então insisti para que ela não fosse e prometi vir vê-la mais vezes. Tudo, no entanto, acabava sendo mais urgente do que visitá-la. Deixei-a sozinha.

Calma, disse Fernandez, apressado: não queria vê-la chorar.

Teria dito a ela o que dissera em outra ocasião a um familiar em circunstâncias similares: todos, no fundo, estão sozinhos. Mas, como havia aprendido que essas palavras não consolavam ninguém, permaneceu calado.

Se o que você quer saber é se senti falta de alguma coisa especial, de valor, disse ela, a resposta é não. Faltam muitas joias, mas quem as levou não parece ter escolhido nada. Simplesmente meteu no bolso o que conseguiu. Estão faltando alguns livros da biblioteca, mas imagino que isso não conte. Ela era bem distraída, deixava-os por toda parte, teve de pagar muitas multas. Não sei se distraída é a palavra, sua memória andava falhando.

Joyce tinha um rosto nobre. Um rosto digno, apesar do pronunciado contraste entre as faces lisas e os pés de galinha. Era uma mulher jovem não tão jovem.

Muito descuidada, a sua mãe. Colares, anéis à vista de qualquer um, nada fechado à chave.

Ah, sim, ela era assim. Insistimos tanto para que avaliasse suas joias e as pusesse num cofre no banco. As faxineiras roubavam suas coisas. E eu dizia mamãe, você não aprende. E ela: o que você quer, elas são pobres, é preciso ajudá-las. Como se sua função na vida fosse estar ali para que a roubassem.

Rafael pensou nos roubos de pouca monta quando tinha doze anos, para ajudar os pais, que trabalhavam ilegalmente numa indústria têxtil em Calxico. Mas aquilo não tinha durado muito. Quando era menino em Mexicali, seu sonho era ser policial, porém logo se decepcionou quando ficou sabendo que os agentes encarregados de velar pela ordem eram os mesmos que apareciam toda primeira sexta-

feira do mês na destilaria de seu pai, ameaçando fechá-la se ele não pagasse. Quando a situação se tornou insustentável e um incêndio “acidental” acabou com a destilaria, seus pais decidiram atravessar para o outro lado. Meses depois, ao pisar o solo dos Estados Unidos, Fernandez teve a certeza de que não haveria retorno, que esse era seu novo e único país.

Antes de sair, pediu que ela tentasse se lembrar se havia visto algum suspeito rondando a casa de sua mãe. Se conseguia pensar num jardineiro, numa faxineira, em alguém capaz de fazer aquilo.

Joyce o olhou com apatia, como se quisesse arrancar dele uma promessa de encontrar o assassino, para depois pensar que não, que não valia a pena, isso era muito batido.

Pode entrar em contato comigo para o que for preciso.

Smits o esperava no patamar da escada.

A imprensa está lá fora, disse. Você terá de lhes dizer alguma coisa. É preciso alimentá-los.

Rafael pensou que talvez fosse melhor que não o designassem para esse caso. Uma culpa a menos com que lidar se não encontrasse o criminoso. Era perseguido pelos fantasmas dos mortos dos quais ficara encarregado e cujos assassinatos não tinham sido resolvidos. O arquiteto esfaqueado em seu escritório por um de seus sócios, solto por falta de provas; aquela garota sueca, o cadáver perto dos trilhos do trem em Landslide, e jamais um suspeito...

Diga-lhes que as investigações estão seguindo seu curso, que há várias pistas, o de sempre.

Tenho um plano melhor, disse Smits. Contar a verdade. Que não temos suspeitos. Que o assassino desapareceu como se a terra o tivesse engolido. Como se fosse invisível.

Isso irá alimentar a morbidez.

Perfeito, não?

Talvez o capitão estivesse certo. Já ia longe a época em que a missão da polícia era acalmar os ânimos exaltados da população, passar a certeza de que a ordem voltaria a ser restaurada. Os tempos de hoje eram histéricos, para ganhar a partida a polícia devia aqular o ânimo das pessoas; fazer com que se dessem conta de sua insegurança, motivá-las a denunciar o suspeito que rondava a vizinhança, despertar nelas o fervor da turba disposta a linchar um estranho pelo mero fato de ele ser um estranho.

Despediu-se de Smits; disse-lhe que ia dar uma passada no necrotério antes de voltar a Landslide, pediu que o mantivesse informado.

Juárez, México; diversas cidades dos Estados Unidos, 1985-1988

Jesús topou fazer mais viagens para o outro lado. No começo o esperavam com os carros prontos para ser levados, depois ele mesmo devia roubá-los. Braulio confiava na habilidade que ele havia mostrado na oficina para desmontar carros, abrir suas portas ou ligá-los sem a necessidade de chave.

Logo se tornou um ladrão habilidoso. No início, as picapes e os SUVs lhe ofereceram resistência, mas depois começaram a cair.

Aproveitava para explorar o país nos trens de carga. Ia para toda parte com uma maleta azul de lona, dessas que os tenistas usam para guardar suas raquetes, e o blazer cinza, não importava quão sujo estivesse.

Uma de suas rotas favoritas tinha a Califórnia central como objetivo. Às vezes seguia por Dening, Tucson, Yuma, Palm Springs e Los Angeles, para depois subir por Bakersfield rumo a Stockton. Outras vezes ia a Bakersfield por Albuquerque e Gallup, Flagstaff e Barstow. Também gostava de viajar para os Grandes Lagos. Para isso, dirigia-se primeiro a Landslide e depois ia subindo no mapa por Dallas, Texarkana e Little Rock até Saint Louis, que lhe servia de base de operações para pegar a direção de Chicago e Detroit. No começo não tinha interesse pelo nome dos lugares para os quais viajava; depois foi memorizando itinerários e descobrindo que tudo ficava mais fácil se soubesse para onde ir e o horário de chegada e partida dos trens.

Nos povoados e cidades aos quais chegava à noite, pulava do vagão e ia procurar casas desertas para saquear joias e outros objetos que conseguia enfiar na maleta. Vendia esses objetos em lojas de penhores; ficava com os que lhe agradavam mais.

Às vezes via gente nas casas, estudantes ou idosas sozinhas, e tentava entrar. Entraria para roubar, mas o roubo seria apenas um pretexto para o que lhe interessava de verdade. Mulheres que o ignoravam quando o viam perto de uma estação ou num supermercado. Gringazinhas incapazes de aceitar sua existência. Seria fácil despachá-las. A tentação era enorme, mas conseguia se conter. Não queria arrumar confusão.

Procurava lugares onde pudesse comer de graça, igrejas e lojas do The Salvation Army. Tentava praticar seu inglês rudimentar com os padres e voluntários que o atendiam, com os vagabundos e mendigos que se sentavam à mesa com ele. Seguia os Niners o mais que podia.

Foi preso por agentes da imigração quando o trem no qual viajava fez uma parada em Brownsville. Abriram as portas do vagão e lhe apontaram suas armas; Jesús estava dormindo jogado no chão e acordou assustado. Algemaram-no e o levaram a um escritório. Depois de perguntar seu nome e registrar

no computador os dados falsos que ele lhes fornecera, disseram que iam devolvê-lo ao México.

What's your real name, son?

Jesús María José González Reyes. Mas ele jamais o diria a eles.

Jesús González Riele. Estava bom assim. Em outras ocasiões havia usado Reyle, Reyles.

Disseram-lhe que o fato de ele ser apenas um garoto o salvara. Mas não faça isso de novo, son. Don't push your luck.

Um dos agentes escreveu no livro de ocorrências: "Arrest teenager illegally hopping freight train in the U. S. Return him to Mexico through Brownsville".

De volta a Juárez, Jesús decidiu que a experiência, em vez de intimidá-lo, o animava a voltar. Agora sabia que, se o detivessem de novo, os riscos de que o mandassem para a prisão eram mínimos. No máximo o escoltariam de volta até a fronteira. E lhe dariam de comer e um bom lugar para dormir. Nada mal.

Pouco tempo depois, foi detido pela polícia num trem de carga em Sterling Heights, Michigan. A culpa foi de três bêbados que tinham subido no mesmo vagão que ele. Jesús lhes deu outro nome falso: José Reisel González; não encontrando no computador um registro com esse nome, a polícia o mandou para McAllen. A imigração de McAllen o devolveu ao México duas semanas depois.

O que entusiasmou Jesús nesses dois encontros foi que conseguiu falar inglês com a polícia. Com um dos agentes manteve uma conversa sobre Jerry Rice. O agente se mostrou surpreso: I thought you guys liked soccer down there. Soccer is for sissies, respondera Jesús, e o agente riu e deu-lhe uns tapinhas nas costas.

Podia-se dizer que ele entendia um pouco como o país funcionava do lado de lá da fronteira. Era um gigante tosco, desajeitado. Como todos os gigantes, tinha vulnerabilidades que não se viam facilmente. Quando descobertas, era fácil usá-las em proveito próprio. Os policiais comoviam-se ao ver seus olhos de menino assustado. As velhinhas e os casais jovens deixavam suas portas abertas para que ele fizesse das suas. Nas casas de penhores não lhe pediam documentos. Diziam que tinham endurecido as medidas contra os imigrantes, que o país não podia aceitar tanta invasão, mas ele não sentia essas restrições. Apesar de suas queixas, precisavam de gente como ele. Em vez de detê-lo, preferiam olhar para o outro lado.

Sentia-se inquieto, mas pelo menos não era visitado por aquelas visões de incêndios e inundações acabando com o mundo que haviam tirado sua paz durante tanto tempo. Poderia até se reconciliar com María Luisa. Que teria sido feito dela?

Quando estava em Juárez passava a maior parte do tempo longe de casa. Ia a cantinas, à Plaza Monumental de Toros e a corridas de cães. Via luta livre na tevê, emocionava-se quando Mil Máscaras cortava a cabeleira de algum atrevido que se atrevera a desafiá-lo.

Um dia Miguel, um de seus velhos colegas na oficina de Braulio, disse-lhe que não gostava de luta.

É que não passa de um teatrinho. Você acha que essas chaves, essas pranchadas, esses pontapés voadores não foram combinados com antecedência? Show dos bons, mas só um show, nada mais, cara. Antes da luta os empresários da Arena México e os da luta se reúnem e aí decidem ao acaso quem vai ganhar, que chaves vão ser dadas, em que ordem. O que você pensa?

Jesús empurrou Miguel, derrubou-o no chão e o espancou. Outros companheiros os apartaram.

No dia seguinte Braulio chamou a atenção dele e disse que não queria problemas entre seus funcionários. Jesús se desculpou.

No decorrer das semanas foi comprovando que Miguel tinha razão. Quis continuar curtindo o espetáculo, mas não conseguiu. Via os mesmo lutadores na tevê, Mil Máscaras dando voltas no ringue, mas não era mais o mesmo. Aquele salto, aquele safanão, aquela chave... Estava sendo enganado há anos. Como era possível uma coisa dessas? Tanta adoração, e no fim tudo não passava de pura farsa. Nada os diferenciava dos atores de cinema. Então o melhor era aplaudir Jackie Chan.

Pegou as máscaras que guardava num armário, fez uma pilha, espirrou querosene nelas, jogou um fósforo em cima e sentiu-se melhor.

Reunia-se com Los Satánicos, um grupo de garotos que morava numa casa abandonada na colônia Bellavista. Havia mesas de bilhar, pebolim e um jukebox no primeiro andar; com o rock a todo volume, Jesús cheirava pó e depois ia para os bordéis nas calles Mariscal e Acacias. Também ia a cantinas em busca de garotas sozinhas das fábricas. Houve alguns estupros. Dizia que elas o haviam provocado, por ficarem azarando e depois darem uma de gostosas.

Embebedava-se, fumava maconha.

Vendia no Revolution mall os colares e brincos que roubava, escondia o dinheiro num *locker* do terminal rodoviário; lá também guardava umas mudas de roupa e um revólver roubado em Detroit.

No verão passou três semanas por mês do lado de lá da fronteira. Roubava um carro a cada duas semanas; o resto do tempo passava em trens de carga, roubando casas cada vez maiores. Assim conseguiu dois revólveres. Parte do dinheiro obtido ele usava para comprar drogas. Largou a maconha e se iniciou na cocaína. Sua cara ficou inchada, apareceram manchas roxas nas faces. De noite suava e voltou a ter visões de incêndios e de chuvas, de abismos que se abriam na terra.

Certa vez, ao quebrar um vidro para entrar numa casa, cortou o dedo. Parecia hipnotizado vendo o sangue jorrar e se deixou levar por seu cheiro de cobre; pôs o dedo na boca e sentiu um gosto metálico. Improvisou uma atadura com um pedaço de pano de um dos bolsos da camisa e estancou o gotejamento, mas depois descobriu que queria ver mais sangue saindo, tirou o pano e não entrou na casa.

Estava tentando refrear seus impulsos mais violentos. Escolhera casas vazias deliberadamente. No entanto, sentia que era cada vez mais difícil se controlar. Roubar casas e carros com facilidade não lhe dava a sensação de vertigem e euforia da faca na mão, disposto a acabar com vidas desnecessárias.

Alguém o tinha enviado para fazer o que precisava fazer.

Num verão, pegou o trem de carga para a Flórida. Era mais lento do que o habitual, o que permitiu que ele descesse várias vezes para assaltar casas, sair correndo e subir no mesmo trem antes que ele deixasse o povoado.

Houve escalas em Saint Petersburg, Boca Raton, Fort Lauderdale, West Palm Beach.

Na estação de West Palm Beach, alugou um *locker* para deixar as joias e o dinheiro levantado e pegou um trem rumo a Miami.

Eram seis horas da tarde quando saltou do trem ao passar por um bairro da periferia da cidade. Não

foi difícil encontrar uma casa vazia. Era um sobrado verde de madeira com um jardim bem cuidado.

Entrou pela porta automática da garagem, que estava aberta. Na garagem havia um Toyota vermelho com um amassado no porta-malas e, ao lado dele, espaço para outro carro; teriam saído para fazer compras, para jantar? Perto dali, um cortador de grama e duas bicicletas amarelas; numa estante de alumínio, ferramentas amontoadas para trabalhar madeira. O galão de lixo até o topo, sacolas de centros comerciais, uma gaveta com os enfeites do último Natal.

Nas paredes do andar de baixo havia fotos em molduras de metal. Ela era morena e gorducha, tinha cabelo preto e olhos puxados. Ele era loiro e sardento, alto, esportista (muitas fotos jogando tênis).

Um aparelho de som e uma televisão na sala. Vídeos de filmes de terror, uma coleção dedicada a Drácula e ao Lobisomem. CDs de Gloria Estefan e Miami Sound Machine, Luis Miguel, Stevie Wonder.

Nas paredes de um escritório no andar de cima, estavam os diplomas: ela era dentista, ele, oftalmologista. Na tela do computador, uma foto dos dois num barco, o entardecer violeta a suas costas.

Entrou no quarto principal.

Tinha dado dois passos quando de repente uma silhueta pulou da cama e foi correndo para uma porta à direita. Uma mulher. Pulou atrás dela e agarrou a maçaneta da porta, impedindo que ela se fechasse no banheiro. Precipitou-se sobre ela tentando jogá-la no chão, mas ela escapuliu e voltou para o quarto. Jesús se virou e a seguiu.

Sentiu um golpe na cabeça. O impacto o jogou no chão. Tentou se levantar, mas não conseguiu: a mulher partia para cima dele, o mordida e puxava seu cabelo. Lutou para se libertar. Ele era menor, mas devia ser mais forte. Empurrou-a com toda a disposição e conseguiu escapar. Levantou-se, resfolegando. Viu-a armada com um pau, correndo rumo à escada e gritando histericamente; foi atrás dela.

Perdeu-a de vista. Talvez tivesse ido à casa de um dos vizinhos.

Pegou as chaves do carro num aparador ao lado do telefone. Entrou no Toyota na garagem. Ligou: o motor explodiu num ruído de engrenagens sobressaltadas. Foi para a rua, hesitante. Para onde ir?

Virou para a direita, dirigiu por três quadras até encontrar um cruzamento com uma avenida. Entrou à esquerda. Os letreiros e os semáforos o deixavam atordoado: havia sinais por toda parte. Nada se comparava a se deixar levar nos vagões de um trem de carga, onde tudo começava a se mover enquanto ele, deitado no chão, assistia ao desfile interminável de paisagens pelas frestas da porta. E quando dirigia um carro era em território familiar, por algumas poucas ruas de cidades que conhecia bem, e depois a liberdade da estrada.

A polícia o deteve duas horas depois, quando tentava se afastar de Miami. Dirigira por cento e quarenta e cinco quilômetros.

Dois meses depois, uma corte do estado da Flórida considerou Jesús culpado de assalto com circunstância agravante, de ingresso ilegal numa casa e de roubo de carro. Jesús teve um pouco de sorte: não o associaram a seus crimes anteriores no Texas.

Deram-lhe vinte anos de prisão, a mesma idade dele.

Estava escrevendo uma versão de *Luvina* com zumbis, quando o celular tocou. Era Fabián. Estou interrompendo alguma coisa? Posso ligar mais tarde.

Você não vai ligar mais tarde. O que foi?

Rememorando os velhos tempos. Não se anima a me visitar?

Era meia-noite, eu estava de shorts e com uma camiseta de dormir, as luzes do estúdio apagadas, exceto a lâmpada da escrivaninha. O dia fora exaustivo no Taco Hut; depois de uma soneca para me recuperar, eu estava começando a escrever.

Perguntei se ele estava bem.

Depende. Alguns gins-tônicas subiram rápido.

Ah, é por isso.

Não é só por isso.

Ele podia ter se esforçado mais para justificar o telefonema.

Chego em mais ou menos meia hora.

Desliguei.

A porta principal estava entreaberta quando cheguei. Chovia: as folhas das plantas brilhavam no jardim. Desci da bicicleta, pisei nas poças da trilha de cascalho pela qual se chegava à varanda, enlameei a bota na ansiedade de estar outra vez nesse território que um dia fora meu.

A casa tinha mais de um século, fora restaurada havia uma década, mas mesmo assim seu piso e as paredes de madeira não paravam de ranger. Woodstock, o gato cinzento de Fabián, olhou-me desanimado da varanda. Deixei a bota sobre o capacho, no vão da escada a bicicleta preta de Fabián; apoiei minha bicicleta numa das paredes do corredor de entrada. Havia luz acesa na cozinha, mas ninguém no andar de baixo; não era estranho, Fabián só descia quando resolvia cozinhar. Subi os degraus quase aos saltos. Ao longe, no quarto no final do corredor, ouvia-se a voz de Billie Holliday, uma dessas canções de amores desconstruídos e imperfeitos nos quais Fabián estava virando especialista.

Ele estava sentado na cama olhando a mesinha de centro cheia de livros empilhados. Seu olhar pousou em mim, embora eu não tivesse certeza de que ele notara minha presença. Voltou a mergulhar os olhos na mesinha. Observei o quarto com atenção, certificando-me de que tudo estava no lugar, de que na minha ausência nada fora mudado. As fotos esmaecidas de um eclipse e de um cometa tiradas por um telescópio. A capa de um *Saturday Evening Post* de 1932 com um desenho de Norman Rockwell no qual

o tema era uma garotinha desenhista, Fabián colecionava citações metalinguísticas sobre arte, desenhos sobre desenhistas, textos que se referiam a outros textos.

De um lado do criado-mudo, dois relógios de mesa, o de seu quarto e o da sala, completamente esmigalhados. Que foi isso?, perguntei, apontando para os relógios.

O tique-taque estava me deixando louco, então desci o martelo neles. Depois percebi como fui idiota. Porque o tempo continua avançando. E porque talvez a mensagem de fundo fosse que não é preciso dormir. Que na verdade nunca é preciso dormir. Três, quatro horas por dia e só. É duro quando estou acordado, mas é pior quando fecho os olhos. Então, entre um mal e outro o melhor é ficar de olhos abertos. Mas não se preocupe, farei o possível para deixar você dormir.

Havia em seus olhos a promessa cansada de alguém que deseja flertar, mas que no fundo sabe que está além desses jogos e não acredita nem em suas palavras nem em seus gestos, feitos mais pela força do hábito, ativados de maneira inconsciente pela memória do corpo. Houve, sim, outras noites em que esse flerte teve consequências. Como não queria ficar melancólica, afastei essas imagens da cabeça.

Fabián mexeu o nariz como se estivesse reacomodando as fossas nasais e se jogou na cama. Aproximei-me de uma cadeira entulhada de livros, coloquei-os no chão e me sentei.

Para alguém que diz que livros são uma porcaria, aqui tem livro demais. Um Kindle viria a calhar. O hábito é a última coisa que se perde. Vou acabar meu manuscrito e nunca mais abrirei um livro na vida.

Não é preciso ser tão taxativo.

Por que não? É a única maneira de chegar a algum lugar.

Como estamos solenes esta noite...

Não enche, sua bobinha, pegou um saquinho de pó branco debaixo do travesseiro. Pensei que você fosse demorar mais. Não quer deitar aqui do meu lado? Há espaço, embora não haja espaço.

E vamos ficar os dois olhando para o teto?

A tempestade sacudia as paredes da casa. Um raio iluminou a noite numa janela e deixou ver, no pátio do vizinho, os galhos de duas árvores que se batiam, entrelaçadas como espadachins em um duelo.

Quis ver em Fabián alguma forma intensa de sentimento por mim, mesmo que fosse negativa. Mas sabia que estava me enganando, que era, no máximo, indiferença disfarçada de cordialidade. Fazia muito tempo que suas paixões tinham se congelado. Meu desafio era não deixar que acontecesse o mesmo comigo, evitar que o que eu sentia por Fabián — aquele misto de desejo e raiva — crescesse a ponto de se transformar num mito pessoal que sufocasse o resto da minha vida.

Ele me passou o saquinho. Quer? Eu não estava a fim de nada, mas com ele era sempre assim: por que não conseguia lhe dizer não? Jogou o pacote na mesinha que ficava entre a cama e a escrivaninha. Estiquei duas carreiras em cima de uma revista. Cheirei.

Ah, a querida Michelle. A mulher que ainda tem fé na literatura. Nos romances. Nos poemas! Um dia eu tive essa fé. Lembra do poema do Martí? O poeta trabalha à noite, à luz de uma vela. E Cuba passa diante de seus olhos, como uma viúva negra. Ele se pergunta se deve optar por Cuba ou pelo poema. Ou os dois são um só? Pensei que fossem um só. Eu pensei que fossem um só.

Não são.

Mas Martí percebeu que as palavras eram insuficientes. E abandonou a literatura e, montado num

cavalo branco, partiu em busca da liberdade de seu povo e da morte. E encontrou o que procurava.

Meu nariz ardia.

Não entendo aonde você quer chegar. Passou quase uma década lendo todos os livros para criar uma teoria total. Isso me diz que você ainda não perdeu a fé. Não deve estar lendo romances, mas isso não é o fim. García Canclini, Sarlo, Ludmer, González Echevarría, Molloy também são literatura. Pura ficção, suas teorias. E no fundo não importa.

Suspirou. Sabe? Sempre me achei um paranoico, por isso não pensei que algumas coisas que me aconteciam tinham razão de ser. Mas agora acredito que têm. Os decanos estão contra mim. E resolveram tornar minha vida insuportável.

Assim, sem mais nem menos?

Fabián conseguiu se levantar a duras penas. Foi até a sala e eu o segui. Lembrei-me de quando tentava me ensinar a dançar tango nesta mesma sala e não conseguíamos parar de rir, de tão descoordenados que éramos, ou de quando víamos DVDs comentando-os sem parar (ele me fez descobrir Lucrecia Martel e Philippe Garrel, eu não o deixei em paz até que viu todo Miyazaki e a nova *Battlestar Galactica*). Eu não devia me deixar levar por certas imagens. Repetia a mim mesma que o passado não era um bom guia para o presente, no entanto...

Ah, claro, há motivos. Mas não suficientes para que grampeiem meu telefone.

Está procurando alguma coisa? Quer ajuda?

Preciso sair, você me espera?

Você está louco? Aonde vai a uma hora desta e com este tempo? E por que eles fariam isso?

Vou encontrar um amigo. Toda manhã, os decanos levam meu lixo. E ficam examinando o que comi, escrevi e comprei.

Sinto muito, mas não vou deixar você sair. Seu lixo? E por que fariam isso?

Porque sou bom demais, calçou um sapato de camurça cor de café com manchas pretas, e não querem me dar o aumento de salário que eu mereço, preferem detonar a minha vida a me deixar ir para uma universidade muito melhor do que essa merda. De manhã o lixo do dia anterior não está mais lá.

Talvez o caminhão de lixo o tenha levado. Talvez você não tenha se dado conta de que o jogou na calçada de madrugada. Vi você fazer isso várias vezes, quando estava muito cansado, quase dormindo.

Mas o caminhão de lixo passa uma vez por semana, entende?

Entendo. E não. Você não fez nada que tenha incomodado os decanos?

Pare, pare, mocinha atrevida, notei o tremor em seus lábios. Se está duvidando de mim é melhor ir embora. Ou você é uma espiã?

As luzes se apagaram em toda a casa. Aproximei-me da janela. O apagão era no bairro todo.

Agora vai dizer que eles também têm culpa disso.

Por que não? Tudo é possível.

Fabián, de qualquer forma, eu estou do seu lado, só quero que você termine o seu livro e...

A luz voltou à casa, ao bairro. Fabián suspirou.

Ah, minhas teorias, meu grande livro. Você é das minhas? Se alguma coisa vazar já vou saber quem é a traidora. Meu livro está ali. Leia. Me diga o que acha.

Havia um manuscrito sobre a escrivantina. Ri do nervosismo e da emoção dele.

Sério? Posso?

Pus o manuscrito sobre a minha saia. Devia ter umas quinhentas páginas. Li o título: *Acerca del todo ausente*.

O primeiro parágrafo me soou familiar, como uma paráfrase de um trecho de *Facundo* que ele lera em sua aula no meu primeiro semestre em Landslide. O segundo parágrafo mudava de ritmo violentamente e a prosa se transformava numa tentativa de captar a oralidade, a voz de Fabián. Lembrei-me de sua aula sobre os testemunhos de escravos cubanos no século XIX, de como se marcava a oralidade no corpo. A voz estava próxima do sujeito, por isso o testemunho era o discurso narrativo por excelência.

Deixei-me levar pelo ritmo da prosa. Sentia-me transportada para uma aula de Fabián. De repente percebi. Sim, era isso. Não só uma tentativa notável, mas uma transcrição literal de uma aula de Fabián. Ele sempre levava um gravador para a sala de aula, e a primeira coisa que fazia era colocá-lo em cima da mesa e ligá-lo.

Continuava assim até a página oitenta e três. Dois, três, quatro aulas encavaladas. Depois se iniciava uma lista de sobrenomes. Primeiro o A, depois o B... Pulei para a página cento e quinze. Para a duzentos e setenta e um. Para a trezentos e sessenta e dois. Para a quatrocentos e vinte. Era uma cópia da lista telefônica de Landslide.

Não estou entendendo. Não estou entendendo.

É o que existe. Toda a verdade do que eu quero contar.

O livro que você esteve escrevendo...

Utopia: não existe tal lugar.

E por que as desculpas. Que nunca tinha tempo para nada. Que era preciso deixar o gênio trabalhando em paz.

Joguei o manuscrito no chão. Ele foi até a sacada. Era um de seus lugares favoritos, costumávamos sentar ali e conversar enquanto ele me mostrava tudo o que plantara no jardim. Uma planta atrás da outra, até que não houvesse mais espaço livre; vegetação frondosa que hoje eu imaginava desaparecida ou murcha.

Passaram-se os minutos. Fabián não voltava. Fui até a sacada. Fabián saiu tropeçando. Gritou para que eu me afastasse, me empurrou e começou a me insultar. Eu não estava a fim de tanta histeria. Desci os degraus correndo, subi na bicicleta e fui embora. Ele ligou para meu celular, mas não atendi. Deixou algumas mensagens pedindo desculpas.

Eu estava tranquila até que os telefonemas cessaram. Pensei que talvez tivesse sido muito dura com ele, grossa, orgulhosa. Deveria telefonar, ir até sua casa?

Quis escrever, mas não consegui. Tentei me colocar no lugar de Fabián, apalpar seu desespero, imaginá-lo todos esses meses e anos sentado diante de seu laptop, incapaz de avançar em seu livro. Fracassei. Jogada no sofá, comecei a folhear uma antologia dos irmãos Hernandez enquanto esperava meu celular tocar.

Nessa noite tive sonhos intranquilos.

Starke, Flórida, 1988-1994

Na primeira noite na prisão de Starke, na Flórida, Jesús teve de dividir uma cela com três homens. Eles estavam cheios de tatuagens, não se barbeavam havia dias e fediam. Conversavam e quando ele entrou na cela o olharam de soslaio, mas não o cumprimentaram. Por que o teriam deixado ali com eles?

Jogou-se no catre que lhe fora destinado. Sentiu frio; tinham pegado seu blazer, dizendo que iam colocá-lo numa sacola e que o devolveriam quando ele saísse da prisão, e em troca lhe deram um macacão alaranjado. Sentia falta do blazer.

Um dos homens se aproximou e cuspiu a seus pés. Sorriu para ele e ficou calado. Não adiantava nada procurar briga; eram grandalhões, melhor evitá-los. Boa parte de sua astúcia consistia em saber quando atacar e quando se perder na multidão e passar despercebido. A luta só se justificava quando tinha certeza da vitória. E em Miami? Era diferente, a mulher o surpreendera no quarto. Um erro que lhe custara muitíssimo. Que lhe servisse de lição: nunca baixar a guarda.

Olhou para suas mãos. Vinte anos. Filhos da puta, não era para tanto. Que merda, como vou sobreviver aqui por tanto tempo? Tentava manter-se animado, mas não era fácil. Podia sumir do mapa que ninguém ficaria sabendo. Sua mãe na certa o deu por morto, María Luisa seguiu a vida sem ele. Todos os outros fariam o mesmo que elas. E seu pai? Que teria sido feito dele? Talvez em outra prisão neste país tão grande e estranho.

Um tremor percorreu seu corpo. Uma onda fria da cabeça à ponta dos pés. Um ataque de ansiedade, de pânico. Precisava dar uma cheirada.

Uma cela sem janelas. Os barrotes da porta, de ferro reforçado. Estava acostumado a que nem carros nem casas lhe oferecessem resistência, a entrar e sair quando lhe desse na telha. O lugar para onde o haviam trazido era outra coisa.

Murmúrio contínuo no prédio. Gritos que vinham de outras celas, gemidos, choro, alto-falantes que davam ordens, instruções. Não conseguia dormir.

Estava nisso quando fechou os olhos e dormiu.

Às duas da manhã uma sensação estranha no corpo o acordou. Entreabriu as pálpebras. Na escuridão conseguiu distinguir uma silhueta ajoelhada ao lado de seu catre. Era um dos homens, que o estava chupando. Quis se levantar, gritar, mas os outros taparam sua boca e seguraram suas mãos. Levou um soco no olho. Sua vista se nublou; filetes de sangue escorreram por seu rosto. A dor era intensa, como se lhe tivessem quebrado um osso. Não conseguia abrir o olho direito.

Outros golpes o lançaram ao chão. Choveram pontapés. Cobriu o rosto inutilmente. Seus lábios sangravam.

Estava consciente quando tiraram sua roupa e o viraram. Quis gritar quando sentiu o pau de um deles penetrando em seu cu, mas agora já sabia que os guardas não viriam ajudá-lo. Que tinha sido posto nesta cela de propósito. Que essa era a maneira de lhe dar as boas-vindas.

Estava inconsciente quando o terceiro homem o estuprou.

A maioria dos três mil prisioneiros de Starke era negra. Entre os latinos predominavam os cubanos. Certa manhã, no chuveiro, dois deles se revezaram para estuprá-lo. Jesús não ofereceu resistência, e pelo menos escapou da surra da primeira noite.

Os guardas raramente intervinham quando havia estupros ou brigas. Ele, que se achava forte e ágil, na prisão não era tanto. Quase todos faziam levantamento de pesos e eram altos e musculosos. Jesús podia ser presa fácil de qualquer um. Também não estava em condições de enfrentar ninguém: depois da primeira noite teve de ir para a enfermaria e levou três pontos sobre o olho direito. Não conseguia abrir completamente os olhos.

Certa manhã, um guarda se aproximou dele e lhe disse em espanhol que podia lhe oferecer “proteção”. Jesús perguntou do que ele estava falando. O guarda, que se chamava Orlando, levou-o até um quartinho onde se amontoavam utensílios de limpeza. Mandou-o sentar num galão, depois que arriasse a calça, e chupou seu pau.

Jesús fechou os olhos e deixou rolar.

Dormia pessimamente mal. Qualquer barulho o acordava. Quando via novos prisioneiros chegando, lembrava sua primeira noite e começava a tremer. Na terceira semana de sua estadia em Starke já estava numa cela própria, mas isso não era suficiente para ele relaxar.

Orlando lhe conseguiu uma consulta na enfermaria. Numa das paredes estava a foto do presidente Bush e a seu lado um pôster do *Saturday Night Fever* e outro dos Forty Niners. Jesús sentou-se na maca e esperou.

O médico que o atendeu sabia espanhol, mesmo assim Jesús se esforçou para falar com ele em inglês. Orlando lhe dissera que tudo seria mais fácil se ele soubesse inglês. Nessa época os estupros não haviam cessado, mas diminuído.

Jesús apontou para o pôster dos Niners. Joe Montana is great, disse.

Really? I prefer baseball. I don't know who put that poster up.

What?

You better tell me your problem, son.

Não consigo dormir. And everything hurts.

Where?

Everything.

Everywhere, you mean.

Isso.

Jesús deitou-lhe uma enxurrada irrefreável de palavras. Numa confusa mistura de espanhol e inglês,

contou tudo o que se passara com ele em Starke desde a primeira noite. Fez gestos para se fazer entender: deitou-se na maca e tentou arregalar bem os olhos para indicar que não conseguia dormir, fez menção de baixar o zíper da calça para que ele entendesse o caso dos estupros. Rape, gritava várias vezes. I was raped!

O médico não entendeu tudo, mas o rosto assustado lhe dizia o que ele precisava saber. Sentiu pena dele e lhe deu comprimidos para a ansiedade e para dormir. Que os escondesse bem e não abusasse deles. Tirou os pontos de seu olho direito.

Várias vezes pensou em se suicidar. Presenciou várias brigas entre diferentes gangues, que deixaram prisioneiros sem dentes e com facadas pelo corpo; por mais que os guardas revistassem as celas toda noite, as gangues conseguiam armas de todo tipo, de facas rudimentares feitas com arames ou pedaços de metal a pistolas contrabandeadas nas visitas semanais.

Viu um prisioneiro cravar uma chave de fenda num guarda. O sangue que jorrou aos borbotões do peito do guarda o fez pensar que a pele era apenas um envoltório para aquele líquido vermelho que encharcava o chão. Desejou ter uma faca e sentiu saudade de quando ele fazia com que outros corpos explodissem como câmaras de ar.

Viu um dos homens tatuados da primeira noite empurrar um negro lá do segundo andar, seu crânio explodindo no impacto com o chão; encarregaram-no de limpar o sangue, e quando estava esfregando o piso com um pedaço de pano e álcool encontrou pedaços de miolos e ficou olhando para eles. Tão fácil romper a pele e explodir o que havia ali dentro.

Viu vários estupros. Foi obrigado a fazer sexo mais de uma vez. Pelo menos agora não era de graça; aprendera a trocar por comida ou proteção.

Passava a maior parte do tempo na cela. Soube que os Niners estavam rumando invencíveis para o Super Bowl; tinham perdido apenas duas partidas — contra os Falcons e o St. Louis —, Montana e Rice estavam inspirados. Desenhou María Luisa numa folha de papel-jornal e a colou numa das paredes. De noite se masturbava pensando nela. Orlando lhe perguntou quem era, e ele, minha esposa.

Ela sabe que você está aqui?

Faz anos que não sei nada dela.

Posso lhe enviar uma carta sua. Um bilhete, garoto. O que for. É só me dizer onde ela mora.

Jesús ficou pensando. Tudo bem, não se preocupe. Ela não fez nada para tentar saber o que aconteceu comigo, eu também não vou fazer nada.

Este país é grande. Você é uma agulha num palheiro. Mesmo que ela procurasse, não seria fácil te encontrar.

Quando foi preso, dera um nome falso com medo de que o ligassem aos assassinatos que cometera. Alguém do consulado perguntou por familiares que pudessem ser contatados, para que soubessem de sua situação. Jesús preferiu dizer que não tinha família.

Parou de ter pensamentos suicidas. Voltou a sonhar com chuvas de cinza e rios de sangue num mundo no qual ele era o único sobrevivente.

Se ele se comportasse bem, o deixariam sair antes dos vinte anos. Talvez antes de dez. Depois eles

iam ver com quem tinham se metido. Quem eles tinham ousado provocar.

Iam pagar caro por sua humilhação.

Naquele ano os Niners ganharam o Super Bowl (estavam perdendo por dezesseis a treze no último *quarter*, mas depois houve um passe de dez jardas de Montana para Taylor, e pronto).

Um ano se passou. Dois anos se passaram (os Niners ganharam novamente o Super Bowl, cinquenta e cinco a dez, dos Denver Broncos), três (os Niners eliminados pelos Giants nos *playoffs*).

No quarto ano em Starke, Jesús conseguiu que Randy, um partidário da Aryan Brotherhood, o aceitasse como um de seus protegidos. Nessa época, a foto de Bush na enfermaria fora substituída pela de Bill Clinton.

Jesús sabia que Randy era um dos chefes da Brotherhood, sua gangue era uma das mais poderosas e respeitadas de Starke; controlava o negócio da droga na prisão e dava surras descomunais em quem se atrevesse a negociar em seu território. Jesús começou a entrar na fila atrás dele no refeitório, na hora do almoço; ofereceu-se para pegar seus talheres quando ele os deixou cair. Randy gostou da forma natural com que Jesús assumia sua inferioridade. Era alto, tinha os dentes estragados, tatuagens nos braços e nas costas e piercings nos lábios e no nariz.

Depois de vê-lo várias vezes seguidas com Randy — no pátio da prisão, as figuras contrastantes de um loiro desajeitado caminhando junto de um moreno baixinho —, os guardas e outros prisioneiros não se animaram a tocar em Jesús. Em troca da proteção de Randy, Jesús só trepava com ele. Os membros da Brotherhood faziam piadas às suas costas: ficaram sabendo que se chamava Jesús María José e começaram a xingá-lo de María, María Spic, diziam, e ele corrigia: mas eu não sou porto-riquenho. Então María Speedy, diziam, e Jesús aceitava o apelido.

Uma tarde Randy perguntou a Jesús se ele acreditava em Deus.

Nunca parei de acreditar, respondeu Jesús. Mas faz anos que eu não piso numa igreja.

Com esse nome que você tem, devia se comportar melhor. Filho do fucking Senhor! Eu vou te mostrar quem é o fucking Senhor. Venha comigo, Speedy.

Randy foi até a capela ao lado da enfermaria. Era um recinto pequeno, com cheiro de jasmim. Numa parede havia uma cruz de madeira com um Cristo de pernas e braços desproporcionalmente longos. Alguns prisioneiros tinham pedido, em frases suplicantes escritas nas paredes pintadas de verde, que intercedesse por eles.

Randy sentou-se num dos bancos, Jesús a seu lado.

Este mundo é obra de um Deus menor que faz o que pode, disse Randy encarando-o. É o único que explica tudo. Este Deus... não tem nome. É o Inominável.

Randy abriu a braguilha.

Aqui? Aqui não, por favor.

Randy agarrou Jesús pelo pescoço e foi abaixando sua cabeça até a boca tocar no pau dele. Este era grosso e tinha umas manchas pretas como pintas.

Repita comigo, Speedy. Pai inominável que não estás no céu.

Pai inominável que não estás no céu, disse Jesús.

Fechou os olhos. Lambeu o pau com cuidado, como sabia que Randy gostava.

Santificada seja vossa ausência de nome.

Santificada... seja... vossa ausência de nome.

Venha a nós o vosso reino de sangue.

Venha a nós... o vosso reino de sangue.

Seja feita a vossa vontade.

Seja feita... a vossa vontade.

Randy pressionou o pescoço de Jesús, que enfiou o pau inteiro na boca. Chupava-o tentando se concentrar no que Randy dizia.

Nesta terra sem céu.

Nesta terra sem céu, repetiu Jesús, e se engasgou.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje!, disse Randy com firmeza, e Jesús soube que devia repetir a seguinte frase sem errar. Tirou a cabeça e disse:

O pão nosso de cada dia nos dai hoje.

Não perdoai as nossas ofensas.

Lambeu o pau. Parou.

Não perdoai as nossas ofensas.

Assim como nós também não perdoamos a quem nos tem ofendido.

Assim como nós...

Engasgou de novo. Continuou: também não... perdoamos... a quem nos tem ofendido.

E deixai-nos cair em tentação.

E deixai-nos cair em tentação.

E não nos livreis do mal.

E não nos livreis do mal.

Ao terminar, Jesús cuspiu no piso e limpou a boca com a mão. Randy fechou a braguilha e começou a rir sem parar, sua boca aberta como um buraco negro capaz de engolir Jesús. Abraçava o estômago como se estivesse com dor. Fez tanta balbúrdia que um dos guardas se aproximou da porta e bateu no chão com um cassetete até Randy se aperceber de sua presença.

Se não conseguem se comportar aqui, disse o guarda, vão ter que sair.

Randy pediu desculpas, mas assim que saíram da capela estourou novamente em gargalhadas.

Não era uma contradição que Jesús passasse a maior parte do tempo com o pessoal da Aryan Brotherhood, tão brutais com negros e latinos?

Não, dizia Randy. Tudo bem ter um desses aí como escravo.

Jesús achava que eles tinham razão. Não gostava de negros, e os latinos eram sujos e abusados, piores que animais. Quando um deles se aproximava, fingia não falar espanhol.

Deixou de passar a maior parte do dia na cela. Sua roupa estava folgada porque comia pouco —

ficava indisposto com a gororoba que serviam diariamente no jantar, a dieta de frango, *grits* e *cornbread* —, então começou a fazer levantamento de pesos e a aproveitar as duas horas diárias em que podia ficar no pátio.

Influenciado por Randy, começou a ler livros e jornais na biblioteca. Leu sobre Richard Ramírez, o Night Stalker. Eis aí um latino poderoso: treze assassinatos e estupros na Califórnia. Nenhuma compaixão pelas vítimas. Leu sobre a Primeira e a Segunda Guerra mundiais, sobre o Vietnã. Depois de ouvir Randy, disse que Hitler tinha razão. Chegara à conclusão de que as guerras eram necessárias para a sobrevivência da humanidade. A vida era uma luta constante. Sobreviviam os mais fortes, os mais hábeis, os melhores.

Quando você sair daqui, disse-lhe Randy, não se esqueça de se tornar um membro do Partido Libertário. O governo é uma merda. Deu direitos demais para os negros.

Ele ia fazer isso.

Quando houve o cerco de Waco e agentes do FBI mataram o líder da seita dos Branch Davidians e várias crianças, os membros da Aryan Brotherhood em Starke levaram isso para o lado pessoal. Jesús ouviu Randy dizer que tudo aquilo era uma conspiração do governo para se livrar de brancos poderosos como eles. Deviam estar preparados para a luta quando saíssem da prisão. Não iam deixá-los em paz.

E Sarajevo? Clinton mandava aviões para os Bálcãs e atacava aquelas cidades para se aproveitar da guerra e se livrar de populações inteiras. Dali, dizia Randy, saíra a raça mais branca de todas.

Jesús concluiu que fora ingênuo um dia pensar que o governo se preocupava com eles. Randy estava certo em desconfiar de tudo.

Sairia de Starke pronto para a luta. Mas qual? Os da Aryan Brotherhood podiam ter razão em muitas coisas, mas o desprezavam. E ele também não se interessava tanto assim por eles para unir-se a sua luta. Seu interesse era provisório, circunstancial.

Sua batalha devia ser solitária. Contra o governo. Contra todos.

Certa noite, Jesús sonhou que uma força vinda da mais profunda escuridão o envolvia e tomava conta de seu coração. Uma luz ofuscante explodiu na cela. Viu-se cobrindo os olhos e levantando-se do catre, mas ao mesmo tempo sentiu que continuava deitado sem se mover, sem abrir os olhos, como se tivesse se desdobrado.

A força que o visitava não tinha rosto nem corpo. Dizia-lhe que ele era dela, que não tinha vontade própria e que devia fazer o que lhe fosse indicado. Que era metade homem e metade anjo e não podia morrer. Que se preparasse para a chuva de fogo e cinzas e para as inundações que o esperavam quando saísse da prisão. Que só estava ali se preparando para cumprir sua missão purificadora. Era a travessia no deserto antes do confronto final.

Acordou com calafrios. Tinha o corpo todo suado e absoluta certeza de que nessa noite o Inominável o visitara.

Pensou em ir falar com o capelão da prisão, lhe contar o que ocorrera. Não, ele não o entenderia.

Contou a Randy, que lhe deu alguns tapinhas nas costas.

Você tem sorte, Speedy, filho do fucking Senhor! Estou esperando a minha vida inteira que o

Inominável me visite. Mas seus caminhos são insondáveis e ele prefere visitar primeiro um fucking mexicano. Prova de sua grandeza!

E daí, o que eu faço?

Pois arranje papel higiênico e escreva ali a boa-nova que o Senhor lhe dita.

Jesús se aborreceu: ele está tirando sarro de mim. Deve achar que eu não percebo.

Orlando lhe conseguiu folhas de papel-jornal. Numa delas escreveu na parte superior LIVRO DAS REVELAÇÕES e depois umas linhas nas quais contava a visita do Inominável.

Graças a seu bom comportamento, Jesús foi solto depois de cumprir seis anos em Starke.

Quando lhe entregaram a sacola com seus pertences, notou que estava faltando o blazer. Reclamou para o oficial encarregado de acompanhá-lo até a porta. O oficial riu e disse para escrever uma carta ao diretor da prisão.

Na rua, agentes da imigração o esperavam para levá-lo até a fronteira com o México.

TRÊS

Fabián me ligou outras vezes. Não atendi algumas, em outras o escutei com certa indiferença, e na maioria das vezes junto com a rejeição veio o fascínio. Ele me mandava e-mails. Um deles dizia: “i love you but i’m not in love with you. i love you but i love many people. gostaria de escrever poesia e te dizer o que sinto, mas não consigo. você não devia se sentir mal. alguém como você não pode se sentir assim. mas talvez você esteja bem e seja o silêncio das três da manhã que me faz pensar nessas coisas, ou o das seis, porque há silêncios e silêncios e nada me importa mais do que você”. Outro: “a angústia é minha companheira, mas sobrevivi e por isso estou disposto ao abismo. tenho pouca fé e tenho razão. isso me destrói porque quero estar com você”.

E assim voltamos a nos encontrar em cafés e a zanzar por livrarias — na Comics for Dummies ele comprou coleções encadernadas de Betty Boop e Krazy Kat — e a nos perder em antros que recendiam a maconha na calle Sexta. Aparecia para jantar no Taco Hut, se dava bem com meus colegas (Osvaldo era panamenho e estava tentando se alistar no Exército; Sabrina tinha vindo de Lubbock e nas folgas lia romances de Nora Roberts; Mike gozava do sotaque de Fabián, estava obcecado por Faith Hill).

Uma vez fiz um arroz com o charque que minha mãe me mandava. Não ficou tão bom quanto os que minha tia Vicenta fazia em Santa Cruz, mas por sorte Fabián não conhecia esse prato típico de lá e parece ter gostado. Num sábado, fomos ao cinema da universidade, compramos o maior saco de pipocas, um copo gigante de Coca-Cola e vimos, beijando-nos de vez em quando, dois filmes de Hitchcock em sessões corridas. Assim, graças a esses raros momentos de plenitude, voltei a esse mundo que eu abandonara, no qual o homem que me atraía às vezes ficava jogado na cama tentando sobreviver a seus ataques de ansiedade, às vezes voltava a seu escritório e a sua escrivania, febril, com vontade de mergulhar no trabalho, mas ao mesmo tempo sentindo-se à beira de um colapso.

Sam me ligou pedindo desculpas e eu as aceitei, mas quando ele sugeriu se encontrar comigo para um café, esquivei-me. A Fodida passou pelo restaurante e depois de me cumprimentar ficou calada, eu não disse nada, ela saiu e eu me senti mal.

Tentei desenvolver um storyboard para uma história em quadrinhos que tinha em mente, ambientada numa cidade de vampiros e zumbis que conviviam pacificamente — salvo algumas escaramuças entre vampiros fundamentalistas e zumbis puristas — até a chegada imprevista de Samanta. Queria misturar minhas leituras da Hamilton com as de Rulfo, com um toque imagético dos video games de *Silent Hill*. Fracassei em minha tentativa de jogar com a perspectiva, com o desenho dos quadros na página, com as cores: tentava inovar, mas não sabia como.

Eu tinha uma pilha de revistas com temas sobrenaturais, várias de super-heróis recomendadas por

Chuck. Desenhei Samanta com uma bota preta até os joelhos, jaqueta e luva preta, achei que estava criando um sonho erótico para os homens e joguei o caderno no lixo. Fabián me dizia para não desanimar, meus desenhos tinham mais garra do que antes, e não parava de me dar ideias para que meu relato fosse “apocalíptico, mas verdadeiro”.

Dessa vez não queríamos fingir e fomos a recepções do departamento juntos. Konwicki, o polonês, pareceu incomodado ao me ver ali, como se estivesse utilizando a superioridade moral que sempre pensava ter para chegar a uma conclusão rápida sobre mim (ou talvez a razão fosse mais simples, estava se lembrando do meu paper zombeteiro “Agustín Yañez, precursor de Agamben”, no semestre em que deixei o doutorado). Pouco me importava, eu não era aluna dele.

Certa vez, no corredor do departamento, depois de ir ver Fabián em sua sala, Ruth Camacho-Stokes veio me cumprimentar, carinhosa e afável como sempre. Usava uma saia xadrez vermelha e branca e um Crocs alaranjado horroroso. Segurava uma sacola de livros da biblioteca, disse que queria me oferecer uma coisa.

Sempre me lembro dos papers que você escreveu no meu curso. Faltava-lhes densidade teórica, mas sua voz era forte e isso fazia com que tudo fosse perdoado. Estou preparando um dossiê para a exposição de Martín Ramírez no próximo semestre e pensei que você poderia escrever um texto inspirado num dos quadros dele. Não precisa ser acadêmico, por isso pensei em você.

Tirou da sacola um livro de capa dura. Era luxuoso, estava cheio de reproduções de quadros coloridos, algumas delas desdobráveis.

Pode lhe servir de inspiração.

Para ser sincera, me enchi de coragem, este tipo de pintura não me chama muito a atenção.

Ruth não aceitava um não. Dê tratos à bola, talvez você pense em alguma coisa. O prazo é até janeiro, ainda temos alguns meses.

Aceitei sem me comprometer com nada. Ela sorriu, e de repente baixou a voz: você faz bem a Fabián, sua paciência é admirável, mas a verdade é que como colegas já fomos mais compreensivos do que o necessário...

Não deve ter sido fácil. Conhecê-lo tão brilhante, e então, depois que sua mulher o deixou, ver como ele se...

Ela me olhou com surpresa.

A cronologia não foi essa, my dear, suspirou. Foi Fabián quem a deixou. Quando o contratamos, já tinha... problemas, só que disfarçava bem. Publicou o livro, vieram resenhas espetaculares, e decidimos olhar para o outro lado. Pouco a pouco fomos sabendo de seus rolos com Mayra. Sim, a causa e efeito é complicada. Não é tão fácil como parece, que sua angústia o levou a tomar esse rumo. Talvez tenha sido o sucesso, tão precoce. Ou nem um nem outro, de repente já havia alguma coisa em sua personalidade. Todos somos viciados em alguma coisa, não?, só que uns mais do que outros. Vai saber...

Quando saí, fiquei pensando em Mayra. Sempre achei que ela fosse culpada pela criação desse abismo no qual Fabián se precipitava, inconsolável. Agora eu tinha outra versão: eu era uma sobrevivente.

A professora tinha dito que admirava minha paciência. Talvez quisesse dizer outra coisa: que minha estupidez a impressionava.

Estava lendo *Black Hole* num banco do Arts Quad, esperando Fabián terminar uma reunião, quando Sam apareceu. Com as mãos nos bolsos da jaqueta, mascarando chiclete, esforçava-se para parecer despreocupado. Queria afastá-lo, impedir que sua miséria de apaixonado não correspondido me afetasse, que seu estilo soberbo para a desesperança, sua entrega voluntária a uma causa perdida me contagiassem. Mas já era tarde e eu já estava contaminada, também era como ele. O pior de tudo: talvez ele estivesse assim por minha culpa. Talvez eu o tivesse inoculado com meu vírus. Então, eu podia entendê-lo. Não nos sentíamos mal assim; pensávamos estar rezando no altar certo e que a força da oração seria tanta que alcançaria o milagre de transformar a realidade naquilo que desejávamos que ela fosse.

Ele me disse que Oprah escolhera como livro do mês um romance de Bolaño. Isso fará muito bem à literatura latino-americana. Os leitores vão querer saber o que há além de Bolaño.

Isso fará muito bem a Bolaño, disse eu. Os leitores vão querer ler outros livros dele. Este país não aceita mais de um “grande escritor estrangeiro” ao mesmo tempo. Já foi assim com Sebald e Murakami.

Você está sendo injusta.

Viu como eles estão apresentando Bolaño? Como um escritor beat, um Kerouac latino-americano. Sempre romantizando. “Na América Latina ainda se produzem escritores que este país hiperprofissionalizado, com seus milhares de cursos de escrita criativa, já não permite.” Ou algo no gênero. Li na *Harper's*.

Somos bons para construir lendas, disse Sam. Mas também para desmontá-las. Você leu o *New York Times*? Já descobrimos que Bolaño não era afeito à heroína, que não esteve no Chile nos dias do golpe de Pinochet. Pretty soon we will find out que na realidade ele nunca saiu de casa e era mais ermitão e livresco do que Borges. Anyway. Estou pensando em tirar da minha tese o capítulo dedicado a *Los detectives salvajes*. Pois quando eu estiver no mercado vou ter que competir com um monte de doutorados com teses sobre Bolaño. Devia ter me apressado um pouco mais. Esse escritor é uma verdadeira indústria.

A brand name. Bolaño Inc.

Falou de um ensaio no qual Bolaño era comparado a Dick, e me lembrei de cenas de *Ubik*, embora não conseguisse ver a conexão entre os dois autores.

E como ele está?, perguntou de repente.

Você é aluno dele. Deveria saber melhor do que eu.

Ai, dear. Sua dedicação sempre me surpreende. Esse assunto te ofusca. Fabián sempre vai estar do jeito que você o vê. São muitos anos, receio que isso não tenha way out. Seus colegas lhe deram costas quentes esse tempo todo, substituíram-no no classroom, não avisaram os decanos sobre as aulas canceladas dele, sua ausência nas reuniões da faculdade, seus alunos esquecidos, as cartas de recomendação não escritas. Até que alguns se cansaram, claro.

Ele vai publicar o livro dele e tudo vai mudar.

Vocês vão morar numa cabana numa praia deserta em North Vancouver?

Não seja irônico.

Não me diga que isso não te passou pela cabeça. Viver do lado de alguém perseguido pelas fúrias, que romântico. Além do mais, existe a diferença... Quantos anos ele tem a mais que você? Onze, doze?

Perdi-me na contemplação de meu Converse até que ele mudou de assunto e me falou de seu programa

semanal na rádio. Havia uma reação positiva a suas análises do que ele chamava de “psicopatologia da vida cotidiana” no país. Tentava dar um contexto teórico a sua discussão — os suspeitos de sempre: Freud e a pulsão de morte, Nietzsche e o complexo de super-homem, Sade e Bataille e a violência e a atração do mal —, mas a verdade é que os ouvintes se ligavam ao lado tabloide do programa, ao modo como Sam relatava os casos mais extremos de assassinos seriais e massacres em colégios. Seu programa com maior audiência fora dedicado a Columbine.

Os ouvintes começaram a discutir se um garoto tão devotado ao mal quanto Eric Harris podia ser considerado um psicopata com apenas quinze anos. Tentei não me meter, mas para mim é claro que sim. A cultura interfere, mas em casos como o de Harris a natureza é tão forte que não há como evitar a psicopatia.

Você nunca me fala de tua tese com tanto entusiasmo. Talvez devesse mudar de projeto.

Too late. Vou me comportar bem, terminarei minha tese e depois, quando me contratarem, ministrarei cursos com títulos como “Killing Machines” e farei com que meus alunos vejam *Natural Born Killers* e lhes apresentarei *quizzes* com perguntas do tipo *who was the Railroad Killer or what is The Book of God*.

Why not? To each his own.

Devíamos encontrar mais temas como esses. Mais coisas que nos apaixonassem. Queria me ferir com a questão da idade, mas já fazia um tempo que eu a havia assumido e para mim essa diferença era atraente. Ele falava mal de Fabián e a única coisa que conseguia era que eu comesse a defendê-lo até um extremo absurdo; por que diabos, por exemplo, ele tinha mentido sobre Fabián e seu livro?

Levantou-se e saiu.

Chegou dezembro, o final do semestre, o inverno tépido. Fomos num fim de semana a San Antonio como se fôssemos um casal normal e estável. Ficamos no apartamento de um amigo dele que estava na Argentina com uma bolsa de pesquisa. Um apartamento pequeno, minimalista, com um colchão jogado no chão, paredes nuas, livros de ciência por todo lado e geladeira vazia. Não havia fotos dele em nenhum lugar. É um cara estranho, me disse Fabián, eu o conheci na Universidade de Buenos Aires. Nunca gostou de acumular coisas, e com isso me refiro tanto a bens quanto a relações. Ganha muito dinheiro, mas seus pertences poderiam caber numa valise.

Você podia ter sido como ele. Teria evitado muitos problemas.

Não pense que não tentei. Mas agora é tarde, não é?

Fabián estava magro e com os olhos fundos; fazia de tudo para demonstrar bom humor e comeu seus pratos favoritos — camarões *a la diablo*, *chilaquiles* — com um apetite que eu desconhecia. Acompanhou tudo com Coca light, não queria nem tocar em álcool.

Num outro fim de semana fomos visitar uns amigos em El Paso (ficamos surpresos com as levas de mexicanos que chegavam de Juárez e procuravam se instalar lá, tentando fugir da guerra entre os cartéis e das tentativas desesperadas do governo para controlá-la). Voltou a dar aulas, retomou suas horas de gabinete.

Voltei ao restaurante, mas em regime de meio período. Meu turno era o da noite. Por sorte ia trabalhar com Mike, que era só me ver séria e já começava a contar piadas que me faziam rir, apesar de serem

bobas. No fim do expediente, eu ia para a casa de Fabián. Foram dias de sexo selvagem e sem controle. Certa madrugada, ele me pediu que batesse em seu rosto com toda a força; fiquei surpresa, mas tentei cumprir o pedido. Ele me disse você está sendo muito cuidadosa, se solte. Então eu lhe dei uma bofetada violenta; sua face ficou vermelha na hora, e descobri que ele gostava disso.

Eu desconfiava que toda essa situação era precária, mas não sabia quanto. Confirmei isso numa quarta-feira em que saí do Taco Hut, fui para a casa dele e o encontrei bêbado vendo um filme pornô na tevê no último volume. Estava jogado na cama sem camiseta, deixando a descoberto seu peito imberbe e repleto de pintas. Olhei-o e ele riu como se eu o tivesse flagrado numa travessura.

Desligue isso, plis.

Não chateie com tuas frescuras. É melhor vir aqui e sentar do meu lado.

Vou baixar o volume pelo menos.

Por que não? Por acaso é preciso esconder isso? Você me lembra uma garota que eu tinha em Yale. A coitada ficou escandalizada quando foi ao meu quarto pela primeira vez e descobriu um calendário da *Sports Illustrated* na parede e minha assinatura da *Playboy*. Como se isso fosse uma grande coisa, caralho. Dizia que eu tratava as mulheres como objeto. Não ficamos juntos nem dez dias depois disso.

Na tela, um homem estava jogado num sofá e uma mulher que só usava uma bota alta rebolava em torno dele.

Ela se chama Tory Lane e é das mais loucas. As coisas que já a vi fazer, uma vez deixou que a amarrassem numa cruz e enfiaram uma vela acesa nela.

Peguei o controle e desliguei a tevê.

Numa outra hora isso poderia ser divertido, mas agora não.

Você é mais inocente do que eu pensava, gatinha.

Sentei-me ao lado dele. Naquela mesma cama: ele, eu, alguns anos atrás. Dias que me fizeram pressagiar que um tempo de plenitude se abria para mim. Era preciso talento para se equivocar assim, e cumplicidade com um olhar ingênuo que parecia não ter me deixado totalmente, nem mesmo diante de tanto desânimo.

Ele acendeu um cigarro, e o alarme da casa começou a soar. Tivemos de abrir as janelas, apagar a guimba.

Fabián começou a cantarolar uma música de Dylan.

Ontem à noite eu me vi sentado numa cadeira a meu lado, disse de repente. Crescia e depois diminuía como se fosse de um material esponjoso. Pensei que fossem as anfetaminas, que eu tinha exagerado, mas não, era eu. Quis me levantar e estender a mão, mas não consegui. Senti que estava bêbado, mas não tinha bebido nada, então disse a mim mesmo que era melhor beber para que meu corpo se igualasse ao que eu estava sentindo. Quis me lembrar do meu nome e não consegui e me assustei, mas me lembrava de outras coisas, como de um relógio velho que deixei consertando numa loja e que esqueci de ir buscar já faz tempo, quando Mayra ainda morava comigo.

O que é que eu vou fazer?, disse, e percebi que não se tratava de uma pergunta retórica: havia angústia em seu rosto. Sério. O quê?

Você vai ficar bem. E eu vou te ajudar.

Posso pedir uma licença de um ano e vamos pra qualquer lugar que tenha praia. Adoraria ir a Mar del

Plata, eu ia para lá com meus velhos quando era garoto. E você fica desenhando e eu vendo filmes.

Você vai escrever seu livro, desta vez a sério. Vá, se deite. Estou tão generosa esta noite que vou te dar a cama inteira.

E você?

Não se preocupe. Vou dormir no sofá.

Abriu um armário e pegou um pequeno saco plástico. Começou a esticar carreiras sobre a capa de uma antologia da nova narrativa latino-americana que estava na escrivaninha. Sentei-me na cama, deixei rolar enquanto procurava uma forma de retomar a dianteira. As sombras dos objetos cresciam nas paredes, ameaçadoras.

Quer? Meu trafica apareceu aqui hoje, não consegui dizer não. É das boas, e o preço não estava ruim. Não aguentei mais.

Ou isso, ou eu, disse, encarando-o.

Você está louca. Vamos, me acompanhe.

Cheguei ao meu limite. Se quer que eu te ajude...

Se é assim que você vê as coisas... Então, querida, é melhor me deixar sozinho.

Levantei e saí do quarto. Ao descer a escada, ouvi seus insultos.

Covarde, fora daqui. Volte quando aprender a trepar, sua *bolita*.*

Fui para a rua, respirei o ar fresco da noite, subi na bicicleta.

Tinha de me concentrar nos meus desenhos. Nas minhas histórias.

Ele nunca estivera apaixonado por mim. Quanto mais rápido eu aceitasse isso, menos demoraria para me recuperar.

No entanto...

Três quadras depois, parei. Sabia o que estava fazendo?

Não importava. Queria voltar à casa de Fabián.

Três dias antes do Natal, Fabián foi a Buenos Aires. Devia voltar em três semanas. Eu fui passar o Natal em Houston. No dia seguinte voltei a Landslide. Precisava de dinheiro, quem topasse trabalhar naquelas semanas receberia um bônus no restaurante.

Pouco depois começaram os enjoos. Vomitava sem motivo, depois de tomar um café ou almoçar uma salada.

Demorei uma semana para perceber o que estava acontecendo.

*“Colombiana” (gíria pejorativa). (N. T.)

Juárez, Villa Ahumada — norte do México, 1994

O cabelo e o bigode tinham crescido e a leve manqueira com que entrou na prisão se acentuara. Quando chegou a Juárez com roupas velhas e sujas — bota sem lustro e da cor de um café desbotado, calça jeans apertada que conseguira num centro de assistência em El Paso —, pensou que ninguém iria reconhecê-lo. No entanto, Jesús ainda tinha um rosto, um corpo que se podia situar.

Na oficina onde trabalhava antes de se perder do outro lado, Miguel, o único sobrevivente dos velhos tempos, cumprimentou-o efusivamente e o levou a uma cantina na qual um violinista cego tocava um bolero de Agustín Lara para um público ausente; enquanto tomavam aguardente e punham a conversa em dia no La Bienquerida — um letreiro no espelho do balcão: HOJE NÃO TEM FIADO, AMANHÃ SIM —, contou-lhe que o corpo sem cabeça de Braulio fora encontrado numa manhã num descampado. Não foi fácil identificá-lo.

A coisa está feia. Parece que foi vingança. Um rolo com o cartel. Esta cidade está cada vez mais perigosa. O pior são as mulheres mortas. A polícia não faz ideia do que está acontecendo. A imprensa diz que é um culto satânico. Que um estrangeiro está por trás disso tudo.

Na certa vão dizer que é um albino de dois metros. Não diziam também que o Subcomandante era estrangeiro, por causa dos olhos azuis?

Pois é. Mas é impossível que seja só uma pessoa. Alguém sozinho não consegue apagar cinquenta mulheres.

O violonista parou de tocar e se aproximou deles com o braço estendido e um chapéu para as moedas. Foi ignorado.

Alugou um quarto na calle Guerrero. A uma quadra da pensão havia *burritos* Tony (de *guacamole*, aguados) e em frente ficava o parque Borunda. Uma roda-gigante enferrujada, com desenhos de vermes de olhos arregalados e línguas compridas dos lados dos assentos, girava rangendo suas dobradiças. Os carrinhos que se chocavam soltavam chispas e pareciam estar sendo dirigidos por motoristas endiabrados. As xícaras giratórias davam voltas com tanta rapidez que deformavam o rosto dos que estavam dentro delas. Os meninos disparavam espingardas com chumbinho em patos de plástico, pescavam em bacias decoradas como tanques, atiravam argolas em garrafas de vidro.

Jesús gostava de sentar num dos cavalinhos de madeira do carrossel, aquele que tinha uma orelha mutilada e estava pintado de um amarelo berrante, e de ficar suspenso no ar, agarrado ao tubo de metal que encaixava o cavalinho e o impedia de soltar-se. Deixava-se levar pelo retintim da música. Às vezes

via alguma garotinha linda por perto e passava por sua cabeça segui-la e atacá-la por trás numa rua vazia, violentá-la e estripá-la a facadas. Mas depois pensava que era melhor não arranjar confusão e aguentar firme.

Numa das voltas do carrossel, chegou à conclusão de que o fim de Braulio não lhe causara pena nem surpresa. O destino tinha suas formas de se manifestar, era preciso deixá-lo agir. O difícil, o importante, era encontrar esse destino, escutar suas instruções.

Starke ficara para trás, o que o futuro lhe reservava? O que fazer?

Uma tarde viu o Inominável sentado num cavalo preto junto ao seu. Em seu rosto cadavérico não havia olhos e sua boca estava congelada numa expressão de pavor, como se uivasse diante da presença de um ser muito mais inquietante do que ele mesmo.

Jesús quis descer do cavaleiro, mas não conseguiu. De sua orelha mutilada saíam formigas com pinças parecidas com dentes. Protegeu-se com as mãos, temendo que as formigas o mordessem.

O Inominável desceu do cavalo, passou a seu lado e se transformou num senhor de chapéu e bigodes. Alguém tocou em seu ombro. Era María Luisa.

O que você está fazendo aqui?

Senhor, é que já acabou.

Era a mulher que tomava conta do carrossel.

Jesús desceu do cavaleiro e pediu desculpas.

Concluiu que era melhor evitar a onda de violência indiscriminada na cidade. Não tinha nada a ver com o cartel, mas talvez alguém se lembrasse de suas antigas conexões com Braulio.

Miguel o pôs em contato com um tio que se dedicava à venda de carros roubados do outro lado. Isso era fácil, essa língua ele ainda entendia. Utilizaria Juárez como centro de operações, mas tentaria ficar lá o menor tempo possível.

Primeiro tentou se concentrar em El Paso, pois não queria ir longe. No entanto, depois de um incidente no qual a polícia o deteve e o soltou após um interrogatório brutal, resolveu procurar territórios mais afastados da fronteira. Também não quis cruzar novamente pelos postos fronteiriços de sempre; não se sentia tão protegido como antes.

Quase sem perceber voltara a embarcar nos trens de carga. Ia e vinha, ia e vinha: a linha parecia não ter segredos para ele.

Trabalhou durante dois meses nas plantações de tabaco em Kentucky, um mês em San Diego com uma companhia encarregada de instalar banheiros químicos em estádios, parques, estradas nas quais estavam se fazendo reparos. Era o encarregado de limpar os banheiros e sempre acabava vomitando. Fucking trampo de merda, repetia resmungando, orgulhoso de seu jogo de palavras. O que essa gente fazia nesses banheiros, por que era tão limpa em suas casas e tão asquerosa em lugares públicos?

Teve de ir várias vezes de madrugada a pracinhas e ruas de diferentes cidades, onde vinham buscar ilegais para trabalhos mal remunerados. Ele os escutava, obsessivos em seu medo da imigração e seu ódio aos *coyotes* que os levaram a cruzar a fronteira e que ficaram com suas economias e seus pertences. Um deles tinha passado trinta horas fechado numa caixa de frutas. Outro cruzou em Tecate, passando por um buraco numa tela metálica, e depois por canais de esgoto cheios de merda. Outro cruzou o alambrado

em Tijuana, perseguido pelo helicóptero da imigração, seguindo um *coyote* até uma caminhonete numa estrada, para depois descer e atravessar a rodovia correndo. Um salvadorenho, numa noite sem lua, passou por Tijuana, com cobras e ratos entre o matagal, caminhando depois por colinas até uma ponte na qual o esperava uma picape com capota. Um loiro magro, escondido sob o vagão de um trem, de cócoras, agachado num canto durante dez horas, rezando para não ser destroçado. Uma mulher de mãos trêmulas, detida pela imigração duas vezes e deportada, estuprada pelo *coyote*, conseguira passar na terceira vez. Um cara vindo de Oaxaca atravessou numa van cujos assentos haviam sido retirados, enfiado num buraco escutou os cães farejando-o e começou a rezar e eles foram embora. Um colombiano, perdido no deserto com a mulher, viu-a morrer e depois encontrou um *coyote* que o salvou. Outro, também no deserto, foi salvo por um poço no qual havia um charco de água fedida e cheia de moscas do lado de uma gruta com uma imagem da Virgem de Guadalupe. Dá um tempo, meu, disse o gordo que estava do lado dele. Acredito no que você está falando do poço, mas não na história da Virgem. Que minha mãezinha fique parálitica se eu estiver mentindo. Pois com certeza já ficou.

E você aí, cara? Jesús não abria a boca. Tinha histórias bem mais interessantes para contar, mas que não tinham nada a ver com cruzar a fronteira. Estava mais próximo dos *coyotes*, que iam e vinham pela fronteira como se fosse a coisa mais natural do mundo, do que de todo esse bando de idiotas que não conhecia a realidade da fronteira, era depenado e, com sorte, sobrevivia. O lance era ser arrojado, não ter medo. O medo fazia o sujeito ter um cheiro diferente, os filhos da puta da imigração sabiam disso.

Foi eletricista, jardineiro, pedreiro. Odiava trabalhar para os gringos. Era injusto terminar a jornada com vinte dólares no bolso. Esse dinheiro ia todo em bebida e cocaína barata, adulterada. Para comer e dormir, lançava mão de albergues para os sem-teto, administrados por diferentes organizações religiosas, The Salvation Army, grupos de direitos humanos. Acostumou-se a comer sopa de lentilhas e frango frito. De noite dormia em camas de campanha; seu sono se tornou leve, agitado, com o ruído de fundo de homens se queixando de dores no corpo ou se masturbando, ou trepando assim que as luzes se apagavam. Havia negros, brancos, latinos. Às vezes, devido a sua aparência frágil, a seu rosto jovem, tentavam abusar dele. Jesús escapulia e acabava a noite dormindo sobre papelões num beco. Algumas vezes teve de comprar sua tranquilidade masturbando negros imensos; em outro incidente, um sujeito fornido o violentou repetidas vezes, e Jesús não quis admitir que isso lhe doía no cu, mas também lhe dava prazer.

“Não não não não não NÃO. com a paciência dos santos não se chega a lugar nenhum. todos deveriam morrer absolutamente TODOS. animais o que estão pensando? não sabem com quem estão lidando. o que estão pensando? mas não podem me fazer nada querem me destruir mas não podem fazer nada comigo. EU SOU O ANJO VINGADOR. vai chegar o dia em que só vai ter um abitante na terra eu vou ser o único. sou imortau esse SOU EU. animais animais. KILL THEM ALL.”

Às vezes sentava num banco do parque Borunda, junto a um pé de lilases, pegava um caderno e começava a escrever. Escrevia frases como “meu corassão está apertado”, e “a dor me derrete por dentro”, e “o homem de aço encontrou uma kriptonita interior, que derrete ele, derrete que ele”, e “vou fazer uma marca no meu peito e depois apontar e disparar a bala no centro do unicornio”.

As páginas do caderno iam sendo preenchidas. Quantas vezes isso acontecera com ele, começava com

frases concisas, depois era tomado pela raiva e tudo se transformava num monólogo no qual não havia nem sinais de pontuação nem acentos. Mais um caderno que se uniria ao grupo, e já eram quantos? Nove? Dez? Todos dedicados a María Luisa, que não merecia.

Parava de escrever quando o caderno acabava, com a mão enrijecida. E o escondia, como fazia com os outros. Todos os cadernos se encontravam em diversas partes de Juárez, como chaves secretas que, ao serem desenterradas, desenhariam os contornos de seu dilaceramento. O primeiro que escrevera estava numa estante da Biblioteca Municipal, escondido entre dois volumes da coleção *Sepan Cuántos...* (*Fouché el gênio tenebroso* e *El fístol del diablo*). Outro no porão da casa de Miguel, entre álbuns de fotografias que ninguém nunca ia ver. Deixara um numa caixa de metal num buraco cavado ao pé de um huizache,* ao lado de um caminho pelo qual se subia ao monte da Piedad. E este, onde iria dar?

Todos os cadernos formavam o Livro das Revelações. Não sabia como aquilo acontecia, mas em determinado momento da escrita apareciam visões de povoados incendiados, bosques devorados por labaredas, tormentas que afogavam crianças, cavalos agonizantes, mulheres epiléticas, crianças retardadas e rios de sangue. Havia cinzas por todo lado, como ele imaginava que o mundo seria um dia depois do fim. Em seguida encarnava um profeta de longas barbas negras que levava os sobreviventes a uma terra prometida. Era o Inominável.

Quando não tinha dinheiro e não podia se embebedar nem comprar pó, suas bochechas ficavam vermelhas e seu corpo tremia tanto que às vezes não conseguia segurar nada nas mãos. Sentia a boca seca e pastosa. Qualquer coisa — cocô de cachorro, um frango decapitado num açougue — lhe causava náuseas e suores. Sentia falta do médico da enfermaria de Starke, que lhe fornecia calmantes. Nas farmácias do outro lado não lhe davam nada sem receita, e em Juárez podia conseguir versões genéricas, mas não eram baratas e duravam pouco (chegou a tomar cinco Alprazolam por noite), então preferia a cocaína aos ansiolíticos.

De noite não conseguia dormir. E sonhava de olhos abertos: via enormes *alebrijes*** que adquiriam vida e se preparavam para devorá-lo. Ouvia a voz do Inominável e depois copiava num caderno as frases que ele lhe ditara. “ELIMINAR TODOS OS IMBECIS. As mulheres e as crianças primeiro. As MULHERES e as crianças PRIMEIRO. metade homem metade anjo. homemanjohomemanjo.”

Só o álcool e a droga o acalmavam. Precisava arrumar dinheiro.

Então se animou novamente a entrar nas casas próximas das estações de trem. Foi o mais cuidadoso possível na hora de escolher: queria lares vazios, onde só o roubo o esperasse.

O dinheiro e as joias foram se acumulando outra vez num armário da estação rodoviária de Juárez.

Os Niners se encaminhavam novamente para o Super Bowl. Steve Young não era um quarterback ruim, mas sentia falta de Montana e logo perdia o interesse pelas partidas.

Tentou escrever uma carta para María Luisa. Não sabia bem o que dizer. Misturava lembranças ternas da infância — ele e ela brincando na árvore oca — com insultos por tê-lo tratado tão mal, por se portar de maneira tão ingrata com ele.

Quis se concentrar em outras coisas, mas a vontade de dizer alguma coisa a María Luisa não passava. Talvez fosse mais fácil ficar frente a frente com ela e conversar. Como será que ela estava? Lindíssima? Será que tinha mudado alguma coisa?

A ideia o deixou ansioso. Talvez ela não quisesse vê-lo. Era capaz de lhe dar as costas quando abrisse a porta e topasse com ele.

Já havia superado medos piores. Tinha de vencer esse também.

Certa madrugada, o ônibus o deixou numa rua de Villa Ahumada. Seus passos se dirigiram à casa de sua infância. Continuará lá?

Sim, estava lá. Uma casa térrea com telhado de zinco e paredes de estuque, uma árvore centenária no pátio. Empurrou a porta; o cadeado estava aberto, como se o esperassem. As dobradiças rangeram. Havia ruídos na cozinha. Sua mãe, enrolada num xale preto, fazia feijão numa panela e aquecia tortilhas numa frigideira. Jesús sentou numa cadeira e esperou que ela se virasse.

Profusão de cruces nas paredes. Havia cruces de todos os tipos, como se sua mãe se dedicasse a colecioná-las: de lata, de madeira e de alumínio; grandes e diminutas; de cores gritantes e pretas como um velório; com Cristos sofridos e sangrentos e sem ninguém cravado nelas.

Nenhuma cruz devia ter o Cristo, pensou. Ele estava tão ausente quanto seu pai.

Ela se virou: parecia não ter se passado um dia desde que ele se fora. Ela o viu, e seu rosto não demonstrou surpresa. Trouxe seu café da manhã, sentou do lado dele, perguntou se queria mais alguma coisa. Ele não respondeu e pôs a tortilha na boca.

Ela comeu em silêncio. Ele fez o mesmo: ficou olhando para o prato.

Ela o observou como se seu olhar tivesse o poder de transpassá-lo e pousar na parede manchada de fuligem atrás dele.

Você foi embora como o seu pai, disse finalmente. Todos vão embora daqui. No fim, só as vozes ficam.

María Luisa...

Também foi embora. Vive com Jeremías, um homem trabalhador. Tem um filho. A única coisa que eu te peço é que não faça nenhum mal a eles.

Jesús sentiu uma pontada no coração. Então a visita fora inútil.

Perguntou onde ela morava.

Novo México. Não tenho o endereço. Pode ser que o irmão do Jeremías saiba qual é.

Jesús se levantou, pôs os pratos na pia. Foi até o quarto onde costumava dormir. Parecia ter diminuído, e a parede que guardava seus cartazes de lutadores estava nua, sem as cores relampejantes. O piso onde ficava seu colchão se partira em dois, como se um terremoto tivesse tentado separar uma parte do quarto da outra. Como se alguém tivesse feito um feitiço, uma invocação, suficiente para transformar esse pequeno paraíso num buraco negro e empoeirado.

Restava a cama de seu pai e de sua mãe. A cama de sua mãe e de María Luisa. A cama dele e de María Luisa.

Ninguém nada nunca. E se essa fosse a verdade pura e simples? E se ele nunca tivesse morado ali e sua mãe tivesse razão em agir como se a visita no fundo não estivesse acontecendo?

Ao sair do quarto, virou-se e viu a cama novamente. O que quer que a realidade fizesse para enganá-lo, não podia ir contra sua memória: tinha sido verdade, tudo.

Não quis se aproximar da cama. Olhou-a de longe, assustado, como se o que acontecera ali tivesse o poder de levá-lo para espaços nos quais não havia nada melhor senão empunhar uma faca.

Sua mãe o acompanhou até a porta.

Ele pediu o endereço do irmão de Jeremías; ela deu. Despediu-se em silêncio, com um abraço. Ela se deixou abraçar. Seu corpo flácido não ofereceu resistência, mas tampouco recebeu Jesús calorosamente.

Jesús foi para a rua. A intensa luz do dia o ofuscou por um momento. Depois foi recuperando a visão das coisas.

Depois de visitar o irmão de Jeremías e de conseguir o endereço de sua irmã, foi fazer hora na cantina Paso del Norte — atendida por um casal de chineses, um jukebox abusivo em sua paixão pelos Tigres e Juan Gabriel, um gato dormindo em cima de uma mesa na qual um velho jogava paciência —, tomando um porre de aguardente e recordando uma tarde no circo com seu pai e María Luisa. Do que ele viu no palco só restava em sua memória um bode amestrado que não arredava pé de um banquinho, apesar das ameaças do chicote de seu domador, e um indício de luta livre entre dois palhaços. Além do mais, durante essas horas em que passou sentado nuns tabuões desconfortáveis, os pés no chão coberto de palha, seu olhar se fixou, obsessivo, hipnotizado, nas reações de sua irmã. Não importava o que faziam os trapezistas nem o engolidor de facas nem as anãs contorcionistas, e sim a forma como María Luisa vivia esses momentos. E nela havia assombro, medo, tensão, angústia, maravilha. Ele pensou, ou pelo menos na cantina Paso del Norte acreditou haver pensado, que não devia se separar dela pelo resto da vida dos dois. Tudo estava em ordem se ele podia ter prazer vendo como ela vivia tudo com um prazer intenso.

Que será que faria quando o visse? E ele?

Em Starke fantasiou tantas vezes o reencontro que nem lhe passara pela cabeça pensar nas implicações disso. Estaria preparado para sua rejeição, seu desgosto, sua decepção? Não era mais o menino de olhos travessos com quem a irmã brincava na rua. Também não era mais o garotinho inquieto dos dias anteriores àquela noite em que, ainda que estivessem tomando rumos diferentes, ainda havia segredos compartilhados, cumplicidades.

Às vezes a raiva o consumia e ele pensava que talvez o melhor para ela também fosse a faca. Porca. O que estava fazendo com o imbecil do tal Jeremías? O que estava fazendo com um filho?

Pediu ao chinês que lhe emprestasse papel e lápis. No balcão, começou a escrever uma carta.

“Querida irmãzinha sei que tá tudo bem eu queria te ver sempre e pensei que”

“Querida irmã eu só queria te dizer que”

“Maninha muita coiza aconteceu mas eu quero que você fique sabendo que mora no meu corassão”

“Irmã irmã a vida cepearou a gente mais eu tenho um punhado”

“Querida irmã é bom ver que a vida tá te tratando bem, logo mais”

“Porca imbecil matar tudo os imbecil KILL THEM ALL.”

Quando saiu da cantina estava bêbado e se esborrachou na rua. Tentou se levantar, mas não conseguiu: logo depois apagou. Dois jovens que passavam por ali empurraram seu corpo para o lado para evitar que

o atropelassem.

Acordou à meia-noite, entrevado de frio.

Teve dificuldade para levantar. Quando conseguiu, a primeira coisa que lhe veio à cabeça era que devia ir procurá-la em Albuquerque.

Não queria pensar no que tinha acontecido anos atrás. Tinha de se concentrar no que estava por vir.

Quando chegou a Juárez, tirou todo seu dinheiro do armário da estação e, aceitando um conselho de Miguel, foi morar no povoado de Rodeo, no estado de Durango, duzentos quilômetros a sudeste. Não era fácil chegar lá — o caminho pelas montanhas era sinuoso —, mas Jesús queria exatamente isto, pelo menos por um tempo: isolar-se do mundo, se perder. Começar vida nova.

Uma casa simples, de paredes brancas, térrea e com dois quartos, custou-lhe quase mil dólares.

Começou a usar óculos porque seus olhos doíam. Bebia menos do que antes e conseguira manter as drogas sob algum controle. Dormia melhor e as manchas vermelhas em suas bochechas tinham desaparecido. Queria que a irmã tivesse uma boa impressão quando o visse.

Em pouco tempo conseguiu um emprego como professor de inglês numa escolinha administrada pelo convento Fray Bartolomé de las Casas. A escola ficava defronte ao único posto policial do povoado. Jesús sorriu: se soubessem...

* Do náuatle *huixachi*, espinhento; de *huitztli*, espinho, e *ixachi*, abundante: árvore da família das Mimosáceas, comum no México. (N. T.)

**Figura de barro pintada de cores vivas que representa um animal imaginário. (N. T.)

Auburn, Califórnia, 1948-1952

Estava gostando, não estava gostando? Ele fora transferido para um prédio maior que o anterior. Diziam que ficaria melhor, que teria mais espaço lá. Era verdade, havia mais de cem alas e elas eram grandes e estavam ligadas por corredores espaçosos, com janelas altas por onde se viam os jardins que cercavam o edifício e os muros que o separavam da estrada. Mas também havia mais gente, pululando por todo canto. Muitos deles disformes — coxos, com mãos amputadas, caolhos, sem um pedaço do rosto, com a língua de fora —, sobreviventes, percebeu, de uma guerra que não era a dele. Uma guerra que se travara longe dali. Estava num país grande e belicoso, que ajudava o senhor Governo do México a queimar igrejas e também cruzava os mares para atacar outros.

Os enfermeiros, com seus uniformes brancos manchados de sangue ou de um desses remédios que davam para Martín ou para seus colegas de ala, faziam-nos desfilar o tempo todo. Não descansavam. Faziam Martín lembrar que eram soldados. Pois sim, eram das tropas inimigas, não dava para esquecer isso, apesar dos bons modos deles.

Logo cedo eram acordados por uma sirene estridente que soava em todas as salas, e depois os mandavam fazer filas. Os jovens aqui, os velhos ali. Os homens aqui, as mulheres aqui.

Líquidos, líquidos. Líquidos por toda parte. De todas as cores. Vermelhos esverdeados amarelados. É claro, ele já sabia: ali dentro só havia líquido, e a pele era um dique. Mares viscosos que se moviam a cada batida do coração. Abririam seu cérebro e haveria líquido.

Inventou nomes para os enfermeiros. Güero, Tentenaire, Saltapatrás, El Coyote, El Chamizo, Notentiendo. Levavam-nos aos dois banheiros que havia em cada sala, faziam com que se revezassem para tomar banho, lavar-se, vestir-se. Davam-lhes seus remédios. Contavam-nos o tempo todo, para garantir que ninguém se perdesse ou se machucasse. Três vezes durante o dia, duas ao entardecer, uma no resto da noite.

Depois do banho vinha o café da manhã. Faziam-nos voltar para suas camas e lhes traziam a comida em carrinhos. Davam-lhes facas, garfos, colheres, pratos de plástico. Martín ajudava a recolher os pratos e utensílios sujos.

Acha o Güero simpático. Tentenaire nem tanto. Saltapatrás mais ou menos. El Coyote, conforme a hora. El Chamizo, péssimo. Notentiendo a melhor.

Era importante manter a ordem. Em determinada hora os médicos vinham examiná-los. Em determinada hora as luzes eram apagadas. De tarde podiam se distrair com jogos de mesa, com um baralho, fazendo palavras cruzadas. Havia uma salinha onde passavam uns filmes. Se eles se comportassem bem, deixavam que fossem ao jardim.

desenhar e em fazer esculturas. Tornou-se amigo de um loiro que não parava de desenhar soldados e canhões e paraquedas e aviões e uma cruz como uma hélice. Olhava seus desenhos, que não eram bons, e de repente pensava na guerra de María Santa Ana. Ali era diferente. Atanacio lhe falara de cavalos, de igrejas incendiadas, de casas e colheitas destruídas, mas nada de aviões e paraquedas. María Santa Ana continuaria do lado dos federais? Às vezes não conseguia dormir pensando se ela se unira a eles por vontade própria ou se tudo fora um plano para entrar em território inimigo e lutar gritando Viva Cristo Rei.

Não devia se iludir. Ele era um prisioneiro de guerra. María Santa Ana: traidora miserável. Talvez ele estivesse ali por ela ter avisado os federais, e o senhor Governo do México era amigo do senhor Governo dos Estados Unidos da América do Norte.

O loiro sentava-se a seu lado e não falava nada. Aplaudia muito, isso sim. O que lhe agradava e o que não lhe agradava. Martín não sabia o que o loiro pensava de seus desenhos, mas que o aplaudia o tempo todo.

Quando a aula terminava, iam para o jardim. Podiam passar todo o tempo livre juntos, sem falar uma única palavra. Tentempié tirou uma foto deles. Martín não gostou, porque aparecia sorrindo e percebeu que perdera alguns dentes. Na próxima, aprenderia a sorrir de boca fechada.

O professor do ateliê de cerâmica decidiu montar uma exposição com os desenhos dos que haviam frequentado suas aulas. Viria observá-los um senhor com seus alunos. Era professor de arte e queria ter mais contato com a comunidade, entendeu Martín. Viera da Romênia, disse Güero enquanto dava banho em Martín. Transilvânia, hahaha!, festejou sua própria piada. Drácula, ha-ha-ha!, continuou. A piada se espalhou pelo edifício: Drácula viria visitá-los.

Puseram os desenhos nas paredes do solário. Havia desenhos coloridos e em preto e branco, pintados com aquarela e com grafite. Predominavam sóis e janelas e meninas flutuando em nuvens algodoadas, abraçadas a balões e ursos de pelúcia.

Quando o senhor chegou com seus alunos, parou por um bom tempo diante do desenho de Martín. Um cavaleiro armado num cavalo, ao lado um cervo e as colinas ondulantes. Perguntou quem era o autor. O professor do ateliê apontou para Martín.

Aproximou-se dele. Drácula, Drácula, pensou Martín. Yu ráve a lot of talent, disse-lhe. Yu nou it? Martín não respondeu.

Drácula perguntou com gestos se podia lhe dar o desenho de presente. Martín assentiu.

O professor de arte foi embora com um sorriso satisfeito.

A partir desse dia o professor passou a visitá-lo com regularidade. Martín esperava-o ansioso, porque lhe trazia cadernos de desenho, grafites, lápis de cor. Não podia descartar que fosse parte de um plano inimigo, mas devia reconhecer que era mais forte do que ele. Não queria fazê-lo desaparecer. Assim que visse algo suspeito, fecharia os olhos e o faria enfrentar sua fúria aniquiladora.

A. Ni. Qui. La. Do. Ra.

Quando o professor via que Martín tinha novos desenhos, anotava a data em sua margem inferior direita. É bom saber quando foram feitos, dizia. Martín sorria. Os desenhos eram cuidadosamente

guardados no ateliê de cerâmica. Deixaram Martín livre. Já não precisava ajudar a arrumar as camas, limpar as salas. Agora só devia desenhar. E desenhava. Sem parar. Desenhos pequenos, imensos, com muitas cores e em diversas combinações de cinza. Pedia revistas, recortava suas ilustrações e as colava nos desenhos. Não queria que o professor o visitasse e o encontrasse de mãos vazias.

Um dia o loiro não compareceu ao ateliê de cerâmica. Martín esperou a semana seguinte, e ele também não veio. Aproximou-se do professor com um desenho do loiro. Fez-lhes sinais enfáticos. Que acontecera com ele? O professor levou as mãos ao pescoço. Depois desenhou uma corda numa folha. Fez uma cara de triste.

Martin fez o sinal da cruz.

Estava na aula de cerâmica quando lhe disseram que tinha visita. Um jovem moreno e alinhado. Identificou-se como filho de sua irmã mais velha. Martín não quis recebê-lo.

O diretor o chamou ao seu escritório e lhe disse coisas que Martín não entendeu. No final, a única coisa que ficou clara para ele é que não tinha outra opção a não ser receber aquele jovem.

A visita foi supervisionada por Saltapatrás.

O filho de sua irmã mais velha começou a chorar de emoção e o abraçou. Disse-lhe que estava trabalhando em San Francisco quando um conterrâneo lhe veio com um boato de que havia mais gente como ele num hospital no norte do estado. Teve um pressentimento. Investigou, e os médicos confirmaram que o haviam internado nas datas aproximadas em que se perdera seu rastro. Tinha de ser ele.

Calma, calma. San Francisco? Onde fica isso? Ele estava ao norte, bem ao norte, isso ele sabia. E também lembrava que quando veio havia um estado que se chamava Texas, pelo qual ele passou com seus companheiros de viagem, depois chegaram à Califórnia e lá foram se separando e ele subiu e subiu até que parou de subir. O trem, era preciso construir o trem. Os trilhos, as vias, os dormentes. O ferro, a madeira, o suor nas tardes em que o sol calcinava como lá no deserto e em El Picacho. E às vezes seu corpo todo doía, mas não como agora, e às vezes havia acidentes, numa ocasião uma viga de aço caiu em sua perna e ele ficou mancando por um tempo e numa outra uma explosão de dinamite o atirou no chão e o som permaneceu em seus ouvidos, por quanto tempo? Muito, muito, lá, lá, bem longe, no lugar em que não estava mais, com camponeses como ele, todos esses que desejavam voltar e não voltavam, isso, isso, havia algo neste país que fazia com que não voltassem, que procurassem desculpas para ficar, que se contentassem em enviar dinheiro, e até mesmo que ficassem quando não havia mais dinheiro, não havia trabalho, nada de nada, mas o que foi?, isso, o que foi?, era a guerra, sim, a guerra lá no México, por isso ele não voltara, a culpa era do senhor Governo, a culpa era de María Santa Ana.

O filho de sua irmã lhe contou o que estava acontecendo lá longe. Assustou-se: não queria saber de sua mulher traidora. Não queria saber da guerra, disse, e o enfermeiro a seu lado se sobressaltou: então ele podia falar?

Não há guerra, tio. Tudo acabou há mais de vinte anos.

O jovem não parava de falar. Alguma coisa sobre a falta que suas filhas e Candelario sentiam dele. Alguma coisa sobre a necessidade de ele voltar. E que ele faria de tudo para ajudá-lo.

Suas filhas? Candelario? Como podia confiar neles, se com certeza tinham sido criados pelos federais,

que encheram suas cabeças de ideias? Levantou-se agitado e começou a chutar as paredes. Saltapatrás se aproximou para acalmá-lo.

Você precisa voltar para sua família, tio. Estamos te esperando. Por favor, tio.

Com gestos, Martín pediu a Saltapatrás que o acompanhasse até sua cama. Pegou numa sacola a última carta que recebera de Atanacio e voltou à saleta onde o filho de sua irmã o esperava. Deu-lhe a carta, pedindo-lhe com gestos que a lesse. Enquanto o outro fazia isso, deu-lhe as costas e ficou olhando para a parede.

Não entendo, tio.

Traição, disse. Minha mulher, os federais.

Não é isso que ele diz, tio. Você não entendeu bem. Ele diz que ela lutou junto com o tio Atanacio para defender o rancho e que os federais prenderam os dois. Mas faz anos que isso aconteceu. Agora ela está te esperando e todos os seus filhos estão te esperando.

Martín se agitou novamente e começou a socar as paredes. Chegou a dar uma cabeçada antes que Saltapatrás reagisse. Apalpou a cabeça: havia sangue. Olhou para suas mãos manchadas, líquido, líquido que saía de seu corpo e não parava de sair. A pele não servira de dique, e agora, fazer o quê? Morreria, morreria. Começou a gritar.

Saltapatrás chamou outros enfermeiros, que controlaram Martín jogando-o no chão. Martín sentiu que um deles punha os joelhos em suas costas e o outro lhe apertava o pescoço.

Fechou os olhos. Não estavam mais lá. Mas a dor continuava. Aaaaahhhh.

Saltapatrás disse ao jovem que a visita tinha terminado.

Martín estava com medo. O que esse jovem iria dizer? Será que o levariam? Seria transferido para outra prisão, ficaria numa cela escura no México. Os federais de seu país eram uns filhos da puta, não tinham respeito pela vida. Aqui ele estava bem.

Tentou se acalmar. O sangue ia estancar? Um enfermeiro colocou uma atadura em sua cabeça, seria levado para outra sala, estities, estities.

O filho de sua irmã se levantou da cadeira e se aproximou de Martín diante do olhar inquieto de Saltapatrás e dos outros enfermeiros.

Tio, tio. Por favor, não lhe façam nada. Tudo bem, eu entendo. Tem alguma mensagem para sua mulher, para seus filhos? Querem muito ter notícias de você.

Martín desenhou um vale de colinas ondulantes e Jesus Cristo numa cruz. O sangue que manava de sua cabeça manchou o papel. Saltapatrás lhe disse num espanhol balbuciante que vai vê-las em outra vida.

O jovem abraçou o tio, foi embora e nunca mais voltou.

Pouco tempo depois, Martín soube que o professor viria morar no edifício por alguns meses.

Foram em princípio as dores de cabeça, pouco depois do Natal, enquanto eu dava uma volta pelo shopping. Depois, o enjoo, que me acometia em momentos inesperados, depois de um chá ou de uma salada. Atribuí tudo isso à tensão provocada pelo meu relacionamento com Fabián. Havia telefonemas e e-mails de Buenos Aires, mas também a sensação quase imperceptível de que nossa história não daria em nada nem agora nem se tentássemos mais mil vezes. Fabián estava cada dia mais perdido em suas alucinações. Um e-mail dizia: “do que eu gosto mais é do sorvete ninguém pode competir com os daqui. o de doce de leite é um poema. tive um ataque de pânico no avião e senti que estava saltando de paraquedas. eu era duas pessoas, um que via tudo da janela do avião e outro que se chocava como uma bala contra o chão porque o paraquedas não abria. hoje acordei às seis da manhã e alguma coisa me impeliu a ir até o jardim. de repente escutei um zumbido e vi uma coisa vindo em minha direção. era eu, meu paraquedas não abria. me joguei no chão tentando evitar o choque. tarde, tarde. fechei os olhos e quando abri não havia ninguém. saí correndo, com a sensação de que havia sobrevivido e de que tudo seria diferente a partir de agora. mas depois vi o corpo destroçado do paraquedista e fiquei apavorado”.

Queria ajudá-lo e me sentir, assim, imprescindível em sua vida, mas no fim das contas não conseguia fazer nada e estava afundando junto com ele. Às vezes sentia que meu lance era, principalmente, orgulho e teimosia: queria voltar com ele porque não aceitava que tivesse me deixado de maneira tão pouco cerimoniosa; reescreveria a história e então o deixaria e voltaria à tona triunfante. Às vezes era tomada pelo desejo de me entregar a ele, e pensava que nunca mais encontraria alguém como Fabián; eram só uns lampejos, mas existiam. E nós dois estávamos nessa, incapazes de cortar completamente as amarras, impossibilitados de uma entrega total à relação, perdidos na incerteza do querer e do não querer.

Uma semana de vômitos fez com que a ideia fosse abrindo caminho, até que uma ida à farmácia, onde comprei um teste de gravidez, confirmou tudo. No banheiro de um café decorado com cartazes de shows de Jeff Buckley, inteirei-me do que estava acontecendo. Nos dias seguintes não consegui dormir: assustava-me o momento em que teria de contar a Fabián. Preferi não lhe dizer nada por telefone ou e-mail. Era melhor esperar a volta dele, em janeiro.

Fabián chegou numa segunda-feira. Deixei-o descansar e na manhã de terça me armei de coragem e fui bater à porta de sua casa, ele a abriu e fomos até o andar de cima e lhe pedi que sentasse no sofá, e quando ele fez isso Woodstock recostou-se a seu lado. Contei-lhe o que estava acontecendo comigo e ele ficou sem palavras e se recuperou o suficiente para me dizer que se alegrava por mim, que seria

responsável pelo bebê, mas que isso não significava que tivesse de se sentir “amarrado” a mim. Depois disse que nós mal tínhamos dormido juntos antes de sua viagem. Não teria havido alguém em sua ausência? Viu a fúria em meu rosto e se desculpou, mas já era tarde: naqueles dias, uma palavra fora do lugar era suficiente para que tudo explodisse, e, sim, havia muitas palavras fora do lugar.

Por telefone, ele sugeriu que eu fosse ao Planned Parenthood e que eu não era obrigada a ter o bebê. Joguei o celular longe.

Tinha pensado em contar para a Fodida e pedir que me acompanhasse ao Planned Parenthood, mas percebi que já não confiava nela como antes. Fui sozinha e fiquei deprimida. Uma negra roliça com um sorriso que deixava suas gengivas à mostra me disse que o que eu estava pensando em fazer era mais normal do que eu podia imaginar, uma em cada três mulheres com menos de quarenta e cinco anos já havia feito um aborto nos Estados Unidos. Estremeci imaginando um cemitério infinito de nonatos. Recebi folhetos com fotos de fetos descartados por abortos ilegais. Intei-rei-me do funcionamento da pílula do dia seguinte. Ao sair de lá, senti ânsia de vômito no estacionamento.

Encontrei-me com Fabián no Chip & Dip. Disse-lhe que me negava a fazer um aborto. Ele foi mais firme e me disse que se negava a aceitar que eu tivesse o bebê. Contou mais uma vez o desaparecimento de sua mulher, de como aquilo o levava à depressão e de como era intolerável para ele a ideia de trazer outro ser ao mundo.

Pedi licença da Taco Hut, tive noites de insônia. Rondavam-me as palavras e a atitude de Fabián, queria ser capaz de decidir por conta própria, mas sua influência pesava. Comecei a me preocupar com meu futuro, a pensar como ele, a ver as coisas como ele via: com um filho eu não iria poder estudar, me dizia ele; não iria poder escrever nem desenhar.

Eu quis me convencer de que era uma boa decisão. Não consegui, não totalmente.

Houve outro telefonema de Fabián de madrugada. Convinha não fazer aquilo em Landslide. Podíamos ir a El Paso no fim de semana seguinte. Ele faria as averiguações.

Fizemos a viagem a El Paso dois fins de semana depois. Hospedamo-nos num Holiday Inn, em cuja piscina de água fria Fabián passou quase o tempo todo, escondendo-se de mim. Para chegar à clínica pegamos um táxi que se perdeu por umas ruazinhas próximas da via férrea; ao fundo se recortava o céu de Juárez, mais escuro que o de El Paso, agoniado pelo smog das fábricas.

A clínica tinha uma sala de espera com dois bancos. A enfermeira que me atendeu tinha os braços delgados e ossudos, o cabelo preto preso numa longa trança.

Como você descobriu este lugar?

Um amigo que leciona em El Paso.

A verdade é que eu não entendo você. Podíamos fazer isso em Landslide mesmo. Paranoia pura, a sua. Já somos grandinhos para esconder estas coisas. Além do mais, no Planned Parenthood me disseram que aqui isto é feito dentro do mais estrito sigilo.

Deu de ombros, como se me dissesse que já era tarde para mudar de opinião.

Entrei num quarto e a enfermeira pediu que eu tirasse a roupa e me deu uma bata. Deitei na maca e apareceu a doutora, Ana Carranza ao seu dispor. Fabián estava do meu lado, eu apertava sua mão com força.

A dra. Carranza me aplicou uma injeção, fechei os olhos e quando voltei a abri-los algumas horas depois Fabián já não estava do meu lado. Ainda sentia tonturas quando a enfermeira se aproximou e me ajudou a levantar. Fiquei de pé a duras penas e então vi Fabián sentado num banco. Folheava uma revista; aproximou-se e me abraçou. Queria lhe dar uma bofetada, mas não tinha forças.

Na viagem de volta, Fabián se fechou e quase não abriu a boca. Meu corpo todo doía, principalmente na altura do estômago, e me sentia fraca. Dormi muito.

Fiquei alguns dias no estúdio, tentando não me agitar, não fazer esforço, levar tudo na boa. Nada de anestésicos fortes, apenas Tylenol. Às vezes eu me contorcia de dor com as câimbras no estômago, que me prostravam no chão, os olhos marejados de lágrimas. Reli o primeiro volume de *The Sandman*; desses capítulos, continuavam me impressionando o azul de “Sleep of the Just”, o ambiente de pesadelo de “Imperfect Hosts”, uma frase de “Dream a Little Dream of Me” — *Dream dream dreeeeam... whenever I want to... All I have to do... is... dreeeeam...* —, as cores escuras e o enquadramento das vinhetas em “A Hope in Hell”.

Eu devia me dedicar somente a ler. Sim, podia ser uma leitora profissional.

*Rodeo, México; diversas cidades
dos Estados Unidos, 1994-1997*

Certa manhã uma dor de dente obrigou Jesús a ir à farmácia. A mulher que o atendeu em La Indolora — no vidro fosco da porta de entrada lia-se num letreiro “Injeções 3 pesos” — tinha cabelo preto até a cintura e unhas pintadas de azul. Falava muito e ao sorrir exibia um dente quebrado. Jesús se irritou com tanto falatório, mas quando se dispunha a sair encontrou um pretexto para não fazê-lo: havia uma balança do lado da porta. Por três pesos, também se tirava a pressão.

Estava sem trocado; tirou os óculos e se aproximou da mulher, ela adivinhou a intenção dele e lhe deu algumas moedas antes que ele abrisse a boca. Jesús agradeceu e perguntou seu nome sem olhá-la nos olhos, entrelaçando nervosamente as mãos.

Renata. Você está de passagem?

Moro aqui. Faz só umas semanas.

E o que o traz aqui? É uma cidade tão pequena.

Gosto que seja pequena. As pessoas às vezes são cansativas.

As pessoas não dão valor ao que têm aqui. Eu morei um tempo em Juárez, mas foi uma experiência ruim, e voltei. Agora tenho um bom trabalho e não reclamo.

Quando saiu de La Indolora Jesús tinha o telefone de Renata.

Um dia depois foram ao cinema ver um filme de Jackie Chan do qual Renata não gostou — já sei que é de mentira, mas quanta violência! —, e depois ele a levou ao restaurante Veracruz, que lhe haviam recomendado quando perguntou por um lugar elegante. No recinto com piso de mosaico e enfeites florais nas mesas, dois homens bebiam uma garrafa de mescal, debatendo em voz alta. Uma ruiva olhava um guia do México com ar concentrado; numa das cadeiras de sua mesa repousava uma mochila.

Renata, que estava usando um longo azul e fizera uma trança complicada no cabelo — arabescos que lhe tomaram mais de uma hora depois que saiu do banho —, ficou impressionada por Jesús ser tão atencioso e por ter dinheiro para gastar. Quando ele lhe contou que trabalhava na escola das freiras, ela perguntou se lá pagavam bem.

Duzentos e cinquenta pesos, disse.

Só? Quase nada.

Quando preciso de dinheiro cruzo a fronteira e sumo por alguns meses. Trabalhei em plantações de tabaco, em estações de gás. Colhi laranjas na Califórnia, semeiei aspargos, colhi arroz no Texas. Limpei banheiros, isso foi o pior. Não se vive mal.

E por que o senhor não fica por lá?

Pode me tratar sem cerimônia. A gente sente muita falta daqui.

No fim de semana saíram novamente. Beijaram-se na escuridão de um karaokê no qual um anão barrigudo vestido de *mariachi* interpretava canções de Pedro Infante. Era junho, mas no karaokê ainda não tinham retirado a decoração natalina: um Papai Noel de plástico bamboleava sobre um alto-falante, uma árvore cheia de enfeites secava num canto, bandeirolas penduradas no teto formavam as palavras MERRY CHRISTMAS.

Jesús tentou tocar os seios dela na escuridão da rua, mas ela o afastou. Convidou-a para ir até onde ele morava; Renata disse não.

Eu gosto, disse ele. Eu gosto que você não seja como as branqueiras.

Minha mãe, que descanse em paz, me ensinou que um homem precisa ganhar o respeito da mulher antes que aconteça alguma coisa.

Coroa de merda, pensou Jesús. Mas também, não estava com pressa; não havia muitas opções em Rodeo, e Renata não era nada mal. Naqueles dias formulara um plano no qual um casal estável era fundamental. Alguém que fizesse com que ninguém na cidadezinha suspeitasse dele. Que lhe desse respeitabilidade. Que pudesse ficar em sua casa quando ele viajasse, cuidando de suas coisas. Porque ele já sabia: a viagem tinha de continuar. Essa história de ficar num lugar pelo resto da vida não era para ele.

Pouco tempo depois, Jesús entrou em contato com um vendedor de carros roubados. Disse que podia conseguir carros para ele. Não tinha intenção de atravessar de novo para o outro lado; só queria aproveitar seus contatos em Juárez para trazer carros, revendê-los e ganhar alguns pesos de comissão.

O negócio dos carros o tornou conhecido em Rodeo. Outros compradores de povoados e cidades vizinhas entraram em contato com ele. Jesús aproveitou sua fama local, deixou para trás seu discreto parêntese. Era conhecido nos bares, conseguiam-lhe cocaína barata, e nos bordéis da zona as putas brigavam por ele porque sabiam que tinha dinheiro e pagava à vista.

Um dia levou Renata a Juárez. Foram fazer compras na Futurama, e Renata ficou impressionada com as lojas de marcas rutilantes, Jesús lhe disse você tem sorte, tinha acabado de receber um dinheirinho que lhe deviam, podia comprar o que bem entendesse. Ela o abraçou emocionada e correu para as lojas “rapidinho, antes que você se arrependa”. Jesús sentou-se em poltronas fofas enquanto esperava que ela terminasse de experimentar vestidos e sapatos; opinou com monossílabos quando vinha lhe mostrar uma calça ou uma bolsa, ficou calado quando escolhia algo que lhe parecia caro. Saíram da praça carregados de sacolas, Renata tagarela e sorridente, ele repetindo com seus botões it’s over, sua porca, it’s over.

Nessa viagem dormiram juntos pela primeira vez. Ela tinha os seios planos e ele disse que podia lhe pagar uns peitos novos. Renata enrubesceu: a operação a assustava, mas iria pensar no assunto.

Jesús convidou-a para ir morar com ele. Renata se negou: o que as pessoas iam dizer? As coisas deviam estar em ordem para que acontecesse uma coisa dessas. Jesús pensou o que é que você acha, sua imbecil, devia agradecer porque eu estou salvando a tua vida. Mas depois disse a si mesmo que no fundo nada ia mudar.

Dois dias depois pediu sua mão e ela aceitou. Casaram-se dois meses depois.

“SUA PUTA DE MERDA SE VOCÊ SOUBESSE. eu não te suporte não te SUPORTO. Não é culpa tua ODEIO TODO MUNDO. falam e falam e dizem que me respeitam mas all is craisdy, Eu sei é o meu dinheiro, sem dinheiro nem te olham, \$\$\$, todas são assim todos são assim. FUCKING opinions o tempo todo, ratazanas sem neurônios. Vai chegar o dia do Juízo Final, sou o anjo sou Deus sou. KILL THEM ALL.”

O Livro das Revelações continuava aumentando. Os cadernos que o compunham eram distribuídos por todo o povoado. Alguns foram enviados para o endereço de María Luisa em Albuquerque.

Numa de suas primeiras viagens a Juárez depois de casado, Jesús não resistiu à tentação e cruzou para El Paso. Na rua Santa Fé entrou numa cabine telefônica e ligou para o número de sua irmã. Uma voz grave atendeu.

Era ela. Era ela.

Desligou.

Foi até a Freight House e embarcou no primeiro trem de carga que partia. No vagão topou com dois vagabundos fedidos, os rostos tismados, as mãos secas e enrugadas; um deles lhe informou que estavam indo para o Missouri.

O trem começou a se mover. Jesús sentira falta deste ritual. Jogou-se no chão rangente do vagão, tentou dormir. Ia dar um jeito de chegar a Albuquerque.

“Santificado não seja o vosso nome. não não não não NÃO.”

Na primeira casa que tentou roubar, num povoado perto de Saint Louis, foi flagrado por um homenzarrão com um revólver. Jesús teve de sair correndo.

Preocupado com que o homem o reconhecesse, tentou conseguir outro número do Seguro Social com um nome falso. A mulher que o atendia no escritório do Seguro Social notou algo estranho. Reyle, Reyles, Reyes? O nome não lhe soava autêntico.

Jesús estava na sala de espera quando os inspetores do INS apareceram junto com um policial que, depois de ler seus direitos, prendeu-o. Foi levado para uma cela na qual se amontoavam outros ilegais como ele.

Acusaram-no de tentar fraudar números do Seguro Social, de mentir para a Administração do Seguro Social e de estar ilegalmente no país. O advogado incumbido de defendê-lo o fez sem muita convicção, tentando apenas minimizar a pena. Jesús implorou para que o deportassem, disse que se o deixassem numa cidade da fronteira ele prometia não voltar nunca mais. Não acreditaram nele.

Foi condenado a doze meses de prisão.

Foram meses solitários na cela, ruminando um ódio cada vez mais profundo pelas pessoas desse país. Os guardas batiam nele e o castigavam sob qualquer pretexto; seus colegas de prisão viviam se pegando a navalhadas e comprando pó e erva dos guardas e violentando-se como cães.

Todas as semanas deixavam-no fazer uma ligação, e ele, antes de telefonar para Renata, preferia discar

o número de sua irmã em Albuquerque. Às vezes ninguém atendia e ele imaginava que ela estivesse trabalhando. Quando ouvia sua voz do outro lado da linha, ficava nervoso e desligava.

Houve noites insones. Para acalmá-lo, o médico lhe receitou um bom número de medicamentos: Librium, Trypticyl, Valium, Clonazepam.

Não escreveu nada.

Teve pesadelos em que o rosto da puta da Califórnia que fora sua primeira vítima — isso há quantos anos? — transformava-se no de María Luisa e depois voltava a se transformar no da puta da Califórnia.

Foi solto cinco meses depois. Tinha o olhar sombrio, mas decidido. Ao sair de Starke, fizera todo o possível para manter sob controle aquele Jesús que morava dentro dele e se preparava em silêncio para o dia da batalha final. Agora não mais. Sua fúria se derramaria como lava ardente até que no mundo não restasse ninguém além dele, rodeado pelas caveiras desdentadas de todos os mortos infelizes que o haviam provocado com sua corrupção, ignorância, preconceitos, inferioridade.

Ao voltar a Rodeo, encontrou Renata em casa. Ela a havia decorado com cortinas cor-de-rosa e bichinhos de pelúcia no sofá, que contrastavam com os cartazes de jogadores de futebol americano — Montana, Rice — que ele pusera nas paredes.

Ela ficou boquiaberta ao vê-lo. Sentava-se no sofá florido, sem querer segurar a mão dele, e depois tentava abraçá-lo. Jesús também não sabia o que fazer. Tirava os óculos e voltava a colocá-los, até que finalmente: Que merda você fez com a minha casa? Essas cortinas, você ficou louca, sua velha ordinária?

Renata caiu num choro que pegou Jesús de surpresa. Imbecil, pensou ele, idiota, porca. Depois organizou seus pensamentos. Não lhe convinha brigar com ela. Pediu desculpas pela grosseria, são os nervos, e se animou a dar uma explicação, tinha conseguido um trabalho do outro lado, perto de El Paso, não teve como se comunicar. Renata acreditou; queria acreditar nele, só precisava que lhe dissesse algo convincente. Foi se acalmando. Aproximou-se, lhe deu um beijo e disse que da próxima vez a avisasse com antecedência, tinha ficado muito preocupada.

É que não é justo, Jesús. Vem meu irmão e pergunta de você e eu não sei o que dizer. E daí vem a vizinha e eu finjo que você já vai chegar. E a gente escuta tantas histórias de pais e irmãos e maridos que estão bem num dia e no dia seguinte vão para o outro lado e mandam dinheiro nos primeiros meses e depois desaparecem. Eu sei que você é diferente, olhe, Jesús, e que isso nunca ia acontecer com você, mas mesmo assim não é justo.

Ela era uma tonta, seu fim ia chegar a qualquer momento. Por enquanto ainda precisava dela. Para evitar suspeitas, nunca mais a deixaria sem dinheiro; abriria uma conta no banco local e, se viajasse, daria permissão para que ela sacasse cento e cinquenta dólares por mês.

Mas as cortinas tinham de ser trocadas.

Nos dois anos seguintes passou pouco tempo em Rodeo. Voltou aos trens de carga e a roubar em cidades e povoados do Texas e do Novo México. Renata aceitava a situação: ao voltar, Jesús sempre trazia algum presente para ela — relógios, brincos, correntes, vestidos — e estava com os bolsos cheios de dólares. Ela entendia que não havia trabalho em Rodeo, que ele tinha de cruzar para o outro lado de vez em quando a fim de manter o padrão de vida deles. Acostumou-se a ficar sozinha em casa, a vê-lo

durante uma semana a cada três ou quatro meses.

Por fim Jesús se armou de coragem e foi atrás de María Luisa em Albuquerque. Era a viagem que ele iniciara quando o meteram na prisão novamente, precisava terminá-la. Clinton acabara de ser reeleito, isso o deixara de mau humor. Haveria mais Wacos e mais bombas sobre Sarajevo.

Numa tarde de sexta-feira, chegou à porta da casa dela, perto de um Key-Mart, num bairro afastado do centro. A casa era pequena em comparação com outras da mesma quadra; estava pintada de roxo. Havia um triciclo no jardim.

Tocou a campainha. Uma mulher abriu a porta. María Luisa? Estava um pouco rechonchuda, o vestido largo transformava seu corpo num objeto retangular como um móvel. Que acontecera com aquele corpo esguio que o deixava tonto? Lá estavam os olhos verdes, mas agora já não olhavam de frente (agora olhavam como ele sempre fizera). As faces com marcas de varíola, o cabelo opaco. Seus lábios finos, transformados nas bordas de uma empanada. Faltava-lhe o resplendor com que ele se lembrava dela. Parecia até mais velha do que ele.

Jesús...

Queria que o convidasse a entrar. Precisava lhe contar que no Livro das Revelações havia um lugar para sua salvação.

María Luisa...

Não fique aí, por favor. Entre, entre.

Foi tomado pela emoção, fez meia-volta e se afastou correndo.

Foram meses perigosos para Jesús. A vigilância na fronteira fora incrementada, a imigração não dava folga, as celas dos estados do Sudoeste estavam cheias de mexicanos e centro-americanos que esperavam sua vez para se defender e evitar a deportação quase inevitável — tenho mulher, tenho filhos aqui senhor juiz, sou um perseguido político no meu país senhor juiz, se me mandarem de volta os traficantes vão me matar senhor juiz, senhor juiz, mister lawyer, senhor, mister, senhor mister, please please please.

Certa vez, na Califórnia, a polícia mandou parar o trem de carga no qual viajava, e ele foi detido junto com quatro vagabundos que viajavam com ele. Foi perdoado e mandado para uma cidade da linha férrea, onde o deixaram livre.

Em outra ocasião, no Texas, foi detido por estar bêbado e sem documentos na rua. Foi solto três semanas depois. Ao voltar a Rodeo, contou a Renata dessa prisão. Isso fez com que ela tivesse mais confiança nele: não lhe escondia nada, nem mesmo as coisas ruins que aconteciam com ele.

Faltava pouco para o Natal. Estava cansado; queria voltar a Rodeo para as festas. Descansaria alguns meses, seu corpo pedia isso. Um de seus joelhos doía, às vezes era insuportável.

Chegara ao entardecer. As luzes da cidade estavam se acendendo. O trem passava por um subúrbio nos arredores de Houston — os carros faziam fila nos cruzamentos, esperando as barreiras serem levantadas —, quando Jesús viu uma casa de três andares perto dos trilhos. Seu tamanho chamava a atenção, mais imponente que o das casas vizinhas.

Sentiu o corpo vibrar. Saltou do vagão sem pensar muito.

A porta dos fundos não estava trancada. A casa aparentava estar vazia, mesmo assim ele foi até a cozinha e se muniu de uma faca. Uma de borda serrada para cortar carne. Foi até o quarto principal no segundo andar. Jogou-se na cama e afundou: o colchão era de água. Diziam que se dormia melhor, mas ele não acreditava. Era como se jogar sobre uma gelatina: alguma coisa se movia lá embaixo, mil vermes inquietos. Impossível fechar os olhos.

As fotos nas paredes lhe contaram a história: um casal, junto havia mais de dez anos, três filhos. Ela, uma doutora que trabalhava na universidade, a típica gringa; ele, pinta de executivo de banco. Na escrivaninha encontrou folhetos com fotografias de fetos e o nome da doutora: Joanna Benson. Leu algumas frases em inglês no folheto. Pensou ter entendido que a doutora havia feito experimentos com fetos.

Precisava se apressar.

Ficaria na casa esperando por ela.

Enfiou no saco de lona os enfeites de cerâmica que encontrou sobre as cômodas. Pegou uma caixinha de madeira forrada com conchas de nácar, na qual havia colares e brincos; na gaveta de uma das mesinhas de cabeceira encontrou três notas de cem dólares e um relógio que não funcionava, mas que parecia fino. No quarto de uma das filhas — pôsteres de Mel Gibson, Tom Cruise e Bon Jovi nas paredes —, encontrou um taco de beisebol num baú ao lado da cama. Deu tacadas imaginárias e se deu conta de que nunca jogara beisebol. Precisava fazer isso. Com certeza havia ligas em Rodeo.

Desceu ao primeiro andar com o taco. Pensou em levar o aparelho de som, mas depois o descartou: era pesado. Havia outros enfeites de cerâmica na copa, mas eram grandes e quebrariam no saco de lona.

Estava sentado na sala, esperando, quando ouviu um barulho. A porta da garagem. Tinha tempo de fugir.

Ouviu o motor de um carro que entrava na garagem. O motor foi desligado. Ficou esperando do lado da porta que ligava a garagem à casa.

A mulher entrou na sala com sacolas de supermercado na mão. O golpe que a recebeu jogou-a no chão. As latas de conservas rolaram pelo tapete, a manteiga, o leite, a sandália preta de salto baixo que estava usando.

Não, por favor, não. Tenho três filhas.

Shut up, Joanna.

Sentou-se em cima dela e deu um soco em seu olho direito. O golpe sacudiu seu rosto. Outro soco. Ouviu-se um estalo, como de um osso se quebrando. KILL THEM ALL, repetiu Jesús, e cravou a faca de serra no peito dela. Segurou o taco e encheu seu rosto de pancadas até destroçá-lo. Um olho voou, indo parar no chão da cozinha, ao lado de um vasilha de latão com água para um cachorro que não aparecia em lugar nenhum (teria sido levado ao veterinário?, estariam fazendo experimentos com ele?).

Quando se certificou de que a mulher não respirava mais, levantou-se, dirigiu-se à cozinha e jogou o olho na lata de lixo. Voltou até a mulher e cortou sua língua com a faca. Devia fazer isso com Renata. Ela falava demais.

Tirou-lhe a roupa. Estava com as calcinhas mijadas, porca. Fez uma pilha com sua roupa e jogou tudo na lata de lixo. Sentou de novo em cima de Joanna. Masturbou-se diante dela. Penetrou-a. Fixou-se na

massa sanguinolenta no lugar em que antes estivera seu rosto. Moveu-se compassadamente, com fúria, até que sentiu uma rajada elétrica vindo-lhe do âmago. Tirou o pau e se aproximou do lugar do rosto e gozou sobre ele.

O sêmen se misturava ao sangue. Estava tremendo. Seu coração batia acelerado e não havia forma de acalmá-lo.

Aproximou-se de uma das paredes da cozinha e escreveu com o sangue num de seus dedos: IMOMINÁVEL

Percebeu o erro e escreveu novamente: INOMINÁVEL

Estava cansado e com a garganta seca.

Limpou o rosto e os braços, e no banheiro do primeiro andar lavou o sangue que salpicara sua calça e a camisa. Tirou-as e em seguida foi ao segundo andar atrás de uma roupa. Vestiu uma camisa azul que dançava nele, mas calça não, porque as do homem eram tão grandes que não ia dar para ajustá-las direito nem com um cinto, e pisava na barra ao caminhar. Pôs de novo seu jeans manchado, convenceu-se de que não era para tanto. Compraria uma calça nova.

Na cozinha, abriu a geladeira e preparou um sanduíche de presunto. Acompanhou-o com um copo de leite.

Olhou de soslaio para o corpo nu jogado na sala contígua. O sangue sobre o peito estava secando rápido. A cor fugia, a pele empalidecia.

Jogou o saco de lona nas costas e saiu pela porta dos fundos. Largou o taco e a faca no chão da cozinha.

Naquela manhã o sargento Fernandez estava no escritório organizando a papelada. Uma das tachinhas que segurava o mapa do Texas na parede atrás dele havia caído e o mapa estava com parte do território virada sobre si mesma.

Lembrou-se de Debbie e se perguntou como seria viver tantos anos num lugar imaginando que sempre havia outras cidades onde se poderia viver melhor. Quando ele mencionava isso, ela soltava um desses suspiros que insinuavam toda uma forma de ver o mundo, ar que ela parecia ter guardado nos pulmões para ocasiões especiais como essa. Ele via a forma desdenhosa dos lábios, a impaciência nos braços apoiados na cintura, mas mesmo assim exigia palavras que lhe dissessem o que seus gestos sugeriam.

Apalpou sua barba de dias, Debbie dizia que a arranhava, Rafa, você devia fazer a barba. Tantas coisas que ele devia fazer, segundo ela. Creme ao redor dos olhos, para que as rugas não se aprofundassem. Soro nas faces e na testa, umectante antes de dormir. Estava obcecada por se manter jovem. Na adolescência fora modelo de centros comerciais e de catálogos de grandes lojas; atriz em companhias de teatro amador nos anos universitários. Mostrara-lhe fotos daqueles anos, cartazes nos quais seu sorriso inquietante e eufórico era o principal apelo para capturar espectadores.

Ao sair do escritório, cruzou com Jackson, que falava ao telefone, e com McMullen, que levava uma pasta na mão.

Já leu o que chegou de Houston? Um desses assassinatos truculentos, num subúrbio de Houston. Ontem de tarde. O assassino talvez tenha fugido de trem. Pediram para reforçarmos a vigilância perto da estação.

Fernandez parou. Vamos lá, vamos lá. Me conte tudo. E devagar, por favor.

Melhor você mesmo ler.

McMullen entregou-lhe a pasta. Havia fotocópias de e-mails da polícia, do INS, dos Texas Rangers e do FBI de Houston. Fernandez leu que uma professora da universidade de Baylor fora brutalmente assassinada em sua casa. Três facadas no peito, golpes de taco no rosto até desfigurá-lo. Violentada depois de morta. Numa das paredes da cozinha, escritas com sangue, duas palavras em espanhol — ou melhor, duas tentativas de escrever a mesma palavra. Impressões digitais do assassino colhidas na faca e no taco encontrados no local do crime. Amostras de seu sêmen estavam sendo analisadas. O INS ainda não as identificou, embora já tivessem um perfil do suspeito. Um homem jovem, provavelmente mexicano ou centro-americano.

Bem, disse Fernandez, quer dizer que se ele escreve em espanhol tem de ser mexicano. Podemos dormir tranquilos.

Não se fie nisso, disse McMullen. E se ele atacar de novo?

Ah, McMullen: ele não entendera sua ironia.

E por que acham que deve ter usado o trem?

A casa fica perto da estação. É uma das possibilidades mais óbvias.

Mas pode não ter sido o trem, não?

Claro que sim. A esta altura até de bicicleta é possível.

Uma mensagem na parede. Nota-se que sabe do Night Stalker.

Era só o que nos faltava. Psicopatas que estudam outros psicopatas.

Encontrou-se com Debbie num Best Western no centro de Landslide. Beberam uma garrafa de vinho tinto até ela ficar bêbada. Depois do sexo, Debbie tomou um banho enquanto ele lia uma *Newsweek*. Ela saiu do banheiro com uma camisola vermelha; tirou-a diante do espelho num canto do quarto e ficou passando creme. De amêndoas, reconheceu Fernandez, distraído-se da leitura, observando-a de soslaio. Um corpo que se gabava de não se deixar vencer pelos anos, que fazia o impossível para oferecer resistência à revolta que se produzia dentro dele, de tecidos que perdiam elasticidade e afrouxavam e crestavam a pele, manchas que surgiam nas mãos e nas faces, articulações que rangiam e ameaçavam ceder a qualquer momento.

Precisava arranjar uma puta de vinte anos. Reconheceu que não seria fácil: afeiçoara-se a Debbie. Encontrava-se com ela toda semana, às vezes em hotéis, às vezes em seu apartamento. Depois do terceiro mês ela deixara de cobrar, mas ele continuava a pagá-la como uma forma de se sentir livre e poder se enganar de que não estava numa relação estável.

A forma sinuosa e desinibida com que caminhava nua pelo quarto. Dizia que era acompanhante, não puta, e que havia diferenças. Às vezes saía com homens que só queriam companhia, que não estavam interessados em sexo. Fernandez gostaria de conhecê-los. Perguntar-lhes como faziam isso. Como eram capazes. Decerto eram os mesmos que diziam comprar a *Playboy* apenas pelos artigos. Tanto faz, o que importava era que enquanto ela continuasse vivendo desse trabalho seria uma puta para ele. Podia vê-la regularmente, mas se negava a sentir que formavam um casal. Às vezes, quando fazia suas rondas noturnas pelas ruas de Landslide, surpreendia-se perguntando-se o que ela estaria fazendo àquela hora. Se estaria com outro homem. Gostaria que ela renunciasse a esse trabalho, mas era orgulhoso demais para lhe pedir isso. Deveria partir dela. Quem sabe Debbie esperasse que ele lhe pedisse?

Ela se deitou na cama e não demorou a dormir; passou pela cabeça dele deixar o dinheiro no criado-mudo e ir embora, mas não quis ser indelicado e tentou ficar pelo menos por algumas horas. O sono não veio: estava sóbrio demais, apreensivo com a falta de coerência de tudo. A professora de Baylor, assassinada perto de uma estação ferroviária... E o pior era que vira na pasta de McMullen um telegrama do FBI. Os agentes federais se encarregariam da investigação. Filhos da puta, sempre ficavam com os casos mais interessantes.

De vez em quando visitava Joyce, a filha da idosa vítima do “assassino do trem”. Nas primeiras semanas, aparecera no trabalho dela — uma creche — com perguntas sobre sua mãe. Que opções lhe ocorriam, gente que tivesse trabalhado para ela anteriormente, jardineiros, encanadores. Era preciso seguir todas as pistas. Joyce não contou nada de revelador e isso não o surpreendeu. De qualquer forma,

continuou indo vê-la, como se fosse um médico fazendo visitas à casa de seus pacientes, alguém que se encarregara do destino partido daqueles familiares que a morte tocava de perto. Ouviu Joyce contar histórias da mãe. Chegou a ir ao cinema com ela. Isso não era nada profissional, mas a solidão era má conselheira.

Suspirou. Ligou a tevê, ficou mudando de canal. Viu o final de um filme de Bruce Willis, um capítulo repetido de *Seinfeld*, um infomercial sobre loiras promíscuas em Spring Break. Antes de dormir pôs na Fox News.

Dawn Haze Johnson, a apresentadora de um programa de notícias que ele via frequentemente, queixava-se de um pedófilo de Wyoming e dava um sermão sobre a atitude de pais jovens, que não se preocupavam muito com os filhos, não supervisionavam suas brincadeiras nem seus amigos. Dawn Haze era especialista em chorar sobre o leite derramado; na ânsia por buscar culpados, se uma menina fosse sequestrada de seu quarto às três da manhã seria capaz de dizer que os pais deveriam estar acordados a essa hora, velando seu sono.

Depois do pedófilo veio uma notícia de última hora, um segmento sobre um casal brutalmente assassinado em Weimar, um povoado de dois mil habitantes no Texas. O reverendo Norman Bates e sua esposa Lynn tinham sido massacrados com um martelo pego na garagem da casa do reverendo. O assassino cortara com uma faca a tela da porta dos fundos da casa.

Dawn Haze movia seu cabelo loiro, brincava com os botões prateados da camisa antes de comunicar aos telespectadores que tinha uma notícia em primeira mão. Fernandez se deixou levar pela mulher. A pausa que ela fizera antes de voltar a falar lhe parecera longa demais.

Podia ligar para McMullen, perguntar quais eram as novidades do caso.

Agora sim: as autoridades do INS tinham conseguido identificar as impressões digitais da cena do crime como sendo as mesmas de um assassinato ocorrido dias antes num subúrbio de Houston. Na tela apareceu o rosto de um tal de Jesús González Riele, um mexicano que fora detido duas vezes sem documentos e deportado para a fronteira.

Quis acordar Debbie. Contar-lhe, ansioso, sobre essa foto esmaecida em preto e branco. A tez morena, os bigodes finos dos lados, os pômulos proeminentes, o cabelo preto alvoroçado. É que, será que era ele...?

Olhou-a, perdida no sono. Ela não ligaria muito para o que ele lhe contasse.

Dawn Haze estava furiosa: com leis tão frouxas de imigração, logo o país não só seria invadido por todos os mexicanos como também se contagiaria com a violência desalmada que pairava por lá. It's time to build a wall so they can't come here so easily!

Rafael tossiu e se levantou da cama. Vestiu-se tentando não fazer barulho. Os Estados Unidos eram seu único país, aceitara-o com convicção desde os doze anos, quando chegou a Calxico com seus pais, mas, mesmo assim, não gostava que falassem mal do México ou dos mexicanos. Que generalizassem com tanta facilidade. É verdade que entre os que chegavam havia traficantes e ladrões violentos, mas a maioria só desejava uma nova chance de vida, um trabalho decente. Além do mais, que país era mais criativo do que os Estados Unidos na hora da violência?

Estava acostumado a discutir com Dawn Haze. Na verdade, só via seu programa para se aborrecer.

Foi dominado pela raiva. Mas não dirigida a Dawn Haze, e sim a González Riele, ou Reyle, que

acabava de foder com todo mundo. Com dezoito anos, Rafael havia trabalhado como segurança numa loja Gap no centro de Landslide; uma vez um garoto foi experimentar umas roupas e, quando ele estava saindo, outros seguranças perceberam que ele estava levando um jeans sob a calça. Um dos guardas o deteve e ele foi levado para os fundos da loja. Ali, aplicaram-lhe bofetadas e safanões, e o garoto caiu no choro, não tinha documentos, por favor não me entreguem para a polícia, por favor não, e Fernandez, depois de a duras penas convencer os outros seguranças, é quase uma criança, levou-o até a porta, pediu que nunca mais fizesse aquilo e o deixou ir embora. E quantas vezes, em suas rondas rotineiras como policial, detivera um carro apenas por estar com um farol quebrado ou com o selo de revisão vencido, e quem o dirigia no fim era um ilegal assustado, e ele se comovia e o deixava ir. Ajudara-os e talvez agora estivessem igual a ele, ou melhor, mas de que adiantava isso? Seu próprio trabalho e o de tantos outros era obscurecido porque a mídia e as pessoas só se lembravam do assassino ilegal.

Se Dawn Haze soubesse que esse homem podia ter assassinado não só três mas pelo menos cinco pessoas, o que diria? Logo ficaria sabendo.

QUATRO

Auburn, 1952-1959

O professor morava no edifício branco. Era impossível confundi-lo com um médico ou com um enfermeiro. Cortara o cabelo rente. Costumava usar camisas de manga comprida apesar do calor, um terno preto, ou cinza, ou cor de café, elegante e monótono, pensava Martín, embora certamente dissessem o mesmo de seu uniforme, essa espécie de pijama azul-celeste tão solto que às vezes sua calça caía quando andava, tinha de amarrá-lo bem.

Toda manhã o professor acompanhava Martín ao ateliê de cerâmica, que estava vazio a essa hora e onde Martín podia desenhar tranquilo. Sob o olhar atento do professor, Martín sentava no chão e percorria sua mente em busca de lembranças. Quando encontrava alguma que chamava sua atenção, ele a via através do filtro das revistas que lia, misturada com os desenhos e fotos de suas páginas.

O professor tentou falar com ele uma vez. Martín não respondia. O professor, então, disse-lhe em inglês que dedicava sua vida a estudar a arte dos loucos. Disse “loucos” em espanhol e Martín entendeu. Dizia que dedicava sua vida a estudar a arte dos “skizofrenic”. “Autsaider art.” As palavras iam saindo, os dentes do doutor não conseguiam freá-las, e Martín pensou que podia desenhar no rosto de um de seus cavaleiros aqueles incisivos longos, aquela boca entreaberta que cuspiam saliva. Ou melhor: podia desenhar as palavras. Um homem que tinha o estômago cheio de palavras e devia expulsá-las como se tivesse engolido coelhos. Um vômito de vogais e consoantes que saíam flutuando envoltas num catarro verde. Por que as pessoas lhe falavam neste outro idioma tão complicado? Queriam que sua cabeça explodisse? Será que não tinham pena dele? Só pedia que o deixassem desenhar. Que fechassem a porta e fossem passear.

Coelhos. Em El Picacho ele os caçava. Às vezes um tiro no estômago os partia em dois. María Santa Ana sabia prepará-los bem, uma receita herdada de sua mãe velhinha. E o que dizer então da carne acebolada com feijão? Do leitãozinho assado. Aaaaahhhh.

O professor lhe dizia que tinha fé em seu talento. Que o admirava. Que acreditava ter encontrado um Anri Rusô mexicano. Quê? Anri. Russsoooô. Isso. Hã-hã. E lhe trazia cadernos, revistas e cores. Estava bom assim. Podia deixá-lo falar desde que sempre trouxesse tudo de que ele precisava para trabalhar. E Martín desenhava. Desenvolvera uma rotina minuciosa, que começava com ele tirando as folhas dos cadernos e colocando-as no chão, uma ao lado da outra, para colá-las e ter um espaço mais amplo para desenhar. Depois preparava a pasta inventada por ele, na qual misturava, entre outras coisas, betume, creions, carvão, o sumo vermelho que extraía de algumas frutas, e sua saliva, de preferência com muito catarro. Tudo isso em tigelas que aprendera a fazer nas aulas de cerâmica. Depois recortava com paciência desenhos e fotos das revistas. Gostava das propagandas de sabonetes, porque lá sempre havia

um rosto de mulher bonita que o fazia se lembrar de María Santa Ana, mesmo sendo loira. Às vezes colava esse rosto no final das vias férreas, como um destino ou uma promessa. Quer voltar para casa?, perguntava o professor em inglês, e Martín não entendia. Está esperando... por você... sua mulher?, perguntava o professor em espanhol, e Martín entendia um pouco.

O professor podia ficar em silêncio três ou quatro horas, sentado, vendo Martín trabalhar. Certa vez, quando Martín desenhou o que parecia ser um gato, o professor lhe perguntou em espanhol se aquilo era um gato. Sim, gato, disse Martín, e continuou desenhando. O professor disse em inglês:

Pensei que você fosse mudo.

Miute? Martín não entendeu o que ele dizia.

O professor saiu e voltou com um dicionário inglês-espanhol. Foi apontando para vários desenhos de Martín. Perguntou-lhe se aquilo era um “sapato”.

Sim, sapato, respondeu Martín com uma voz que mal se escutava.

E isso é um “cão”?

Sim, cão.

E essa casa, “sua casa”?

Sim, casa.

E essa mulher, “sua mulher”?

Sim, mulher.

E esse edifício, “igreja”?

Sim, igreja.

Você não é mudo, Martín.

Miute? Martín não entendeu o que o professor estava dizendo.

O professor procurou no dicionário. “Mudo”, disse duas vezes. Martín não respondeu.

Você não fala porque não quer falar, não é?

Cão, disse. E depois: casa, mulher, sapato, gato. Aaaaaahhhhhh.

Fechou os olhos. Assim era bom. O professor havia desaparecido. Precisava ficar nesta paz, nesta sala escura sem ninguém além dele. Tinha medo. E se abrisse os olhos e o professor continuasse ali?

Quando os abriu, muito tempo depois, o professor não estava mais ali.

O professor lhe pediu permissão para montar uma exposição de seus desenhos numa galeria de arte em Sacramento. Martín não entendeu o que ele lhe pedia, mas assinou numa folha que Güero lhe entregou. Sua assinatura era uma serpente ondulante, o *eme* se estendendo como as colinas de seu povoado.

O professor se fazia acompanhar às vezes por alguém que traduzia para o espanhol o que ele dizia em inglês. Martín resolveu não falar mais. Abusavam de sua confiança.

A exposição fora um “sucesso”, contou-lhe o professor. Martín recebeu visitas de artistas, críticos de arte e professores da região. Escultores, pintores, alunos do professor. O diretor do hospital permitia as visitas, às vezes as acompanhava, estufando o peito diante das atenções dadas a seu paciente. Martín os aceitava, mas preferia que não viessem. Que lhe trouxessem presentes e depois o deixassem em paz.

Um paciente lhe entregou um papel e um lápis e fez gestos para que rabiscasse alguma coisa ali.

Martín desenhou um trem em miniatura. As volutas de fumaça eram como formas algodoadas que pareciam querer fugir da página. O gordo olhou para ele, depois apontou para Martín com um dedo e disparou. Martín sorriu, e o gordo caiu no choro. Tentempié e Saltapatrás apareceram correndo e tentaram acalmá-lo. Levaram-no para o jardim.

O que Martín devia ter feito? Se jogado no chão?

Depois desse incidente, o diretor limitou as visitas a Martín. Só o professor continuou mantendo o acesso privilegiado.

Houve uma exposição num lugar chamado Berkeley. E outra num lugar mais distante chamado Syracuse. O professor lhe trazia recortes e Martín lia os títulos: “Wonderful Insane Art”. Que era isso? As fotos mostravam o professor dando uma palestra numa universidade perto de Syracuse, numa cidadezinha chamada Ithaca. Atrás do professor viam-se os desenhos de Martín.

Houve outra exposição num lugar chamado Oakland. O professor conseguiu uma licença especial para que Martín pudesse comparecer. Emprestou-lhe um terno preto; as mangas do paletó ficaram compridas. Um dos enfermeiros lhe deu de presente um cinto amarelo que não combinava, e o diretor uma gravata xadrez que parecia um guardanapo.

Martín saiu do edifício numa perua, acompanhado por um enfermeiro ruivo que batizou de Gabacho Rojo. Na parte da frente da perua ia o professor.

O ruivo sabia algumas palavras em espanhol e perguntou a Martín se ele tinha ideia do ano em que estavam. Martín entendeu, mas não respondeu.

Um nove cinco quatro, disse o enfermeiro. Martín entendeu, mas não entendeu.

Quando chegou ao edifício azul onde estavam seus quadros, Martín leu numa das paredes da entrada, em letras grandes: “The Art of a Schizophrene: Drawings by Insane Artist Martín Ramírez”.

Schizo, schizo, schizo...

Deu uma volta pelas salas do edifício, acompanhado do professor e do ruivo. Teve gente que se aproximou e pediu para tirar uma foto com ele. Sorriu e deixou que tirassem. Depois se lembrou de seus dentes cariados e enegrecidos e tentou fazer um esgar afável com a boca fechada.

Gostou que as salas estivessem limpas e bem iluminadas. Que seus desenhos pudessem ser apreciados. Mas a volta durou menos de dez minutos. Queria sair dali, voltar para seu edifício. Para sua casa. Será que não entendiam?

Houve outra exposição num lugar chamado San Francisco. Ia ser a maior, a mais visitada, e entendeu que o professor dizia que ali o trabalho dele ficaria numa salinha, mas que também haveria desenhos de outros artistas “loucos”.

Martín se animou a dizer: Loucos? Ele não estava louco.

Esquizofrênicos, disse o professor em inglês.

Outra vez essa maldita palavra.

Psicóticos, disse o professor em inglês, mas Martín não entendeu.

Esculturas de um paciente depois de sua lobotomia.

Lobos?

Ele queria desenhar lobos. Nos arredores de seu povoado havia muitos.

Isso, disse o professor. Lobos.

A exposição foi um de seus melhores momentos. O professor lhe entregou uma pasta com recortes. Borrou as fotos nas quais aparecia mostrando os dentes. Quis ler, mas se engasgou: esse maldito idioma se atravessando de novo em seu caminho. Teve gente importante que ligou para o edifício e pediu um encontro com ele, e o diretor disse não. Um ou outro pôde vir com o professor, e ele os apresentava e depois ia para o lado para que conversassem. Mas Martín não abria a boca, Martín fechava os olhos e os fazia desaparecer e quando os abria as pessoas importantes não estavam mais lá.

Continuou desenhando. O professor não morava mais no edifício. Dava na mesma: vinha vê-lo do mesmo jeito três vezes por semana. Examinava seus desenhos, fazia comentários, catalogava-os e ia embora. Levava desenhos depois de pedir sua permissão; Martín assentia, entendia que ele os estava pedindo emprestado, embora na verdade ele nunca os devolvesse.

Quando Martín não tinha um desenho novo, o professor ficava aborrecido. Martín, ui giv yu so meny fasilitis. Martín não entendia o que ele estava dizendo, mas o tom de sua voz o assustava. Não queria ofendê-lo. E se punha a desenhar, e às vezes o professor olhava para ele e dizia algo como is de seim, ui nid niu sings, e a única coisa que chegava a Martín era que devia voltar a desenhar. Não reclamava.

Continuava com sua tosse crônica e se acostumara tanto com as dores de cabeça que só se dava conta delas nos raros momentos em que desapareciam. Às vezes ficava nervoso, agitado, e os enfermeiros não conseguiam acalmá-lo e lhe injetavam morfina ou o banhavam em água fria, mas pelo menos lá não havia tratamento com fios.

A guerra fora ganha pelos federais, com a ajuda dos Estados Unidos. Ele seria um prisioneiro para sempre. Tinha de se acostumar a isso. Desde que o deixassem desenhar, tudo podia ser aceito. Até mesmo a traição de María Santa Ana. Até mesmo a ausência de suas filhas. E de Candelario. Aaaaaahhhhh.

Um dia o professor apareceu com uma cara solene. Martín ficou preocupado: alguém teria morrido? O professor e Martín foram para o pátio. Caminharam pela trilha principal, cercados por árvores recém-podadas, os troncos pintados de branco. O céu era azul-marinho e o brilho do sol dourava as colinas ao fundo. Martín pensou nos morros pelados de seu povoado, nas cores apagadas de lá.

A julgar pelos gestos, o professor lhe dizia alguma coisa importante, mas ele não entendia suas palavras. O bigode fino que deixara crescer coçava. Pediria a Saltapatrás que o barbeasse. Ou melhor, a Gabacho Rojo.

O professor escreveu: Europa.

Sabia que a Europa era um país grande que ficava bem longe. Queria que ele o desenhasse? O problema era que nunca estivera lá.

O professor o abraçou. Ele se sentiu bem e não quis se soltar daquele corpo cálido colado a ele.

Entraram na sala principal. Se cuide, Martín, disse-lhe o professor em espanhol.

Me cuidar, me cuidar, repetiu Martín.

O professor lhe deu as costas e desapareceu.

Parou de desenhar no ritmo de antes.

A verdade é que sentia falta dele.

Os enfermeiros mudavam, e às vezes lhe faziam companhia, mas não era a mesma coisa. Os médicos falavam e escreviam em papéis para os enfermeiros, mas suas visitas eram fugazes. Seus colegas no pavilhão gritavam e brigavam, e não havia um momento em que não houvesse um líquido escapando de seus corpos. Eram furados. Se não era o sangue, começavam a urinar no corredor ou vomitavam nas mesas e nas camas. Cheiravam mal, ele na certa fedia como eles, uma mistura de suor, urina e remédios. Se fosse por ele, teria vivido de olhos fechados. Com tudo ao redor desaparecido. Vendo apenas as imagens de sua vida no rancho que depois transformava em desenhos.

Conhecia gente no ateliê de cerâmica, mas sabia que não tinham paciência com ele.

E se ele falasse? Já não seria de bom tamanho?

Veio um médico novo, míope e de pés chatos, e disse que ele devia trabalhar, ajudar em alguma coisa, que vida mais privilegiada era essa de só ficar desenhando. Para dizer a verdade, não sabia se ele dissera isso, mas o resultado fora esse.

Voltou para o jardim. Regava as plantas. Cortava a grama. Olhava as colinas e pensava em seu povoado. Imaginava-se percorrendo El Picacho montado em seu cavalo, sozinho ou na companhia de Atanacio, em busca de coelhos e veados para o jantar. Indo ao mercado com María Santa Ana, para vender os ovos e os tomates produzidos em sua área de terra na rancharia. Indo à igreja com sua mulher e suas filhas e sem Candelario. Sem seu filho? Tinha de ser assim, Candelario ainda não havia nascido e se Martín não tivesse ido embora de San José talvez nunca tivesse nascido.

Cansava-se rápido. Seu peito doía. Os enfermeiros falaram com o diretor. Chegou uma contraordem. Deixaria de ajudar. Podia se dedicar somente a seus desenhos. Pensou que não era porque o diretor gostava de seus desenhos. Pensou que era porque lhe dava tristeza.

Sentiu falta do professor.

Dos cerros altos do Sul, o de Luvina é o mais alto e o mais pedregoso. Está coalhado daquela pedra cinzenta com que fazem cal. Ali ela é chamada de Pedra Crua, e a colina que sobe até Luvina leva o nome de encosta da Pedra Crua. E a terra é escarpada. Dizem os de Luvina que daquelas barrancas sobem os sonhos; mas a única coisa que eu vi subir foram zumbis. Zumbis tristes, a gente podia ouvi-los arranhar o ar com seus uivos espinhentos, fazendo um ruído parecido com o de uma faca sobre uma pedra de amolar.

O homem que estava falando calou-se por um momento, olhando para fora. E lá fora a noite continuava avançando.

Outra coisa. O senhor nunca verá um céu azul em Luvina. O senhor verá isto: aqueles cerros apagados como se estivessem mortos e a Luvina o mais alto, coroando-o com seu casario branco como se fosse uma coroa de defunto.

Eu não queria que me falasse dos cerros. Queria ouvir sobre os zumbis.

Pois é, como eu ia dizendo... Luvina é um lugar muito triste. O senhor que vai para lá vai perceber. Eu diria que é o lugar onde a tristeza faz seu ninho. Onde não se conhece o riso, como se tivessem entabulado a cara de todos os zumbis. Quando vem a lua, vê-se a figura dos zumbis percorrendo as ruas de Luvina, levando um cobertor preto.

Deixei minha vida lá. Fui para aquele lugar com todas as minhas ilusões e voltei velho e acabado. E agora o senhor vai para lá... tudo bem. Quando cheguei pela primeira vez a Luvina, o arriero que nos levou não quis deixar nem que os animais descansassem. Assim que nos pôs no chão, deu meia-volta e foi embora. Eu volto, disse. Nós, minha mulher e meus três filhos, ficamos ali, parados no meio da praça. Com toda nossa tralha nos braços. Uma praça deserta, sem grama nenhuma para deter o ar. Em que país estamos, Agripina, perguntei a minha mulher. E ela deu de ombros. Vá procurar um lugar onde a gente possa comer e passar a noite, eu disse. Ela pegou o filho caçula e foi. Mas não voltou.

Os zumbis a comeram?

Nós a encontramos enfundada na igreja. Com o menino adormecido entre suas pernas. Entrei para rezar, disse ela. Ali não havia para quem rezar. Era uma choupana vazia, sem portas e com o telhado quebrado. Viu alguém?, perguntei. Tem alguém morando aqui? Tem, ali na frente... umas mulheres... Ainda posso vê-las. Veja, atrás das frestas dessa porta vejo brilhando os olhos que nos fitam.

Naquela noite nos acomodamos para dormir num canto da igreja, atrás do altar desmantelado. Então ouvimos os zumbis com seus longos uivos, entrando e saindo por furos escavados nas portas, golpeando com suas mãos de ar as cruzes da via crucis. Os meninos choravam porque o medo não os deixava dormir. E minha mulher tentando segurar todos eles nos braços. E eu ali, sem saber o que fazer.

Pouco antes do amanhecer se acalmaram. Depois voltaram. O que é?, perguntou minha mulher. O que é o quê? Esse barulho aí. É o silêncio. Durma.

Mas logo eu também ouvi. Era como um adejar de morcegos na escuridão, bem perto de nós. De morcegos de asas grandes que roçavam o chão. Então andei até lá na ponta dos pés, sentindo diante de mim aquele murmúrio surdo. Parei na porta e os vi. Vi todos os zumbis de Luvina, suas figuras negras sobre o fundo negro da noite. Eu os vi parados diante de mim, me olhando. Depois, como se fossem sombras, saíram caminhando rua abaixo. Não, nunca vou esquecer essa primeira noite que passei em Luvina. Não acha que isso merece outro drinque?

Quantos anos fiquei em Luvina? A verdade é que não sei. É que lá o tempo é muito longo, como se vivêssemos sempre na eternidade. Porque em Luvina só moram os zumbis e os que ainda não nasceram. E continuam lá. O senhor os verá agora que está indo para lá. Verá como passam feito sombras, bem colados ao muro das casas, quase arrastados pelo vento. Quando o sol bate forte em Luvina, os zumbis se aproximam e chupam nosso sangue e a pouca água que temos no couro. Saí de lá, não voltei nem penso em voltar.

Mas veja só as voltas que o mundo dá. O senhor vai para lá em poucas horas. Acho que já faz quinze anos que me disseram a mesma coisa: “O senhor vai para Luvina”. Naquela época eu ainda tinha minhas forças. Mas em Luvina isso não vingou. Aquele nome me soava a céu. Mas aquilo lá é o purgatório. Um lugar moribundo onde até os cães são zumbis e já não há nem quem ladre para o silêncio. E isso acaba com a gente. Olhe para mim. Acabou comigo. O senhor que vai para lá logo vai entender o que estou dizendo...

Ficou olhando um ponto fixo em cima da mesa. Lá fora ainda dava para ouvir a noite avançando.

* * *

Estávamos na sala do meu apartamento, sentados no tapete. Tínhamos aberto uma garrafa de vinho tinto que já estava pela metade. A noite pousava nas janelas; uma traça revolteava ao redor do resplendor amarelado da lâmpada, sobre a mesinha de centro em que estava meu laptop. O rosto de Sam brilhava; com o corpo nas sombras, parecia uma cabeça flutuante conversando comigo.

Está muito bom, tem força. Respeita o original, mas se transforma em outra coisa.

Sério, sério?

Mas é uma brincadeira, não é? Quer dizer, chega de zumbis.

Um livro com remakes de textos clássicos, não acha uma boa ideia? Aureliano Buendía como Lobisomem, por exemplo. E talvez acompanhá-lo com histórias em quadrinhos, tipo *La Argentina en pedazos*.

Eu sei de onde saiu essa ideia, my dear, vi o romance em que você reescreveu *Orgulho e preconceito* com zumbis. Não gosto. Espero mais de você. Poderia até aceitar toda essa sua parafernália de monstros e cenografia gótica, desde que você fosse original e pensasse grande.

Naquelas semanas Fabián estava melhor e voltara a dar aulas, mas eu não tinha mais vontade de vê-lo. Terminava meu turno no Taco Hut e ia para o estúdio a fim de me perder no meu mundo. Não conseguia fazer quase nada, estava bloqueada, não conseguia desenhar, então comecei a fazer versões de contos clássicos que incluíssem vampiros e zumbis. Precisava que alguém me escutasse, e aceitei que Sam

voltasse a me visitar. Deixei claro que não queria nada com ele e ele me fez entender que nem valia a pena tocar no assunto, embora eu não tenha demorado a perceber que ele não se dera por vencido. Não precisa exagerar, me dizia. Eu conhecia minhas mesquinhas e limitações, e estava descobrindo que a ideia que ele fazia de mim, do que eu podia ser e fazer, era muito mais generosa do que aquela com que a realidade me brindava.

Acendi um cigarro, levantei-me para alcançar o alarme de incêndio e desligá-lo. Um pensamento cruel passou pela minha cabeça: precisava contar a Sam o que tinha acontecido com Fabián, minha viagem a El Paso. Isso o curaria do espanto e ele não me procuraria mais. Mas também não queria que ele parasse de me ligar. Sua companhia era melhor do que nada. Acabei contando tudo a mamãe, mas só a deixei preocupada. Ligava para mim todos os dias, me convidava para ir morar com eles por uns tempos ou se oferecia para vir ficar comigo até que eu me acalmasse, e eu mudava de assunto e me arrependia de ter aberto a boca. De que adiantava? Ela queria falar com Fabián, aquele desgraçado vai ter que me ouvir, e eu nem pensar.

Imaginava que a esta altura eu devia estar bem comprometida com meu romance... bem, quadrinhos, romance soa pretensioso. Mas você está vendo, não me ocorre nada original...

É compreensível. Você teve semanas difíceis. Em todo caso, os zumbis nunca falham.

Até que falham.

Abri a janela, joguei fora o cigarro e fumamos um baseado. Pensei na filha que eu não havia tido e meu corpo todo doeu. Teria se chamado Ana e teria uma trança comprida, como a da dra. Carranza, e teria posto ordem na minha vida. Olhos cor de café e o olhar firme e decidido que eu não tinha. Eu não seria uma mãe perfeita, não ia me dar bem nesse mundo de babadores e fraldas, mas um dia ela faria sete, oito anos, e então...

As luzes do bairro resplandeciam na noite serena; dava para ouvir a voz nervosa de uma vizinha procurando seu gato, a passagem relampejante dos carros na estrada. Não queria ser invadida pela sensação miserável de estar sozinha. A esta altura da noite na College Station minhas amigas e eu estaríamos planejando a que bar ir, a que clube ir. Sempre assim, cansadas de tudo e prontas para uma nova fuga.

A Fodida me ligou, disse Sam. Voltou com a Megan, mas está desconfiada, acha que ela está se encontrando com a Nissa. Você a conheceu?

Uma vez, numa rave. Uma negra lindona.

Diz que o sexo é ótimo, mas as brigas atroz. Que está percebendo que sua memória às vezes falha. E que seu aniversário está chegando e então ela vai largar tudo isso. O álcool, os cigarros, o pó.

Lembrei das promessas semelhantes de Fabián nas primeiras semanas em bares da calle Sexta, quando mal nos conhecíamos e ele ainda queria me impressionar. Quando fingia haver outras coisas que lhe interessavam mais. Anos depois, ficou claro que naquela primeira vez que, no segundo andar de um desolado clube de jazz, ameacei deixá-lo se ele continuasse com as drogas e ele riu de mim e eu cedi, de certo modo eu perdera a batalha.

O mundo, um lugar de materiais altamente inflamáveis. E eu estava me queimando.

A Fodida também me ligou várias vezes. Ela me acordava cedo para contar que estava na cama de Megan, que dormia nua a seu lado, menina, minha gata é muito boa, e eu não respondia e dormia de novo

e quando acordava minutos depois ela continuava falando, tenho namorada e estou feliz, vamos passar as férias em San Juan, vou apresentá-la a meus pais, eles vão ficar contentes. Eu não respondia e logo ela filha da puta, ordinária, você vai apodrecer no inferno, você me meteu nisso e depois lavou as mãos, e eu no que foi que eu te meti, você já tem idade para tomar suas próprias decisões, e você me fez experimentar ela primeiro, pensa que eu não me lembro, sua ordinária. Eu desligava, mas não conseguia mais dormir, ia até o banheiro tomar um banho frio, me sentava na banheira e deixava a água cair sobre mim até que a pele ficasse enrugada.

A mulher continuava procurando o gato, sua voz cada vez mais desesperada.

Voltamos para a sala. Terminamos a garrafa e ele sugeriu abrir outra. Uma câimbra me contorceu. Joguei-me sobre os almofadões e esperei alguns minutos para que tudo voltasse ao normal.

Você também não vai escapar, gatinha, ele sorriu, me passando um copo d'água. Minha vez.

My god, Sam. Have mercy on me. Estou cansada e toda doída.

O programa de rádio dele começava em uma hora. Tínhamos combinado que depois de ler meu conto repassaríamos o roteiro juntos. Ele me entregou a pasta que tinha deixado em cima da mesa ao chegar. O tema da noite era um Top One Hundred de assassinos seriais. Começava com uma especulação sobre Maldoror, “o primeiro assassino serial da literatura latino-americana”. A música: algumas do Kasabian — um grupo que homenageava Charles Manson — e uma do Guns N' Roses composta pelo próprio Manson.

Não sei se gosto da ideia de fundo, eu disse. Um pouco frívolo, não acha? Tudo bem uma lista como essa de modelos, de músicas, de grupos de rock, até de escritores, mas assassinos seriais?

Agora é tarde para mudar o roteiro, posso no máximo fazer alguns ajustes.

Comoviam-me suas tentativas de me mostrar que ele havia entendido a mensagem, que ele também tinha seu lado frívolo, que não era apenas um acadêmico engessado. Seu programa tinha começado pouco depois que nos conhecemos. Será que ele fez tudo aquilo por mim, para me impressionar, para me convencer de que não era como eu pensava que ele era, e eu simplesmente não percebi isso?

Li: “Pedro Alonso López, o ‘Monstro dos Andes’, mais de trezentas mortes, entre Colômbia, Peru e Equador. Mãe prostituta, expulso de casa com oito anos, sodomizado depois por um pedófilo, estuprado várias vezes na prisão...”.

Não entendo a razão desses dados. É para termos pena dele?

Claro que não. Mas é preciso contextualizá-lo.

Eu não estava com vontade de continuar.

Tudo bem eu parar de ler? É que, na verdade, eu preferia ouvir, deixar você me surpreender. Minha dor não passou, vou me enfiar na cama e te escutar tranquila.

Como você quiser.

Levantou-se, pôs a jaqueta. Estava chateado?

Não quer ir comigo? Depois do programa a gente poderia passar no Underground.

É segunda-feira, Sam.

Quem diria... Você, ficando em casa.

Are you crazy? Não está vendo como eu estou?

Claro. E tudo por um idiota que nem vale a pena.

Que obsessão a sua. Se é assim, então eu devia tirá-lo da sua banca, é isso?

Pode crer, eu pensei nisso. Mas não é permitido.

Então você me entende mais do que pensa.

Acompanhei-o até a porta. Despediu-se com um beijo que tocou meus lábios. Olhei-o como se reprovasse o que acabara de fazer. Ele se fez de desentendido.

Assim que ele saiu, liguei para Fabián. Perguntei se podia vir me ver. Não, estava pondo em dia seus e-mails, levaria a noite toda. Sua voz titubeante me fez desconfiar que estivera bebendo. Perguntei.

Está tudo bem. Já tenho idade para me cuidar sozinho. Não posso falar muito, os decanos grampearam meu telefone. São uns filhos da puta. Estão procurando motivos para me despedir. Mas sabe de uma coisa? Eles não podem! Tenho a fucking de uma estabilidade! Eles se foderam, sacou?

Mandou-me um beijo, no dia seguinte ia cozinhar alguma coisa especial, eu estava convidada. Desligou.

Tentei esquecer o assunto. Tinha de ler o livro sobre Ramírez, restavam-me duas semanas para entregar o ensaio, Ruth havia me mandado um e-mail perguntando como eu estava indo.

Li metade de um ensaio, dei uma olhada nas reproduções dos quadros. Era um desenhista talentoso. Difícil uma vida mais desventurada que a dele. Irônico que hoje seus quadros pudessem ser encontrados tanto no Smithsonian quanto no Guggenheim.

Fechei o livro. Alguma coisa ali queria me falar, mas eu não estava a fim de ouvir.

A conversa com Sam dava voltas na minha cabeça. Não queria lhe dar razão, mas sabia que ele estava certo.

Rasguei minha versão de “Luvina”. Fui para a cama, liguei o rádio.

Antes de dormir olhei meu correio eletrônico. Havia um e-mail de Fabián: “só quero que você não desapareça que seja infinita. que se destruam os edifícios e que a gente continue caminhando de mãos dadas como se nada tivesse acontecido. que a gente tome sorvete de doce de leite numa praia vazia e dê risada dos decanos. vamos dançar. sempre sinto que o melhor já passou. não quero sentir que o melhor já passou”.

No dia seguinte telefonei para Ruth e disse que não contasse comigo para o dossiê. Não pareceu aborrecida; seu tom calmo e compreensivo era o de quem já esperava essa resposta. Isso me doeu. Gostaria que lutasse por mim, que não se rendesse com tanta facilidade, mesmo que isso só servisse para eu dizer não novamente.

Ao desligar, tive a sensação de ter sido ela quem me pediu para eu não participar mais do dossiê, quando na verdade eu é que tinha caído fora.

Houston, Texas, 1999

Jesús caiu de joelhos. Estava com as mãos afundadas no cascalho ao lado dos trilhos; uma das palmas tinha um arranhão que sangrava. A silhueta do trem ia diminuindo na noite. Os apitos continuaram por um tempo, depois se apagaram e os ruídos do verão retornaram: o guinchar dos grilos e das cigarras; o grito das crianças que se negavam a entrar em casa, guardar as bicicletas, despedir-se das outras crianças da vizinhança.

Levantou-se. Sua manqueira só estava piorando. O trem não diminuía a velocidade e ele pulara assim mesmo. Isso já acontecera antes e as marcas estavam ali para provar: cicatrizes na mão direita, no antebraço esquerdo, no punho direito, na testa.

A casa que chamou sua atenção tinha chaminé e ficava numa esquina; na varanda, um sofá verde desbotado pelo uso e vasos de rosas e cravos suspensos por arames. Uma tabuleta de madeira na janela da porta de entrada dizia MY HOME IS YOUR HOME com letras góticas.

Pela janela dava para ver um casal discutindo na cozinha. O homem usava um casacão e um chapéu de palha que o fez lembrar dos menonitas que vira em seu povoado quando menino.

Não estava em condições de se confrontar com alguém bem mais alto do que ele. Gringos ordinários. Até as mulheres o deixavam baixinho. Mas já não o intimidavam como antes. Entrava e saía como se tudo nesse vasto território lhe pertencesse. Sabia se movimentar: seu tamanho lhe dava uma agilidade que eles não possuíam. Tinha cartões falsos do seguro social que comprara dos *coyotes*, carteiras de motorista roubadas, até mesmo carteirinhas de bibliotecas e de academias. Conhecia seus pontos fracos: havia armas por toda parte, a violência era uma coisa cotidiana. Como no México, mas diferente do México. Lá a polícia e a lei não faziam nada; aqui pelo menos tentavam, até que vinha outro crime pior que os distraía e os fazia esquecer o anterior.

Cuspiu.

Uma jovem de cabelo preto com fivelas em forma de borboleta desceu de um Honda Civic azul mal estacionado — um dos pneus em cima da calçada — em frente a uma casa térrea, as paredes de madeira pintadas de ocre e o jardim com roseirais fluorescentes e um limoeiro que parecia ter explodido (os limões esparramados pelo chão). Ela o fitou e seguiu seu caminho, como se só de bater os olhos em seu rosto soubesse que não havia nada de valor nele, que não valia a pena perder tempo dirigindo-lhe a palavra, na certa era um dos muitos camponeses que perambulavam pelas ruas em busca de um bico como carpinteiro, encanador ou pedreiro, qualquer coisa, desde que ganhassem alguns pesos. Por que não voltavam para o México?

Porca de merda. Essas eram as piores, trocavam de roupa e de sotaque, se achavam, queriam esconder

sua origem. Rodeou e deu uma espiada no interior da casa por uma janela dos fundos. A mulher estava sozinha, acendera as luzes e andava descalça de um lado para o outro, falando em inglês pelo celular. Era bochechuda, tinha as pernas grossas, a bunda proeminente. Carne por toda parte, como ele gostava.

A mulher armou um cavalete na sala e sentou numa cadeira diante de uma folha de papel vegetal. Tinha um pincel e uma caixa de aquarelas na mão. Estava de costas para Jesús.

Devia se apressar, mas preferiu esperar. Estava curioso para ver o que ela ia desenhar.

O que viu aparecer: um homem cruzando o leito de um rio seco.

Desta vez era melhor entrar pela porta da frente. Aproximou-se da cozinha. Abriu uma gaveta do lado da pia, procurou algum instrumento contundente. Achou uma tesoura, mas não estava afiada. Num canto, do lado do micro-ondas, havia um recipiente de madeira com cinco facas alinhadas em ordem descendente de tamanho; pegou a maior.

Parou no corredor que separava a sala da cozinha. A mulher notou sua presença e parou de desenhar. Olhou-o. Seu rosto tinha um ar desafiador. E ele que imaginou que ela fosse gritar assim que o visse.

Não fiz nada de errado, disse ela num espanhol perfeito. Meu nome é Noemí... Pode levar o que quiser. Só não me machuque, por favor.

Filha de uma puta. Não podia ser mais original?

Jesús pôde ver um leve tremor em seus lábios, como se por fim o medo a tivesse capturado. Flores bordadas na saia cor de creme, uma blusa branca com manchas de carmim na parte superior.

Estou desenhando um livro para crianças, continuou Noemí.

Ele observou as paredes da sala: cartazes de filmes (Toy Story).

É a história de um homem que deixa sua mulher e suas filhas e cruza a fronteira em busca de trabalho.

Tossiu.

Não sei se gosto, disse Jesús.

Diga.

Isso não me convence.

Posso mudá-la, apressou-se ela. Não sei como vai continuar. Talvez um dos filhos cruze a fronteira atrás do pai. Há pouco tempo vi a exposição de um pintor... Já faz tempo que estamos cruzando a linha.

Na verdade foi a linha que nos cruzou. Tudo isso era nosso.

Jesús se aproximou até ficar a um metro de distância dela. Noemí se fixou na faca, resplandecente à luz da sala. Quando voltou a falar, sua voz se transformara num sussurro: não me machuque.

Ele assentiu. E se atirou sobre ela, cravando-lhe a faca no peito. Ela tentou se defender e forcejou e caiu no chão, mas só conseguiu acabar com as duas mãos agarradas à faca. É isso aí, sua porca. Enfie mais. Jesús montou nela e, ao retirar a faca de seu peito, lambuzou as mãos com o sangue que manava do ferimento, incessante, formando rapidamente uma poça.

Antes de continuar, aproximou-se das janelas e baixou as persianas.

Cravou a faca num dos olhos de Noemí. Brincou com a substância branca e viscosa, como se estivesse operando uma boneca enorme. Certa vez operou sem permissão a única boneca que María Luisa ganhara de aniversário. Deixou-a sem cabeça.

Cravou a faca no outro olho. O fio metálico cortou um pedaço da face direita, afundou na esquerda, bateu em ossos e saltaram fragmentos. Afundou a faca na testa novamente, e desta vez a lâmina se partiu e

Jesús ficou com o cabo. Porca, até suas facas são baratas.

Não ia comê-la.

Aproximou-se de uma das paredes da sala e escreveu com sangue: INOMIN

Era uma palavra muito comprida. Deixaria assim mesmo.

Lavou os braços sujos de sangue na pia. Jogou o cabo e a lâmina da faca na lixeira da cozinha. Esquentou no micro-ondas um prato de *pozole** que encontrou na geladeira. Acompanhou-o com uma latinha de cerveja Corona gelada.

No quarto encontrou colares e argolas de prata; a carteira não tinha dinheiro; tentou levar os cartões de crédito, mas concluiu que era perigoso. Meteu no saco de lona a coleção de DVDs de Noemí. Ela só via filmes de animação. Quem sabe ele encontrasse alguma coisa boa ali.

Admirou o quadro de uma caveira sorridente com um chapelão mexicano; ela tocava violão sentada numa cadeira; a seus pés havia cartas da loteria (a sereia, o soldado, o bêbado, o valente, a rosa). Entre os livros encontrou um com fotografias da revolução mexicana. Uma foto o fascinou: um homem enfrentava o pelotão de fuzilamento com um sorriso e um cigarro na mão. A pose toda mostrava sua falta de medo. Sua coragem.

Quando chegasse sua vez, queria partir assim. Com um sorriso nos lábios. Com um cigarro na mão, embora não fumasse. Com uma garrafa de aguardente na outra mão.

O celular de Noemí tocou e ele esteve prestes a atendê-lo, mas desistiu. Pegou as chaves do Honda. Saiu da casa, entrou no carro e foi embora. Parou no primeiro posto de gasolina que encontrou. Comprou *beef jerky*, Doritos e uma embalagem com seis latinhas de Coronas.

Ligou para a irmã do telefone público que havia na entrada do posto. Ao ouvir a voz dela, Jesús desligou.

Dirigiu em direção ao sul. Quanto mais perto estivesse dos trilhos do trem, mais protegido se sentiria.

Dois veados atravessaram a pista; diminuiu a marcha para observá-los. Toda essa região estava repleta de antílopes, coiotes, serpentes. Diziam que só havia lobos do lado mexicano, que os criadores de gado do Texas e do Novo México os haviam eliminado porque os lobos dizimavam o gado.

Em um lado da estrada, num aterro sem asfalto, sob a sombra de um cedro, havia um jipe estacionado. Jesús foi para a pista da direita e, ao passar ao lado do jipe, notou que uma mulher de meia-idade tentava trocar um pneu furado.

Pai nosso que estais no céu.

Parou. Tirou a faca do saco de lona e a colocou nas costas, entre o cinto e a calça. Desceu do carro e se aproximou do jipe a passos firmes. Fez a cara mais solícita e humilde que tinha a sua disposição, aquela que o salvara de algumas prisões quando a polícia o deteve. A seu lado os carros passavam sem parar. O sol não dava trégua, queimando a nuca, os braços.

Hi, can I help?

A mulher se assustou ao vê-lo. Era gorda e pequena e estava descalça, tinha cabelo castanho curto e

um gancho enfiado num dos lábios. O rosto era duro e estava curtido, como se passasse a maior parte do tempo ao ar livre. Os braços, manchados de graxa. Pusera o macaco do lado do pneu furado, sob o jipe, e segurava nas mãos uma ferramenta para desatarraxar os parafusos do pneu. Tinha tirado anéis e pulseiras e os deixara no chão, junto de uma lata de cerveja.

Olá, obrigada, disse em inglês. Os parafusos estão muito apertados, não vão nem pra trás nem pra frente. Eu estava pensando em chamar um guincho.

Eu posso tentar, disse Jesús em inglês.

Meu nome é Peggy. Quer uma cerveja?

Jesús disse que aceitava a cerveja mais por cortesia do que por vontade de tomá-la. Peggy foi até a parte de trás do jipe e voltou com uma lata.

KILL THEM ALL.

Jesús pegou a ferramenta e tentou soltar os parafusos. Conseguiu desatarraxar rapidamente três; o quarto e o quinto lhe deram trabalho, mas acabou conseguindo. Com o sexto lutou por um bom tempo. O suor lhe descia pela testa, escorria pelo rosto, impregnava suas axilas. Deu um gole na cerveja e quase a cuspiu: tinha gosto de mijo.

Não está tendo sorte?

Santificado não seja o vosso nome.

É só questão de continuar tentando, disse em espanhol. Depois passou para o inglês: mas infelizmente eu não tenho mais tempo. Estão me esperando.

Obrigada, de qualquer forma. Vou chamar o guincho.

Não levaria muito tempo. A estrada estava deserta, podia surpreendê-la com um golpe e jogá-la para um lado. Era do tamanho dele, certamente mais forte do que aparentava, mas ele se imporia. A faca faria o resto.

Jesús perguntou qual era a melhor forma de chegar à autopista 10. Queria ganhar tempo enquanto decidia o que fazer. Era fácil, tinha de continuar dirigindo por mais uns dez minutos, veria as placas.

Peggy não tinha celular. Ia ter de caminhar uns cem metros até um CALL BOX do lado da estrada. Jesús a acompanhou. Quando chegaram, ele a olhou fixamente, surpreendendo-se com o brilho de seus olhos verdes, e lhe disse:

Você tem muita sorte.

Acho que sim. É melhor encarar desse jeito, podia ter sido muito pior.

Peggy ficou se mexendo no lugar, inquieta, e baixou os olhos.

Bem, preciso telefonar. Obrigada mais uma vez.

Jesús se virou e voltou para o carro. Peggy viu a faca, mas fingiu não vê-la e se concentrou no telefonema que precisava fazer.

*Prato típico da culinária mexicana: refogado de milho com carne e pimenta chile. (N. T.)

La Grange, Texas, 1999

A idosa jazia na cama com o crânio destroçado. O sangue tinha lambuzado seu cabelo e cobria parte da testa e das faces, manchava o edredom, criando uma poça no chão. Em um lado do quarto era possível ver a pá utilizada pelo assassino. A televisão estava ligada num canal de telenovelas em espanhol.

O sargento Fernandez ouvia um agente do FBI no corredor que dava para o quarto. Parece que estava dormindo, dizia o agente. Pelo menos isso, não sofreu.

Alguma pista?

Chegaram os boletins de Houston. Era o que se previa, mas agora é oficial. As impressões digitais na pá são de Reyle. São as mesmas encontradas ontem naquela casa em Houston. E as mesmas de outros crimes. Há gotas de sangue que o ligam pelo menos a cinco mortes. Não quero dizer o óbvio, mas receio que estejamos diante de um assassino serial. Já nem se importa em esconder suas marcas.

Na verdade ele nunca se importou, disse Fernandez. Simplesmente teve sorte. Esteve na prisão, teve rolos com a polícia mais de uma vez, e a única coisa que o INS fez foi deportá-lo para o México.

Que mais podiam fazer? Eles prendem tantos ilegais todos os dias. A única coisa que querem é devolvê-los ao México o mais rápido possível.

Isto é diferente, disse Rafael. Com a ficha que ele tinha, deviam ter sido mais cuidadosos. Essas mortes poderiam ter sido evitadas.

Fernandez levou as mãos à testa e tentou esconder o aborrecimento. Nada funcionava como devia. A começar por ele: os bancos de dados do FBI ligavam Reyle a pelo menos cinco mortes, e já fazia algum tempo que ele intuía que uma única pessoa é que estava por trás de outras mortes não esclarecidas, mas não havia feito nada. Nem mesmo havia comentado isso com alguém, com um superior que hoje poderia estar cumprimentando-o por seu palpite correto, amaldiçoando-se por não ter dado ouvidos a ele. E o agente tinha razão, não era culpa do INS: Reyle usara vários pseudônimos, tinha vários cartões do seguro social, era escorregadio, seus méritos deviam ser reconhecidos. Era verdade o que diziam outras agências dos Rangers, que desdenhavam das agências federais e da polícia local, tão dispostas a transformar tudo em material para um filme. Tinham acreditado demais em sua própria lenda. Era o que os Rangers diziam do FBI.

O FBI batizou a busca de Gonzalez Reyle de Operação Stop Train, disse o agente, observando as paredes do corredor como se fosse possível encontrar ali uma pista que levasse ao assassino. Reyle também tem um nome na mídia: a Fox News o chama de The Railroad Killer. Decerto algum agente criativo do FBI, um desses que passam o dia criando perfis de assassinos seriais, passou esse nome aos jornalistas.

Podiam ter sido mais originais, pensou Rafael ao sair da casa. Se todas as mortes tivessem ocorrido perto de um campo de futebol americano, a operação se chamaria Operação Touchdown e o assassino seria The Quarterback Murderer.

O filho da idosa e sua mulher estavam num carro da polícia, em estado de choque. O filho assoava o nariz com um lenço; a mulher estava com a cabeça raspada e Fernandez se perguntou se estaria sendo submetida a algum tratamento. Lembrou-lhe uma prima depois da quimioterapia; a luta fora tenaz, até que o câncer se impôs.

O filho da idosa e sua mulher tinham descoberto o corpo de Annie Tadic. A idosa vivia sozinha num rancho ao lado da autopista 10, no condado de Fayette. Devia tomar o café da manhã com eles, e não tinha aparecido. Ligaram para ela e ninguém havia atendido. Vieram buscá-la e a encontraram morta.

Fernandez passou perto deles e inclinou de leve a cabeça num cumprimento. Ouvira a surpresa deles por a idosa estar vendo um canal em espanhol, ela não entendia essa língua e isso lhe causara problemas com os trabalhadores ocasionais que contratava. Rafael concluiu que fora o assassino quem mudara de canal. Depois de assassinar a idosa, foi ver uma novela. Coisas similares em outras casas: uma vez cometido o crime, preparava um sanduíche, tomava uma cerveja ou esquentava um prato no micro-ondas. No relatório preliminar, o encarregado de traçar perfis de assassinos seriais, um psicólogo do FBI que trabalhava em Quantico, escreveu que essa tranquilidade assustadora escondia um caráter calculista, uma mente racional e uma sensação absoluta de onipotência. Fernandez concordava com a onipotência, mas não com o restante. Nem sempre havia uma relação direta entre a causa e a consequência. O assassino podia estar tão nervoso que em vez de fugir era capaz de sentar para tomar uma cerveja. Calculista, racional? Não necessariamente. Mas, no fundo, o que ele sabia sobre isso? Psicopatas como Reyle eram de outra espécie. Um assassino serial ia muito além do que já havia visto como ranger.

Foi até seu carro protegido pela fita amarela em torno da casa.

O relatório do psicólogo de Quantico levou-o a pensar que todos os agentes da ordem trabalhavam com ficções e se equivocavam muito. Os perfis dos assassinos estavam repletos de meninos abusados e violentados na infância, deduziam-se formas de ver o mundo a partir de gestos triviais. As ficções serviam para preencher vazios, para especular em voz alta e para se sentirem mais seguros de que tudo teria um desenlace positivo, que a lei quebrantada haveria de ser restaurada. Todos os assassinos podiam ser reduzidos a uma série discreta de atitudes, obsessões, compulsões. Mas faltava uma coisa em todas as ficções: “o inexplicável”, aquilo que não remetia a nada. Era fácil entender que o mal atraísse, fascinasse, seduzisse. Era mais complexo aceitar que o mal, o horror, o abismo, fossem parte fundamental da vida. Era admirável que o FBI tivesse um encarregado de penetrar na mente dos assassinos seriais: alguém tinha de fazer isso. Mas Fernandez havia concluído que o melhor era não tentar entendê-los. Eles eram o que eram, e ponto final. Era preciso prendê-los e despachá-los com uma injeção letal.

O sol do meio-dia caía inclemente sobre a planície salpicada de ranchos, cedros, carvalhos de troncos secos e galhos quebradiços, cáctus inclinados como se não fossem conseguir suportar por muito mais tempo o peso do calor. Uma nuvem alongada com bordas metálicas brilhava solitária no horizonte. Fernandez pôs um pedaço de *beef jerky* na boca.

Diana Tadic não havia sofrido, esse era o único ponto positivo.

Naquelas semanas, Rafael contemplou, impotente, o que ocorria com a Operação Stop Train. Policiais do Estado e agentes do FBI redobravam a vigilância em torno das estações de trem e patrulhavam as vias do sistema ferroviário do país em busca de locais onde o assassino pudesse se esconder. Batidas eram feitas em centros assistenciais, em praças onde pessoas na ilegalidade se reuniam em busca de trabalho, albergues onde os vagabundos passavam a noite. A foto do assassino se tornara pública e estava em todos os jornais e noticiários da tevê. Alguns condados imprimiam cartazes com a palavra WANTED em letras grandes, a foto e uma recompensa em dinheiro para quem o entregasse.

Oito dias depois do assassinato de Noemí e da idosa, o Honda Civic de Noemí foi encontrado perto dos trilhos do trem de um vilarejo nos arredores de San Antonio. Isso levou um agente do FBI a dizer diante das câmeras, frustrado:

Tudo indica que ele cruzou a fronteira e fugiu para seu país. Isso seria lamentável para nós. Lá não existe pena de morte e a coisa continua.

Dawn Haze aproveitou esse comentário e dedicou dois dias de seu programa para falar mal do sistema judiciário do México e atacar os Estados “liberais” onde não havia pena de morte. Fernandez riu do argumento dele, mas depois pensou que não havia motivo para rir, pois aquilo tudo era triste e patético, muitos concordavam com Dawn Haze.

No dia seguinte, Dawn Haze dedicou o programa a um furo de reportagem: antes da última série de mortes, o Railroad Killer fora detido perto de El Paso por uma patrulha do INS, que, depois de examinar seus arquivos no computador, deportou-o para o México. Àquela altura o INS já deveria ter a obrigação de saber que o homem que acabavam de deter era suspeito de assassinato. A resposta do INS foi morna: o sistema de informatização da agência não estava conectado aos das outras agências, portanto eles não tinham como saber da informação que o FBI e os Texas Rangers possuíam. Além disso, o suspeito usava uma porção de nomes diferentes, e isso dificultava tudo.

Desculpas, desculpas, disse a apresentadora. Não foram incompetentes apenas ao soltá-lo, mas também ao não terem um sistema de informatização conectado aos das demais agências. E nada traria de volta os que morreram por causa dessa incompetência.

Fernandez teve de admitir que Dawn Haze tinha razão.

No escritório, Fernandez fez uma lista das vítimas do Railroad Killer (o nome vingara, até ele o chamava assim).

Victoria Jansen. Miss Havisham. Joanna Benson. Noemí Dominguez. Norman e Lynn Bates. Annie Tadic.

Sete mortos. Certamente havia mais. Quase todos mulheres. Duas idosas. Um assassino covarde, que procurava vítimas fáceis. Lembrou-se da letra de uma velha canção popular: *Decía Gregorio Cortez/ con su pistola en la mano:/ No corran, rinches cobardes,/ con un solo mexicano*. Que ironia ele ser agora um *rinche** que perseguia um mexicano covarde. Vários anos transcorridos entre as duas primeiras mortes e as restantes. O que teria acontecido? Na última atualização feita pelo psicólogo de Quantico, chegava-se a uma conclusão tirada do manual para entender psicopatas: o assassino cometia um crime

para saciar sua sede de sangue, mas à medida que os dias passavam se entediava com mais facilidade, por isso o intervalo de tempo entre um crime e outro diminuía. Não era difícil deduzir que, depois de vários anos controlando seus impulsos, agora o Railroad Killer estava desenfreado; o próximo crime aconteceria muito em breve.

Havia algo em comum entre as vítimas? A partir disso, seria possível antever qual seria a próxima? Aconteceria perto de uma estação de trem, mas quem teria o azar de dar de cara com o criminoso nas fronteiras reduzidas de uma sala, de uma cozinha, de um quarto? Quem se veria diante de uma faca de cortar carne na mão de um ilegal com uma fúria de anos acumulada dentro dele?

O sargento Fernandez sentiu pena da próxima vítima.

Naquela noite ele se encontrou com Debbie num hotel Ramada do centro. Durante o sexo, sentiu os arranhões dela em suas costas, um certo desespero. Estava sentada sobre ele; podia ver seu rosto concentrado, o cabelo castanho que volta e meia lhe cobria os olhos. No vaivém do momento, o crânio quebrado de Diana Tadic atravessava sua mente. Tinha de se esforçar para tirar essa imagem da cabeça.

Ela gozou, mas ele não. Ele continuou tentando, mas não teve jeito.

O que foi, Rafa? Muito trabalho?

Desculpe. Você sabe o que anda me preocupando.

Sim, eu sei, ela se rendeu, acendeu um cigarro e se deitou ao lado dele. Mas mesmo assim fico frustrada.

Ele a puxou para si e a beijou, ela se recostou em seu peito.

Não quero ficar em Landslide.

Rafa observou seu nariz reto, as faces ossudas, o cigarro entre os lábios.

Tenho uma prima em Ontário.

Essa ameaça não deveria aborrecê-lo. Podia ser encarada como o simples movimento estratégico de uma mulher que desejava conseguir mais do que tinha. Ainda assim ficou um pouco abatido.

Canadá? Tão longe assim? O norte do norte.

Indeed. Um dia você disse que seria capaz de me seguir até o fim do mundo. Você viria comigo?

Soa bonito, mas e o meu trabalho?

Levantou-se para ir ao banheiro, tentando mudar de assunto. Quando voltou, ela estava acabando de se vestir e calçava a bota.

Aconteceu alguma coisa?

Nada. Tempo esgotado. São cento e cinquenta dólares.

Ele pegou a carteira no criado-mudo, começou a procurar as notas, mas ela não lhe deu tempo para nada: saiu batendo a porta atrás de si.

Fernandez não sabia se ia atrás dela, se a esperava ou se ligava para ela. Por fim se jogou na cama, acreditando que ela fosse voltar. Mas não voltou.

Debbie ia se acalmar. Tinha de lhe dar um tempo.

Rafael soube por McMullen que o FBI conseguira informações sobre o suspeito e que todas as pistas levavam a um povoado chamado Rodeo, no México. Reyle era casado e sua mulher morava lá. As

autoridades mexicanas permitiram que os agentes do FBI entrassem no país e vigiassem a casa de Reyle em Rodeo. No entanto, não se animavam a autorizar o próximo passo: falar com a esposa. Temiam que depois ela encontrasse um meio de alertar o marido.

Era preciso ser paciente e esperar que Reyle cometesse um erro e voltasse para casa.

Não aguentou e telefonou para o escritório do FBI em Houston. Falou com o agente Johnson, responsável pela Operação Stop Train. Ele o conhecia, era um negro corpulento e afável que gostava de pescar no Golfo, os dois tinham trabalhado em colaboração algumas vezes.

Como anda a pesca, Wayne?

A qual delas você se refere?

Quero lhe fazer uma proposta. Não é nada oficial dos Rangers, é coisa minha. Eu falo um espanhol correto, sem sotaque, e passaria despercebido em Rodeo. Eu poderia aproveitar isso para falar com a mulher de Reyle, contar a ela quem realmente é o seu marido, pedir sua ajuda. Ganhar a confiança dela.

É muito arriscado, disse Johnson, depois de pensar. O que ganharíamos com isso? Se ele tem uma vida dupla bem organizada, cedo ou tarde vai baixar a guarda e voltar para casa. É melhor esperá-lo.

Fernandez insistiu: as alternativas não são melhores. Podemos esperar sentados vigiando a casa que ele não virá por vontade própria; decerto já sabe que estamos no seu encalço. Ao contrário, vai achar um jeito de se comunicar com a mulher. Aí, sim, se ganharmos a confiança dela ela poderia se dispor a entregá-lo em troca de alguma coisa.

Johnson disse que falaria com ele depois. Não estava totalmente convencido, mas iria averiguar.

Passaram-se os dias. Rafael imaginou longas reuniões para discutir seu plano. O FBI não gostava de perder o controle dos casos que investigava.

Johnson ligou no fim de semana. Aceitavam a oferta, mas um agente do FBI o acompanharia. Poderíamos fazer isso sozinhos, mas seria como roubar sua ideia. Então você vem conosco.

Com eles era vitória ou empate. O que Fernandez podia fazer? Aceitar. Caso contrário, iriam falar com ela sozinhos.

Disse que tudo bem.

*Gíria mexicana para “Ranger”. *Rinche pinche* seria algo como “tira de merda”. (N. T.)

Landslide, 2009

Retomei o turno de sempre no Taco Hut; levava um bloco de papel para o trabalho e nas horas de folga desenhava minha versão de “Luvina” ou esboçava ideias para minha história. Delineara melhor a personagem principal: chamava-se Samanta, era latina, limpar o mundo de vampiros, zumbis e lobisomens era sua obsessão desde que um deles matara sua filha. O território pós-apocalíptico de Samanta se dividia em Sul e Norte, separados por um rio. Conteí a história para meus colegas; Osvaldo e Mike gostaram, mas Oksana, uma garota russa que começara a trabalhar conosco, não a entendeu.

Ia criando meu universo de forma detalhada — os resíduos químicos que transformavam os homens em zumbis, os casarões abandonados que remetiam à literatura gótica e sugeriam o fim dos tempos, mas era difícil me soltar, deixar que meu relato fosse saindo como um magma incontrolável. Ana me assaltava a qualquer hora. Paralisada, tentava enfrentá-la, enfrentar quem eu imaginava que ela era ou que podia ser — uma trança longa e preta, uma sombra que me dava as costas —, mas fracassava.

* * *

Ler era a única coisa que me acalmava. Mas não qualquer coisa. Somente os primeiros capítulos de *The Sandman*. Diversas vezes, terminá-los e começar de novo.

Fabián também não era boa companhia para o trabalho. Sentava-se diante do computador para responder e-mails, visitar blogs ou fuçar o disco rígido, com a paranoia de que os decanos tinham inserido um vírus espião que transmitia todas as suas comunicações. Eu fazia um inventário de seus defeitos. Ele estava com uma rouquidão que às vezes parecia asma, às vezes alergia; fechava-se no banheiro, e eu ouvia ruídos que me faziam desconfiar que estava vomitando. Saía como se nada tivesse acontecido, abria uma garrafa de vinho, cheirava umas carreiras em papéis estanhados ou cartões de crédito, e eu me negava a acompanhá-lo e olhava para outro lado. Depois víamos um filme B dos anos cinquenta. *O ataque dos tomates assassinos*, *O ataque da mulher de 15 metros*, ele sabia que eu gostava e comprara uma coleção de oitenta DVDs (uma oferta na televisão às três da manhã). As drogas faziam com que o sexo fosse bastante desigual: noites explosivas seguidas de encontros frustrados porque ele não conseguia ter uma ereção.

Fabián tinha momentos de ternura, quando estava no escritório me escrevia e-mails cafonas nos quais dizia que sentia minha falta, que não conseguia imaginar um futuro sem mim. Em algumas linhas sua fragilidade aflorava e isso me tocava: “Eu estava a meu lado vestido com um terno preto parecia um coveiro. pus uns fios em minha cabeça, apertei um botão e recebi um choque. aquele que era eu me disse

you're not well you're not well you're not well. segurou minha mão e disse que me levaria até um parque de diversões. tinha um balão na mão e de repente eu já não estava comigo e me senti muito sozinho. gostaria de ir a um parque de diversões? six flags não fica muito longe”.

Às vezes, ao entardecer, passeávamos pelo bairro; nos aproximávamos da cancha de beisebol no parque, iluminada pela luz branca dos refletores nas linhas de canto, e costumávamos encontrar os grupos de sempre, profissionais que depois do trabalho jogavam softball, estudantes estrangeiros da universidade que corriam atrás de uma bola de futebol. Então sentávamos no gramado para ver a partida. Nessas horas, eu, que conhecia bem nossos limites, fazia um esforço para projetar um futuro compartilhado — tentava me imaginar numa casa perto do mar, escrevendo e desenhando até de madrugada enquanto ele dormia —, e fracassava.

Às vezes eu telefonava para ele ao sair do Taco Hut, e seu tom frio, distante, impessoal, me dizia que estava fechado em sua carapaça e não queria me ver. Às vezes invocava comigo e me perguntava se eu não era espiã dos decanos. Sua voz me fazia pensar que estava bêbado ou drogado. Assim alternávamos as semanas, num maníaco ritmo bipolar.

Eu continuava vendo Sam, que se oferecia para ler o que eu escrevia e se esforçava para não entender meu desinteresse por ele. Falava com a Fodida de vez em quando, dela só ouvia suas aventuras regadas a bebida e pó nas camas de suas companheiras casuais (tinha traído Megan ao descobrir que ela a traía). Uma tarde encontrei-a no ponto de ônibus — a calça caída, uma bandana preta, a camisa suja e amassada — e ela me disse que talvez tivesse de voltar para Porto Rico. As notas não a acompanhavam, havia muitos “incompletos” em seus cursos, seu orientador advertira-a da possibilidade de perder a bolsa. Não notei nenhuma preocupação nela. Despedimo-nos com um abraço frio.

Sam me convidara para o coquetel que o museu da universidade ia oferecer para comemorar a inauguração da retrospectiva dedicada a Martín Ramírez. Preferi não ir com ele e convenci Fabián a me acompanhar.

Fabián fez um esforço para se vestir com elegância, embora o paletó fosse velho e a calça ficasse curta. Havia professores da faculdade de história da arte e colegas de Fabián; eram poucos os acadêmicos que saíam de seu esconderijo para visitar campos que não lhes diziam respeito. Fomos cumprimentar Ruth, que, rodeada por um grupo de estudantes de doutorado, argumentava com convicção que Ramírez devia ser entendido não como um mexicano, mas como um latino, um hispano, um chicano, um mexicano-americano (vivera nos Estados Unidos quarenta de seus sessenta e oito anos).

Como eu não estava a fim de uma discussão acadêmica sobre identidade, deixei Fabián com Ruth e fui dar uma volta pela exposição. Estava dividida em temas relacionados com as obsessões do pintor: cavaleiros e cavalos; paisagens; mulheres; trens e túneis. Os desenhos, enormes, causavam impacto e foram uma revelação para mim; eu já havia admitido o talento de Ramírez, mas o tinha visto da distância com que se pode apreciar a arte sem necessidade de senti-la; não fora capaz de entrar na mesma frequência. Podia me desculpar dizendo que as reproduções em livros e na internet não lhe faziam justiça, mas isso não mudava muita coisa. Senti que devia ter escrito alguma coisa para o dossiê, que tinha perdido uma oportunidade.

Admirei a seção de cavaleiros e cavalos, a mais concorrida e a que tinha mais quadros. Atentei para o

detalhe dos quadros — os cinturões carregados de balas, os cavalos contemplando o céu, as linhas paralelas que emolduravam a composição, o predomínio do vermelho e do roxo —, li os textos ao lado: eram conhecidos quase trezentos desenhos de Ramírez e oitenta deles tinham a ver com cavaleiros.

Tratava-se de criar símbolos a partir de obsessões, de marcar o grande território do mundo de forma que alguns objetos ou indivíduos se tornassem parte de nossa mitologia pessoal. O problema é que eu tinha começado ao contrário; só depois de muito pintar e escrever, alguém ia descobrindo suas temáticas, entendendo que ali se desdobravam as coordenadas principais de uma obra. Eu nem sequer havia começado a narrar a história na qual iria lhes dar corpo e já queria ter os símbolos.

Na seção de paisagens, topei com uma caveira pintada por Ramírez. Tocava um violino, e a seu lado, desproporcional, um casal dançava ao som da música (a cabeça do homem era enorme). Linhas onduladas que representavam campos, casas com um traço infantil, carroças num caminho de terra.

Conhecia as caveiras de Posada e as que predominavam na pintura folk mexicana, mas essas eram mais risonhas, vestidas com trajes de gala, prontas para a festa. A de Ramírez tinha um esgar grotesco no rosto, parecia a representação da máscara de um vilão para uma série de terror em Hollywood. Era a combinação que me atraía: o rosto desfigurado, o violino festivo.

Eis aí meu romance, então. Em vez de zumbis, caveiras com o rosto à Freddy Krueger; mexicanas, mas transpassadas pela imaginação dos filmes de terror americano.

Fui procurar Fabián para comentar isso com ele e dei com um tumulto: um grupo de curiosos se aglomerava em torno dele e de Ruth, que discutiam acaloradamente. Aproximei-me do círculo.

Saia daqui, sua gorda de merda, exclamou Fabián. Vou matar você! Ramírez é mexicano, e não chicano, por mais que tenha vivido toda a vida na Califórnia. Pessoas como vocês arruinaram a universidade. Com sua correção política, ninguém mais pode opinar como se deve. E se alguém se atreve a isso, lhe declaram guerra, como fizeram comigo.

Abri caminho entre a multidão, puxei Fabián. Cale-se, por favor, gritei. Tapei-lhe a boca, mas era inútil: tinha desembestado. Nesse momento Ruth gritava que ele ia se arrepender de tê-la ameaçado. Dois professores se aproximaram para acalmá-la; levaram-na embora da exposição, enquanto os seguranças se reuniam em torno de Fabián, advertindo que se ele não se acalmasse seria detido. Prometi que me encarregaria dele, que o levaria para casa.

Tirei-o da exposição aos trancos. Pegamos um táxi. Prefiro dormir sozinho esta noite, disse. Quis responder, mas notei em seu rosto a expressão distante que eu conhecia bem.

Quando chegamos à porta de sua casa, perguntei-lhe o que estava acontecendo.

Te mando uma mensagem amanhã quando acordar.

Desceu do táxi e disse ao motorista para seguir em frente.

Entrei no estúdio furiosa, pensando que naquela noite tínhamos ido a exposições diferentes. Eu observara a obra de Ramírez em busca do que utilizar na minha história; Fabián aproveitara a oportunidade para provocar um tumulto e uma boa dose de autopiedade.

Na verdade, ultimamente era assim: fazíamos coisas juntos, mas não importava muito. Por mais que de vez em quando nossa vida conseguisse se tocar, nos movíamos por caminhos que iam se afastando um do outro sem solução.

O homem que me comovia ia se transformando rapidamente num fantasma.

Gostaria de ter pena dele, mas acho que eu também estava cansada.

Rodeo, 1999

Quando Jesús chegou em casa com joias, perfumes e vestidos na mochila, Renata o abraçou e disse que sentira saudades. Estava furiosa, desta vez ele pisara na bola, deixando-a sozinha por muito tempo. Jesús mordeu a língua para não dizer que ela era uma porca, crazy bitch, superlouca babaca, e que se não fechasse o bico ia perfurar os olhos dela com uma faca, cuspir em seu corpo e jogá-lo num barranco.

Os presentes conseguiram acalmá-la. Esses brincos de prata são lindos, esse broche deve ter custado uma nota. Talvez esse fosse o preço a pagar para ficar com Jesús, dissera-lhe Lila, a vizinha, que se tornara sua melhor amiga. Aquela era sua vida, devia respeitá-la e não começar a competir. Vivia bem graças ao fato de ele ter documentos e poder atravessar a fronteira e trabalhar lá quando lhe desse na telha. Era corajosa por reclamar tanto, Lila bem que gostaria de estar casada com alguém assim. Não é?

Jesús comprou cortinas pretas para a casa, instalou-as e pediu que Renata as mantivesse fechadas o tempo todo, até mesmo quando o sol estivesse batendo em cheio, tinha inimigos e se sentia espionado. Chegou a forrar com jornal as janelas da cozinha.

É que fica muito estranho assim, disse ela. Faz calor dentro de casa e quase não tem luz natural. E o que eu digo se a Lila perguntar?

Que eu tenho impingem e o médico me proibiu de tomar sol no rosto.

Renata olhou para ele achando estranho, mas não disse nada. As faces de Jesús estavam coloridas por um rubor permanente, mas ela trabalhava numa farmácia e sabia que impingem não se combate com cortinas. Aquilo significava que Jesús nunca mais tomaria sol? Fazia mais sentido que tivesse inimigos em seu encalço, mas, então, o que ele andara aprontando? De quem se tratava?

Esses pensamentos a ocuparam nos primeiros dias do retorno de Jesús. Depois foi se acostumando à nova normalidade da casa e se esqueceu deles.

Jesús passou dias tranquilos com Renata. Tentou se afastar da cocaína e do álcool. Precisava estar alerta, com os sentidos bem despertos. Com certeza estava sendo procurado. Devia tomar cuidado, mas tampouco lhes daria o gosto de trancar-se em casa.

Tentou estabelecer uma rotina. De manhã voltou a ensinar inglês na escola das freiras. Ia cedo, evitava as ruas cheias de gente. Ao entardecer, saía para um passeio no povoado. Quando um guarda o multou por não respeitar a sinalização, pensou que era melhor não usar o carro e comprou uma bicicleta. Arranjou um cão, Tobías, que latia para tudo que se movia. Às vezes saía acompanhado do cão e passava pela farmácia de Renata antes de voltar para casa. Nessas horas vinham-lhe imagens das semanas anteriores

no outro lado, e via tudo como um pesadelo: algo que não acontecera de verdade e que o deixava arrepiado só de imaginar.

Começou a escrever tudo num de seus cadernos. Algum dia os levaria para o padre Joe. Os primeiros cadernos contavam mentiras, mas logo depois ficavam interessantes. Padre Joe entenderia.

De noite ia às cantinas com Renata e relaxava enquanto ouviam rancheiras e *corridos*. Voltou a beber. A aguardente lhe raspava a garganta, como se ele estivesse perdendo a tolerância ao álcool.

Numa dessas noites chegaram em casa de madrugada, ele estava bêbado e lutou com o fecho do vestido de Renata enquanto ela pedia entre gritos e risadas não tenha tanta pressa. Nem chegaram ao quarto; transaram no tapete da sala. Jesús lhe deu uma bofetada no rosto. Ela levou a mão à boca: saía sangue de seus lábios. Jesús lhe deu outra bofetada.

Não me toque, gritou ela. Não me toque!

Ele estava a fim de enchê-la de porrada. De fazê-la chorar de verdade.

Isso nunca, Jesús. Isso nunca. Já vi o bastante na minha casa. Mais uma dessas e eu não vou aguentar.

Foi para o quarto e fechou a porta. Ouviu-a soluçar.

Levantou-se, empurrou a porta, tirou o cinto e bateu nela com a fivela até aparecerem manchas roxas nas coxas, nas costas, nas faces dela. Filha da puta, quem você pensa que é? Agora vai querer dar ordens? Pra mim? Pra mim? Agradeça que eu te deixo viver, sua porca. Agarrou-a pelo pescoço e quase a sufocou. Chutou-a com a bota com ponta de ferro, enquanto ela, feito um novelo num canto do quarto, não parava de soluçar, de chorar e pedir perdão.

Quando ela perdeu a consciência, ele abaixou a calça e penetrou-a novamente. Jesús gozou e se limpou com o vestido. Dormiu jogado no chão.

Os roncos acordaram Renata. Suas pernas e suas costas doíam e teve dificuldade para se levantar. Conseguiu chegar ao banheiro a duras penas. Limpou os ferimentos com álcool, passou uma toalha embebida em água fria no corpo.

Talvez devesse ir procurar Lila e contar tudo. Não parava de tremer e de chorar. Estava assustada.

Deitou-se no sofá. Não conseguiu dormir.

No dia seguinte preparou o café e agiu como se nada tivesse acontecido. Não disse uma palavra e manteve os olhos postos no chão. Estava com o rosto inchado, telefonou para La Indolora, disse que tinha caído e não iria trabalhar.

“Você pença que eu não sei que você tira sarro de mim pelas costas sua puta porca babaca agora já tá sabendo o que te espera KILL THEM ALL não vai ter descanso não vai ter descanso o senhor não esteja contigo não esteja conosco santificado não seja o vosso nome ninguém vai se livrar agora sabem q chegou chegou chegou o momento sua hora de lamber minha bota puta inominávelanimais tem que eliminar todos como cachorros como vacas como porcos como david koresh era o profeta e mataramele comigo não comigo não não vai ter outro waco KILL THEM ALL.”

O aniversário de Lila era no fim de semana. Renata, a princípio, não quis ir, ficaria em casa, tinha

muito o que fazer, mas Jesús comprou uma filmadora, disse que estava com vontade de filmar e que registraria a festa. Renata assentiu e pôs uma atadura na face, ia dizer que tinha caído.

Jesús aprendeu a usar a câmera filmando Tobías. Quando viu o que havia captado na tela pequena, o cachorro correndo com a língua de fora, disse que era aquilo que estava lhe faltando. Quando cruzasse novamente a fronteira, levaria a filmadora. Filmaria as porcas jogadas no chão com uma faca no pescoço e o sangue manchando o tapete.

A casa de Lila, com serpentinas de parede a parede e penduradas nas janelas, tinha um ar festivo, como se estivesse preparada para receber o ano novo. Havia *piñatas** para as crianças, gorros de papel, guardanapos e pratos de plástico. Pelos alto-falantes do equipamento de som, ouvia-se Los Tigres del Norte e Los Tucanes de Tijuana. A televisão na sala estava ligada, mas sem volume, e passava uma maratona de filmes de James Bond. Volta e meia uma das crianças chegava e aumentava o volume, e os disparos e as explosões enchiam a sala; eles eram tão fortes que se confundiam com a música e faziam pensar que estavam ocorrendo ali mesmo. Jesús se assustou tanto numa das vezes, que foi ao banheiro. Depois descobriu que era a televisão e abaixou o volume.

No banheiro cheirou algumas carreiras em cima de um cartão com a propaganda de um inferninho em El Paso — *First TUESDAY of every month is SuPER TuEsDAy \$5.00!!!* — e lavou o rosto. Suas bochechas estavam vermelhas e seu rosto parecia distorcido, como se uma metade não encaixasse na outra. O cabelo comprido precisava de um corte. Depois de ficar tanto tempo do outro lado, estava mais moreno, mais magro, mais sujo.

Esse era ele, esse não era ele.

Quis dar um murro no espelho, mas se conteve.

* * *

A festa se prolongou até a madrugada do domingo. Depois que as crianças se deitaram, Tomás, o irmão de Lila, vestido de *mariachi* com a calça apertada, cantou até cansar. Renata ajudou a preparar um cordeiro assado, na geladeira havia latas de Tecate e numa mesa da cozinha uma fileira de garrafas de tequila, mescal, cachaça.

Jesús misturou bebidas e tomou um porre. Vomitou no pátio e se jogou num banco para dormir. Renata teve de levá-lo para casa com a ajuda de Tomás; tiraram sua bota, a calça jeans, o cinto e o meteram na cama.

Acordou ao meio-dia, Tobías a seus pés. Sua cabeça e o estômago doíam e teve de tomar digestivos e antiácidos. Renata o atendeu em silêncio, trouxe-lhe comida no quarto, um *pozole* bem apimentado para que se recuperasse, e depois foi até a casa de Lila ajudar a limpar os restos da festa.

Dormiu de novo depois de comer. Ao acordar ligou o rádio e a primeira coisa que ouviu foi um nome que lhe era familiar. Como era possível? O locutor dizia que autoridades dos Estados Unidos tinham conseguido identificar o assassino conhecido como Railroad Killer e que se tratava de um mexicano ilegal.

Despertou de repente: o nome lhe era familiar porque era um dos que havia usado ao cruzar a fronteira. Uma ligeira variação de seu sobrenome.

As autoridades norte-americanas acreditavam que o assassino se refugiara no México e estavam negociando sua busca e captura com a polícia mexicana. Havia a possibilidade de um grupo de agentes do FBI vir ao México, ainda que a polícia mexicana dissesse que qualquer coisa que fosse feita iria preservar a soberania nacional.

Veio o entardecer. As sombras logo tomaram conta de Rodeo.

Vestiu-se procurando manter a calma. Havia uma mancha de vômito em sua calça jeans que estava na cadeira; procurou outra num dos armários. Tobías se meteu entre suas pernas e Jesús o afastou com um pontapé.

Pôs um chapéu, colocou seis balas no tambor do revólver. Precisava se apressar. Se tinham encontrado um nome, logo o identificariam e descobririam seu paradeiro.

Ao sair do quarto topou com Renata, que voltava da casa de Lila. Seu cabelo negro estava preso em duas tranças com fitas coloridas, usava uma blusa vermelha folgada com babados e uma sandália que deixava visíveis as unhas pintadas de carmim. A atadura na face arruinava a perfeição dessa imagem.

Você está bem? Não seria melhor ficar na cama?

Preciso sair um pouco. Já volto.

Entrou no banheiro e lavou o rosto com água fria. Tinha os olhos injetados de sangue, o cabelo despenteado. A fúria cairá sobre eles, murmurou. Como um milhão de sóis que explodem e uma chuva de fogo em suas cabeças. KILL THEM ALL.

O que é isso, Jesús? Você está me assustando.

Ela o seguira e estava apoiada no vão da porta do boxe. Tinha os olhos muito abertos e mordida os lábios.

Jesús se virou e não conseguiu se segurar. Santificado não seja o vosso fucking nome, disse. Abraçou-a e começou a chorar. Primeiro foram lágrimas entrecortadas; depois tudo explodiu e não houve jeito de Renata acalmá-lo.

Tobías se aproximou novamente e Jesús lhe deu um pontapé que o fez fugir com um uivo lastimoso. Sentou-se no chão do banheiro diante de Renata, que o olhava. Jesús observou os brincos, duas lágrimas de prata que havia roubado, onde? Já não lembrava a qual de suas vítimas haviam pertencido. Talvez fosse melhor assim. Todos aqueles corpos, todos aqueles rostos deviam se fundir num só.

Estou com medo, disse finalmente Jesús. Estou com medo, Renata.

O que foi? Me conte tudo. Só vou poder te ajudar se souber o que está acontecendo.

Fiz uma coisa ruim e alguns homens estão atrás de mim.

Tem jeito pra tudo. Uma coisa ruim? Como o quê?

É um lance que eu preciso resolver sozinho.

Jesús sabia que assim que saísse da casa e fosse embora de Rodeo nunca mais veria Renata. Os anos com ela acabavam, como haviam terminado os anos com outras mulheres. Essa era a vida que lhe coubera e ele não devia se queixar. Perdia, mas também ganhava.

Lembrou-se das tardes de brincadeiras com María Luisa, no pátio e no terreno baldio com a árvore oca; das noites em que tinham dormido juntos no colchão, na cama protetora. De Rocío se esqueceu muito rápido. Renata não tinha sido ruim; com ela conseguira se conter. Não a matara, apesar de toda a vontade. Ela devia ter alguma coisa especial para amansá-lo assim.

Fizera tentativas desesperadas de se arraigar a alguma coisa, mas sempre, inevitável, o desejo de partir voltava. Poucas vezes se sentira tão protegido como quando cruzava o rio, subia em trens de carga e se jogava no chão do vagão vazio ou insinuava a cabeça pela porta entreaberta do compartimento e uma brisa fresca tocava seu rosto, a camisa se colava ao corpo, e a seu lado desfilavam os desertos, os campos de milho e tabaco, povoados e cidades.

Levantou-se. Se alguém vier perguntar por mim, por favor não diga nada.

O que posso dizer? Não sei de nada!

Pôs o chapéu, se virou e saiu da casa. Ela se jogou no sofá, sem saber se ficava alegre ou triste. Tobías se aproximou dela e abanou o rabo.

*Brincadeira na qual as crianças, com vendas nos olhos, devem quebrar um recipiente pendurado, repleto de doces. (N. T.)

CINCO

1.

Auburn, 1959-1963

O professor veio visitar Martín mais uma vez. Na sala onde se encontraram, depois de um abraço efusivo, o professor percebeu a saúde deteriorada de Martín, a falta de dentes. Tentara transferi-lo para outro hospital, os anos se passavam e DeWitt ia piorando: salas apinhadas de pacientes, pisos e paredes sujas, jardins descuidados e banheiros fedidos. Faltavam ataduras e agulhas esterilizadas, o iodo e o álcool não eram repostos com presteza, os enfermeiros faziam negócios com a morfina e o instrumental cirúrgico.

O professor sentiu que devia uma explicação a Martín sobre sua ausência. Seu espanhol não progredira muito, então só conseguiu lhe dizer algumas vezes: Helsinque. Martín assentiu. E começou a mostrar os desenhos que havia acumulado. Os enfermeiros tinham seguido as instruções do professor: todos estavam datados na parte inferior direita. O professor leu January 1957, April 1957, February 1958, May 1959... Os temas não haviam mudado. Cavaleiros com cartucheiras atravessadas no peito, montanhas de linhas onduladas, trens e túneis, paisagens com igrejas e animais e gente dançando. Recortes de revistas colados nos desenhos, *collages* que insistiam em suas obsessões: o rosto das mulheres impecáveis das propagandas, os artefatos aerodinâmicos da modernidade.

Martín fez com as mãos linhas que iam dele até o professor. Este entendeu que Martín estava lhe dando seus desenhos de presente. Agradeceu.

Um dos novos enfermeiros chegou e disse ao professor que a reunião devia terminar. Martín se agitava muito, não era bom para sua saúde. O professor se aborreceu: não estava acostumado com aquele tratamento. O enfermeiro não ligou para suas reclamações.

O professor perguntou pela saúde de Martín. O enfermeiro mencionou algo sobre doenças pulmonares. Preocupantes? Muito. Perguntou se alguma coisa havia mudado durante aqueles anos.

Que eu saiba, não desenha tanto quanto antes. Passa horas sentado numa cadeira do pátio, de frente para o jardim. Parece estar esperando alguém. Quando um carro entra pelo portão principal, ele se levanta e agita as mãos como se acenasse. Certa vez, quando o diretor estava saindo, correu até o carro dele e quis abrir a porta. Mal conseguimos contê-lo. Tivemos de jogá-lo no chão, usar uma camisa de força. Chorava, gritava.

O professor olhou para Martín, que estava a seu lado. Pôs a mão no ombro dele. Deu-lhe um tapinha nas costas. Senti sua falta, disse. Martín sorriu. O professor notou que suas pupilas estavam úmidas.

Não vou mais deixar você.

Sério?, perguntou o enfermeiro.

É um modo de dizer. Estou regressando a Helsinque. Não sei quando voltarei.

Chegara a hora da despedida. O professor disse ao enfermeiro que ia ficar com os desenhos de Martín. O enfermeiro assentiu.

O trato é esse, não é?

Não são para mim, trata-se de divulgar a arte de Martín. O que mais me orgulha é o Guggenheim ter aceito dez desenhos. Enviei-os há anos. Queriam montar uma exposição sobre as diferenças entre artistas já estabelecidos e alguém como Martín. No fim desanimaram, com certeza pensaram que era provocativo demais. É muito difícil que os grandes museus prestem atenção na gente. Mas eu não devia reclamar, já é muito terem aceitado dez desenhos. Não é mesmo, Martín?

Martín assentiu.

O professor foi embora.

Naquela noite Martín não jantou. Também não quis tomar banho. Deitou-se na cama, ficou olhando as manchas nas paredes horas a fio. Seu peito doía; era uma dor profunda, como se estivessem marcando seus músculos com um ferro em brasa. Como se a circulação do sangue se contraísse e parasse. Como se apertassem seu coração e quisessem arrancá-lo.

Só conseguiu dormir de madrugada.

De noite Martín ficava olhando as sombras que se agitavam nas janelas de sua ala, as silhuetas oscilantes das árvores batidas pelo vento. Quando os enfermeiros vinham fazer a ronda às três da manhã, fechava os olhos e fingia dormir, mas assim que eles saíam abria-os novamente. Apareciam retalhos de enfermeiros, cabeças sem corpos, pernas longas que flutuavam ao redor das camas. Havia ruídos na sala, lamentos de alguém à beira da morte, acessos de tosse, gargalhadas.

Dava-se bem com todos, mas não fizera amigos. No ateliê de cerâmica falavam com ele, mas ele não respondia. Trabalhava no jardim, feliz por estar ao ar livre, mas ignorava os esforços dos outros pacientes para se comunicar. Convidavam-no para jogos de mesa, para ver tevê ou um filme, mas ele nem ligava. Às vezes via curtas de animação. O rato e o pato e os esquilos. Era mágico como os desenhos se moviam.

Esfregava o rosto com as mãos. Tocava o bigode fino que não queria que cortassem. Masturbava-se tentando não fazer barulho, envergonhado, embora no dia seguinte as manchas no pijama ou nas cobertas o delatassem.

Pensava em María Santa Ana e se perguntava se ela continuaria cavalgando com outros homens, cruzando a serra próxima do povoado, defendendo o Senhor Governo enquanto o vento assobiava em seu rosto. Perguntava-se o que seus filhos fariam sozinhos em casa. Eram meninas responsáveis, com certeza sabiam o que fazer sozinhas. De Candelario não podia dizer nada, não o conhecera. Mesmo assim os remorsos o espicaçavam. Quando seu sobrinho veio, devia ter ido embora com ele? Por que essa obstinação, essa vontade de não voltar para casa? Tinha medo de quê? De ver que María Santa Ana não gostava mais dele e que tinha saído com outros homens? E daí se isso tivesse acontecido? Não era forte o bastante para se levantar? O que ganhara ficando aqui?

E o professor não voltava. E aquele garoto que tinha sido seu amigo no ateliê de cerâmica e depois morreu, o que seria dele?

Sua garganta doía quando ele respirava. Os médicos lhe haviam mostrado fotos de seus pulmões.

Rodeo, 1999

Renata estava saindo do trabalho quando o sargento Fernandez se aproximou, acompanhado de um agente do FBI e de dois oficiais de justiça. Ela sabia do que se tratava: de manhã, em La Indolora, vira uma foto de Jesús na primeira página do jornal local e lera o artigo que a acompanhava. Mesmo não acreditando numa linha do que diziam, tudo se baseava em especulações infundadas, sentiu o impacto de ver Jesús associado a uma série pavorosa de crimes. Por isso estava tão nervoso? Seu medo vinha disso? Seu chefe percebeu o que estava acontecendo com ela, talvez também tivesse reconhecido Jesús na foto, e lhe sugeriu que tirasse o dia de folga. Foi para casa, mas ficar sozinha a deixava deprimida: as fotos daqueles jogadores nas paredes lembravam Jesús. A casa estava sombria; tirou o jornal das janelas e abriu as cortinas. Depois da surra que levava, sabia que Jesús tinha algumas coisas que ela desconhecia, mas não estava disposta a julgá-lo; todos os homens erravam e sua esperança era que Jesús lhe pedisse desculpas. Depois de comer resolveu voltar ao trabalho.

Um dos oficiais de justiça mostrou-lhe sua credencial e disse que eles queriam falar com ela em particular. Acompanharam-na até sua casa. Renata foi ao pátio e soltou Tobías, que deu voltas pela sala e fez xixi na porta da cozinha. Renata o acalmou com um osso de plástico, enquanto o sargento admirava a ordem da cozinha, a beleza dos pratos, a limpeza da geladeira, a luz brilhante que se filtrava pelas janelas. Não era a casa dos assassinos serials dos filmes, psicopatas que costumavam não ser casados nem se interessavam pela construção plausível de uma vida doméstica. Os filmes exageravam, mas havia um pouco de verdade neles: Torrance, o único assassino serial com que topara em sua carreira — fora apenas um subordinado curioso —, não tinha móveis em toda a casa, dormia jogado num colchão e passava o dia no porão, onde construía uma cela para suas vítimas e tinha instrumentos de tortura artesanais.

Renata sentou-se diante deles no sofá da sala principal. Retorcia um lenço, se esforçava para não chorar. Fernandez atentou para a decoração das paredes da sala.

Estranho seu marido, tentou iniciar a conversa. Ele não se interessa por futebol.

Conheço muita gente por aqui que gosta de futebol americano e de beisebol, Renata passou a mão no cabelo, seguiu o olhar de Fernandez. Jesús até prefere basquete. Ele diz que há poucos gols no futebol e que nisso os gringos ganham a parada. Melhor ver uma coisa que termine quarenta a vinte e três que zero a zero.

Bom, sim, você tem razão. Desculpe minha generalização. Ninguém gosta disso.

Eu saía com uma loiraça que gostava de salsa, disse Will Rosas, o agente do FBI que acompanhava Fernandez e os oficiais de justiça. Quando comentei com ela que não sabia dançar, ela me disse que eu

não era um bom representante da minha cultura.

E o que aconteceu? Parou de sair com ela?

Comecei a fazer aulas de salsa. Não adiantou muito.

Fernandez observou Rosas: o sapato de verniz, o paletó recém-passado, a gravata. Um perfeito burocrata. Muito jovem para isso, poderia ser meu filho, mas se ele gosta... Faria carreira e iria longe, mas num escritório, não nas ruas.

Jesús, disse Renata, é inocente... Ele é incapaz de matar uma mosca, eu o conheço bem, são muitos anos juntos. Li o jornal, é pura mentira, tudinho.

O sargento teve pena de Renata, fitou a marca roxa que tinha numa das faces e pensou em outro lugar-comum: os vizinhos, os familiares do assassino começavam a falar quem diria, ele era um rapaz tão bom, sociável, cumpridor de suas obrigações. Teria adorado viver no século XIX, nessa época estranha de ciências como a frenologia e a antropologia criminal, que asseguravam conhecer a identidade do assassino apenas vendo a forma dos ossos do crânio, o tipo de mandíbula. Ainda restavam traços desses tempos na linguagem — *tem cara de lutador de boxe* —, mas na ciência não. Pouparíamos muitos problemas se, ao bater o olho no rosto de um vizinho, pudéssemos saber se ele seria capaz de matar alguém, se, ao olharmos para o rosto do nosso cônjuge, pudéssemos concluir seu grau de predisposição para a dissimulação, para a mentira.

Entendo a senhora, disse o sargento. Os jornais se antecipam aos fatos. Até prova em contrário, seu marido é inocente. Temos provas que indicam que valeria a pena falar com ele. Se o detivermos, pode ter certeza de que haverá um advogado. Ele terá todas as chances de defesa.

Se ele for detido... vai ser julgado aqui?

Tudo vai depender das autoridades mexicanas, intercedeu Rosas. Não vamos fazer nada que não esteja de acordo com as leis mexicanas.

Se o detivermos aqui, será julgado aqui, disse um dos oficiais de justiça. Enquanto não houver um pedido de extradição, as leis mexicanas se encarregarão de seu marido.

Preciso de provas, disse ela. Provas de que Jesús tem alguma coisa a ver com tudo isso.

O sargento estava preparado. Abriu a mala que trazia consigo e percorreu um punhado de fotos até encontrar a que procurava. Entregou-a a Renata. Uma mulher sorria ao lado do marido. Estava de pé na porta de casa, perto de um carro.

Isso não me diz nada, disse Renata.

Os brincos, disse o sargento. São os mesmos que você está usando.

Entregou-lhe outras fotos, ampliações nas quais se viam os brincos em primeiro plano. Renata tirou os brincos e observou-os com atenção. Pode ser coincidência, disse.

Também pode não ser, assinalou Rosas.

Renata não aguentou mais: caiu no choro.

Tinha sido um bom golpe de efeito, pensou Fernandez. Precisava ter cuidado: não convinha abusar.

Muitas joias desapareceram das casas das vítimas, disse. Estão todas classificadas numa lista. Pelo que sabemos, seu marido lhe dava joias de presente.

Renata assentiu, enxugando as lágrimas com um lenço.

Eu não tenho nada a ver com isso, soluçou. Sou inocente. Jesús, Jesús... Ele me batia. Estão vendo isto

aqui? Tocou a mancha roxa na face.

Podemos ver as joias?

Renata hesitou, mas depois se levantou do sofá e dirigiu-se ao quarto.

As palavras do sargento a tocavam em seu lado mais frágil. Confirmavam suspeitas que tivera o tempo todo. Que história era aquela de desaparecer durante meses? E que trabalho pagava tão bem que permitia a compra de tantas joias? Fora uma idiota por não ter se questionado sobre mais esse aspecto de Jesús. A verdade é que preferiu não fazer isso. Mas ele batera nela com uma violência surpreendente. E isso ela não esperava.

Entrou no quarto acompanhada por um dos oficiais de justiça e voltou com dois cofres de metal. Esvaziou o conteúdo na mesa da sala. Devia ficar calma, estava fazendo a coisa certa: Jesús já não era o homem pelo qual se apaixonara. Mas era muito difícil aceitar isso.

O sargento tirou várias folhas da maleta.

Não precisa, disse Renata. Acredito em você. Mas como pode? No fim de semana estava carinhoso, relaxado. Teve uma festa nos vizinhos, ele ficou filmando. Brincou com as crianças, dançou com todo mundo, bebeu além da conta, mas estava de bom humor.

Isso costuma acontecer, disse Fernandez. Punha-se no lugar dela e a entendia. As provas a forçavam a construir outro Jesús, estranho e cruel, mas também possível — havia indícios que lhe permitiam preencher os vazios —, e depois voltava a se agarrar ao Jesús conhecido na maior parte do tempo. Ficaria assim por um bom tempo, lutando entre duas imagens, a nova que a realidade lhe propunha e a outra que ela havia elaborado com paciência, até mesmo com amor.

Tanto faz. Como fiquei tanto tempo com um assassino sem perceber?

Você não deve se sentir culpada. Isso é normal. Todos nós temos um mundo que escondemos dos outros.

Rafael sentiu-se mal ao pronunciar a última frase. Devia evitar os lugares-comuns, as cafonices. Tampouco era seu dever consolá-la, embora fosse forte o impulso de se meter em sua pele, de ver o mundo através de seus olhos. Era mais fácil compreender as vítimas que o assassino.

Mas nem todos são assassinos!

Renata começou a chorar de novo. Rosas se aproximou e lhe disse palavras de consolo num espanhol quase ininteligível. Um dos oficiais de justiça se levantou, incomodado, e foi ver de perto os cartazes nas paredes. Fernandez insistiu: você vai nos ajudar, Renata? Esperaram alguns minutos até ela se acalmar. Rosas foi à cozinha e voltou com um copo d'água.

Não sei onde ele está, disse limpando as lágrimas, tentando se recompor. Quando partia, nunca ligava. Eu só sabia que ele viajava para o outro lado e mais nada. Eu devia ter desconfiado de alguma coisa, mas que nada, pensava que ele estava trabalhando em alguma coisa legal, ele até me mostrou seu green card.

Ele tinha algum parente de quem gostava em especial? Mãe, pai, irmã?

Às vezes falava de sua mãe e de sua irmã. Perdeu o contato com o pai há muitos anos, quando ele era menino o pai saiu de casa e nunca mais voltou... Sei que a mãe mora numa cidadezinha e a irmã nos Estados Unidos. Em Albuquerque, ele me disse uma vez. Queria ir visitá-la, mas não sei se foi. Não tenho o endereço. Não cheguei a conhecê-la... Uma vez encontrei a foto de uma menina superlinda na carteira dele. Uma garota de cabelo preto, olhos verdes. Pensei que fosse de uma namoradina de quando

ele era garoto, pelo que ele dizia e porque a menina devia ter uns doze, treze anos. Coisas do tipo “nunca te esquecerei”, “te levo em meus pensamentos”... Fiquei com ciúmes e disse isso pra ele. Ele respondeu que eu não tinha por que me preocupar, que ela era irmã dele. Achei estranho e não insisti.

Albuquerque, pensou o sargento. Era preciso seguir essa pista.

Quando saíram da casa, o sargento Fernandez sentiu pena da mulher que deixavam para trás. Antes de subir no carro dos oficiais de justiça, deu um tapinha em Rosas, bom trabalho, e respirou fundo, como se quisesse que seus pulmões se apossassem de todo o ar do entardecer.

Ar: era disso que precisava.

Quando Fernandez voltou a Landslide, chegaram-lhe notícias de que haviam encontrado os cadáveres de duas pessoas num motor-home a poucos metros dos trilhos do trem, num povoado perto de Albuquerque. Tratava-se de Jim e Lynn Mercer, um homem mais velho e sua filha; tinham sido assassinados a facadas, a mulher fora violentada depois de morta. A proximidade da via férrea e o fato de, após os crimes, o assassino ter ficado um bom tempo no motor-home, fuçando na geladeira e pegando algo para comer e beber, levavam a pensar que era obra do Railroad Killer. As impressões digitais logo confirmaram a suspeita.

Saiu do apartamento sem abrir a mala, pegou o carro e foi dar uma volta pela cidade. O assassino conseguira enganar todo mundo mais uma vez: atravessara a fronteira rumo a seu país e, quando todos pensavam que ia se refugiar no México, ele voltara a cruzá-la, retornando aos Estados Unidos. Será que ninguém conseguia vê-lo porque a terra o havia engolido? Será que era invisível?

Parou num posto de gasolina, comprou *beef jerky* e os jornais. O garoto que o atendeu era um mexicano com um inglês paupérrimo. Era preciso dar razão a Dawn Haze: agora eram tantos que nem se incomodavam em aprender a língua. Podiam se virar com o espanhol e algumas frases em inglês.

De nada serviam o INS, os Rangers, o FBI. Todos ineficientes, incapazes de vigiar a fronteira ou de capturar o Railroad Killer. Deixara tantas marcas, não tinha documentos nem muita instrução, mas fora capaz de pôr em xeque os encarregados da segurança do império. Imbecis: tinham-no prendido tantas vezes e, impacientes para se livrarem desses homens que não paravam de invadir o país como zumbis enviados por uma nação inimiga, tinham-no devolvido à fronteira. É que os mexicanos são como os chineses, todos iguaizinhos, escondem-se entre a multidão, dissera o capitão Smits. Ele se aborreceu, mas não disse nada.

Já no carro, pensou que ele também não servia para nada: tantos anos seguindo as pistas do assassino, para chegar sempre tarde. Que importava capturá-lo agora? Poderia evitar mortes futuras, mas não atenuava a dor de tantas famílias dilaceradas.

Sim, claro que servia para alguma coisa. Uma morte evitada justificaria todos os erros cometidos.

No final do dia, Rafael soube que o FBI pusera o Railroad Killer na lista dos mais procurados e que oferecia cento e vinte e cinco mil dólares de recompensa por sua captura. Estava em primeiro lugar, desbancava Osama bin Laden. Pelo jeito não iam mudar esse gosto deles por publicidade. Tanto barulho... deviam era parar com os cartazes à moda do Velho Oeste e se concentrar em encontrar o assassino.

De repente, ele pensou: Albuquerque. Será que estava tentando entrar em contato com a irmã? Tinha de se apressar.

De noite o telefone tocou. Era Debbie. Explicou-lhe que não telefonara antes porque estava com muito trabalho. Pensara em não vê-la, mas depois achou que algumas horas com ela poderiam relaxá-lo, e pediu que fosse até lá. Debbie respondeu que não havia telefonado para isso, e desligou.

Voltei a ir às festas da universidade, tentei recuperar a vontade de estar com amigos, perder-me em suas preocupações, muito mais leves do que as que me aporrinhavam naqueles dias. A relação com Fabián me esgotava e me fazia pensar naquilo em que, certa vez, eu havia jurado não cair. Fui embora da College Station porque via como minhas colegas da universidade se perdiam nas *responsabilidades* — filhos, trabalho — e iam se transformando em Living Dead. As Noivas Cadáver. Tinha feito um B.A., mas nunca me liguei nisso de terminar uma carreira ou de buscar um meio de ganhar a vida. Consegui trabalho numa agência de publicidade, mas o larguei depois de um tempo e fiquei um ano sem saber o que fazer, tentando inutilmente vender tirinhas para os jornais (pouco originais, deviam tudo aos irmãos Hernandez), até que um amigo guatemalteco que sabia da minha paixão pela leitura me convenceu a solicitar uma bolsa para doutorado em literatura latino-americana. Em *Landslide*, eu havia descoberto os limites da minha idealização: não encontraria estímulo para a criatividade entre meus colegas e professores, podia entender sua paixão pela literatura, mas não a forma clínica de se aproximarem dos livros. E Fabián? Havia horas em que eu ficava bem com ele, a conversa fluía e o sexo se tornava canibal, mas cada vez era mais difícil para mim ter paciência para telefonemas erráticos às cinco da manhã, e-mails alucinados, recaídas que me faziam ver que, apesar das mudanças, tudo permanecia igual. Não era a mulher totalmente abnegada que a situação me forçava a ser.

Uma noite saímos e começamos a caminhar debaixo de chuva depois de dar uma cheirada (dessa vez eu havia cedido). Conversávamos aos gritos, entre gargalhadas histéricas. Uma caminhonete passou a toda velocidade e espirrou água em nós; Fabián atirou uma pedra. Um vidro se estilhaçou, o motorista perdeu o controle, a caminhonete bateu na calçada e parou com o motor fumegando. Dois caras desceram dando uma bronca em Fabián. Ele começou a discutir com eles de igual para igual, mesmo os dois sendo bem maiores do que ele. Um deles o empurrou e ele foi parar numa poça no chão. Xingou-os e tentou se levantar, mas não conseguiu; implorei para irmos embora. Foi difícil fazê-lo me ouvir.

Outra noite ele me levou pelo submundo de *Landslide* em busca de seu fornecedor. Fabián me disse que Travis lhe conseguia cocaína da boa por um bom preço, tinha contatos com os cartéis mexicanos que agiam em *Landslide*. Num beco abandonado, ouvi Travis gritar com Fabián e se negar a lhe vender um grama de pó a mais: Fabián devia dinheiro a Travis.

Estávamos indo embora quando Travis pediu a Fabián que se aproximasse. Tirou uma pistola e colocou-a na sua cabeça. Na penumbra eu via as silhuetas de um homem magro com um sobretudo e de outro que lhe chegava ao pescoço.

Você quer se salvar?, disse-lhe Travis. Não vá dar uma de esperto e não volte sem o meu dinheiro.

Escutei a voz trêmula e humilhada de Fabián pedindo desculpas, prometendo que na próxima quinzena, quando depositassem seu cheque, pagaria tudo o que devia, e Travis riu e lhe deu uma bofetada. Professor, sei. Tô cagando pra tua filosofia.

Fabián levou a mão ao rosto e se virou, cabisbaixo.

Onde estava o homem arrogante que tomava decisões inamovíveis comigo? O presunçoso com acadêmicos “politicamente corretos” como Ruth? O que fazia com seus alunos o que lhe dava na telha?

Enquanto procurávamos um táxi, eu o vi diminuído.

Uma noite fui com Sam ver um filme sobre um assassino serial em Milwaukee. Sam queria comentá-lo em seu programa de rádio. No escuro do cinema da universidade, com os pés esticados na poltrona da frente, tentei inutilmente me concentrar no filme. Perguntava-me o que Fabián estaria fazendo.

Faltavam uns quinze minutos para o filme terminar, quando Sam se levantou e me disse te espero lá fora, e eu pelo visto você não tem estômago pra isso. Ele saiu sem responder. Imaginei que seu desconforto tinha a ver com a cena aterradora que acabávamos de presenciar: o assassino queria transformar suas vítimas em zumbis e para isso tivera a ideia de perfurar o crânio de um garoto de quinze anos e injetar ácido clorídrico em seu cérebro.

Ao sair do cinema, encontrei-o sentado no tapete, as costas apoiadas na parede, sob um cartaz que anunciava um filme de Will Ferrell. Imaginei-o dali a dez anos: um professor sério e careca, incapaz de brincar com seus alunos.

Desculpe, é muita carnificina para mim.

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Uma coisa é o tema me interessar e outra é gostar de ver uma violência excessiva. Esse filme era pornografia pura.

Isso me parece contraditório.

Fomos a um bar a duas quadras do cinema. Chamava-se Mi Casa es Su Casa e estava decorado com cartazes de anúncios de luta livre e fotos de El Santo, Blue Demon e El Huracán Ramírez. Podia-se comprar máscaras de lutadores, tomar drinques com nomes de golpes da luta. Nos televisores, passavam vídeos de filmes de El Santo.

Bem mexicano, ri, enquanto pedia La Tijera Voladora com sal e limão.

Acho que não. Você nunca encontraria um bar like this no México. Este deve ter sido feito por gringos.

Sam pediu algumas doses de tequila, e a partir daí não paramos. Distraí-me lendo os letreiros num espelho do balcão. “Todo mundo está louco, menos você e eu, mas começo a duvidar de você.” “Se eu não voltar, você o batiza.” “A ociosidade é a mãe de todos os vícios.”

Na quarta rodada, Sam disse que queria me contar uma coisa.

O nome Railroad Killer te diz alguma coisa?

Deveria?

Acho que não. Eu era muito pequeno quando ele atacou pela primeira vez. Naquela época não se sabia que se tratava dele. Uma estudante de intercâmbio sueca, eu me lembro de ouvir meus pais falando nesse assunto. Durante muito tempo o caso permaneceu aberto. Não havia suspeitos nem pistas. Mas dez anos se passaram e agora conseguiram provar que a sueca foi a primeira vítima de um assassino serial. O

Railroad Killer. Chegou a ser o número um na lista de procurados do FBI.

São tantos assassinos seriais neste país, difícil distinguir um do outro.

É a enormidade da tragédia nacional. Alguém mata dez pessoas e pouco tempo depois ninguém mais lembra dele.

E o que o Railroad Killer tem a ver com você?

Meu celular tocou. Era Fabián. Não entendi nada do que ele disse.

Espere. Não estou escutando direito, vou até a rua.

Já na rua, perguntei-lhe o que estava acontecendo.

Menina, preciso que você esteja aqui em poucos minutos. Sua voz soava grave.

O que foi? Não me assuste.

Estou com medo. Estou com medo, menina. E não vou responder.

Agora, sim, estou preocupada.

Estou pegando um táxi neste instante. Te vejo em dez minutos.

Fui embora sem me despedir de Sam.

A casa estava silenciosa e às escuras. Paguei o táxi, corri até a porta principal. Empurrei-a: não estava trancada. Acendi a luz do pátio e da escada.

Fabián?

Não houve resposta. Subi tentando manter a calma. Acendi a luz da sala principal do segundo andar. O celular tocou. Era Sam.

O que foi isso? Você foi embora assim, na maior?

Depois eu te explico, desliguei.

Aproximei-me do quarto de Fabián. Acendi a luz.

Ele estava deitado na cama com os pés apoiados numa cadeira. Olhava para o chão com os olhos entreabertos. Não estava de sapato nem de calça e tinha a camisa branca manchada. Fez ruídos guturais, como se estivesse com a língua enfiada na garganta. Tentei ficar calma. Estava cansada desses sustos.

Sentei na cama desarrumada. Na mesa de cabeceira estavam as fotocópias do meu storyboard mais recente. Ao lado, uma carta dos decanos informando que seu contrato fora rescindido. Pagariam a ele mais um ano de salário, mas a partir do semestre seguinte estaria desvinculado da universidade.

Devia ter recebido a carta de tarde. Preferira não me dizer nada.

Isso é tudo. Os filhos da puta. Eu disse, e você não acreditou.

Sinto muito. Você me assustou, pensei que era...

Isto é grave, porra. Vou embora. Amanhã mesmo, se possível. Não suporto ficar nem mais um dia nesta cidade de merda.

Um bom advogado pode te defender. Você tem estabilidade, tudo indica que seja intocável.

Não quero saber dessa universidade. Faz tempo que ensinar não me importa porra nenhuma. Chegou a hora de tomar uma decisão. Você vem comigo?

Saí do quarto. Sentei na escada.

Michelle, sim ou não? Responda, please!

Fiquei um momento sem dizer nada.

Desta vez cruzara a fronteira perto de Ojinaga. Teve de esperar um bom tempo até que a patrulha da imigração passasse pela estrada no outro lado e se perdesse de vista. Depois entrou no rio estreito. Perdeu o equilíbrio enquanto o atravessava a vau e teve a sensação de estar se afogando. Foi um alarme falso, assim que deu três braçadas esticou as pernas e percebeu que não estava num local fundo. Caminhou entre as pedras até chegar à margem e se apressou.

Estava com a calça molhada e levava o sapato numa sacola com frutas e garrafas de água. O sol queimava suas costas. Não podia ir para El Paso, teria de se mover por povoados pequenos nos quais não haveria tantos policiais. Tinha planejado ir até Marfa, depois Fort Stockton... Não havia outras opções. Sabia que estava sendo procurado e que os trens de carga estariam vigiados, bem como as estradas. Caso fosse capturado, já tinha se preparado com documentos falsos de identidade e cartões falsos do seguro social.

Caminhou por uma trilha entre arbustos e espinheiros. Cruzou com veados que fugiram ao vê-lo. Um coelho agonizava ao lado de um tronco oco; observou o sangue brilhante nas patas traseiras, na pelagem branca.

Avistou no céu um helicóptero da imigração. Escondeu-se entre as brenhas até que o perigo passasse. Tinha de se apressar. As instruções de um amigo *coyote* não eram difíceis de seguir. Mas o sol o atordoava e era difícil pensar. Bebeu água, refrescou o rosto. Não estavam facilitando para ele. Iam-lhe fechando todos os caminhos.

A angústia o invadiu quando pensou com uma lucidez inesperada que tudo isso significava que nunca mais iria subir num trem de carga ou dirigir um carro para cruzar a fronteira. Percebeu a bobagem do desafio. Para que voltar? Deveria ter ficado no México, esconder-se em alguma cidade grande.

“Santificado não seja o vosso nome.”

Sabia por que tinha voltado.

A picape o deixou num posto de gasolina em Fort Stockton. Pagou mais do que esperava, mas não quis perder tempo negociando. Era o filho de um rancheiro, mexicano, seu negócio era ajudar os ilegais que apareciam na região; a imigração o detivera algumas vezes, mas seu pai tinha contatos e ele fora solto.

Entrou na cantina The Antro e se aproximou do balcão. Um papagaio comia uma espiga de milho e o observava de uma gaiola numa saliência da parede atrás do balcão. No jukebox tocava uma canção de Selena, “Amor proibido”. Numa mesa quatro homens jogavam dominó e tomavam cerveja.

Não usava nada que cobrisse o rosto. Tinha a teoria de que a melhor forma de se ocultar era não se esconder. Também não era o caso de fazer bobagens, de se expor alegremente. Mas se até agora não fora reconhecido, o mais provável é que tudo desse certo.

No balcão havia um boneco de mola de Mister T. Era fornido, podia enfrentar de igual para igual o Mil Máscaras. Mas o Mil Máscaras utilizaria a milenar astúcia mexicana e ganharia. Não gostava mais dos lutadores, aqueles babacas mentirosos, mesmo assim os apoiaria se enfrentassem um gringo.

E se os Niners jogassem contra um time de seu país? Isso era diferente.

Tocou a cabeça de Mister T, deixou que dançasse. Na televisão suspensa num dos cantos da cantina, apareceu um anúncio da Operação Stop Train. Mostraram o retrato falado do homem que chamavam de Railroad Killer. Pele morena, nariz alongado, cabelo crespo, óculos de aros grossos, bigodes, pômulos salientes. Vira esse rosto em algum lugar.

O homem que atendia no balcão olhou-o, mas não estava vendo a tevê. Era tão baixinho quanto ele.

Do you want anything?

A beer, please.

O homem lhe deu uma garrafa de cerveja e um copo em cima de uma bolacha de plástico com o logo de Michelob. Jesús deixou uns dólares no balcão. Aproximou-se da televisão. O correspondente do Texas falava da enorme quantidade de pessoas sem documentos detidas nas últimas horas. Sugeria que estavam correndo o risco de serem presos todos os homens de ascendência hispânica encontrados caminhando sozinhos pelas ruas dos estados contíguos ao México. Uma sensação de pânico e paranoia tomava conta das pessoas, e os telefonemas ao FBI não paravam. O correspondente anunciava, entre escandalizado e jocoso, que até mesmo o filho de um xerife de uma cidadezinha no Novo México fora preso. Quando terminou de falar, o jornalista do noticiário central arriscou uma ideia: a Operação Stop Train era um sucesso pela forma como conseguira envolver as pessoas na caça ao Railroad Killer, mas ao mesmo tempo podia estar criando feridas difíceis de curar nas comunidades com um bom número de hispânicos. Ninguém se sentia a salvo, e até os mais inocentes começavam a sentir que eram vistos como suspeitos por seus vizinhos e colegas de trabalho anglos.

Será que Jesús criara tudo isso? Claro que não. A desconfiança existia antes de sua chegada. Ele só tinha sido um meio para um fim.

Lembrou-se de seus dias em Starke, de Randy e de sua desconfiança em relação ao Estado. Waco fora um pretexto do governo para se desfazer de líderes brancos como David Koresh. Agora seu caso servia para que limpassem o país de mexicanos como ele.

Lavou as mãos no banheiro. O espelho lhe devolveu um rosto que não era o seu. Suas faces foram se desfazendo, apareceu uma caveira. Um calafrio percorreu-lhe o corpo.

Quis lhe confessar que tudo aquilo era muito duro e que às vezes não era fácil manter o ânimo. Que tinha vontade de voltar pra casa.

Não fez isso. Não podia falhar com ele.

Era o eleito e devia continuar mostrando a fúria de um anjo vingador.

Não vou morrer, não é? Foi o que você me prometeu. Que não posso morrer.

“Santificado. Não seja o vosso nome. KILL THEM ALL.”

Ao sair, foi até um telefone público e discou o número de sua irmã.

Quando María Luisa atendeu, Jesús desligou.

Telefonou de novo.

Pois não?

Maninha... Está me reconhecendo?

Jesús. Claro que sim. Tudo bem?

Um pouco nervoso. É que já faz tantos anos.

Eu não estava falando disso.

Você acha que daqui a pouco eu...

Jesús...

Quero te ver. Ficar alguns dias na sua casa. Só até tudo se acalmar.

Saberiam da existência dela? Será que a estavam seguindo?

Houve um longo silêncio. E depois:

Primeiro você tem que me prometer uma coisa.

Diga.

Nunca mais faça nada de ruim. Isso tudo me deixa muito triste.

Posso te contar o que...

Não me conte nada por telefone.

Não me deixe sozinho. Please. Tenho este endereço. Continua sendo o seu?

Ele disse o endereço. Ela confirmou. Jesús voltou a se sentir um menino que se escondia na árvore oca com sua irmã e fazia de tudo para encontrar uma história que a impressionasse. Mas agora ela não queria ouvir sua versão dos fatos. Como fazê-la rir se nem sequer lhe dava uma oportunidade?

Não me desaponte mais, Jesús. Certo?

Desligou, irritado. Terminou a cerveja e foi para a rua. O vento bateu em seu rosto. Sentiu terra nos lábios. Foi até uma praça, sentou num banco e começou a escrever em seu caderno. Anotou: “O Inominável me disse que sou o anjo do juízo final, entrarei no céu quando terminar o que preciso fazer”. Faria isso, nem que fosse na ponta dos pés e caminhando de costas para Deus.

Podia ir para a estação rodoviária, pegar o primeiro ônibus com destino a Albuquerque. E a surpreenderia batendo a sua porta.

Esse sempre fora seu ponto fraco. Estava disposto a remediar isso.

Um carro de polícia passou por uma das ruas que cercavam a praça. Tentou não olhar para ele, continuar escrevendo.

Ligou outra vez para María Luisa da estação rodoviária.

Você não está pensando que eu tenho alguma coisa a ver com...

Jesús, já é hora de acabar com isso.

Jesús fechou os olhos e baixou a cabeça, como se ela estivesse a seu lado.

Pense. Eu posso ajeitar tudo. Garantir que seus direitos sejam respeitados.

Não quero que me matem, disse Jesús, sua voz subindo e descendo conforme as exalações de seu peito agitado. Odeio a prisão, mas prefiro ela, se a morte é minha outra opção.

Se acalme.

Quero te ver.

Vai me ver logo. Mas primeiro pense. E me ligue quando tiver tomado uma decisão.

É tão difícil.

Eu sei.

María Luisa conseguia acalmá-lo.

Teve vontade de desabafar. Tinha aguentado sozinho tanto tempo.

Logo mais eu te ligo.

Faça isso logo.

Jesús desligou.

Albuquerque, 1999

O sargento Fernandez bateu à porta com a aldrava e esperou, as mãos nos bolsos. Ouviu-se ao longe um trovão: ia chover, logo as ruas de Albuquerque ficariam cheias de poças. As crianças que brincavam no cinema em ruínas, ali na esquina, teriam de voltar para casa. O bairro era tranquilo e humilde, pontuado por gritos e frases em espanhol que ele podia escutar pelas janelas abertas. Lojas onde se vendiam produtos latinos — numa delas comprou doce de tamarindo —, casas pintadas de ocre, com paredes de estuque imitando adobe e jardins com brinquedos espalhados por todo lado. Imigrantes recentes que se misturavam aos que provinham de famílias ali aportadas havia décadas e aos descendentes dos que já estavam lá antes mesmo que a bandeira dos Estados Unidos fosse fincada neste território.

Demoraram a abrir a porta. Fernandez não se alarmou: isso já era esperado, sabia como o telefonema de um policial podia ser intimidante. Além disso, descobrira que a mulher não tinha documentos legais para permanecer no país. Convinha que se portasse bem.

A mulher abriu a porta e o levou até uma sala com as paredes repletas de quadros de paisagens com vulcões. Sentou-se num sofá recoberto por uma capa de plástico. Ela perguntou em inglês se podia lhe oferecer alguma coisa e ele um copo d'água. Viu-a desaparecer na direção da cozinha. María Luisa não era como ele imaginara com base em fotografias e conversas telefônicas. Tinha a pele morena e um longo cabelo negro, mas não havia sinais da beleza que fizera seu irmão estremecer. O olhar era esquivo, manchas pretas haviam surgido em suas faces.

Ao voltar, María Luisa sentou-se numa poltrona verde, diante do sofá. Uma poltrona nova, que não combinava com o resto da sala. Fernandez se perguntou onde estariam seus filhos. Deviam ter ficado com alguém ali do bairro até que ele fosse embora.

I'm listening, disse ela.

Ao ouvir sua voz metálica, pensou que não seria difícil para certos homens cumprir suas ordens. Imaginou-a no restaurante onde trabalhava nos fins de semana, e lhe ocorreu que ela era uma dessas pessoas que erraram em ir para lá. No México poderia ter ido longe, talvez pudesse ter estudado para ser dentista ou veterinária. Na certa pensou que assim que cruzasse a fronteira o mundo se abriria a seus pés; agora era mais uma da força de trabalho de choque. Ganhava mais do que lá, mas em compensação levava uma vida de poucos sonhos.

Mas quem era ele para imaginar futuros? Devia se concentrar nesse momento e nesse lugar.

Imagino que sabe por que estou aqui, disse. Temos motivos para pensar que seu irmão tem muito a ver com uma série de crimes. Queremos sua ajuda para detê-lo e falar com ele.

A mulher olhou para o chão.

Sabemos que tem certa influência sobre ele, continuou o sargento. O círculo está se fechando e ele pode acabar mal. Você poderia salvá-lo. Em troca, nós a ajudaríamos a legalizar sua situação.

Ela não disse nada.

Ele entrou em contato durante esses anos?

Sim, trovões soaram ao longe novamente. De vez em quando ele me liga, mas não abre a boca, ouve minha voz e desliga. No começo nem me passou pela cabeça que podia ser ele. Só que alguns meses atrás comecei a receber uns cadernos, onde não aparece o nome dele, mas que com certeza foi ele que escreveu. Então recebi outra vez um desses telefonemas e aí a ficha caiu.

Eu poderia ver esses cadernos?

Ela entrou num quarto e logo voltou com seis cadernos, dispendo-os sobre a mesinha da sala. Fernandez abriu um deles, folheou-o, leu ao acaso algumas frases:

“O anjo vingador tem as forças suficientes para impor justiça na terra.”

“Ela não me merece mas vai escutar o trovão da minha voz.”

“Juárez, Mexicali, Caléxico, Reinoso, El Paso, é tudo meu étudomeu”

Se não se importar, vou ficar com eles.

Ela assentiu. Ele pensou que estava fazendo tudo certo. A série de telefonemas para ganhar sua confiança, a visita, tudo fora planejado para que María Luisa visse que ele não estava contra ela, mas do seu lado, que eram amigos e podiam se ajudar. Devia evitar essa abstração chamada “polícia”, que tanto assustava, e personalizar o problema, fazê-la sentir que outros poderiam prejudicar seu irmão, mas que ele queria seu bem-estar.

Antes de ir embora, Fernandez disse a María Luisa que pensasse seriamente em seu pedido e que o informasse se ele telefonasse de novo. Ela assentiu. Ele deixou o número de seu celular e saiu.

* * *

Fernandez passou os dias seguintes indo trabalhar normalmente, acompanhando as notícias que demonstravam como o Railroad Killer se multiplicava no imaginário popular: não havia vilarejo ou cidade fronteira com o México em que ele não tivesse sido visto ou em que não tivesse sido preso um possível suspeito; em Juárez foram identificados oito casos de mulheres assassinadas perto das vias férreas que podiam ser obra do Railroad Killer. Rafael intuía que não havia ligação entre esses casos e os que ele investigava: os ataques quase sempre haviam ocorrido em casas, e nos Estados Unidos. Os responsáveis pelo horror em Juárez eram outros.

Isso não era nenhum consolo. O sargento passava as noites em claro em seu apartamento, entre pizzas e cerveja, lendo romances policiais, cansado de viver com dúvidas.

Telefonava para María Luisa e perguntava se havia novidades. Nada. Via fotos dos dias felizes com Debbie, sentia-se mal por se mostrar tão frágil e jogava as fotos no lixo. Depois as recolhia.

Um dia ela batera à sua porta para dizer que estava indo para o Canadá. Ele a fizera entrar na saleta desarrumada, uma caixa da Domino's Pizza na mesa, um cinzeiro verde de cristal, um dossiê sobre o Railroad Killer com a capa respingada de café. Ela sentou no sofá. Ele lhe ofereceu uma cerveja, mas ela só aceitou um copo d'água. Ele pôs um compacto de Johnny Cash no aparelho de som e sentou-se ao lado

dela.

Então era verdade, disse.

Minha prima está lá e diz que terei mais oportunidades.

Os lábios pintados, a expectativa nos olhos, as faces brilhantes: o sargento pensou que ela não viera realmente se despedir. Ocorreu-lhe que tudo dependia dele. De que lhe dissesse para ficar. De se animar a convidá-la para dividirem o apartamento. Um refúgio para sua solidão, uma companhia. Não se tratava de uma aposta para a vida toda. Podiam tentar, para ver no que dava.

Fernandez levantou o cinzeiro. Fazia muito tempo que não fumava, comprara-o para as visitas de Debbie, ela, sim, incapaz de se livrar de seus Lucky Strike mentolados. Quando ia embora, o cheiro de cigarro ficava pairando no apartamento, um odor suave, adocicado.

Disse que a entendia, não era fácil viver longe da família, de seus costumes. Começou a contar sua infância no México. Falou de como seus pais não o controlavam e ele podia passar o dia todo em casas de amigos da vizinhança. De como naquele tempo as crianças brincavam na rua. Ficava mexendo as mãos, o cinzeiro ia de um lado para o outro. Às vezes se arrependia de ter se divorciado, mas não tivera outra opção. Seus filhos se tornaram distantes, com hábitos nos quais não se reconhecia.

Essa fase vai passar, disse Debbie. Dê um tempo para eles.

Fernandez deixou o cinzeiro em cima da mesa, começou a olhar atentamente a foto de Johnny Cash no compacto. Era alguém com quem podia ter saído para tomar uns drinques.

Debbie se levantou e disse que estava indo. Ele perguntou se queria que a acompanhasse até o carro. Não se incomode. Despediu-se com um beijo no rosto.

Quando a porta se fechou, Fernandez pensou que ainda dava tempo. Podia correr, como nos filmes, e dizer que a queria a seu lado.

Ouviu o motor do carro.

Num fim de semana foi pescar num vilarejo no Golfo, no qual costumava ir quando era jovem, com amigos animados e bebuns. Gostava de comer peixe fresco e mariscos no mercado, de tomar uma substancial sopa de camarão que o deixava cheio de energia. Devolvia ao mar tudo o que pescava: nisso ele era magnânimo, para não ter de vê-lo quando tivesse de encarar criminosos experientes.

O porto havia sido reformado para atrair turistas, com restaurantes novos com letreiros de néon e lojas onde se faziam tatuagens e se vendiam chaveiros e tartarugas de pelúcia. Sentiu falta dos bares de sua juventude, uns inferninhos com mesas de madeira carcomida, onde se comia e se bebia bem em meio a um ar de perigo.

Estava num desses restaurantes, numa mesa ao ar livre no meio-dia ensolarado, quando seu celular tocou e lhe trouxe a voz de María Luisa dizendo que seu irmão aceitara se entregar à justiça.

Disse que só vai se entregar pra você. E pediu pra eu estar junto. E pra não meterem ele na prisão.

Isso é impossível, disse Fernandez, nervoso, exultante. Se nós o detivermos, terá de ir para a prisão.

Claro. O que ele não quer é passar o resto da vida lá.

O sargento agradeceu e disse que em breve ligaria para ela com mais detalhes, que se mantivesse em contato com o irmão. Ela assentiu e desligou.

Fernandez partiu com destino a Landslide. No caminho telefonou para seus superiores e para o agente

do FBI que coordenava o caso no Texas. Contou as novidades; todos reagiram com incredulidade: assim, sem mais nem menos, depois de uma busca tão frenética, um criminoso tão perigoso ia se entregar? Quais seriam seus motivos?

Talvez tenha concluído que está cercado e não lhe resta mais margem de manobra, especulou Fernandez.

Parou o carro à beira da estrada. O deserto se exibia em toda a sua extensão; o sol, triunfante num céu azul sem nuvens, caía violento sobre as mesetas pardacentas ao longe, a terra pedregosa e sedenta, os cáctus empoeirados. Dois gaviões planavam sobre uma árvore, afiando suas garras.

Respirou fundo e sorriu. Depois prosseguiu seu caminho. Estava feliz.

Quando fui para a rua já havia clareado. As lâmpadas da iluminação pública estavam acesas e brilhavam, estranhas, incongruentes no amanhecer.

Limpei a maquiagem no estúdio enquanto fazia um café. Na sala vi a foto de Fabián me abraçando na tela do meu laptop, seus discos de tango, alguns livros dele na estante, e me perguntei o que faria com tudo aquilo.

Consegui dormir algumas horas. Sonhei com mortos-vivos me perseguindo num bairro que depois se transformava numa cidade interminável, chegando a abarcar todo o planeta. Os zumbis não me alcançavam, mas tampouco me deixavam em paz. Eu me refugiava num casarão abandonado e ia envelhecendo rapidamente, e ao espiar pelas janelas eles ainda estavam lá fora, à minha espera.

Foram dias esquisitos, nos quais o tempo saiu dos eixos. Eu às vezes dormia de tarde e ficava a noite toda acordada. Tentei desenhar, mas não consegui. Quis escrever, mas não saía nada. Tentei ler, mas não conseguia me concentrar. Os livros lidos pela metade iam se acumulando no estúdio.

Falei com mamãe, contei as novidades. Ela me consolou, mas também disse que a culpa era toda minha. Que aquilo me servisse de lição. Pedi que mudasse de assunto: o momento não era para censuras. Como queira, disse. Eu também tenho meus problemas. Contou-me que papai comprara duas passagens para Santa Cruz, para dali a um mês. Estava chateada por não ter sido consultada. E agora, o que ia fazer? Não gostava da ideia de um *one-way* ticket para a Bolívia. Não, não iria. Mas também não podia deixá-lo sozinho. É mais teimoso do que uma mula, my God. Desligamos, cada uma em seu próprio mundo.

Fabián me ligou uma única vez, dizendo que eu podia passar lá para apanhar minhas coisas. Iria para Santo Domingo na semana seguinte. Foi uma surpresa: eu pensava que no fim ele não teria coragem de ir. E, embora tivesse prometido a mim mesma não vê-lo de novo, fraquejei mais uma vez.

Encontrei-o embalando tudo em caixas. Os cômodos estavam vazios. Mal parou para me cumprimentar. Fiquei pensando que durante todo aquele tempo ele continuara apaixonado por Mayra e que eu nunca tivera uma chance de verdade.

Perguntei como ele estava.

Tão bem quanto se pode estar numa situação desta.

Ofereceu-me um copo d'água, ele estava tomando uma cerveja Pacífico. Fomos até o jardim.

Eu estava nervosa e não conseguia me livrar de cenas de algumas manhãs que eu tinha passado na casa

de Fabián. Como no dia em que ele tentou me ensinar a dançar tango e eu pisava no pé dele e ria, e ele sua boboca, você tem dois pés esquerdos.

Boa sorte, abracei-o. E nada de loucuras. O descanso vai te fazer bem.

Não sei se vou ter descanso. Tocou a cabeça calva.

Ah, sim. Imagino que esteja indo procurar Mayra. Eu já desconfiava, mas não quis enxergar.

Sim, mas não é isso. Odeio a Mayra e não posso vê-la. Mas não tenho opção.

Olhei para ele.

Na verdade vou procurar minha filha. Eu te disse que um dia você ia me entender. Não me justificar, mas me entender.

Minha filha?

Mayra queria ter um filho. Eu não. Queria sair do bloqueio em que afundei depois do livro. Com um filho isso seria impossível.

Tossiu. Havia em seus olhos um brilho que eu desconhecia, uma firmeza, uma convicção.

Não estou entendendo. Então...

Eu disse que não queria ter filhos, a decisão já estava tomada. Tivemos discussões horríveis. Ainda estávamos nesse clima quando, de repente, dez dias depois, ela me contou que estava grávida. Que tinha sido um acidente. Claro, eu não acreditei. Ela estava feliz, dizia que aquilo iria nos unir novamente como casal, mas eu me convenci de que fora uma armadilha para me prender.

Fiquei em silêncio, olhando a casa, as janelas do andar de cima.

Uma noite sonhei com um bebê que falava comigo, ficava verde e depois explodia, e seus pedaços se espalhavam pela casa toda. Fiquei assustado. Disse a ela que não queria ter o filho. Que se ela levasse aquilo adiante seria por sua própria conta e risco. Que eu não ia ajudar. Que ela estava proibida de lhe dar meu sobrenome. Que eu não queria que ela lhe contasse, jamais, quem era o pai.

Igual ao que você me disse.

Ela me xingou, me ameaçou com advogados, disse que eu ia me entender com a lei. Falei que ia pagar o que me cabia, não era esse o problema. Tentei convencê-la a desistir, mas não consegui. Fiquei com ódio dela, tanta obstinação para trazer um filho ao mundo, se os restos dele também iam acabar por aí, como os de todo mundo. E um dia, quando já estava dando para perceber, ela partiu para Santo Domingo sem me dizer nada e nunca mais voltou.

Ela fez o que eu não consegui. Foi capaz de enfrentar Fabián e não dar o braço a torcer.

Recebi os papéis da separação três meses antes da minha filha nascer. Eu me senti livre, podia voltar para as minhas coisas. A ironia foi que não consegui. Pensava na minha filha, no que eu fora capaz de fazer. Se antes estava bloqueado, ficou pior. Alguém idêntico a mim, alguém que era eu, começou a me visitar e não me largou mais. Sentava ao meu lado no sofá, com aquela cara de coveiro, e me deixava apavorado.

Podia ter tentado com ela novamente.

Tudo estava aos pedaços com Mayra. O problema era a menina. Nunca vou perdoar Mayra por tê-la tido sem o meu consentimento, mas minha filha não tem culpa. Não me vejo como um pai de família, mas, é claro, admito que sinto curiosidade por ela.

Não entendo. Sério, não entendo. Tendo passado por tudo isso, por que você fez comigo a mesma

coisa que fez com a Mayra?

O paradoxo é que foi preciso acontecer o que aconteceu com você para que isso realmente me tocasse e eu decidisse ir embora daqui.

Tive vontade de lhe dar uns tapas, de cuspir nele.

Se servir de consolo, não sinto orgulho do modo como agi.

Falar é fácil. Você tem sua filha. E eu?

Não queria parecer patética demais, mas era impossível manter a compostura, manter-me equânime nessa situação.

Você tem sua escrita, disse ele. Seus desenhos. You'll go places, I'm sure of it.

Pra você tudo parece tão fácil. Cínico.

Fiz meia-volta, tentei desejar o pior para ele. Seu caminho de redenção, o entusiasmo pelo reencontro com a filha, tudo isso não ia durar muito. Era outra alucinação; ele já devia estar na reabilitação fazia muito tempo, alguém devia ter dito isso pra ele. Em vez de ajudá-lo de verdade, eu tinha alimentado seus vícios.

Parei. Cindida, eu me vi discutindo com ele da sacada da casa. Vi o jardim, nas épocas em que a vegetação cobria tudo e não tinha como abrir caminho entre ela. E minha imaginação me levou a pensar que esse jardim era ideal para esconder um cadáver. Que na verdade ele jamais tivera uma filha. Que Mayra não tinha ido embora de Landslide, que seus ossos estavam apodrecendo a dois metros sob a terra. Por que eu devia acreditar na história de Fabián? Não tinha provas do que ele dizia. E, pela maneira como levou o lance do livro, ele já demonstrara ser capaz de manter uma mentira anos a fio.

Era o caso de fazer uma ligação anônima para a polícia. E contar que noites adentro vira um homem cavando nesse jardim, enterrando alguma coisa. Como seu amigo em San Antonio, Fabián viajava rápido. Desfazia-se do que tinha e seguia em frente.

O que você tem, Michelle?

Nada, nada.

Não me vi mais na sacada. Não adiantava nada tentar impor minha imaginação à realidade.

Não consegui deixar de perguntar o que ele ia fazer lá.

Não sei. Procurar um trabalho que me permita continuar escrevendo, acho.

Não havia mais nada a dizer. Ele quis me abraçar e eu me esquivei.

Sam foi me ver no estúdio. Sabia da história de Fabián e começou a reclamar que agora teria de montar uma nova banca, mas depois disse que talvez fosse melhor assim. Escutei-o um pouco e disse vamos mudar de assunto, não quero mais falar nele. Então ele mencionou que andara trocando cartas com um assassino serial e eu fiquei de orelha em pé.

O Railroad Killer. Lembra que eu estava te contando essa história na outra noite?

Sim, claro. O assassino da sueca.

Vai ser executado na semana que vem. Quer que eu assista, vai ser em Huntsville. Não tenho vontade de ir sozinho, eu iria se você me acompanhasse.

Você está louco. O que vou fazer lá?

Ele me escreveu uma carta de doze páginas, tinha ouvido o programa que dediquei a ele. Disse que só

estava obedecendo a uma voz interior que o levava até pessoas nas quais o mal se escondia. Que fazia o que o Inominável pedia. Desceu a lenha nos abusos do governo, em Waco e no assassinato de David Koresh etc. Escrevi uma carta e ele me respondeu. Depois outra.

Eu não disse nada. Ele continuou.

Uma vez li um desses textos escritos por especialistas em perfis do FBI, que dizia que os assassinos seriais vivem no mundo da lua. Quer dizer, eles parecem funcionar como se sua mente fosse de outro planeta, e que é impossível entender completamente o que existe ali. Como eles respiram, como eles pensam, o que os leva a matar um e a poupar outro. O que eles cheiram, o que eles escutam, o que veem que os estimula a ponto de fazê-los cometer um crime. Foi isso que eu pensei ao ler as cartas de Jesús. Porque esse é o nome dele. Jesús María José.

Se vão executá-lo, essa é uma forma literal de devolvê-lo à lua.

Então, não se anima?

Vou pensar.

O entusiasmo dele acabou fazendo com que eu me interessasse pelo Railroad Killer. Um mexicano, um assassino serial latino, como o Night Stalker. Podia ter alguma coisa ali. Um país imenso no qual os latinos se perdiam e se encontravam. Pensei nos extremos da loucura. Pensei em Fabián. Não havia loucura ali, o que havia, em vez disso, era lucidez demais, razão demais, suficiente para se cometer uma estupidez atrás da outra. A não ser que nós tivéssemos sido os estúpidos. Sim, talvez devêssemos ter sido tão paranoicos quanto ele e desconfiado de sua paranoia. Agora ele tinha batido as asas e a casa estava tão vazia quanto a de seu amigo em San Antonio. Iria se instalar em Santo Domingo e abriria as portas para que se aproximassem dele. Mas na verdade o acesso estava fechado, ele sempre vivia encerrado em sua torre de marfim.

Assim que Sam foi embora, entrei na internet e procurei tudo o que pude sobre o Railroad Killer. Alguma coisa começava a se agitar dentro de mim.

Imagino esta novela gráfica comodamente situada no território da literatura fantástica, com elementos de terror e de super-heróis. Como em *The Sandman*, seu sucesso depende da combinação fantasia/terror/super-heróis. Deve ter mais fantasia que terror. Transcorre no presente, mas num presente com tintas apocalípticas.

É a história de um cientista casado com uma pintora, e que tem uma filha de quatro anos. Moram na Línea, uma cidade de fronteira que de dia pertence ao Norte e de noite ao Sul. Num fim de semana em que ele vai a um congresso, um assassino serial entra na casa, esquarteja sua filha, estupra sua mulher e vai embora, dando-a por morta.

O cientista se chama Federico. A pintora, Samanta. A filha, Aida.

Em meio a todo esse choque, cabe ao cientista enterrar a filha. Sua mulher está em coma e permanece no hospital por algumas semanas. Com o tempo, sai do coma profundo, mas só para acabar em casa com uma enfermeira a seu lado: não fala e tem o olhar perdido. Para tentar resgatá-la dessa morte em vida, o cientista pendura nas paredes os quadros que ela pintou e enche os cômodos da casa com pincéis, têmperas, aquarelas, cavaletes; se ela se lembrar que um dia pintou, talvez consiga voltar a ser o que era.

Aqui entra um flashback com a história da infância da mulher, sua adolescência no Sul, sua viagem para o Norte num trem de carga, os anos em que viveu num acampamento para ilegais e descobriu seu talento para o desenho. Suas obsessões: pontes, trens, túneis. No dia em que o cientista vai ao acampamento cuidar de alguns experimentos, ele a conhece, os dois se apaixonam, ele consegue uma permissão especial, eles se casam e vão morar na Línea.

Outro flashback com a história do cientista. Alcançou um grande sucesso muito cedo, mas depois, por razões não totalmente claras, cai em uma depressão profunda. Está bloqueado, perdeu o impulso criativo.

Começa a experimentar drogas que lhe dão uma força descomunal. Cria uma máscara preta com bordas prateadas ao redor dos olhos e começa a levar uma vida dupla. Durante as noites, anda incógnito pelas ruas da cidade. Diz que vai combater o crime em cidades da Línea, porém na prática tudo é muito confuso. O cientista não consegue diferenciar o bem do mal, e não fica claro se isso já vem de antes ou se é um efeito das drogas. O que ele quer, na verdade, é encontrar o assassino de sua filha, vingar sua morte.

Parei à meia-noite. Já tinha a base da minha história.

Qual seria a continuação? Numa dessas viradas típicas dos filmes B, a mulher iria descobrindo que o assassino de sua filha era o marido? Que na verdade o cientista era um assassino serial?

Liguei para Sam para lhe dar a boa-nova: depois de tanto esforço, eu tinha conseguido articular uma história na qual me reconhecia, que me parecia convincente e na qual podia prefigurar meu futuro. E ele, que havia zombado da minha tendência para histórias de zumbis e vampiros e super-heróis, pensando que disso poderia sair alguma coisa popular e sem valor artístico, devia reconhecer, quando visse o que eu lhe mostraria, que ali havia algo com força suficiente para comover.

Ele não pareceu interessado em me ouvir. Sua voz tinha um tom de condenação, a arrogância da superioridade moral. Ou talvez ele simplesmente estivesse magoado. Em vez de se dedicar a coisas importantes, você continua com os seus desenhinhos.

Respirei fundo e, pela primeira vez em várias semanas, me senti feliz. Devia continuar fazendo as minhas coisas.

Desliguei sem me despedir e voltei aos meus desenhos.

O sargento Fernandez aguardava, na estação ferroviária de Landslide, junto com María Luisa. Estavam de pé ao lado de um banco, na sala principal, como Jesús pedira. A estação fora fechada; agentes escondidos montavam guarda e franco-atiradores se posicionavam em salas do segundo andar da estação, das quais se via todo o salão principal.

María Luisa vestia uma saia preta e uma blusa branca com babados. Estava de sapato de salto alto, com batom nos lábios e um coque rebuscado, como se aquela fosse uma ocasião especial na qual convinha estar elegante. Rafael observou que a maquiagem cobria as manchas de suas faces, surpreendeu-se com sua vaidade, seu irmão era um criminoso e mesmo assim ela queria estar bem apresentável.

Rafael estava com os nervos à flor da pele e olhava a todo instante para o relógio enorme ao lado de um anúncio da Amtrak e outro do Citibank. Eram onze e quinze da manhã; Jesús tinha dito que ia aparecer ao meio-dia em ponto.

E se ele não vier?

Ele vem.

Como é que você tem tanta certeza?

Ele me prometeu.

Estranho ter resolvido se entregar.

É mais estranho ele ter matado tanta gente.

Certo. Quem era ele para entender as razões de um criminoso?

Rafael permitiu-se uma leve dose de otimismo. Era preciso ter compaixão por todas as criaturas que procuravam seu caminho às cegas. Era preciso ser capaz de estender um manto de benevolência até mesmo sobre um homem como Jesús.

Depois se lembrou de algumas frases e imagens dos cadernos do assassino — “minha faca vai banhar com sangue os corruptos que são todos” —, viu algumas cenas vívidas dos crimes — a idosa esfaqueada na cama, a mulher estuprada depois de morta, a desenhista esquartejada na sala — e concluiu que não podia fazer isso. Agora conhecia seus limites: não era capaz de perdoar Jesús.

Mesmo assim, sentiu-se um feliz instrumento da misericórdia. Uma misericórdia humana, falível: a única que eles mereciam.

María Luisa perguntou se podia fumar. Ele respondeu que sim, ainda que um grande letreiro diante deles dissesse ser proibido fumar na estação.

Já era meio-dia.

Ao meio-dia e cinco, o sargento disse a si mesmo que Jesús não viria. Tudo fora um engano.

Nesse instante sentiu María Luisa se contrair e voltou os olhos para onde ela estava olhando.

Um homem caminhava em direção a eles. Vestia uma camiseta suja e tinha na mão a maleta azul com o logotipo da Adidas. Era pequeno e frágil e usava óculos. O cabelo estava despenteado.

Era ele.

Fernandez apalpou o revólver escondido no coldre e levantou levemente o polegar da mão direita, gesto que indicava para os agentes e franco-atiradores que o homem havia chegado.

Jesús parou a um metro de María Luisa e de Fernandez.

Irmã, disse, os olhos temerosos.

Jesús.

Que bom te ver, falava sem olhar para Fernandez, como se não tivesse notado sua presença. Senti saudades. Muita.

E eu de você.

Jesús fez menção de se aproximar para abraçar a irmã. Rafael, que não tirava o olho dele, pegou as algemas. Jesús jogou a maleta no chão e se atirou sobre María Luisa; Rafael conseguiu ver o brilho de uma navalha na palma da mão direita de Jesús. Estava sacando o revólver, quando ouviu um disparo. Jesús gritou e caiu sobre a irmã; acabaram os dois no chão. Rafael se aproximou; virou Jesús, apontou-lhe a arma e gritou que não tentasse fazer nenhum movimento em falso. Jesús olhou-o com um ar de estranheza, como se aquelas palavras não fossem dirigidas a ele. O sangue jorrava de seu antebraço direito.

Rafael deu um passo para trás. María Luisa soluçava. Não houve tempo para mais nada. Estavam cercados por agentes do FBI.

Epílogo

Huntsville, Texas, 1999-2009

Nos primeiros meses, contava as horas e os dias de forma obsessiva, como se a razão de seu confinamento numa prisão de Houston fosse essa, contar os dias e as horas. Olhava os calendários no escritório do médico com quem se consultava regularmente, queixando-se de dores no joelho, de um coração que batia muito rápido, de enxaquecas, insônia, ataques de ansiedade. Depois, não soube quando, deixou de perceber a lenta passagem do tempo.

Na cela, jogado num catre que lhe dava dor nas costas, olhava para as paredes e o teto pensando que se equivocara ao acatar o pedido da irmã. María Luisa vinha visitá-lo regularmente e dizia que o havia perdoado e que ele agira corretamente ao se entregar. Evitara, desse modo, mais mortes desnecessárias, principalmente a sua. Ele não via as coisas assim. Estava convencido de que seu pacto com o Inominável lhe garantia que não haveria morte para ele. Nem mesmo o teriam capturado. Teria sido fácil continuar enganando a polícia. Se não tivesse se assustado ao ver seu rosto nos jornais e na televisão, se tivesse esperado tudo se acalmar, poderia estar livre nesse momento.

Quando falou com María Luisa e ela o convenceu a se entregar pacificamente, ocorreu-lhe que essa podia ser uma forma de chegar à irmã. Estava cansado da perseguição e pensou que podia matar dois coelhos com uma só cajadada. Entregar-se e mostrar que ela estava em sua lista de indesejáveis. Lutara contra isso, na verdade continuava fazendo isso todos os dias em sua cela, estava confuso, havia esse desejo de querer vê-la novamente e sentir-se feliz a seu lado, e também a vontade de feri-la, de lhe mostrar o quanto sofrera por culpa dela. Um plano urdido como se ele fosse um desses imbecis sem neurônios que conheceu em Starke.

María Luisa lhe garantiu que, em troca, haviam prometido não condená-lo à morte. Em sua primeira reunião com o advogado, soube que não era uma promessa válida. Um policial militar a fizera sem consultar o FBI, sem a aprovação do procurador-geral do Estado.

Não consigo entendê-lo, disse o advogado que o representava. Você podia ter se entregado em qualquer outro lugar. Por que justo neste Estado? Que detém o recorde de execuções do país?

Quando, aos gritos, ele disse isso a María Luisa atrás da janela de acrílico através da qual a via quando a irmã o visitava, ela pediu que ele se acalmasse. Não conseguia: xingou-a e disse que jamais a perdoaria por isso. Não queria mais vê-la, ela estava do lado deles, havia traído seu sangue. Ela foi embora chorando e por alguns meses não voltou. Melhor assim. Sonhara com ela durante tanto tempo, para no fim descobrir que era tudo um engano. Ela não era mais aquela dos tempos em que moravam juntos na casa de Villa Ahumada. Nem bonita era mais. O que tinha acontecido com seu rosto?

O advogado, Brad Johnson, era o único que estava ao lado dele. Podia confiar nele totalmente? Era jovem, usava terno e gravata e um perfume adocicado que o incomodava. Falava com ele em espanhol, mas Jesús respondia em inglês. Sua mãe era guatemalteca e ele dizia que seu dever era ajudar a comunidade latina. Aceitara o caso por uma questão humanitária, não porque acreditasse que podia conseguir um veredicto de inocência.

Não acredito em pena de morte, Jesús. Vai contra o que o Senhor quer para nós. Essa história de olho por olho de nada nos serve. Devemos oferecer a outra face. Isso não quer dizer que vamos deixá-lo continuar fazendo o que estava fazendo. Claro que não. Se você ficar aqui pelo resto da vida, mais cedo ou mais tarde encontrará o Senhor.

Mister Johnson, eu odeio este lugar. Meu problema não é o Senhor. Levo seu representante no meu coração. Sempre levei. Não acredita em mim?

Quem sou eu para questionar você, mas então digamos que existe... uma dissonância cognitiva entre sua fé e seus atos.

Fucking a dissonância cognitiva!

Jesús tentara lhe explicar que o Senhor deixara de existir para eles. Que, na verdade, o universo era criação de um Deus menor, um rebelde. O Inominável. Só isso podia explicar tanta imperfeição sobre a Terra. Brad assentia, mas o olhava com desconfiança, como se não acreditasse. Quando Jesús começou a lhe contar que certa noite, na prisão de Starke, fora possuído pelo Inominável e que este o transformara num Anjo vingador com a missão de limpar a Terra de tanta corrupção, Brad o interrompeu e disse:

Espere, espere... um anjo?

Sou metade anjo, metade homem.

E como você decidia quem era suficientemente corrupto para ser eliminado?

Uma voz me dizia que eu devia parar num povoado e entrar numa casa e... KILL THEM ALL.

Matar quem cruzasse seu caminho? Os justos pagam pelos pecadores?

Não há justos nem pecadores. Todos nós somos pecadores.

E isso, então, justificava que você matasse qualquer um. Fosse quem fosse, você só estava cumprindo a missão da qual fora incumbido.

Brad se levantou.

Tenho uma ideia, Jesús. Uma saída. O Estado do Texas quer a pena de morte. Minha missão é demonstrar que você é mentalmente incapaz para ser executado.

Mas não é verdade.

O que não é verdade?

Que estou louco.

Brad não disse nada. Jesús continuou:

E também não interessa o que você vai fazer. Não podem me executar porque eu não posso morrer. Não acredito na minha morte. Sei que nosso corpo se decompõe. Mas eu sou eterno. Sempre vou estar vivo.

Brad não o questionou. Dois dias depois, foi vê-lo novamente. Deu-lhe de presente um caderno preto, como os que Jesús usava, e várias canetas.

Escreva tudo o que lhe vier à cabeça. Seus desejos, seus medos. Pode exagerar. Quanto mais

excessivos, melhor.

Jesús agradeceu. Começou a preencher cadernos com rapidez; um de cinquenta páginas só lhe tomou um dia. Ali ele contava sua missão na Terra e os sonhos nos quais viajava de trem com uma espada de fogo na mão, semeando justiça. Trens que circulavam sobre rios de sangue, sob um céu cor de chumbo e uma persistente chuva de cinzas.

Durante as refeições, nos banheiros, no pátio, fazia o possível para entabular conversa com os outros presos. Não havia ninguém como Randy, que amenizara um pouco seus dias em Starke. Os latinos, os negros, os brancos: todos eram igualmente corruptos. Imaginava-se cortando a cabeça deles, estuprando-os, empalando-os, queimando-os com ácido, mordendo-lhes o pescoço, fazendo-os sangrar até morrer.

Escrevia tudo isso sem pausas.

Desejava as mesmas coisas para os policiais que cuidavam da segurança da prisão, para os médicos da enfermaria, para as famílias que visitavam outros presos: todo um mundo de corpos à espera da faca que iria furá-los até que desinflassem e depois, já no chão, fossem varridos até os bueiros. *Santificado não seja o vosso nome*. O próprio Brad: estava tão perto, e ele com tanta vontade de lhe torcer o pescoço. Aquele covardão, sempre que vinha visitá-lo estava acompanhado de um agente. De María Luisa nem se fala: pedira a ela que nunca mais fosse vê-lo. A tentação teria sido grande demais.

Quis ver os filmes de El Santo. Disseram-lhe que só a programação normal estava disponível, que não atendiam pedidos especiais. Pediu a Brad que lhe trouxesse revistas de El Santo. Vou ver o que posso fazer, foi a resposta.

Certa manhã Brad apareceu com cinco revistas de El Santo. A história não seguia uma sequência ordenada, mas era melhor do que nada.

Em *Lucha en el infierno*, El Santo enfrentava um bando de sequestradores liderados por Rocke. Jesús curtiu uma série de desenhos nos quais Rocke virava um demônio e lutava contra El Santo. El Santo entrava num quarto. “Ao atravessar a porta, senti seu corpo gelar. De repente, os espelhos pareceram adquirir vida. E ouviu-se um grito arrepiante, como se tivesse vindo do além-túmulo. Pai Nosso!, gritou El Santo. Ugh! Que estais no céu! Santificado seja o vosso nome... Venha a nós o vosso reino... Ugh! Não consigo respirar! Seja feita a vossa vontade! Senhor, não permita que este demônio se aposses de mim...”

Os quadrinhos terminavam com El Santo suspenso no ar. O demônio venceria? Jesús sabia que não. Nas revistas, El Santo sempre ganhava. Era engraçado.

Em *El Santo vs. el conjuro de la oscuridad*, Jesús se deliciou com o embate de El Santo com uma serpente. “Deve ser apenas uma visão.” A serpente se enroscava no corpo de El Santo. “Agh! Está doendo! Você não vai me dominar!” El Santo partia a serpente em dois. “Talvez possamos machucar meu corpo, mas ninguém machucará novamente a minha alma.”

Jesús jogou as revistas na lixeira.

De tempos em tempos especialistas vinham avaliá-lo. Todos eram bilíngues, tinham paciência suficiente para escutá-lo e liam seus cadernos. Brad se alegrava: dizia-lhe que havia unanimidade para concluir que, como escreveu um psiquiatra, “os delírios do paciente tomaram conta completamente de

seus processos mentais”. Jesús ficava com raiva: não iria vê-los mais, eles também estavam do lado da lei, eram uns porcos incapazes de entendê-lo.

Veza por outra o sargento Fernandez aparecia acompanhado de outros agentes, para arrancar declarações dele. Brad lhe dizia que podia permanecer calado, mas ele queria falar. Fernandez lhe dizia que haviam chegado relatórios de outros Estados e também do México e do Canadá, havia suspeitas de seu envolvimento em oitocentos crimes não solucionados, mas acreditavam que a maioria seria descartada e só queriam lhe fazer perguntas sobre alguns. Descreviam-lhe os casos e ele tentava se lembrar.

Assumi mais quatro mortes, não tinha certeza de ter participado de algumas delas, mas lhe pareciam familiares. Um rapaz de dezenove anos, perto dos trilhos do trem em Ocala, na Flórida. A namorada do rapaz de dezenove anos, violentada, estrangulada e depois enterrada numa valeta no condado de Summer, na Flórida. Uma mulher de oitenta e um anos, encontrada morta em sua casa perto dos trilhos do trem em Carl, na Geórgia. Um homem em San Antonio, morto com um tiro defronte a uma casa vazia.

O Estado continuava reunindo detalhes sobre seu caso. Seria julgado apenas pelo assassinato da médica morta no subúrbio de Houston. O procurador achava que ali havia provas suficientes para culpar Jesús.

Brad continuava pedindo laudos de psiquiatras, preparando a defesa.

Ficou sabendo do ataque às Torres Gêmeas e pensou que chegara a hora de dar o troco. As cinzas se espalhavam sobre os edifícios e as pessoas, era o fim dos super-heróis. O gigante devia pagar por todos aqueles anos de abusos sobre a Terra. Depois do desastre viria o Inominável e haveria a possibilidade de um novo começo.

Renata nunca foi visitá-lo. Nunca mais soube dela.

Certa vez o sargento Fernandez não aguentou e, antes de ir embora, perguntou o porquê daquilo tudo. E ele respondeu:

Para que um porquê?

Por quê? Por que tudo isso?

Eu já disse tudo o que tinha pra dizer.

Vejo os fatos e os entendo, disse o sargento com um gesto de cansaço. Mas ainda assim, por quê? A garota sueca, por exemplo... Que motivo havia... Não ligue para o que estou dizendo. Eu devia considerá-lo uma anomalia. Uma exceção à regra. Mas o que será, se não for isso?

Então vocês estão fodidos. A voz de Jesús era desafiadora.

Fernandez se levantou e murmurou algo que Jesús entendeu como: Inominável, o caralho. Depois foi embora.

O julgamento começou depois de Jesús haver cumprido quatro anos na prisão de Houston. Durou duas semanas. O advogado de acusação descreveu com detalhes as mortes imputadas ao réu. Brad falou de

atenuantes, da loucura do réu, que se acreditava metade anjo e metade ser humano. Jesús ouviu-os com impaciência. Quando o deixaram falar, assumiu sua culpa, deu mais detalhes e disse que em todos os casos ele tinha feito o que era certo.

Sim, gostava de ficar na casa depois de cometer um crime, e comia alguma coisa não por frieza, mas porque a ansiedade lhe dava fome. Sim, pegava a carteira de motorista de suas vítimas e a examinava, pois queria saber um pouco da vida delas antes de ir embora e seguir seu caminho. Sim, levava as joias, por serem fáceis de vender numa casa de penhores e porque assim podia impressionar sua mulher; no dinheiro, em compensação, ele não tocava, porque tinha medo que seguissem sua pista pelos números de série. Sim, às vezes estuprava as mulheres depois de mortas, porque odiava que as “gringas ordinárias” não lhe dessem a menor bola e olhassem para ele como se fosse um ser inferior. Não se arrependia de nada, exceto de ter confiado em María Luisa.

O advogado de acusação disse que Jesús era “o mal sob a forma humana”, Brad o defendeu e ele teve de ficar calado, mesmo tendo vontade de contradizê-lo, porque não se reconhecia naquele louco que, segundo seu advogado, ele era. Sentir-se metade anjo e metade humano era loucura? Deviam passar algumas horas em sua cabeça para entendê-lo.

O júri não demorou a considerar Jesús culpado. Não acreditou no argumento de Brad de que ele não sabia distinguir o bem do mal. Estava suficientemente saudável para adotar todos aqueles pseudônimos e enganar durante anos o FBI, o INS e a polícia de vários Estados. Teve a inteligência necessária para escolher as casas a serem atacadas, as vítimas indefesas que iria assassinar.

Certa manhã o juiz pronunciou o veredicto: Jesús seria executado com uma injeção letal. Brad o abraçou, comovido. Jesús se emocionou. Apesar de toda aquela bobagem de incapacidade mental, afeiçoara-se a ele.

Não se preocupe, sussurrou-lhe. Não vou morrer.

Vou apelar. No final a justiça vai prevalecer.

Não precisa, disse Jesús. A justiça sou eu.

Foi transferido para a prisão de segurança máxima de Huntsville. Quando desceu do furgão em que o transportaram e viu a cerca de arame farpado, os refletores das torres nos cantos do perímetro, o posto de segurança na entrada, refletiu que desta vez a coisa era séria. Deixaram-no nu numa saleta, um policial lhe disse Welcome to the death pit e lhe entregou um macacão branco com as letras DR impressas nas costas, que significavam “death row”.

Levaram-no para a ala da prisão destinada aos condenados à morte. Ficava separada do resto, nela não se tentava reabilitar os prisioneiros, que eram mantidos isolados durante a maior parte do dia em celas de menos de seis metros quadrados. Não havia muitos benefícios, mas Jesús conseguiu que lhe dessem um rádio e permissão para escutá-lo meia hora por dia. Conseguia captar o sinal de algumas emissoras da fronteira. Ficava nostálgico e escutava *corridos* e *rancheras*, tipo de música da qual não costumava gostar, mas que o fazia se lembrar de casa.

Acompanhava as notícias, ficou sabendo da guerra no Afeganistão e se alegrou por Bush não conseguir encontrar Bin Laden.

Mulheres lhe escreviam e também caçadores de autógrafos. Vendia sua assinatura por cinquenta dólares. Vendia mechas de seu cabelo. Chegou a vender os calos dos pés. Gringos ordinários, eram totalmente malucos.

Fez amizade com alguns companheiros da ala dos condenados à morte. Um deles se chamava Cameron, e já fazia nove anos que ele estava com o macacão com as letras DR; era musculoso e tinha tatuagens de caveiras e serpentes nos antebraços; diziam que ele havia incendiado sua casa e matado suas três filhas, menores de cinco anos, embora ele jurasse inocência e lhe mostrasse poemas que escrevera dedicado a elas. Dizia que o Estado lhe propusera prisão perpétua se ele se declarasse culpado, mas, como ele não tinha feito aquilo, preferia a morte. Jamais o obrigariam a confessar ter matado as filhas.

Cliff havia matado um homem com uma facada. Jeff tinha sequestrado e assassinado uma mulher. Wilkes havia roubado uma joalheria e matado um dos empregados.

Depois percebeu que não valia a pena fazer amizade com eles. Num dia estavam lá, no outro não estavam mais. Também o faziam pensar em sua própria hora.

As últimas palavras de Cliff: estou pronto, agradeço a meu pai, Deus do céu, pela graça que me concedeu.

As de Jeff: Te amo, mamãe. Adeus.

Um dia antes de ir para a sala de execução, Wilkes lhe pediu que desenhasse uma rosa. Não ficou boa.

Permitiam que ele ficasse uma hora por dia no pátio com os outros prisioneiros. Costumava se aproximar de Cameron e escutá-lo. Jesús falava pouco, tinha certeza de que Cameron era culpado — os gringos ordinários não se equivocavam nessas coisas —, mas o relato lhe interessava da mesma forma. À medida que os dias e os meses transcorreram, ele foi montando a história do outro.

Cameron nascera em Oklahoma em 1968. Não conheceu a mãe. Seu pai o criou numa casa pequena e suja perto dos trilhos do trem (de noite, o trepidar dos trens de carga não o deixavam dormir). Não foi um bom aluno, com catorze anos se drogava inalando tinta. Largou a escola, começou a roubar em centros comerciais, foi detido várias vezes. Em 1998, conheceu Stacy e se casou com ela. Mudaram-se para Corsicana, no Texas, onde o irmão de Stacy morava. Era uma cidadezinha deprimente, a oitenta quilômetros de Waco, e não havia trabalho lá. Os dois brigavam muito porque Cameron costumava encher a cara e punha chifres nela. Às vezes batia na mulher. Em 1991, tinham três filhas — Amber e as gêmeas Kameron e Karmon —, Stacy trabalhava no bar de seu irmão e Cameron era um mecânico desempregado. Cameron ficava em casa com as meninas. As gêmeas eram sapecas e às vezes ele perdia a paciência e gritava, mas jamais encostara um dedo nelas. De fato, elas e Amber eram a única coisa que valia a pena em sua vida. Estragava-as com presentes assim que conseguia alguns dólares.

Naquele dia de dezembro, Stacy foi cedo para o Salvation Army buscar presentes para as meninas, e eu fiquei com elas. As gêmeas choraram, dei leite para elas, dormiram de novo e, quando eu vi que a Amber continuava na cama dela, fiz o mesmo. A voz de Amber me acordou: Daddy, daddy. Tinha fumaça por tudo que é lugar. Eu me vesti, gritei para a Amber sair de casa, corri até o quarto das gêmeas, mas não conseguia ver nada. Parei no corredor, tudo estava com cheiro de queimado, e meu cabelo pegou fogo. Apaguei o fogo do cabelo, percebi que ia desmaiar e tive que sair da casa. Corri até a vizinha e pedi pra ela chamar os bombeiros. Tentei entrar na casa de novo, mas era impossível. Os bombeiros

demoraram e eu soube que as minhas filhas estavam mortas. Uma semana depois a polícia me prendeu, e eu, que só escutava na cabeça uma voz me dizendo daddy, daddy, pensei que fosse brincadeira.

Não tinham motivo. O seguro de vida das meninas era de apenas quinze mil dólares e nem ia pra mim, e sim para o pai da Stacy. Mas o advogado do distrito encarregado do caso, um filho da puta, disse que eu era um sociopata e que tinha matado as meninas porque elas estavam atrapalhando o meu estilo de vida licencioso. Como se tomar uns porres e sair para jogar dardos com os amigos fosse o pior pecado do mundo. O “especialista” que testemunhou para a acusação disse que os pôsteres violentos que eu tinha lá em casa, do Iron Maiden e do Led Zeppelin, de anjos caídos, caveiras com asas e machados incendiados, revelavam uma obsessão pela morte e um provável interesse por atividades satânicas. Eu bebia muito, admito, e uma vez perdi as estribeiras com a Stacy, mas também não era assim... Também não era assim... E os pôsteres... nem sei mais o que dizer sobre isso, eu era muito inocente, simplesmente gostava daquela música e de tudo que tinha a ver com ela, e cheguei a fazer uma tatuagem de caveira. O pior é que os jurados acreditaram nessa história e me transformaram num monstro.

Jesús pensava no casebre perto dos trilhos de trem no qual Cameron crescera, no lance de ele ter inalado tinta e ter sido um ladrão barato, ser mecânico e ter um pôster de um anjo caído em casa, e às vezes pensava que Cameron era como um duplo seu, que ele também fora enviado pelo Inominável. Mas não entendia por que ele se recusava a aceitar o que fizera. Será que tinha tanto medo assim da morte?

Noite após noite, Jesús começou a ouvir uma voz sussurrando daddy, daddy.

Três anos depois, foi a vez de Cameron. Suas últimas palavras: Fui perseguido durante doze anos por um crime que não cometi. Do pó de Deus eu venho e ao pó eu volto. A terra será o meu trono.

Jesús ficou com os olhos úmidos quando soube de sua morte. Ia sentir falta dele. Surpreendeu-se de ter ficado tão triste.

Depois da morte de Cameron, sentiu a urgência de uma apelação para o seu caso e resolveu mudar de advogado. Brad se desinteressara do assunto, e então, com a ajuda de um companheiro do DR, conseguiu Elizabeth Gillis, uma ruiva cheia de energia que começou a escrever e a enviar apelações como se realmente acreditasse na possibilidade de absolvição.

Jesús mandou cartas escritas à mão aos jornalistas que cobriam seu caso. Escreveu a um repórter do canal KPRC, de Houston, contando que a comida da prisão era péssima e que nas eleições primárias republicanas votaria em Steve Forbes ou em Gary “Beaur”, porque “this man do not want babies murdered”.

Um ano depois, escreveu ao mesmo repórter dizendo que estava contente pelo ataque às Torres e que o país devia se cuidar porque “deservingly” fizera inimigos por toda parte. Disse que o ataque tinha sido profetizado no Livro das Revelações e que por isso o governo queria matar todos os profetas, inclusive Koresh e Bin Laden. Disse que isso não tinha importância porque todos os profetas eram um só e por trás deles estava o Inominável, e o Inominável era intocável.

Um ano depois, escreveu ao mesmo repórter, afirmando que admirava George Bush, mas que não podia concordar com ele quando enviava soldados para o Iraque e o Afeganistão, porque isso fazia com que o odiassem. Disse-lhe que ouvira seu discurso em El Paso sobre a modernização da fronteira e que

achava que ele queria isso porque aqui eram materialistas e sua única preocupação era que o comércio pudesse ser feito livremente. Escreveu uma frase de Bush: “Queremos usar nossa tecnologia para garantir que mandaremos embora aqueles que não queremos em nosso país, os terroristas, os *coyotes*, os traficantes, aqueles que se aproveitam de vidas inocentes”. Disse-lhe que achava graça, porque no fim só iriam expulsar os inocentes, os trabalhadores honestos, e que pessoas como ele encontrariam formas de escapar do império “because the empire is corrupt and his end will be here pretty soon”.

Fez as pazes com a irmã e voltou a achá-la linda quando ela o visitava. Gostaria que viesse sozinha, mas seu marido costumava acompanhá-la. Era uma presença ameaçadora que revolteava em torno deles nas visitas, impedindo que conversassem com tranquilidade.

Cada vez que sua mãe vinha visitá-lo, ela acabava doente.

Nunca mais viu o sargento Fernandez.

Jesús era conhecido na ala do DR da prisão por sua afabilidade. Comia pouco e quando tirava a camiseta suas costelas ficavam visíveis. Ia à capela assim que acordava. Tentara aprender hebraico, mas só conseguira dominar algumas frases. Continuava escrevendo cartas a quem pudesse. Escreveu uma para Randy, mesmo sabendo que ela nunca chegaria. Era uma carta confusa, em que lhe agradecia por ter iluminado seu caminho e o amaldiçoava por lhe ter revelado que o Deus no qual ele acreditava era um Deus vazio.

Escreveu ao sargento Fernandez “o Inominável vai ir atrás de você até nos sonhos vai me vingar por você ter se aproveitado da bondade da minha irmã você armou uma arapuca pra nós”. Profetizou que o resto da vida dele não seria feliz e que teria uma morte dolorosa. Pouco tempo depois, recebeu uma resposta de Fernandez, que dizia falei com sua mãe, ela me contou que quando você era menino um tio abusou de você e que com sete anos você caiu numa vala e quebrou a cabeça, e que talvez não tenha sarado direito. Há razões, dizia Fernandez, talvez tudo possa ser explicado por algum fato ocorrido na infância e do qual você nem se lembra. Mas cheguei à conclusão de que também existem mais do que razões e de que a vida tem coisas inexplicáveis e que uma dessas coisas inexplicáveis é você, e que é preciso deixar um espaço para o mistério. Fernandez também dizia que não sabia nem lhe importava quão dolorosa seria sua morte e que, sobre o outro assunto, não era preciso nenhuma profecia: ele não era feliz.

Uma tarde, sua advogada veio com a notícia de que, depois de uma investigação interna, o Estado do Texas concluíra que um homem inocente fora executado. Novas provas determinaram que o incêndio no qual as filhas de Cameron Willingham tinham morrido não fora intencional.

Isso vai nos beneficiar, disse Elizabeth balançando o cabelo ruivo de um lado para o outro. O Estado vai tomar mais cuidado a partir de agora. Não vão querer cometer outro erro, não é uma boa publicidade.

Tem uma diferença, disse Jesús. Eu não sou inocente.

Seu estado mental. Você não tinha consciência do que estava fazendo.

Mas será que ela acreditava nisso de fato? Ou era tudo um jogo e ela só queria lhe mostrar que estaria do lado dele até o final?

Quando ela foi embora, Jesús começou a pensar em Cameron. Quem poderia imaginar? Com aquela

cara de culpado que ele tinha...

Uma das últimas cartas que escreveu foi uma de doze páginas, para um estudante que tinha um programa numa rádio universitária em Landslide. O programa ia ao ar depois da meia-noite, mas a parte dedicada a seu caso tinha tido tanta repercussão que um policial na prisão gravou e o deixou ouvir.

Na carta a esse moço chamado Sam, Jesús dizia que ficaria “craisdy” se não confessasse o que levava no peito. Disse que Janet Reno o havia traído e que o governo queria matá-lo como fizera com David Koresh, na prisão descobrira que era judeu e por isso estava tentando aprender hebraico. Disse que perdoava sua irmã, María Luisa, porque ia “loose” sua casa se não os ajudasse a capturá-lo, também haviam prometido a ela “residence y monetary help”. Disse que se entregou porque os caçadores de recompensas poderiam matar sua mulher e sua mãe. Na última página, escreveu: “Não tenho medo sinse reality has not been good to me. I hear funy voises, like a person callingme, but no one callingme. I hear o Inominável”.

Em uma carta, Sam lhe pediu que falasse um pouco mais do Inominável. Jesús não respondeu sobre o tema, mas escreveu: “A mãe vai morrer se eu morrer mas eu não vou morrer. depois de três dias vou ressucitar meu corpo vai aparecer em jerusalém e vou lutar contra os inimigos de israel. I am tempted by death more all the time and i may do it any time soon”.

Quando Sam lhe perguntou por que havia cometido os crimes, Jesús respondeu: “Uma força maligna saía das cazas. o Inominável me levava até pessoas que mereçiam morrer. sou um anjo enviado pelo Inominável só estava seguindo as ordens dele”.

A última frase que escreveu foi: “Estou numa viagem sem volta num trem que está levando a morte e não posso desser dele. Mas depois da morte eu vou voltar”.

Apesar de sua advogada ter apelado ao Quinto Circuito da Corte de Apelação, Jesús recebeu uma data de execução pelo assassinato de Joanna Benson.

Uma semana antes do dia marcado, pediu que lhe conseguissem um livro de fotografias da revolução mexicana. Um dos guardas disse que faria o possível.

O livro chegou cinco dias depois. Não era o que havia folheado na casa de uma das vítimas. Mesmo assim deu uma olhada nele, na esperança de achar aquela foto que tanto o impactara, a do homem que olhava, desafiador, para o pelotão de soldados, cigarro na boca, a postura de alguém que não temia a morte. Queria se inspirar, enfrentar a morte como aquele seu conterrâneo.

Não encontrou a foto.

Na noite de sua execução, estavam presentes sua advogada, María Luisa, o jornalista Sam e uma amiga, o sargento Fernandez e o marido de Joanna Benson.

Jesús estava nervoso depois de seu último jantar, que foi um *pozole* com pão e uma lata de cerveja Corona. Vestiu a indumentária branca que devia usar para a execução.

Ao se aproximar da maca na pequena sala de paredes verdes, acompanhado de policiais e enfermeiros, pediu permissão para ler suas últimas palavras. Fora sugestão de sua advogada. Jesús tinha

descoberto que eles, os outros, não escutavam o que ele dizia, não estavam interessados no que ele queria dizer; por isso não queria pronunciar nenhuma frase final. Elizabeth, no entanto, o convenceu a ler um pedido de perdão, nem que fosse só por María Luisa.

Ela me traiu.

Esqueça isso. Você não diz que todos nós somos pecadores? E que ela foi a única pessoa que você amou? Pense no que lhe resta de vida. Que ela fique tranquila nesses anos.

Jesús aceitou o argumento de Elizabeth. Leu: “Peço que me perdoem. Não precisam fazer isso. Sei que deixei o diabo me dominar. Por favor, peçam ao senhor que me perdoe por eu ter permitido o diabo me enganar. Vocês não merecem isto. Eu mereço isto”.

Avistou a irmã no grupo que estava atrás da janela e lhe deu um meio sorriso. Ela não respondeu. Os policiais o deitaram na maca e ajustaram em seu peito correias de couro. Prenderam suas pernas e braços com grilhões metálicos. Cobriram-no com um lençol branco da cintura para baixo. Dois médicos inseriram tubos intravenosos em seus braços. Fernandez observou que as pernas de Jesús tremiam. María Luisa tinha lágrimas nos olhos.

Jesús disse alguma coisa em hebraico. Pensou no Inominável e lhe pediu que não falhasse com ele. Eu fiz a minha parte, agora é a sua vez. O encarregado da execução apertou um controle remoto que injetou pentotal de sódio no corpo de Jesús. Depois veio o brometo de pancurônio, que paralisava a respiração, e o cloreto de potássio.

Jesús sentiu uma picada leve. Um instante depois estava morto.

Nota

Há mais de dez anos, vi uma notícia na CNN sobre um assassino serial nos Estados Unidos, um imigrante ilegal que estava na lista dos dez mais procurados pelo FBI. Seu apelido — *The Railroad Killer* — chamou minha atenção, e o fato de ser mexicano. Eu morava relativamente perto de Nova York desde 1997 e queria utilizar o metrô dessa cidade como cenário de um conto; depois de ler sobre Ángel Maturino Reséndiz, pensei que a via férrea poderia ser outra boa opção. Anos depois, no início de 2006, eu estava num café em Berkeley quando li num jornal de San Francisco a história do pintor Martín Ramírez. Na época, eu já pensava num possível romance sobre vários latino-americanos perdidos na imensidão dos Estados Unidos. E me lembrei de Maturino. Minha intuição me disse que ele e Ramírez pertenciam a esse romance.

Jesús e Martín, dois dos principais personagens de *Norte*, são versões livres de Maturino e Ramírez. Os livros que mais me ajudaram a imaginá-los foram *The Railroad Killer*, de Wesley Clarkson (St. Martin's, 1999), e *Martín Ramírez*, editado por Brooke Davis Anderson (Marquand Books, 2007). A história de Cameron Willingham, que aparece no epílogo, baseia-se na crônica “Trial by Fire”, do escritor e jornalista David Grann (*The New Yorker*, 7 de setembro de 2009).

Comecei a escrever *Norte* em julho de 2007, em Crescent City (Califórnia), e terminei a última versão em Ithaca (Nova York) em janeiro de 2011. Ao longo desses três anos e meio, o manuscrito teve várias encarnações. Várias leituras me ajudaram a encontrar o caminho, principalmente a de Liliana Colanzi, tão exigente linha por linha quanto em suas observações gerais. Outras leituras importantes foram as de Maximiliano Barrientos, María Lynch, Valerie Miles, Mike Wilson, Raúl Paz Soldán, Marcelo Paz Soldán, Rafael Acosta, Yuri Herrera e David Colmenares. Melissa Figueroa me ajudou a revisar os diálogos da Fodida. Willivaldo Delgadillo foi meu guia em Ciudad Juárez, junto com Aileen El-Kadi e Socorro Tahuencas. Meu mais profundo agradecimento a todos eles. E também, *last but not least*, a Silvia Bastos e Pau Centellas, meus agentes, que me deram o apoio incondicional de que eu necessitava, e a Claudio López de Lamadrid, meu editor na Random House Mondadori, que acreditou neste romance desde o início.



LILIANA COLANZI

EDMUNDO PAZ SOLDÁN nasceu em Cochabamba, na Bolívia, em 1967. Estudou relações internacionais na Argentina e ciência política na Universidade do Alabama. É doutor em literatura hispânica pela Universidade de Berkeley e autor de romances, contos e ensaios. Atualmente é professor de literatura latino-americana na Universidade Cornell.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Norte

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa

Stephanie Maze/ Corbis (DC)/LatinStock

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Luciane Helena Gomide

Angela das Neves

ISBN 978-85-8086-870-8

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: ((11)) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhidasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Rosto

Dedicatória

Um

1.

2.

3.

4.

5.

6.

Dois

1.

2.

3.

4.

5.

6.

7.

Três

1.

2.

3.

4.

5.

6.

Quatro

1.

2.

3.

4.

5.

6.

Cinco

1.

2.

3.

4.

5.

6.

7.

Epílogo

Nota

Sobre o autor

Créditos